

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

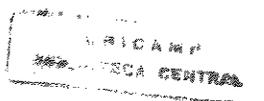
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**DO CORPO NO TEMPO AO TEMPO DO CORPO:
A CIÊNCIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

REGINA MARIA ROVIGATI SIMÕES

CAMPINAS

1998



629.5015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**DO CORPO NO TEMPO AO TEMPO DO CORPO:
A CIÊNCIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

REGINA MARIA ROVIGATI SIMÕES

**Tese de Doutorado apresentada à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas.**

Área de Concentração : Educação Motora

Orientador: Prof. Dr. Wagner Wey Moreira

CAMPINAS

1998

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA- FEF - UNICAMP

Si151d Simões, Regina Maria Rovigati
Do corpo no tempo ao tempo do corpo: a ciência e a formação profissional em Educação Física / Regina Maria Rovigati Simões.-- Campinas, SP : [s. n.], 1998.

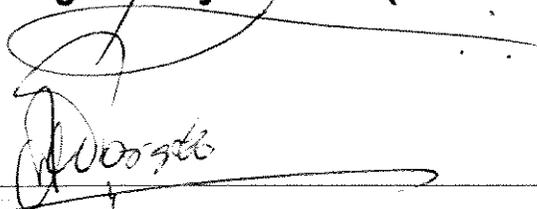
Orientador: Wagner Wey Moreira
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Corpo. 2. Educação Física. 3. Formação profissional. 4. Fenomenologia. I. Moreira, Wagner Wey. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

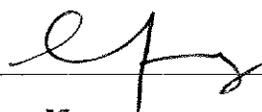
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Wagner Wey Moreira (Orientador)



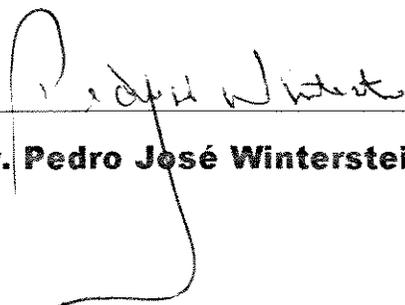
Prof. Dr. Augusto Crema Novaski



Prof. Dr. Elenor Kunz



Profa. Dra. Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares



Prof. Dr. Pedro José Winterstein

Com carinho dedico este trabalho:

**À minha dupla *Cá e Guga*,
os que mais vibraram com a
conclusão deste trabalho.**

Perguntando, sempre:

Mas mãe, ainda não acabou.....?

Para que o trabalho pudesse ser concluído, algumas pessoas foram imprescindíveis e a elas, sinceramente, agradeço:

Aos meus pais, Agostinho e Angélica, os maiores fãs das minhas ousadias.

Ao Marcus, por compreender a necessidade do meu “namoro” com o computador.

Aos membros participantes da banca de qualificação, Dra Maria Consolação Tavares, Dra Silvana Venâncio e Dr. Pedro Winterstein, pelas relevantes contribuições que enriqueceram a construção deste processo.

Aos Professores da Universidade Metodista de Piracicaba, Clauberto Costa e José Carlos Moreno, pela “força” na formatação do texto.

Aos sujeitos participantes da pesquisa, alunos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, professores responsáveis pela formação profissional em Educação Física nas Universidades Brasileiras, que sem a contribuição deles a pesquisa não se realizaria.

Reconheço que todas as pessoas citadas são importantes, e fazem parte direta ou indiretamente deste processo, porém, tanto a obtenção deste título, como a realização deste trabalho, ficaria comprometida sem a presença do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira, orientador desta tese, presente nos momentos em que precisei.

Mas, nestes anos de convivência, independente da figura do orientador, gostaria de agradecer a pessoa do Wagner, que com seu "jeito", soube mostrar que é possível vencer utopias, confiando nas minhas inseguranças, torcendo pelas minhas conquistas, dizendo que viver o hoje é altamente significativo, apontando que a vida pode até ser vivida com razão, mas impossível, sem sensibilidade.

SUMÁRIO

TEMPO DE INICIAR: O Que a História Conta?.....	12
PRIMEIRA PARTE: O Corpo no Tempo: A Ciência	
CAPÍTULO I - Visão Filosófica - A Busca da Unidade.....	21
CAPÍTULO II - Visão Antropológica - O Mundo dos Significados.....	43
CAPÍTULO III - Visão Biológica - O Mundo das Origens.....	100
CAPÍTULO IV - Visão Psicológica - A Busca do Equilíbrio.....	126
SEGUNDA PARTE: O Tempo do Corpo: A Formação Profissional em Educação Física	
CAPÍTULO V - Tempo da Pesquisa - O Discurso dos Sujeitos.....	154
CAPÍTULO VI - Tempo dos Corpos Sujeitos - A Análise Ideográfica.....	203
CAPÍTULO VII - Tempo do Sujeito Pesquisador.....	287
CAPÍTULO VIII - Tempo do Olhar Panorâmico Sobre o Fenômeno: A Análise Nomotética.....	305
TEMPO DE CONCLUIR - A Gênese de uma Nova Concepção de Corpo.....	318
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	321

RESUMO

Este trabalho apresenta uma viagem na busca de identificar qual a visão de corpo presente tanto na história vivida como no discurso dos docentes que atuam na formação profissional em Educação Física nas Universidades ou Faculdades Brasileiras e que, atualmente, são alunos do Programa de Pós-Graduação, tanto em nível de Mestrado como de Doutorado, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Para esta viagem, o roteiro foi dividido em duas partes. Na primeira, denominada "Do Corpo no Tempo: A Ciência", a partir de uma pesquisa bibliográfica, verificou-se a presença do corpo, desde a Antigüidade até o Século XX, em quatro áreas cientificamente tradicionais: a filosofia, a antropologia, a biologia e a psicologia, intuindo mergulhar na história, relacionando-a com a possibilidade de repensar ou alterar situações relativas ao corpo, presentes no dia a dia, que o afetam e o incomodam. Como pressuposto, este momento vasculhou, nas diferentes épocas, a interrelação estabelecida dentro da complexidade da unidade corpo, dando ênfase a alguns pontos e excluindo outros, constatando que, em cada etapa, tanto a imagem de homem como a de mundo são correspondentes e, quando uma se altera, necessariamente a outra sofre conseqüências desta modificação.

Na segunda parte, denominada "O Tempo do Corpo: A Formação Profissional em Educação Física", a partir da abordagem metodológica na perspectiva fenomenológica, com base na Análise do Fenômeno Situado, proposto por Giorgi (1978) e Martins (1989), foram entrevistados vinte e um sujeitos que são professores de Universidades e hoje fazem Pós-Graduação na Faculdade de Educação Física da Unicamp, com as seguintes perguntas geradoras: Corpo, o que é isto para você? e Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Associando a questão teórica à pesquisa, chegou-se às seguintes considerações:

- 1- Os sujeitos participantes da pesquisa têm uma visão de corpo que ultrapassa a idéia reducionista de estrutura física, estética e perfeita.
- 2- Eles compreendem corpo como um sistema de relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, independente do tempo e do lugar.
- 3- Ampliando este quadro, colocam que corpo é tudo, impregnado de questões sociais, afetivas, emocionais, sendo também uma forma de identidade.

- 4- Ao mesmo tempo, reconhecem que falar de corpo é complicado, como algo ainda distante do cotidiano, necessitando um "tempo" para discutir.
- 5- Identificam a concepção de corpo totalizante também na ação profissional, onde o corpo, como um sistema, estabelece relações, estando presente em diferentes espaços.
- 6- Poucos sujeitos admitem corpo distante de si, de forma impessoal ou como forma de utilidade, sendo que a maioria destes considera o corpo perfeito, apenas o biológico.

A conclusão deste estudo mostra que teoria e prática podem coexistir nas contradições, nas incertezas, numa relação dialógica, onde é possível abandonar princípios maniqueístas de certo e errado, revelando a importância de uma lógica não linear no processo educativo, sem a preocupação única de causalidades.

Palavras-chave: Corpo - Educação Física - Formação Acadêmica - Fenomenologia

ABSTRACT

This paper tries to identify the “body” as it is seen either at History or at the speech of the teachers who work in the professional teaching of Physical Education at the Brazilian Universities or Colleges, and which are students of post-graduation programs, both for Master degree and Ph.D. courses, of the “Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas”.

To achieve this goal, the study was divided in two parts. The first, named “About the Body through Time: The Science”, starting from a bibliographic research, the body existence, from the Ancient Time up to the 20th. Century, was verified within four scientifically traditional areas: philosophy, anthropology, biology and psychology. This included to establish a relationship between the history and the possibility of analyzing and modifying everyday situations that affect and disturb the “body”. As a presupposition, this first part, within the different periods, sought the established interrelation inside the complexity of the body unity, emphasizing certain aspects and excluding others. It was observed that in each step, both man and world images correspond and, as one of them changes, the other necessary and consequently is also changed.

The second part, named “Body’s Time: The Professional Formation on Physical Education”, starting from a methodological approaching of the phenomenological perspective, was based on the “Placed Phenomenon Analysis”, proposed by Giorgi (1978) and Martins (1989). Twenty one subjects, Universities teachers and presently students of post-graduation programs of the “Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas”, were interviewed, and the directed question were as follows: “Body, which it means to you?” and “Professionally, how do you see it?”

Associating the theoretical question and the research, we ended up with the following considerations:

1. The subjects have a conception of “body” that goes beyond the limiting idea of physical structure, aesthetic and perfect.
2. They perceive the “body” as a system that interact with itself, with the others and with the environment, regardless of time and place.

3. Broadening this picture, they believe that the body is everything, full of social, affective, and emotional aspects, as well as constituting an identity.
4. Concurrently, they assume that speak about the "body" is quite difficult, and also it is something distant from everyday life, needing "more time" to be talked over.
5. They also identify the conception of "totalizing body" at the professional acting, where the "body", as a system, is interrelated, being present at different places.
6. Only a few subjects conceive the "body" as something apart from themselves, not personal, or as tool, and most of them consider the "perfect body" just biological.

This study conclusion shows that theory and practice can coexist in the contradictions, uncertainties, in a dialogal relationship, where it is possible to give away radical principles of right and wrong, revealing the importance of a non linear logic in the educational process, without the unique concerning of causality.

Key words: Body - Physical Education - Professional Formation - Phenomenological

TEMPO DE INICIAR - O QUE A HISTÓRIA CONTA?

Conta-se, na história da humanidade, que o homem é formado de corpo, mente e espírito. Esta visão fragmentada propiciou abordagens, em relação ao homem, que reforçam a divisão por partes e, principalmente, desconsideram todas as relações que o circunvizinham.

Usando uma metáfora "festiva", tento comparar o homem com uma festa de aniversário e relaciono tal situação com um dos componentes indispensáveis: o bolo. Este, para existir, necessita de um local específico, onde a massa vai ser confeccionada, com diversos ingredientes que vagarosamente vão sendo acrescentados, na quantidade certa, para, em seguida, serem mexidos, agitados e simultaneamente envolvidos entre si. Posteriormente, a massa é colocada em um recipiente que pode possuir os mais diferentes formatos e então, vai ao forno para se desenvolver. Depois de assado e para que fique mais gostoso, o bolo precisa de recheios que variam de acordo com o gosto do aniversariante, dos convidados, ou mesmo da pessoa responsável pela sua confecção.

O recheio oferece prazer no momento da degustação, mas também proporciona o apoio necessário para que o bolo se mantenha em pé e aumente de tamanho, além de estabelecer uma interrelação entre as partes, criando um vínculo de dependência.

Já que se trata de um bolo de aniversário, a cobertura não pode faltar, correndo-se o risco de que, se ela não existir, possa revelar imperfeições que provavelmente estragarão a beleza da festa.

Ainda, para se caracterizar realmente um bolo de aniversário, as velinhas são peças indispensáveis. Podem ser coloridas, pequenas, médias, grandes, várias ou mesmo única, representando cronologicamente o tempo vivido pelo aniversariante.

No entanto, não há festa ou comemoração se as pessoas inexistirem; basta uma única pessoa para a festa se estabelecer, pelo menos para que o "parabéns" seja cantado. Dificilmente sozinho se pode "fazer a festa"; ela acontece na relação entre as pessoas.

Assim é o homem. Assim é a corporeidade humana. Depende de um local específico para se desenvolver, antes de tomar contato com o mundo externo, e desde o momento da concepção vai sendo composta por ingredientes que caracterizam a sua existência.

Estes ingredientes são envolvidos, imbricados, movimentados, interrelacionados na perspectiva de integralizar o homem enquanto corpo. Ao mesmo tempo, a necessidade de conviver com as pessoas se estabelece, pois, o homem não vive sozinho. Situar o homem na existência é também entender que ao longo dela "recheios" vão sendo adquiridos, quer de receitas personalizadas, quer de receitas estabelecidas culturalmente, fazendo-o estar no mundo como ser humano.

A incorporação do humano diferencia-se da restrita idéia de homem, que, somado por partes torna-se humano; como pressuposto, esta atitude considera a experiência vivida no corpo.

Assim, não satisfaz apenas o corpo do homem, mas busca-se o ser humano que é corpo, que forma uma estrutura complexa e, como tudo que é complexo, fica difícil simplificar. (Moreira, 1992)

Entender o corpo humano é enigmático, pois, ao mesmo tempo que diferentes áreas do conhecimento percorrem caminhos objetivos para explicar o corpo homem, compreendê-lo em sua plenitude é um mistério, uma vez que na perspectiva hominal não se caminha em direção da objetividade.

A objetividade racional, lógica, industrial, laboratorial e produtiva, distante da sensibilidade, embrutece o homem. Algumas vezes extingue o calor das paixões, a veia artística, o sentido lúdico e os relacionamentos estabelecidos através da intersubjetividade.

Embora as ciências, ao longo do tempo, tenham procurado entender a condição humana a partir da decomposição cada vez maior do corpo, parece que cada vez mais se distanciaram da utópica condição humana.

Santin (1990) reage a estas questões afirmando: *As ciências em sua preocupação de produzir conhecimentos objetivos acabaram deixando escorrer através dos poderosos tentáculos de sua mão mecânica o especificamente humano do homem.* (p.29)

Cientistas experimentam, em animais, novas drogas para combater doenças que deterioram ou, em alguns casos, fazem o corpo morrer. Médicos estudam, em corpos mortos, soluções para continuarmos vivos. Professores de Educação Física, nas academias de ginástica, nos spas, dão ao corpo formas estéticas, de acordo com o padrão de beleza que a sociedade impõe.

As indústrias de calçados, de vestuário, de cosméticos valorizam o corpo objetivando o consumo destas mercadorias para a "performance" visual do corpo. Compositores, escritores e artistas cantam, dançam, escrevem, em verso e prosa, o corpo.

O corpo, de repente, parece representar um vulcão adormecido que, ao entrar em erupção, mostrando uma beleza colorida e energizante, espalha suas lavas por diferentes pessoas, regiões, sociedades, países. Assim que a quentura das lavas se aproxima, as atitudes corporais são alteradas para satisfazer as "ondas" locais que se formam. Porém, quando as lavas secam e a multiplicidade de cores resume-se exclusivamente a uma única cor, o movimento cessa e a vida acaba.

Esta "onda do corpo" me leva a entender o por quê dessa avalanche de interesses acerca do corpo, principalmente dentro de uma área em que atualmente estou inserida: a da formação profissional em Educação Física. Interessante pensar nesta questão do corpo, pois parece que se trata de uma novidade, como se ele não tivesse existido ao longo da história, como diz Moreira (1994): *...temos um corpo, conhecemos muito sobre um corpo, mas não somos um corpo, não sabemos o corpo (...) perdeu-se a sua unidade original, a sua comunhão com outros corpos e com as coisas.* (p.54)

No entanto, como posso afirmar que ele não existe se a cada dia convivo com diversos corpos, nas mais diferentes situações? Corpos altos, baixos, jovens, idosos, gordos, magros, bonitos, musculosos estão presentes em minha convivência.

Falo e falamos do corpo sem muita convicção ainda. Será por que estamos redescobrimo ou descobrimo uma nova forma de olhar o corpo?

Olhar o corpo a partir da ótica dos sentidos, provavelmente, é mais do que simplesmente ver, da mesma forma que olhar está além do ver. Olhar o corpo é habitá-lo, envolvê-lo, tocá-lo, estar comprometido, uma vez que também olho com as mãos, e não somente descrevo o que o olho permite enxergar.

Olhar é deixar-se penetrar pela imagem!

Na visão.(...) apoio meu olhar em um fragmento da paisagem. ele se anima e se desdobra. os outros objetos recuam para a margem e adormecem. mas não deixam de estar ali. (Merleau-Ponty. 1994. p.104)

Para olhar não preciso ver, na medida em que fecho os olhos para sentir um beijo, escutar uma música, deixar fluir a sensibilidade ou mesmo para esquecer os problemas racionais da existência vital.

Bosi (1993), escrevendo sobre o olhar racional diz: *O olho do racionalismo clássico examina. compara, esquadrinha. mede, analisa. separa...mas nunca exprime. É um olho só capaz de perceber. no objeto. a sua objetualidade: logo. tudo tratar como objeto. não sujeito. (p.77)*

Goethe, citado por Bosi (1993), preocupado com a idéia de olhar proposta pelo paradigma newtoniano-cartesiano, entende outro modo de ver:

Esse novo olhar é o que, desde sempre, exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela, quanto no outro, com o qual o sujeito entretém uma relação compreensiva. A percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos dos quais o olhar é o mais prenhe de significações. Tomando a analogia ao mundo físico, o olhar não seria apenas comparável à luz que entra e sai pelas pupilas (...), mas teria também propriedades dinâmicas de energia e calor graças ao seu enraizamento nos afetos e na vontade. O olhar não é apenas agudo, ele é intenso e ardente. O olhar não é só clarividente, é também desejoso, apaixonado. (p.77)

Vejo e vemos através de um único sentido, a visão, mas olho com todos os sentidos. Assim, minha visão se torna mais abrangente a ponto de buscar entender: o que é corpo? que corpo sou?

Seguindo meus desejos, tentarei responder a estas indagações, inicialmente, em dois momentos distintos: o primeiro, na perspectiva do corpo que sou, cuja influência existencial me fez buscar esse caminho; e no segundo, procurarei descrever as diferentes visões a respeito do corpo: filosófica, antropológica, biológica e psicológica, ampliando a vertente da exposição evolucionista, a qual discutirei nos quatro próximos capítulos.

Nesta primeira tentativa de falar de corpo quero reafirmar expressões como: que corpo falo, busco, quero, sinto, amo.....qual a relação dessa história de vida com os assuntos "acadêmicos"?

Vivo hoje com préconceitos estabelecidos pelas ciências positivistas, pela história de vida, com parcelas de imobilidade, mas ao mesmo tempo com vontade de mudanças. Não sei se consigo atrelar a teoria à prática cotidiana. Mas é angustiante não tentar, embora, na maioria das situações, deixe o tempo correr e resolver.

Afinal de contas sou humana e busco nas certas inseguranças do positivismo biológico a fascinante complexidade da incerteza segura de ser um ser humano.

Como consequência, não sou corpo inteiro, sou fragmentos de uma história calcada pelo perfeccionismo, pelas certezas, pela impossibilidade de errar e mais, pela influência correta da lógica que, em algumas ocasiões, amputa meus sonhos. Lógica que, em muitos momentos, me impossibilita ter vida. Não falo da vida fisiológica, controlada por horários, regida por padrões estéticos e morais, impregnados em mim e na maioria de nós, mas da vida que me deixa revelar como ser humano.

Quando me desprendo do mundo racionalizado, tenho a sensação de estar no andar mais alto de um prédio, onde as luzes da cidade, integrantes deste cenário, têm uma multiplicidade de cores que só podem ser vistas por mim, dentro da minha percepção.

Neste momento danço, não a dança das horas, mas a da intersubjetividade. Dança do revelar e desvelar fenômenos, que é habitada por uma imagem específica, sedutora, centrada no "olho no olho" ou na mesma respiração e que ao mesmo tempo me proporciona a ampliação do foco, mostrando-me a paisagem ao redor, desligada do mundo lógico e formal.

Estar emocionado é achar-se engajado em uma situação que não se consegue enfrentar e que todavia não se quer abandonar. Antes de aceitar o fracasso ou voltar atrás, o sujeito, nesse impasse existencial, faz voar em pedaços o mundo objetivo que lhe barra o caminho e procura, em atos mágicos, uma satisfação simbólica. (Merleau-Ponty, 1994, p.127)

As indagações e afirmações recaem na busca da compreensão do corpo que sou. Não é possível entender, falar ou sentir, se a experiência do meu "eu" estiver ausente, se eu me

encontrar longe de mim mesma. As experiências na minha vida só têm sentido porque são vivenciadas por mim dentro da minha perspectiva.

Não se justifica estar sem ser, olhar sem ver, cheirar sem perceber, tocar sem sentir, estar só ao redor de uma porção de pessoas ou mesmo estar sozinha estando acompanhada.

É complexo discursar o corpo existencial se, na história de vida, ele se camufla, existindo na clandestinidade. Tenho que habitar o corpo que sou nas diferentes perspectivas.

Neste sentido, meu trabalho se inicia a partir da minha existência e tenta, paralelamente, alcançar minha essência.

Como atitude, optei pela fenomenologia que interpreta "momentos" de desvelar o fenômeno que se encarna no homem, e que se mostra e se esconde tal qual um espelho que me propicia detalhes da imagem e ao mesmo tempo oferece um panorama geral do fenômeno.

Esclarecendo melhor a idéia, parafraseio o pensamento de Moreira (1995), que compara o desvelar do fenômeno com o "zoom" de uma câmera filmadora, que ora foca a cena a ser revelada e ora desfoca, obtendo uma paisagem circunjacente, permitindo ao filmador vivenciar as duas experiências simultaneamente.

Em face destas considerações, a trajetória de construção deste trabalho está alicerçada em dois momentos.

O primeiro momento, denominado "O corpo no tempo: a ciência", está dividido em quatro capítulos. Estes capítulos têm o intuito de mergulhar na história do corpo, relacionando-o à possibilidade de repensar ou alterar situações relativas a ele, presentes no dia a dia, que o afetam e o incomodam, colocando em cena o corpo e, mais precisamente, o homem que, sendo corpo, está no mundo.

Este esboço tem como pressuposto contextualizar momentos históricos vividos pelo homem, resgatando as diferentes épocas, desde as suas origens, até a visão dele na atualidade, dando ênfase a alguns pontos e excluindo outros, constatando que, em cada etapa, tanto a imagem de homem como a de mundo são correspondentes e, quando uma se altera, necessariamente a outra sofre as conseqüências desta modificação.

Nesta tentativa, delinearei como áreas hegemonicamente estruturadas vêm o corpo. Assim, a filosofia, a antropologia, a biologia e a psicologia serão alvo destes capítulos iniciais.

A expectativa de discutir corpo dentro das perspectivas anteriormente citadas, expondo as diferentes tendências sobre o assunto, não é o ponto mais relevante para mim. Porém, caminhar para entender a relação destas visões com o meu objetivo, que é o discurso do corpo na formação profissional, é importante.

Para que isto se estabeleça é necessário fazer um passeio por elas, vasculhando a interrelação estabelecida dentro da complexidade da unidade corpo, optando por um relato cronológico, enfatizando os grandes nomes que ajudaram a construir estes momentos.

Recorrendo à literatura, verifico que estas áreas são tratadas separadamente. Embora esta divisão seja utilizada, por questões meramente didáticas, entendo que as mesmas, em muitos momentos, são complementares e, conseqüentemente, não devem ser vistas como excludentes. O tema corpo não é objeto específico de uma ciência. Ele está presente tanto na visão objetiva, de valores factuais das ciências positivistas, como na visão subjetiva, de valores mais simbólicos, das ciências humanas.

O corpo se apoia em ambas, alicerçando uma dualidade há anos construída, apesar dos esforços de se tentar uma unidade.

Como pano de fundo não é possível omitir os dizeres de Merleau-Ponty (1994):

... eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência, não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido. (...) A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. Eu não sou um "ser vivo" ou mesmo um "homem" ou mesmo "uma consciência" (...) eu sou a fonte absoluta, minha experiência não provém de meus antecedentes, de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser para mim. (p.3)

O segundo momento, denominado "O tempo do corpo: a formação profissional em Educação Física" caracteriza-se por identificar qual o conceito de corpo que está presente nos alunos matriculados no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da

Universidade Estadual de Campinas, tanto em nível de Mestrado como Doutorado, e que ministram aulas em Cursos de Graduação em Educação Física.

Este curso foi escolhido por duas razões: a primeira porque a questão central dessa área de conhecimento é o corpo, mais especificamente o corpo que se movimenta, e a segunda porque a pesquisadora tem formação profissional em Educação Física e se preocupa em verificar que concepções os profissionais têm com relação ao corpo, quer no seu mundo vida, quer na sua ação profissional.

Vale salientar que os profissionais que foram selecionados exercem suas funções didático-pedagógicas em várias universidades do Brasil.

Assim, além de contextualizar a visão hegemônica de ciência dos últimos duzentos anos, pretendo comparar este referencial teórico pesquisado com a formação profissional nesta área, ou seja, como hoje é o discurso sobre o corpo na área que trabalha especificamente com ele, buscando saber se houve, ao longo dos anos, transformação ou manutenção do discurso.

Nesta paisagem, quero conhecer o corpo que passa por diferentes períodos, de desconhecimento e desvalorização, de utilidade e cultuamento, de corpo objeto adestrado e corpo objeto manipulável, porém, mantendo-se na existencialidade. Como?

A esta pergunta e a tantas outras questões que me inquietam, tentarei responder ao longo destes momentos.

PRIMEIRA PARTE

O CORPO NO TEMPO: A CIÊNCIA

CAPITULO I

VISÃO FILOSÓFICA - A BUSCA DA UNIDADE

Fazer uma reflexão filosófica, radical e contextualizada sobre corpo é desafiante, principalmente pela atual discussão que se trava em relação à existência humana.

Desde a Antigüidade, o homem procura ser auto-suficiente desejando ser o centro de inspiração, imaginação e sustentação. Na busca desta autonomia, diferentes caminhos foram percorridos e o resultado disto está expresso nos grandes inventos científicos e nos sofisticados mecanismos tecnológicos.

No entanto, o que talvez o homem não esperava é que, neste contexto científico e tecnológico, ele passou a ser mais um objeto utilizado e não o centro da atenção como idealizou. A utópica procura de liberdade, representada pela autonomia absoluta, ficou em segundo plano.

A história individual, por exemplo, experimentada no dia a dia do viver e conviver foi desconsiderada porque não poderia ser comprovada. Só era válido o que fosse comprobativo. O homem passou a ser objeto de sua objetividade e o "ser" humano se perdeu, servindo apenas à ciência. Seus sonhos foram enclausurados dentro de um sistema idealizado por ele mesmo. Resumo disto está na célebre frase de Francis Bacon, pensador do início da época moderna, precursor da corrente empirista: "SABER É PODER".

Mas, que poder é este que descarta a diferença de cada homem entre si e que tenta dominar e controlar, sob tortura, a natureza? Ou que poder é esse que disciplina fazendo com

que todos sejam iguais e perfeitos? Será o mesmo poder que utiliza o corpo como substituível e descartável?

Não pretendo aqui colocar no banco dos réus a ciência e a tecnologia, uma vez que estas constroem e contribuem para descobertas significativas, mas chamar a atenção para o que se tem feito com o homem e, mais especificamente, com o corpo.

Recorrendo a Santin (1990), verifico em suas palavras esta preocupação, expressando que a vontade do homem foi abafada: *... mas acontece que nestas suas construções fantásticas o homem foi reduzido a um simples objeto científico. Ele deixou de ser uma pessoa, um cidadão dotado de consciência e de vontade. Ele deixou de pensar para ser pensado....Ele deixou de querer. (p.30)*

Será que esta herança, impregnada no corpo, pode ser justificada através da ótica histórica?

Para responder a esta indagação, julgo necessário vasculhar a literatura produzida a respeito da evolução histórica, expondo os principais pressupostos que embasam o pensamento filosófico ocidental sobre corpo e homem.

A imagem de corpo/homem surge a partir do pensamento filosófico. A filosofia, na Grécia, nasceu a partir da problemática da origem do mundo e da geração das coisas. Quanto ao homem, sentia-se circundado por forças ocultas e misteriosas. Esta imagem era abstrata e para o homem se conhecer a si mesmo precisava colocar-se fora de si.

Analisando a tradição clássica grega, Wemeck (1995) diz que a metafísica se originou desta tradição. Esta considerava o Ser como transcendente, eterno, incorpóreo e imutável, incompatível com tudo que fosse concreto, finito e transitório como o corpo.

Nesta reflexão, a natureza, o homem ou qualquer produto de suas ações eram pensados como integrantes de uma realidade transcendental.

Para os filósofos gregos, que iniciaram a construção do pensamento racional, a humanidade do homem começava no nascimento e centrava-se na natureza. À natureza, representante do universo, era reservada a função de compor a fisionomia, não só física, mas também psíquica e social de cada ser humano. (Santin, 1990)

O corpo, nesta fase, era representado por três perspectivas básicas: a distinção entre corpo e alma, as relações com a divindade e a imortalidade e a diferença estabelecida entre homem e animal.

Na era socrática ou clássica, as qualidades, os anseios, os valores, as crenças do homem eram alvo de questionamentos filosóficos. Sócrates, considerado o primeiro filósofo racionalista, advogava que a transcendência das condições exteriores e o verdadeiro sentido das coisas estavam ligados à razão do homem. (Gonçalves, 1994)

Sócrates tinha como argumento central da filosofia o homem, a ética (a virtude, o bem e a justiça) e o conhecimento. Graças à racionalidade, o homem poderia ser justo e praticar a virtude.

São célebres suas duas expressões: "Conhece-te a ti mesmo" e "Sei que nada sei". Considerado um sábio, ele elaborou seus princípios entendendo que nenhum homem sabe nada verdadeiramente e reconhecer isso significa ter sabedoria. (Chauí, 1994)

Já Platão foi e ainda é hoje considerado um dos principais filósofos gregos dos últimos vinte e quatro séculos. Ele censurou o corpo (representado pelos sentidos) a partir da soberania da alma (representada pelo intelecto). O corpo, símbolo da parte ignorante, má, viciada e perigosa do homem, contaminava a pureza da alma.

A alma, morada de Eros, deseja o divino e tende para ele; é nossa melhor parte e o corpo é para ela prisão, túmulo, risco de perdição nas coisas corporais que a afastam das espirituais. Amar alguém ou alguma coisa é amar sua alma, e não o envoltório grosseiro e mortal que é seu corpo. (Chauí, 1994, p. 213)

Defendendo a alma, Platão enfatizou a cisão entre ela e o corpo, já presente no pensamento grego da época, entre o sensível e o inteligível, entre o visível e o invisível, entre o finito e o eterno, entre o mundo da matéria e o mundo das idéias. O mundo contemplativo das idéias de Platão era estável e perfeito e não habitava o mundo espaço-temporal. *A idéia era o verdadeiro ser das coisas na transcendência do mundo das realidades contingentes e particulares.* (Guedes, 1995, p.9) Entendida no mundo inteligível, a alma era eterna e contemplava a plenitude das idéias, mas dependia do mundo material e, para existir, precisava estar unida ao corpo.

O corpo, sensível, ajustável, móvel, mundano e imperfeito era o cárcere da alma, um obstáculo ao conhecimento, tanto que a morte era considerada uma dádiva, pois propiciava a dissolução de tudo. *Que admirável sorte não estaria reservada então para os maus, que se veriam neste momento libertos de seu corpo.* (Platão, 1987, p.115)

A alma, imortal, para se salvar deveria tornar-se ordenada e sábia, seguindo gênios que, tanto direcionavam os caminhos durante a vida, como conduziam cada morto a um determinado lugar. Depois da morte, as almas que executavam ações negras como matar injustamente ou praticar algum crime eram isoladas, pois ninguém desejava ter sua amizade ou ser seu companheiro e, como castigo, reencarnavam-se novamente.

...a alma que se agarra avidamente ao corpo (...) permanece por muito tempo ainda adejando ao redor do cadáver e dos monumentos funerários. oferece resistência e sofre, e só se deixa levar pelo gênio sob violência e exigindo grandes esforços. (...) essa alma erra desnorçada daqui para lá, em ignorância absoluta, durante certo tempo, e em virtude de uma necessidade fatal é levada a uma residência que lhe é conveniente. Inversamente, a alma cuja vida na terra foi pura e sábia lá encontra, por companheiros e guias, os próprios deuses, e sua residência será, da mesma forma, a que lhe é adequada. (Platão, 1987, p.115)

Para Platão, o verdadeiro filósofo era aquele que ignorava os prazeres do corpo e se envolvia com os da alma. O homem tinha neste contexto, separadas pelo pescoço para que não houvesse contaminação, duas almas: uma imortal (a cabeça) e outra mortal (uma melhor que é o tórax e outra inferior que é o ventre; esta última isolada pelo diafragma, para que a pior não influenciasse a melhor parte). (Santin, 1990)

Hierarquicamente os pensadores associavam as partes do corpo aos tipos de alma e à natureza de caráter.

Aos filósofos, nobres por excelência, bem como aos governantes da cidade, era reservado o caráter ouro, sendo a parte nobre a cabeça, de faculdade ativa e superior. A alma racional e imortal não só continha o cérebro, que comandava todo o corpo, como possuía sede de conhecimentos, distinguindo o bem e o mal, a verdade e as idéias.

O caráter prata era dos guerreiros, com o predomínio da alma mortal, centrada no peito, pois coragem e força eram aliados. Encarregados de proteger a cidade, mas, também preocupando-se com a segurança do corpo e da vida, tinham a faculdade combativa alojada na parte forte do corpo, acima do diafragma, o coração.

A parte inferior, representada pelo baixo ventre, tinha caráter bronze, correspondendo à alma irracional, apetitiva e concupiscente, destinada aos escravos,

trabalhadores e homens de negócios. Eles caracterizavam-se pela força física, mais próxima do animal, com intenso desejo de gozo de bens materiais, como comida, bebida, prazeres e sexo, ou seja, tudo o que é necessário para a preservação do corpo e geração de outros corpos. Esta alma era mortal e terminava com a morte do corpo, sendo essa parte sempre insatisfeita, sempre procurando novos objetos de prazer. (Chauí, 1994, Santin, 1990)

Porém, em seus últimos escritos, Platão já não destinava ao corpo um rótulo tão negativo, admitindo que a alma poderia ser beneficiada pelo exercício físico. A associação entre a ginástica (forte) e a música (sensível) poderia ser equilibrada. A música favorecia a alma e a ginástica atendia ao corpo. Porém, ambas não podiam perder de vista seu objetivo final: esmerar a alma. Esta possuía indiscutivelmente maior valor que o corpo, mesmo que este fosse dotado de saúde, vigor e beleza física. (Werneck, 1995).

Platão, adepto de uma divindade incorpórea e da alma eterna, acreditava que nem mesmo os males do corpo eram capazes de corromper ou destruir a alma.

Gonçalves (1994) coloca que na história do pensamento filosófico temos como: corpo e alma, conhecimento sensível e conhecimento inteligível, o mundo da matéria e o mundo do espírito, vida terrena e vida ultraterrena sempre estiveram presentes nas reflexões sobre o homem e seu mundo, passando a ser divergentes quando o homem deixou de preocupar-se prioritariamente com o universo físico para mergulhar em sua própria realidade.

Aristóteles foi um dos maiores filósofos e o primeiro grande historiador da filosofia, produzindo em torno de quatro mil obras. Divergindo de Platão, reconhecia a presença do corpo no conhecimento, não como cárcere da alma, mas como matéria concreta constituindo a natureza humana. A alma era a forma (racional) e o corpo a matéria (irracional). Embora reforçasse a visão da alma separada do corpo, não considerava a *teoria dos dois mundos*, uma vez que defendia a necessidade do mundo sensível para o conhecimento científico, esforçando-se para mostrar que o inteligível estava no sensível.

Gonçalves (1994), referindo-se ao pensamento aristotélico, dizia que o homem sendo um animal político, necessariamente vivendo em comunidade, deveria orientar-se pelas trilhas da razão.

Divergindo de Platão, Aristóteles considerava pensamento e sensação diferentes, porém não opostos, havendo continuidade de um para o outro. Na análise de Chauí (1994) sobre o pensamento aristotélico vejo esta questão:

Sensação é um ato. Pensamento também é um ato. A sensação é o ato dos sentidos; o pensamento, o ato do intelecto. A sensibilidade só existe atualizada na sensação; o intelecto só existe atualizado no pensamento. A sensibilidade é a potência para ter sensações e só existe enquanto a sensação é o ato de sentir. O intelecto é a potência para ter pensamento e só existe enquanto o pensamento é o ato de pensar. Os humanos são, portanto, potencialmente dotados de sensibilidade e intelectualidade. (p.298)

No entanto, Platão e Aristóteles concordavam que o homem é um ser essencialmente contemplativo e menosprezavam o trabalho, principalmente o físico, por ser uma atividade ligada à matéria, destituído da inteligência. O trabalho não era "arte" pois não tinha nada de belo e um verdadeiro cidadão deveria estar isento do trabalho.

Aqueles que "pensavam" deveriam ser ociosos. Tudo que se referia ao aspecto físico ficaria a cargo de grupos mais inferiorizados como servos, artesãos ou operários não especializados. O homem era valorizado pela sua riqueza, pela sabedoria intelectual de dirigir seus bens, além de saber organizar sua própria existência. Assim, nobres e intelectuais eram ricos e ociosos, enquanto que os operários e servos não tinham sabedoria e riqueza, sendo trabalhadores e pobres.

Neste contexto, Aristóteles considerava a pobreza um vício e não um defeito e reforçando a ociosidade afirmava que: *...homens ociosos correspondem moralmente ao ideal humano e merecem ser cidadãos por inteiro.* (Veyne, 1991, p. 125)

Uma outra citação, demonstra ainda mais a questão da superioridade dos nobres e intelectuais: *Os notáveis do mundo greco-romano não se consideravam superiores à média da humanidade (...) consideravam-se a humanidade plena e inteira, a humanidade normal.* (Veyne, 1991, p.125)

Na construção do conhecimento, Aristóteles realçou as coisas da Natureza, a biologia, o estudo das plantas e dos animais, dos astros e das almas, diferente de Platão, que estava mais ligado à matemática, em função dos seus contatos com jovens pitagóricos. A tendência de Aristóteles se justificava porque seu genitor era médico e, enraizado nesta origem, trilhou caminhos diferentes de Platão.

Dentro dessa visão, Aristóteles considerou o corpo como biológico, enfatizando a saúde e a beleza corporal como virtudes agradáveis e necessariamente boas. (Chauí, 1994)

Nem o corpo atlético, nem o corpo feroz e corajoso eram metas para esse filósofo. Ele cria que a educação do jovem deveria mesclar as duas situações, sendo suficientes para manter a saúde e atender os afazeres domésticos.

Isso não significava que desconsiderasse a ginástica, mas discordava da exaustão física, mesmo porque cansar o corpo e a inteligência simultaneamente não era recomendado, sendo necessário um intervalo entre ambos. Agindo assim, o crescimento dos jovens adolescentes não seria prejudicado. Embora considerasse o estudo da música, esta deveria ser desenvolvida com cautela, para não afetar o corpo. (Werneck, 1995)

Embora os filósofos citados defendessem a unicidade do homem, a dicotomia corpo/mente ou corpo/alma, trabalho manual/intelectual estava confirmada. O corpo correspondia aos aspectos servis enquanto a alma deveria se ocupar das causas nobres, priorizando não só a dicotomia mas uma posição hierárquica.

No pensamento aristotélico o corpo não é tão contestado, sendo útil por vários motivos, e, principalmente, considerado na manutenção da saúde.

O pensamento grego interage com o cristianismo, sofrendo modificações pela presença de um novo elemento: um Deus, único e soberano. A tradição cristã, dogmaticamente, apregoava que Deus criou o homem e lhe concedeu uma missão, tendo cada um livre-arbítrio para executar a vocação que lhe foi destinada.

Assim, tanto o homem como o mundo são considerados criação de Deus, reforçando que corpo e espírito eram entidades estanques. A garantia da pureza da alma (divina) estava ligada ao corpo (sexual) disciplinado e mortificado. Este, no homem, significava castigo e perigo para sua humanidade. Os cristãos admitiam, divergindo da cultura grega, que o homem não se compunha exclusivamente do pensamento racional, mas era dotado de sentimentos e emoções, dividindo o homem em corpo e alma. Embora aceitassem esta afirmação, relacionavam estes sentimentos do corpo ao demônio e, portanto, o corpo responsável pelos pecados.

O envoltório do corpo é, assim, no mundo dos homens, a mais profunda das clausuras, a mais secreta, a mais íntima, e as interdições mais rigorosas proibem rompê-la. Casa forte, portanto, fortaleza, ermitério, mas incessantemente ameaçado, sitiado, atacado como o é pelo satânico o refúgio dos padres do deserto. (Duby, 1991, p.517)

Expondo melhor, Gonçalves (1994) diz: *...o homem surge como pessoa, portador de livre-arbitrio para realizar seu destino, segundo um código moral revelado por Deus, e possuidor de um valor incondicional. (p.44)*

Representante desse pensamento, Santo Agostinho, influenciado pelo ideal platônico, considerava o homem dual, mesclado de corpo, alma e espírito, mas reforçava a supremacia da alma sobre o corpo. Entendia que: *Na intimidade da alma, na sua interioridade, é que o homem encontra a verdade. (Gonçalves, 1994, p. 45)* Esta afirmação provavelmente inaugurou a reflexão posterior, no pensamento filosófico, da consciência e da subjetividade.

As idéias agostinianas centravam-se na capacidade do homem em conhecer-se pelo poder da razão, desde que iluminada pela beatitude, pela predestinação e pela luz divina espiritual, ligadas ao grande criador-Deus. Neste universo, Boehner & Gilson, (1970), analisando os procedimentos de Santo Agostinho dizem que: *Estava às portas da Igreja, mas a ignorância da verdadeira natureza do espírito vedava-lhe o ingresso. Pela mesma razão encontrava dificuldades insuperáveis perante o problema do mal. Conta-nos, ele mesmo, que imaginava Deus e aos anjos como se fossem seres corpóreos. (p. 145)*

Ele não admitia a alma unida ao corpo como punição ao pecado, pois considerava que o corpo era parte da natureza humana. Mas, por questões morais, procurava libertar-se da concupiscência corporal.

Neste trajeto é importante lembrar que os desejos da "carne" só poderiam ser satisfeitos de forma não profana, baseados nas regras de comportamentos da classe superior, regidos pela moral e pela decência e julgados por Deus. O prazer corporalmente sentido nas carícias orais, na nudez ou nas variações das relações sexuais eram proibidas, além da manutenção da abstinência sexual durante o período menstrual. Esta questão se explicita nas confissões de Santo Agostinho (1964):

... e quão longe, desterrado das delícias de tua casa naquele ano décimo-sexto de minha idade carnal, quando empunhou seu cetro sobre mim, e eu em rendi totalmente a ela, a fúria da concupiscência, permitida pela degradação humana, porém, ilícita, de acordo com tuas leis. (p.71)

Era um corpo desprovido de desejos, pois estes dificultavam a caminhada da santificação espiritual. (Moreira, 1994)

Santo Agostinho, ousadamente, reconhecia que as manifestações corporais ligadas à sexualidade eram naturais, contrariando os padrões sagrados impostos até então. Também identificava zonas eróticas consideradas de "fraqueza humana".

No corpo, os sentidos floresciam, gerindo a tentação da concupiscência da carne, provocando o "afastamento de Deus". Para estar perto do Criador, o bom cristão deveria acatar as regras propostas por Santo Agostinho (1964) para purificar a alma e esquivar-se dos prazeres:

1- prazer do paladar: caracterizado pela intemperança, que é um prazer do corpo; a conservação da saúde deveria estar relacionada à redução do comer e do beber, pois muitas vezes não é possível perceber se se trata de uma necessidade física ou sensual a ser satisfeita;

2- prazer do olfato: era preciso cuidado com a sedução dos perfumes; se causassem excitação, deveriam ser evitados para que a perturbação da carne não prosperasse;

3- prazer do ouvido: os cantos melodiosos executados por vozes agradáveis e artísticas deveriam ser evadidos, mesmo aquelas "santas". As situações que provocassem inquietude emocional poderiam desprezar a razão, correndo o risco de perder o seu real sentido, devendo, às vezes, o canto ser evitado ou se transformar em uma declaração;

4- prazer dos olhos: formas belas e variadas, cores fortes e brilhantes irradiavam prazeres nos corpos sedutores mas incitavam ao perigo, pois apareciam diariamente insinuando mil modos de carícias, mesmo quando havia atenção para outra coisa;

Este dado é significativo porque este pensador cristão vivenciou este embate. Seus primeiros estudos foram para a infância, fase em que experienciou atitudes corporais consideradas pecaminosas, como a vontade de jogar bola, e também para a juventude, quando seus desejos carnis eram exacerbados, e tinham a censura de Deus, como ele mesmo revela:

...houve tempo de minha adolescência em que ardi em desejos de me fartar das coisas mais baixas, e ousei animalizar-me com vários e sombrios amores, e se murchou minha beleza, e me transformei em podridão diante de teus olhos, para agradar-me a mim e desejar agradar aos olhos dos homens. (Agostinho, 1964, p.69)

A sua existência foi recheada de conflitos, pois, ao mesmo tempo que percebia o corpo sexuado, com desejos carnis, desejava tementemente entregar-se a Deus. *Precipitou-se desenfreadamente na vida devassa da metrópole. Afeiçãoou-se apaixonadamente ao teatro. E não tardou em*

associar-se àquela mulher que iria ser mãe de seu filho.(Boehner & Gilson, 1970, p.143) Após uma adolescência "cercada de pecados", aos trinta anos se converteu à fé cristã, ainda com dúvidas em relação a sua decisão. No pensar cristão agostiniano, o adversário desse castigo carnal é a graça divina, sendo Deus seu legítimo representante.

O tempo passa, mas a concepção dualista de corpo e alma, sensível e inteligível, carne e espírito continua marcante na Idade Média. Analisando este período Duby (1991) reflete que:

De um lado, o perecível, o putrescível, o efêmero, o que deve voltar a ser pó, que, no entanto, é chamado a reconstituir-se para ressuscitar no último dia; do outro o imortal. De um lado, o que é atraído para baixo pelos pesos, pelas opacidades das substâncias carnis; do outro, o que aspira à perfeição celeste. (p.515)

Santo Tomás de Aquino, descendente dos nobres condes de Aquino, pensador célebre da Europa na era medieval, foi considerado o primeiro a ter iniciativas em defesa da unidade do ser humano, fundamentando-se sobretudo na relação da razão e da fé.

Tanto a razão como a fé não eram conflitantes. A primeira referia-se às coisas da natureza e a segunda enfocava o sobrenatural. *Todo o domínio da filosofia pertence exclusivamente à razão; isso significa que a filosofia deve admitir apenas o que é acessível à luz natural e demonstrável apenas por seus recursos. A teologia baseia-se, ao contrário, na revelação, isto é, afinal de contas, na autoridade de Deus.* (Gilson, 1995, p.655)

Mesmo com contrapontos que sustentavam que a unidade era perigosa para a fé cristã, ele afirmava que o homem, como unidade, possuía a união de dois seres, que separados são incompletos: corpo (matéria) e alma(forma). Também admitia que o corpo e a alma estavam presentes na constituição da pessoa e as funções sensitivas e vegetativas eram realizadas pelos órgãos do corpo.(Gonçalves, 1994)

Contestando a tese agostiniana, Santo Tomás colocava a necessidade do corpo para que a compreensão do homem ocorresse. Pois o homem é um ser corporal munido de sentidos e para obter conhecimentos das formas inteligíveis era preciso recorrer às coisas sensíveis. Assim, o mundo do espírito e o mundo do corpo se unem.

Deus uno, infinito e perfeito era o criador de tudo e o homem, ao ser lapidado, poderia chegar até ele. Tomás de Aquino (1985) esclarece dizendo:

Torna-se perfeitamente concebível pela razão que o mundo seja um conjunto de criaturas contingentes, cuja existência é dada por Deus, criadas a partir do nada e escalonadas segundo graus diversos de perfeição e participação na essência e existência divinas. (p.X)

A hierarquia alma/corpo se supera no pensamento tomista, tanto que os atos humanos não pertencem somente à alma, mas ao homem, ou seja, a esse ser uno. Embarcando neste contexto Gilson (1995) diz:

...essa alma racional, que é a forma única do corpo, a tal ponto que é uma substância incompleta, sobrevive porém a esse corpo e não perece com ele. Reduzida por essa nova situação a tirar do sensível todo o seu conhecimento, mesmo o do inteligível, a alma vê lhe serem barrados todos os caminhos diretos que conduzem ao conhecimento de Deus. (p.670)

Mesmo com estas tentativas da unicidade do homem, Santo Tomás, às vezes, era contraditório colocando a alma como governante do corpo, devido a sua imortalidade. Mesmo assim, as contribuições deste pensador foram consideradas um avanço na busca da totalidade do ser humano.

Durante a Antigüidade clássica, bem como na Idade Média, a concretude do homem como ser unificado não ocorreu. A contemplação, o poder dos dogmas da Igreja, a nobreza da alma foram mantidos e o corpo só existia para prestar serviço ao espírito.

Assmann (1994), inquirindo o fenômeno corpo nestas épocas, compara-o a um "jardim fechado", vivendo em função do espírito: *Templo, morada, mistério inviolável, âmbito de deuses e demônios. Éden proibido e cobijado, árvore da vida mas também do bem e do mal: corpo virgem, hóstia, vítima sacrificial, cadáver sagrado. (p.73)*

Neste conhecimento histórico, começo a perceber porque o corpo foi considerado um apêndice para o homem e quanto o pensamento religioso influenciou, e ainda influencia, as ações humanas. O corpo, diante destes argumentos, era perigoso, infamado, o lugar das tentações, armando emboscadas para atrair a alma e, conseqüentemente, não poderia ser considerado.

... é preciso velar sobre esse corpo, e especialmente sobre as passagens que transpassam a muralha e por onde o Inimigo pode infiltrar-se. Os moralistas convocam a montar guarda diante dessas poternas, dessas janelas que são os olhos, a boca, as orelhas, as narinas, já que por aí penetram o gosto pelo mundo e o pecado, a podridão. (Duby, 1991, p.517)

Caminhando nesta trajetória histórica, chego ao início do século XV, caracterizado pelo Renascimento, que rivalizou com inveteradas concepções mitológicas, religiosas, filosóficas e metafísicas. Neste momento o homem passou a bastar-se a si mesmo, como o sujeito da história, dominador do universo e dono da verdade e do seu próprio destino, valorizando assim seus próprios empreendimentos.

É um novo tempo, marcado por profundas transformações na visão de mundo do homem ocidental. Um outro ponto de partida, com novo itinerário, foi construído para as ciências e para as artes, caindo por terra a noção de um universo orgânico, vivo e espiritual, provando-se, pela primeira vez, a superioridade da razão.

O ideal da racionalidade se concretiza. A experiência substitui a abstração, o mundo, bem como tudo que o rodeia, é encarado como máquina. Culturalmente, ocorre a celebração do corpo, revelada na busca da perfeição e beleza das formas corporais.

O momento econômico influencia o pensamento filosófico. Nesta época ocorreu a mudança do sistema feudal para o burguês, surgindo o capitalismo mercantil e a instalação da indústria. Consequentemente, a representação de mundo se modifica a partir dos representantes do poder. Se antes o mundo era visto como cosmo e as coisas se justificavam pelos feudos religiosos, neste momento o processo se inverte e o homem passa a ser o centro das atenções.

O homem transita no mundo das experiências, inteirando-se das pesquisas científicas. Surge o humanismo em oposição à hegemonia divina e ao saber contemplativo. O homem é o ponto central das decisões, e portanto, não precisa de Deus.

O homem por si só era valorizado, apontando para uma libertação do pensamento platônico, sendo considerado não só um ser de razão mas também um ente de vontade. O corpo e o espírito são unidos, na ciência e na técnica, e o humanismo renascentista perpassa uma nova forma de olhar o mundo, através da ótica do homem. O empirismo se instala, demonstrando, a partir da experiência, a realidade tal como ela é. (Gonçalves, 1994)

Velhas maneiras estabelecidas de fazer as coisas e de pensar sobre as coisas começaram a ser questionadas, verdades absolutas são negadas, fornecendo uma nova direção às investigações científicas. A mecânica de Galileu Galilei demonstrou que a Terra se movia e explicou as leis da natureza e o mundo em linguagem matemática, ilustrando com figuras geométricas, mostrando com novos instrumentos o que até então não se via. Nicolau Copérnico afirmou que o Sol, e não a Terra, era o centro do nosso universo. Isaac Newton descobriu as leis da mecânica celeste e Francis Bacon defendeu a utilização, pelas ciências, do método experimental. O mundo passou a ser pensado, qualificado e medido a partir de técnicas corretamente comprovadas, considerando as propriedades como cheiro, sabor, cor, subjetivas e, portanto, excluídas do domínio da ciência.

O pensador mais saliente desta época, representante do racionalismo moderno, é René Descartes, com uma publicação abrangente de obras científicas de: física, astronomia, fisiologia e psicologia. Decepcionado com a instabilidade e a inutilidade prática das "letras", procurou explicar todos os fenômenos com base em idéias claras, objetivas e seguras, a respeito das quais não pudessem existir dúvidas. O conhecimento humano seria unificado, passando pelo crivo de métodos imparciais, alicerçados no irresistível império da ciência e da tecnologia. Descartes discutia que o desconhecido era um termo ignorado, mas que necessariamente seria descoberto, desde que o já conhecido construísse uma "cadeia de razões" que a ele fosse conduzido. (Descartes, 1987)

O ponto de partida para a construção de seu sistema filosófico era a dúvida. Duvidava de tudo o que pudesse submeter à dúvida, desde os sentidos até o fato de ter um corpo. A única certeza que tinha era a existência de si como pensador: *eu penso, logo existo*, o seu famoso "Cogito, ergo sum".

Com o intuito de explicar este cogito, Descartes (1987) coloca que:

Se da máxima incerteza desponta uma primeira certeza - "Se duvido, penso" - esta é ainda, contudo, uma certeza a respeito da própria subjetividade ("penso"). Nada fica até aí garantido a respeito de qualquer realidade exterior ao pensamento. Todavia, já é um primeiro elo na cadeia de razões - e basta uma primeira certeza plena para que a "ordem natural" faça jorrar luz sobre o que até então permanecia desconhecido. (p.XVI)

Este cogito, que permaneceu até hoje, acenou para a fragmentação entre corpo (rés extensa) e mente (rés cogitans). A mente era o centro e o suporte de toda a realidade.

Descartes empunhava a idéia de que a única certeza existente era o ser pensante. O corpo ficava em segundo plano, como aponta Capra (1982):

Na medida em que nos retiramos para nossas mentes, esquecemos como "pensar" com nossos corpos, de que modo usá-los como agentes do conhecimento. Assim fazendo, também nos desligamos do nosso meio ambiente natural e esquecemos como comungar e cooperar com sua rica variedade de organismos vivos. (p.37)

Como Descartes acreditava na certeza do conhecimento científico, a ignorância da Terra poderia ser varrida colocando a razão como única forma de conhecimento. Inaugurando o racionalismo moderno, esse pensador ... *busca na razão - que as matemáticas encarnavam de maneira exemplar - os recursos para a recuperação da certeza científica.* (Descartes, 1987, p.IX)

Já na visão de Gonçalves (1994), o argumento de Descartes está na descoberta, para a filosofia, da subjetividade e da consciência do Eu. Para ele, o sentir e o agir inexistiam. O Eu resumia-se exclusivamente ao pensamento. A possibilidade de unir pensamento e corpo só seria possível pela onipotência divina.

Isso implica, na reflexão da mesma autora:

O Eu de Descartes é um Eu fragmentado em si mesmo e isolado do mundo. A vivência da corporalidade é substituída pela sua representação na mente, e os objetos do mundo exterior transformam--se em meros dados da consciência. (p.51)

Aliás, como católico convicto, Descartes justificava que Deus era essencial à sua filosofia científica, o Deus cartesiano, sendo bom e veraz, iria garantir a objetividade do conhecimento científico, ou seja, a própria crença na razão. A justificativa do otimismo científico era prova da bondade de Deus. Descartes (1987) coloca:

Deus serve de intermediário entre duas certezas: a de que "sou uma coisa que pensa" e a de que tenho realmente um corpo.(...) Definidos como substâncias perfeitamente distintas, a extensão e o pensamento coexistem, todavia, no homem através da dualidade corpo alma. (p.XVIII)

O corpo era apenas matéria, indistinguível de um animal, máquina sem propósito e sem vida, mais completa certamente que os outros sistemas materiais, que não compreendia o mundo, pois este só poderia ser interpretado pelo raciocínio mental. Qualquer movimento do corpo estava relacionado à vontade de sua nobre e independente habitante, a alma.

O princípio da explicação mecanicista concebia o corpo como máquina, composto de peças separadas, que não pensava, deduzindo que toda espécie de pensamento no homem pertencia à alma. Embora existissem corpos inanimados, havia movimentos diversos que não dependiam do pensamento e, portanto, pertenciam apenas ao corpo.

Neste sentido, a alma era imortal e caso houvesse morte era porque alguma das principais partes da máquina do corpo se corrompeu. Guedes (1995) deixa claro em suas palavras:

O corpo atua contra a alma, mesmo encontrando-se em união com esta. Assim, o que na alma é uma paixão, no corpo é geralmente uma ação. Ao primeiro cabe aquilo que é sentido existir, nele mesmo e nos outros corpos, e ao segundo aquilo que não pertencia a nenhum corpo incluindo toda a espécie de pensamento, visto que o corpo não pensa. (p. 28)

Não é possível negar que a influência deste pensador trouxe à baila o homem (psíquico e fisiológico) explicado e estudado através da divisão de suas partes, anulando a interrelação entre elas, descomprometendo-se com a totalidade do homem.

Com esta consideração, cada área do saber passou a analisar separadamente o corpo através de sua perspectiva, impondo-a como verdadeira e absoluta, reforçando a existência do método analítico de raciocínio.

Capra (1982), criticando o pensamento racionalista, defende que:

...a excessiva ênfase dada ao método cartesiano levou à fragmentação característica do nosso pensamento em geral e das nossas disciplinas acadêmicas, e levou à atitude generalizada de reducionismo na ciência - a crença em que todos os aspectos dos fenômenos complexos podem ser compreendidos se reduzidos às suas partes constituintes. (p.55)

Como consequência, o mundo humano se desnuda, despindo o homem de sensibilidade e recobrando-o de racionalidade.

No mesmo Capra (1982), nas descrições sobre a "cientificidade" desta época, encontro afirmações do psiquiatra R.D. Laing que excluem algumas potencialidades humanas: *Perderam-se a visão, o som, o gosto, o tato, e o olfato, e com eles foram-se também a sensibilidade estética e ética, os valores, a qualidade, a forma; todos os sentimentos, motivos, intenções, a alma, a consciência, o espírito.* (p.51)

O corpo sensível, de calor e riso, passa a ser mecânico como máquina. O som das palavras é abafado pelo barulho das engrenagens, o viver sem tempo dá lugar ao tempo cronologicamente vivido.

O corpo, apêndice do homem, era compreendido através da psique e da alma, que proporcionava estágios de perfeição e sabedoria.

Metaforicamente, Assmann (1994) compara o corpo nesta fase como sendo "*aberto, disponível, devassado, invadido*", que estreitamente revela ser anatômico (visto pelas ciências médicas), imaginário (proposto pelos psicanalistas), corpo-máquina ou mesmo corpo-relógio.

Antes, acordava-se quando o sono acabava, comia-se quando se tinha fome; agora, o relógio determina a hora em que se deve levantar ou define, tendo ou não fome, o momento de comer, seguindo os horários impostos pela jornada de trabalho.

O período que se iniciou em meados do século XVIII foi marcado por transformações importantes e de implicações profundas no ritmo da vida econômica. A indústria progride, a técnica se aperfeiçoa e as novas ciências surgem em função do desenvolvimento científico.

Nesta época, considerada como o século das "Luzes" ou do "Iluminismo", pela liberdade às superstições e preconceitos da visão teológica, caracterizada pelo monopólio da razão na reorganização do mundo é que está alicerçado o pensar do alemão Immanuel Kant.

Goulemot (1991) afirma que: *O filósofo fundamenta a verdade de suas proposições na razão, na demonstração e na observação.* (p.397)

Contrário ao empirismo dos filósofos ingleses, que consideravam os sentidos como fonte de todo o conhecimento, Kant defendeu a teoria de que os sentidos apenas nos mostram a existência das coisas, sem explicar o por que dessa existência, sendo o por que fornecido pela consciência racional.

Kant partiu do princípio de que todo conhecimento humano se iniciava na experiência, fonte da matéria, para os conceitos da razão. Para ele, Deus era tão real quanto a própria realidade e o mundo não existia sem o homem da mesma forma que o homem não existia sem o mundo.

As afirmações de Aranha (1986), revelam que: *...a realidade não é um dado exterior ao qual o intelecto deve se conformar, mas, ao contrário, o mundo dos fenômenos só existe na medida em que "aparece" para nós e, portanto, de certa forma participamos da sua construção.* (p.178)

Estes dados alertaram, na época, para uma nova reflexão sobre o corpo, pois este deixava de ser uma estância inferior na hierarquia humana que, como máquina, reagia mecanicamente a forças internas e externas, ou mesmo um estorvo para o espírito, para se tornar, em contato com o mundo, um objeto participante, construtor de sua própria experiência de sensibilidade e conhecimento. (Gonçalves, 1994)

Para Kant *... o homem só pode aceder ao mundo segundo suas (do homem) próprias condições. (...) o mundo é condicionado pelo sujeito. (...) Não percebemos e entendemos o mundo como Deus, senão como homens.* (Fontanella, 1995, p.41)

Neste desenho histórico não é possível omitir um dos representantes do idealismo alemão pós-kantiano, Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Suas contribuições implicaram na busca da verdade absoluta com a ambição de unificar todo o conhecimento num grande sistema lógico e racional.

Para ele, explicar era dar a razão, ou seja, de cada afirmação ou dedução, existe necessariamente uma outra que vai se acumulando de modo que uma causa conduz a outra, que também exige explicação. (Penha, 1991)

A razão é dialética e pode ser vista por dois enfoques: o primeiro abstrato, que está fora da realidade, mais ligada à matemática; o segundo concreto, inserido na realidade propriamente dita.

Conhecido como o pensador que tentou reconciliar a filosofia com a realidade, estabelecendo um acordo entre ambas, Hegel advogava que a tarefa do homem estava interiormente ligada a si mesmo para assim poder considerar o conteúdo da experiência. Esta experiência seria coerente com a certeza que ele tem de si mesmo estando unido a ela. Isso levou-o a expor que o conteúdo problemático da experiência era levado para o plano do pensamento conceitual.

O conceito era a atividade do sujeito revelado na própria realidade. Esta realidade deveria ser vivida pelo sujeito, inserido nela, pois o mundo dos fatos não era racional, mas deveria ser transportado à razão. *A formação do conceito pede que se faça abstração da realidade, mas isso não torna o conceito mais pobre do que a realidade, e sim mais rico: a formação do conceito vai dos fatos ao conteúdo essencial deles.* (Hegel, 1988, p.XVI)

Destacou que a verdade estava no que fosse real e ... *rompeu com a questão do conhecimento contemplativo para uma questão prática, onde a ação é uma aventura do conhecimento.* (Guedes, 1995 p.40)

Sob o enfoque dessa autora, Hegel rejeitou a teleologia natural dilacerando conceitos da época, instituindo, a partir do processo unificado de matéria e espírito, o homem como integrante do mundo que construiu.

Hegel (1988) apontava a possibilidade da construção de um mundo concreto pelo homem, ... *objeto do conhecimento pode ser conhecido por nós e na medida em que foi produzido por nós mesmos (...) esse conhecimento é necessário e universal.* (p.X)

Contrário ao ceticismo de Kant com relação às formas de sensibilidade, Hengel entendeu que isto invalidaria sua defesa da razão contra os empiristas ingleses. Para ele, enquanto as coisas-em-si estivessem longe do alcance da razão, elas continuariam a ser apenas um princípio subjetivo, isento de poder sobre a estrutura objetiva da realidade.

O mundo ficaria separado em duas metades: a subjetividade e a objetividade, o pensamento e a existência. A vida, para Hegel, não era interior, subjetiva, fechada, mas uma vida que se contrapunha entre a vida substancial e a subjetividade do ser.

A humanização do homem, através da cooperação entre corpo e espírito, poderia ser obtida através do trabalho, uma vez que o homem não trabalhava exclusivamente para si, mas também para as necessidades dos outros, transmitindo os frutos para as gerações seguintes.

Acena-se, a partir deste pensamento, que o homem é um ser carente e necessita das outras pessoas numa relação de convivência; o homem não vive só.

O corpo, neste contexto, não espelhava concreticidade. Embora Hegel tenha aberto caminhos para se pensar o homem como um ser real, vivendo em um mundo concreto, a associação ao momento histórico ditado pelo espírito ainda existia.

Arrematando o ideário filosófico sobre o corpo, chego à modernidade, marcada, entre outras, pela passagem do sagrado ao profano, da religião à ciência e pela tentativa da estabilização concreta do corpo.

Subsistia, até então, a "idéia de corpo". Corpo objetivo, fragmentado e submisso a instâncias mais nobres como a mente e o espírito.

A existência do corpo não vingava enquanto corpo existencial!

A superação da "idéia" de corpo não poderia estar simplesmente atrelada à garantia de que, somando-se as partes divididas chegar-se-ia ao todo; mas sim, através do entendimento da complexa e significativa essencialidade humana.

O corpo enclausurado na contemplação do universo, nos dogmas religiosos e nas abordagens mecanicistas, com dificuldade se despede, para ser livre, unificado e estar presente em sua existencialidade.

A concretude da existência, a percepção e o contato com o mundo representados no corpo, dificultavam esta despedida por significar ameaça ao domínio de outros, uma vez que manifesta na vida desejos, necessidades, lutas e realizações. Soma-se a isso a descoberta da teoria quântica que dá ao contexto universal o alerta de que o mundo não pode ser analisado a partir apenas de elementos independentes e isolados, superando a restrita concepção de causa e efeito.

Estruturando de forma competente estas idéias, Maurice Merleau-Ponty, a partir de estudos filosóficos, radicalizou a existência do corpo concreto, coextensivo à vida. Corpo composto de carne e osso, mas envolto de sentimentos transcendentais e necessários para a existencialidade.

Sua filosofia se caracterizou pela crítica radical ao humanismo, compreendido como o subjetivismo filosófico e o objetivismo científico.

O sujeito cognoscente se apropria da realidade exterior e heterogênea a ele, constituindo representações que ao longo do tempo vão se tornando cada vez menos reais. Em contrapartida, a objetividade da ciência tentava despertar no sujeito uma realidade cada vez mais fugaz, transformando-o num mero *epifenômeno* de acontecimentos físico-fisiológicos passíveis de observação e objetividade. (Merleau-Ponty, 1989)

O mesmo autor coloca: ... *subjetivismo e objetivismo, idealismo e empirismo, metafísica e positivismo são dicotomias que possuem a mesma fonte: a separação sujeito-objeto* (p.X)

O corpo se complementa no vidente e no visível, no tatear e no tateado, entre a mão e a mão, ocorrendo o recruzamento, estabelecendo trocas, tomando-o enigmático.

Ele não colocava o filósofo como um ser inatingível, de saber absoluto, mas um ser envolvido com as coisas dos homens e de suas relações.

O ser-no-mundo tem as experiências presentes em sua história de vida imbricadas na intersubjetividade com o mundo e com as coisas. *O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo: eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.*(Merleau-Ponty, 1994, p.14)

O âmago dos pensamentos de Merleau-Ponty está em compreender integralmente a realidade humana onde ... *o poder constituinte da consciência é minimizado, adquirindo a relação corpo-mundo sensível o estatuto ontológico de doadora de significados.* (Gonçalves, 1994 p.66)

A trajetória "merleau-pontyana" navegou pelos ensaios das ciências humanas, pelas relações entre a filosofia existencialista, o hegelianismo e o marxismo, desconsiderando a separação do corpo. O corpo objeto é o mesmo que é sujeito porque ...*meu corpo está no número das coisas, e uma delas está preso no tecido do mundo e a sua coesão é a de uma coisa. (...) o mundo é feito do mesmo estofado que o corpo.* (Merleau-Ponty, 1989, p.XII)

O corpo não é a junção de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito comandada pelo espírito, ou mesmo um psiquismo unido a um organismo, isolado do resto do mundo; ele é uma casa, morada, localizada em um quarteirão infinito, construída com partes interligadas com substâncias vitais, habitada de sentidos e segredos, envolta de janelas perceptivas e circunvizinhada de outras casas com as quais mantem uma relação de dependência e ao mesmo tempo de individualidade. *Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo.* (Merleau-Ponty, 1994, p.114)

Este filósofo critica a objetividade da ciência clássica, caracterizada pela cisão do corpo/objeto e corpo/espírito, defendendo que no mundo vivido da unidade corporal, repleto de experiências, projetos e valores, é possível atingir o corpo sujeito/corpo próprio. Suas palavras fundamentam esta afirmação:

... como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto. o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido. (Merleau-Ponty, 1994, p.110)

Moreira (1994), adepto dos pensamentos deste filósofo, entende que corpo-sujeito: *... exige uma ação científica e educacional estruturada no pensamento dialético, na ciência humana, na produção de possibilidade de especializações. (p.57)*

Merleau-Ponty mergulhou com radicalidade no mundo das percepções, justificando que elas são individuais, presentes em cada um de nós. Esta percepção, própria do homem, faz com que ele se reconheça no mundo. Em relação a isso ele relata:

Percepções novas substituem as percepções antigas, e mesmo emoções novas substituem as de outrora, mas essa renovação só diz respeito ao conteúdo de nossa experiência e não à sua estrutura: o tempo impessoal continua a se escoar, mas o tempo pessoal está preso. (1994, p.123)

O homem e suas potencialidades foram alvo de reflexão de vários pensadores e falar de homem é falar de corpo. Assim, o corpo deve engendrar vida, experienciando, vivenciando, saboreando e ao mesmo tempo sendo saboreado e, na perspectiva humana, caminha em direção ao mundo, porque sem esta ligação ele inexistente e morre.

... pois se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos tem várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio de meu corpo. (Merleau-Ponty, 1994, p.122)

Este contraste histórico que passa pela concepção mecanicista cartesiana do universo visto como máquina e que se direciona a uma abordagem holística, orgânica, ecológica ou sistêmica, baseada no conceito que o todo é dinâmico, indivisível, tendo suas partes essencialmente inter-relacionadas, é que deu o pano de fundo à reflexão filosófica. Reflexão esta

que, conflitantemente, ao longo de diferentes épocas, gestou perguntas e respostas relativas ao corpo.

CAPITULO II

VISÃO ANTROPOLÓGICA - O MUNDO DOS SIGNIFICADOS

O homem é um ser social! O homem é, também, um ser cultural!

Estas afirmações são antigas e aparecem em diferentes partes do mundo, analisadas e discutidas por diferentes autores, intuindo refletir a existência do homem dentro de sua sociedade ou de sua cultura. Estes termos não são opostos, mas complementares e interligados; porém, apresentam características diferenciadas.

Da Matta (1981) exemplifica esta diversidade dizendo ser possível ver uma sociedade de formigas em exercício. Porém, estas não produzem arte que as diferencie de outros formigueiros. Sendo assim, mesmo que elas possam modificar o ambiente, no caso de ser uma praga, esta alteração sempre ocorre do mesmo modo e com uso das mesmas matérias químicas, tratando-se da mesma espécie de formigas.

Assim, uma primeira conclusão aparece: embora entre as formigas (e outros animais sociais) exista um grupo atuando coletivamente formando uma sociedade, a produção de cultura neste grupo inexistente. Não há cultura porque não existe uma tradição viva, elaborada com consciência, que passa de geração para geração, permitindo individualizar ou tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras (constituídas de pessoas da mesma espécie).

O homem, como integrante da sociedade, molda-se ao universo social, criando símbolos, criando cultura. *A cultura constitui a lente específica por meio da qual o Homem enxerga o mundo.* (Rodrigues, 1986, p. 90) O corpo, representante da existência humana, neste contexto,

aparece afetado por símbolos, símbolos estes reproduzidos na religião, na profissão, na família e nos sentimentos; o homem não subsiste sem corpo, o homem não subsiste sem símbolos.

Neste sentido, em função da amplitude do assunto, este capítulo está mais extenso, porque nele se pode identificar o dia a dia dos corpos, que está além do simples discurso sobre o corpo.

A meta deste momento é focar o corpo na perspectiva de seus comportamentos e da sua atuação específica nos grupos, seguindo as pistas deixadas por Mauss in Daólio (1995), não devendo dar ao corpo enfoques considerados mais abstratos, como sociedades, idéias ou regras sociais, mas que, na existência de qualquer membro de uma sociedade, podem-se encontrar ... *as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica. Essa tríplice abordagem constitui uma unidade, quando encarnada na experiência de qualquer indivíduo membro de determinada sociedade.* (p.25)

No entanto, antes de discutir a visão antropológica do corpo, é necessário rever a estruturação da antropologia como ciência, principalmente por se tratar de algo mais recente.

Influenciada pelo avanço e aparecimento da maioria das ciências baseadas no paradigma newtoniano-cartesiano, a antropologia se firma, no século XIX, como a ciência advinda do referencial teórico proposto pelas ciências naturais (Daólio, 1995). Antes, ela estava muito ligada à concepção evolucionista, que considerava o homem um ser da natureza e para entendê-lo bastava analisar a gênese humana.

Neste sentido, caso a origem do homem fosse encontrada, o seu desenvolvimento desigual, as diferenças existentes entre os vários tipos humanos seriam compreendidas. Assim, nos dizeres do mesmo Daólio (1995): ... *o que se buscava era o homem biologicamente pronto, sem as influências do meio ambiente e das dimensões socioculturais responsáveis pela diferenciação futura.* (p.32)

Inicialmente, a antropologia foi considerada etnocêntrica, marcada pela crença, vendo o mundo pelos seus próprios olhos. Embora os estudiosos reconhecessem as diferenças entre os humanos, estas eram negadas.

Essas considerações foram questionadas nas décadas seguintes e a vertente que considerava a antropologia como ciência natural foi alterada para compor uma ciência social, a partir dos estudos avançados sobre arqueologia, que contribuíram para refutar as idéias de linearidade e seqüenciação no desenvolvimento humano. (Daólio, 1995)

Assim, o campo da antropologia vai se firmando essencialmente pelo estudo da organização familiar, das crenças religiosas, dos símbolos, dos interesses, da cultura. (Kofes, 1989)

Laplantine (1991), estudando a antropologia como ciência, diz que esta só se estabelece desde que considere as múltiplas dimensões do ser humano em sociedade. A natureza deixa de ser objeto de conhecimento e o homem é enfatizado. O homem passa de *sujeito do conhecimento ao de objeto da ciência*. (p.14)

Com base nestes dados, o mesmo autor, em seu livro *Aprender Antropologia*, expõe cinco áreas principais:

1- Antropologia Biológica (antigamente chamada de antropologia física) - consiste no estudo das variações dos caracteres biológicos do homem no espaço e no tempo, reportando-se às questões do inato e do adquirido, onde os aspectos culturais são considerados na análise feita pelo antropólogo biologista, a respeito do crescimento e da maturação do indivíduo.

2- Antropologia Pré-histórica - estuda o homem através dos vestígios materiais enterrados no solo (ossadas ou qualquer marca da atividade humana), visando reconstituir as sociedades desaparecidas, tanto em suas técnicas e organizações sociais, quanto em suas produções culturais e artísticas.

3- Antropologia lingüística - o patrimônio cultural estabelecido pelos valores, preocupações, pensamentos e expressões, a partir da linguagem dos indivíduos, é que compõe uma sociedade.

4- Antropologia psicológica - consiste no estudo dos processos e funcionamento do psiquismo humano. Neste caso, o antropólogo estabelece confronto não com o conjunto social, mas com os indivíduos; em outras palavras, os comportamentos conscientes e inconscientes dos seres humanos revelam esta totalidade, sem a qual não é antropologia.

5- Antropologia social e cultural (ou etnologia) - é a mais abrangente e se refere a tudo o que constitui uma sociedade, os modos de produção econômica, as suas técnicas, a organização política e jurídica, os sistemas de parentesco, os sistemas de conhecimento, as crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas. *Ela é o estudo de todas as sociedades humanas. (...) ou seja, das culturas da humanidade como um todo em suas diversidades históricas e geográficas.* (Laplantine, 1991, p.20)

Neste sentido, o foco desta ciência se amplia para o cotidiano, para as pessoas que constituem o meio, para seus valores, bem como a todos os outros grupos que rodeiam a sociedade, priorizando o homem como centro da atenção.

O mesmo Laplantine (1991) afirma que se ficarmos ... *presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa.* (p.21)

Vale ressaltar que a exposição sobre corpo, ao longo deste capítulo, basear-se-á no referencial teórico proposto pela antropologia cultural, estabelecido no início deste século. Mesmo porque os próprios antropólogos reconhecem que não há como dominar todos os campos abertos pela antropologia.

Completando estas considerações, Lévi-Strauss, citado por Laplantine (1991), coloca que a antropologia, enquanto método, tem três momentos: a etnografia, a etnologia e a antropologia.

A etnografia é a coleta direta, e o mais minuciosa possível, dos fenômenos que observamos, por uma impregnação duradoura e contínua e um processo que se realiza por aproximações sucessivas. Esses fenômenos podem ser recolhidos tomando-se notas, mas também por gravação sonora, fotográfica ou cinematográfica. A etnologia consiste em um primeiro nível de abstração: analisando os materiais colhidos, fazer aparecer a lógica específica da sociedade que estuda. A antropologia, finalmente, consiste em um segundo nível de inteligibilidade: construir modelos que permitam comparar as sociedades entre si. (p.25)

Reforçando estas afirmações, Geertz (1989) expõe que em antropologia social, a etnografia é a mais praticada, na medida que estabelece relações, seleciona informantes, transcreve textos, levanta genealogias ou mapeia campos. Assim, estes termos podem ser associados à composição da cultura que não deve ser confundida com poder, ... *algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade.* (p.24)

A antropologia social deixa de ter apenas como estudo os grupos primitivos e se volta, como afirma Brandão (1991), para a mulher, para a criança, para as relações, para os grupos tradicionais e também ao homem comum em seu cotidiano, todos esses refletem os sujeitos cuja vida ou cujo modo é o interesse da antropologia.

Com esta nova abordagem na antropologia, a distância entre o antropólogo e o homem que vive em sociedade diminui e a concepção desta ciência se altera como revela o mesmo Geertz (1989): *...se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar,*

não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela: você deve ver o que os praticantes da ciência fazem. (p.15)

Firma-se uma reciprocidade inseparável, no homem, entre a dimensão biológica e a dimensão sócio-cultural, o que afirma que não existe natureza humana sem cultura e vice-versa (Daólio, 1995).

Atualmente o campo da antropologia é muito amplo, podendo até, em alguns estudos, ser confundido com outros campos de conhecimento. Mesmo porque alguns autores como Lucy Marir, citada por Brandão (1991), entende que a antropologia social é um ramo da sociologia, sendo as outras ciências sociais seus vizinhos mais próximos. Enquanto a sociologia estuda a sociedade, a antropologia aparece como um ramo desta ciência.

A influência da cultura no homem é abrangente devido às diferentes interferências sofridas por ele ao longo de sua existência. A formação cultural do homem está carregada de símbolos, conotando a idéia de "capas", como um objeto que recobre, que protege, quer de forma doméstica, quer de forma social.

...o homem é um composto de "níveis", cada um deles superposto aos inferiores e reforçando os que estão acima dele. À medida que se analisa o homem, retira-se camada após camada, sendo cada uma dessas camadas completa e irreduzível em si mesma, e revelando uma outra espécie de camada muito diferente embaixo dela. Retiram-se as variadas formas de cultura e se encontram as regularidades estruturais e funcionais da organização social. Descascam-se estas, por sua vez, e se encontram debaixo os fatores psicológicos - "as necessidades básicas" ou o-que-tem-você- que as suportam e as tornam possíveis. Retiram-se os fatores psicológicos e surgem então os fundamentos biológicos - anatômicos, fisiológicos, neurológicos- de todo o edifício da vida humana. (Geertz, 1989, p.49)

Embora esquematicamente os seres humanos sejam biologicamente da mesma forma, compondo um conjunto de sistemas orgânicos, com o mesmo número de células, os mesmos ossos, órgãos, sangue, músculos, nervos, tecidos, a capacidade de estampar costumes, línguas e conhecimentos é construída culturalmente, e que *...os seres humanos têm em comum é a sua capacidade para se diferenciar uns dos outros. (...) pois se há algo natural nessa espécie particular que é a espécie humana, é sua aptidão à variação cultural. (Laplantine, 1991, p.22)*

Da Matta (1986) reforça este aspecto dizendo que: *Em todo planeta os homens têm o mesmo corpo, mas em toda a parte eles o representam, usam, concebem, controlam, enterram, torturam e tiram dele prazer de modo diferenciado.* (p.76).

Mas, por que o homem precisa destas "capas"? Por que entre outras espécies de seres vivos não existe cultura?

Para responder a estas indagações é necessário estabelecer algumas características entre o homem e os outros seres vivos, características estas que já foram discutidas por diferentes autores.

Ao longo da sua existência, o homem quer saber cada vez mais, pois sabe pouco. Buscar conhecimentos tem sido significativo, pois, desde o nascimento, sobreviver para o homem é complicado. Nesta perspectiva, a dependência do homem é evidente, reflexo de seus limites físicos e de sua carência.

Já para outros seres vivos, como os animais, este quadro é diferente. Eles recolhem da própria natureza meios de subsistência. Os animais possuem um referencial genético pré-determinado, ou seja, apresentam ações "adultas", previsíveis e organizadas que lhes garantem a sobrevivência.

O que a natureza oferece ao homem não é suficiente para que ele sobreviva.

O homem, diante desta limitação natural, desenvolve mecanismos de adaptação, caracterizando-se como humano. Conseqüentemente apresenta uma totalidade centrada na motricidade diferenciada (além de ser bípede, tem os membros superiores liberados), na afetividade e na inteligência. A partir da inteligência, cria a sua cultura, adquirindo a bagagem necessária em termos de conceitos, valores, crenças e comportamentos que objetivamente garantirão sua subsistência na sociedade.

Para melhor esclarecer, Geertz (1989) conclui que a cultura e o papel dela na vida humana podem ter duas idéias: a primeira é de que a cultura não forma *complexos de padrões concretos de comportamento*, reunidos por costumes, usos, tradições mas forma *um conjunto de mecanismos de controle*, expostos nos planos, receitas, regras, instruções para dirigir o comportamento. A segunda é que o homem é o animal altamente dependente *desses mecanismos de controle* na determinação do seu comportamento.

Os animais, que opostamente ao homem, no princípio, apresentam um conhecimento previsível ficam atônitos frente, por exemplo, à arma de fogo empunhada pelo

homem. Vale ressaltar que biologicamente o homem e os animais são considerados iguais, pois ambos querem garantir a sobrevivência, porém para o homem, compreender a complexidade de sua existência o faz diferente dos animais.

O desenvolvimento técnico, a invenção dos instrumentos, o controle do fogo, a caça revelam a separação entre primitivos e a natureza, colocando o homem numa posição de domínio e controle sobre o meio ambiente.

Piaget (1987), referindo-se ao homem e suas estruturas cognitivas, diz que elas não são inatas, ou seja, é inexistente um núcleo fixo determinado geneticamente. Ele descarta a hipótese que acredita nas ocorrências do ser humano com previsões determinadas, definidas em como vão acontecer, não admitindo como verdade as construções do conhecimento ocorridas por programações hereditárias.

Também rejeita a hipótese de que a aprendizagem ocorre por estímulos externos dados por alguém, e, conseqüentemente, para se concretizar, apresentam uma única resposta para todos.

Em contrapartida, ele admite que só o funcionamento da inteligência é hereditário, ou seja, existem coisas já conhecidas garantidas pelo funcionamento dos mecanismos nervosos e reconhece que o meio ambiente oferece estímulos que são estruturados passo a passo pelo indivíduo por meio de esquemas, possibilitando a construção de novos conhecimentos, não com uma previsão genética, mas sim pela condição que a inteligência tem de exercer combinações para atender aos estímulos que cercam a existência humana.

A construção destes esquemas de ação se dão pela cultura, a qual apresenta uma plasticidade indescritível teoricamente. À medida que estes esquemas vão sendo vivenciados na existencialidade humana, vão aumentando em complexidade.

Contribuindo com este pensamento, Geertz (1989) complementa dizendo que o homem, para encontrar apoio no mundo, cria símbolos que existem na medida em que impõem um significado à sua existência, representados por palavras, gestos, desenhos, sons musicais, objetos e outros.

Sendo assim, o mesmo autor diz:

Não dirigido por padrões culturais - sistemas organizados de símbolos significantes- o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela - a principal base de sua especificidade. (p. 58)

Pedagogicamente as possibilidades estão abertas a todos, sendo que a experiência, aliada aos esquemas de ação, oferece esta variedade, o que elimina a hipótese de que só se dá bem em certas situações quem nasceu com "dom" para uma determinada ação. Na verdade o homem herda a capacidade de ajustes, o que significa dizer que o meio vai qualificando ou rejeitando as possibilidades que o homem apresenta.

Esquemáticamente comparo esta visão com a construção de um edifício com inúmeros andares, onde o alicerce serve de sustentação para a construção dos outros andares que, interligados entre si, comportam um variado número de diferentes compartimentos que, ao serem colocados em contato com o meio externo, são decorados culturalmente.

O edifício possui verticalmente um eixo central e ligadas a ele existem várias janelas que refletem para fora múltiplas facetas, possibilitando ao vidente a construção de diferentes visões.

Assim, é impossível entender o homem somente como biológico; ele também é cultural:

...a estrutura biológica do homem lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir, pensar e a cultura lhe forneceria o rosto de suas visões, os cheiros agradáveis ou desagradáveis, os sentimentos alegres ou tristes, os conteúdos do pensamento. (...) todos os seres humanos têm a capacidade biológica de sentir dor, mas o limite a partir do qual o indivíduo reclamará e passará a gemer é extremamente variável de cultura para cultura. (Rodrigues apud Daólio 1995, p. 35)

A sociedade tenta objetivamente uniformizar o homem. Este, no entanto, se expressa de diferentes formas em cada cultura, pois sua ação está ligada à sua humanidade. O corpo, neste contexto, mesmo apresentando características físicas semelhantes, em várias situações deixa de ser pensado exclusivamente como biológico e passa a ser personagem de uma história cultural. Assim, culturalmente, o corpo vai fazendo parte da evolução humana, além disto existe *...um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas.* (Daólio, 1995, p.37)

Rodrigues (1986) salienta ainda mais a inserção da cultura na sociedade dizendo:

Cada cultura "modela" ou "fabrica" à sua maneira um corpo humano. Toda sociedade se preocupa em imprimir no corpo, fisicamente, determinadas transformações, mediante as quais o cultural se inscreve e grava sobre o biológico: arranhando, rasgando perfurando, queimando a pele. Apõem-se nos corpos cicatrizes-signos, que são formas artísticas ou indicadores rituais de posição social: mutilações do pavilhão auricular, corte ou distensão do lóbulo. (...) atrofiamento dos membros, musculação, obesidade ou magreza obrigatória, bronzamento ou clareamento da pele, barbeamentos, cortes de cabelo, penteados, pinturas, tatuagens...práticas que se explicam por razões sempre sociais, de ordem ritual ou estética. (p.91)

Dentre os teóricos que escreveram sobre antropologia, o sociólogo Marcel Mauss foi o primeiro a incluir o corpo no bojo de seus estudos, considerando os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, as quais são transmitidas por intermédio das gerações, recheadas de significados específicos. Ele também entende que, dependendo do modo como o corpo é usado, pode influenciar a sua estrutura fisiológica.

Mauss defende o fenômeno social total, incluindo que diferentes aspectos como o biológico, o econômico, o histórico formam toda a dimensão social, *... isto é, de fora como uma "coisa", mas também de dentro como uma realidade vivida.* (Laplantine, 1991, p.91)

Mauss (1974) faz uma análise em relação ao corpo digna de nota:

Quer estudemos fatos especiais ou fatos gerais, no fundo é sempre com o homem completo que temos de lidar (...) ritmos e símbolos colocam em jogo não simplesmente as faculdades estéticas ou imaginativas do homem, mas todo o seu corpo e toda a sua alma de uma só vez. (p.199)

A posição de cócoras, por exemplo, é uma característica indígena. Utilizar a técnica do parto de cócoras para as indígenas não é problema. No entanto, caso alguma outra gestante queira se utilizar desta técnica, será obrigada a recorrer aos aparelhos industrializados, pois esta posição não faz parte de seu cotidiano, de sua cultura.

Cada sociedade elege um certo número de atributos que configuram o que e como o homem deve ser, tanto do ponto de vista intelectual ou moral quanto do ponto de vista físico. (Daólio, 1995, p.38)

O corpo, como elo de ligação entre o indivíduo e o ambiente, impregna-se de regras, normas, costumes e valores sociais. Isto se afirma na medida em que, na maioria das vezes, posso identificar a origem de um indivíduo observando sua forma de falar, gesticular, andar, enfim, de mostrar sua "postura corporal".

Como comentário, utilizo a citação de Geertz (1989) que menciona o corpo dentro do ambiente social: *Entre o que o nosso corpo nos diz e o que devemos saber a fim de funcionar, há um vácuo que nós mesmos devemos preencher, e nós o preenchemos com a informação (ou desinformação) fornecida pela nossa cultura. (p.62)*

Se, por exemplo, um corpo não tem culturalmente a tradição de dançar, por falta de hábito ou, talvez, por padrões religiosos que não permitem este gesto, é nítida a "expressão corporal". Este corpo é "duro", sem molejo, rígido, preocupado com o que ocorre ao redor. Comparando esta mesma situação com alguém que tem enraizado esta experiência com a dança, o corpo é mais solto, mais leve.

No entanto, se esse corpo rígido vivenciar sucessivamente estas experiências, ele, num segundo momento "incorpora" o gesto, se apropria dele e até... sorri. Este exemplo expõe que, a partir do momento que o corpo experencia diferentes situações, tem condições de adaptar-se a elas, compondo um repertório cultural por meio do corpo.

Como se vê, o corpo se constrói culturalmente, recebendo influências nos diferentes períodos existentes ao longo da história.

Diante do exposto pergunto: Quais símbolos foram sendo criados para o corpo ao longo da história?

Para responder esta pergunta, utilizarei principalmente a coleção História da Vida Privada, dirigida por Philippe Ariés e Georges Duby, considerando as interferências ocorridas ao longo da história com o personagem corpo, que se envolve em cada período formando uma grande teia, descaracterizando uma visão linear de começo, meio e fim.

Início a construção desta teia a partir de Roma que, ao longo dos anos, tornou-se um império, dominando boa parte do mundo. Roma também caracterizou-se por difundir a cultura greco-romana através de suas obras, construções, literatura, arte; fruto das heranças culturais gregas.

Desde o início, Roma envolveu-se em guerras internas e externas e, nesta fase inicial, as guerras contra tribos germânicas não foram bem sucedidas, obrigando imperadores a delimitar o Império. Paralelamente, a religião cristã já se expandia, mesmo enfrentando fortes perseguições.

Assim, cada ponto da história de Roma foi marcada por mudanças profundas, em relação ao ritmo de vida, à moralidade, à sexualidade, bem como às pessoas que habitavam as cidades.

Os romanos governantes, à medida que efetuavam novas conquistas, construíam colônias com majestosos edifícios, banhos públicos, organizavam representações teatrais, corridas de carros no Circo ou combates de gladiadores na arena do Coliseu, objetivando "agradar o povo", do qual cobravam altos impostos.

Os "negócios" em Roma, via elite governante, estavam carregados de ilegalidade. Preocupados em lucrar, enriquecendo na maioria das vezes por intermédio dos cofres públicos, ofereciam ao povo "divertimentos", cujos gastos eram recuperados posteriormente no comando de uma província.

A elite da classe governante, hierarquicamente, era privilegiada e ao mesmo tempo ociosa, sendo que os que não faziam parte desta elite, como os artesãos, os operários e os escravos eram considerados seres inferiores, mesmo porque trabalhavam.

Principalmente os filósofos reforçavam a idéia de que a vida do homem só poderia ter qualidade se fosse ociosa. Com este referencial, o corpo trabalhador era desdenhado porque não era nobre, não possuía terras e não "pensava". *A perfeição do cidadão não qualifica o homem livre, mas só aquele que é isento das tarefas necessárias das quais se incumbem servos, artesãos e operários não especializados.* (Veyne, 1991, p.125)

Percebe-se, muito mais cedo, que os mais ricos e os "chefes de família" exerciam maior poder. Também vale destacar que, como para Roma conquistar terras era lei, o padrão de corpo da sociedade, principalmente dos soldados, deveria vir representado pelo homem com disciplina, portador de um físico atlético e forte dotado de rapidez e coragem para enfrentar o inimigo. Tanto é assim que fazia parte de sua formação a prática do esporte, mais especificamente a ginástica e a música.

A família romana priorizava o sexo masculino e o recém-nascido deveria ser reconhecido publicamente pelo pai, detentor do poder, pois caso contrário, poderia ser morto ou vendido como escravo.

As meninas, bem como aqueles que apresentavam algum tipo de deficiência, não tinham para os romanos o mesmo valor.

Muraro (1992), considerando a mulher na família romana, coloca um dado interessante. As filhas, ao nascerem, recebiam o nome feminino do pai, ou seja, caso o pai se chamasse Júlio, a filha chamar-se-ia Júlia. Caso houvesse mais de uma filha o nome era mantido, acrescido ou do complemento mais "nova", mais "velha" ou "primeira" e "segunda".

Esta falta de identidade, exclusiva das mulheres, ocorria porque eram consideradas parcelas anônimas e sem importância para a família.

O reconhecimento público era necessário porque a possibilidade de assumir filhos oriundos de relacionamentos com servas ou amantes era recriminado, correndo-se o risco de perder o respeito público.

O papel central da família romana estava no homem, representado pelo "pai de família", que perdia este título somente com a morte. Tanto que, independente da idade, de ser casado ou não, o filho permanecia sob a autoridade paterna, inclusive com a possibilidade de ser deserdado.

...psicologicamente a situação de um adulto com pai vivo é insuportável. Ele não pode fazer um gesto sem o pai: concluir um contrato, libertar um escravo, elaborar seu testamento. Tudo que possui, a título precário, é seu pecúlio, exatamente como um escravo. (Veyne, 1991, p.41)

Como resultado, os filhos necessitavam de ser preparados desde o nascimento, principalmente os nascidos em família rica, para assumir tarefas a eles atribuídas. Esta preparação ficava a cargo de um "nutridor", uma espécie de pedagogo, responsável pela "boa educação". Cabe mencionar que, diferente de outras épocas, não se valorizava explicitamente a primogenitura, até porque o costume ensinava aos mais novos o respeito à autoridade dos mais velhos.

Através de registros da época, vê-se uma certa distância entre os corpos familiares; prova disto eram os atos de carinho e amor reservados à criadagem.

A valorização do corpo estava associada ao poder financeiro e a sabedoria era privilégio dos mais ricos. Apenas em algumas cidades havia professores que ministravam ensinamentos tanto a meninos como a meninas, porém, somente até doze anos.

Esta idade era um marco, pois a partir daí, tanto o corpo/homem como o corpo/mulher assumiam objetivos diferenciados. O corpo/homem, principalmente dos mais ricos, após o amadurecimento sexual entre os doze e quatorze anos, vestia-se de "homem" e galgava destinadamente uma carreira pública ou o exército.

Já o corpo/mulher era associado à reprodução, tendo como destino o casamento, sendo considerado, a partir dos quatorze anos em "idade núbil". Um filósofo da época escreveu que às mulheres não restava outra opção a não ser, passivamente, preparar-se para o casamento, pudicas e reservadas, sendo a virgindade altamente apreciada, tanto que maridos e pais poderiam matar as filhas e mulheres não castas. (Muraro, 1992)

O casamento romano era um "dever cívico" que um homem deveria cumprir, sendo a esposa considerada um ser periférico tão importante como qualquer outro objeto da casa, pois não contribuía em nada. Posteriormente, alguns passaram a considerar a esposa como companheira, desde que seus interesses fossem mantidos. Tácito, um senador da época, citado por Veyne (1991), admite mesmo contra a tradição republicana que:

...uma mulher pode acompanhar o marido quando este parte para governar uma provincia. embora se trate de uma função quase militar e o sexo feminino esteja banido da caserna: uma esposa está ali para o alívio moral do marido. e sua presença, longe de enfraquecer. reconfortará o guerreiro. (p.54)

Um dado interessante que acabou perdurando ao longo dos anos na constituição familiar, é o número de três filhos como ideal. A lei romana protegia a mãe com este número de filhos, dando-lhe liberdade da guarda do pai e do marido, considerando que ela tinha cumprido o seu papel social.

Perto do século II de nossa era, diferindo da moral vigente até então e fortalecido por leis médicas, também o homem deveria permanecer virgem até o casamento, cabendo ao pai a responsabilidade de cumprir esta missão.

Assim, a partir de então, os jovens púberes passaram a se casar o mais cedo possível, principalmente para que as *tensões venéreas* fossem controladas.

Este ponto é interessante porque, de um lado, o sexo não era considerado pecado, mas prazer, e de outro, tornava-se perigoso, devendo higienicamente, para preservar a saúde, ser evitado. Conceitualmente afirmava-se que os homens que amassem muito a mulher ou praticassem muito sexo possuíam traços efeminados. O temor centrava-se na possibilidade de o homem ficar dependente da mulher pela paixão, mergulhando em dolorosa escravidão e “perder a cabeça” e, conseqüentemente, ser desprezado pelos amigos. Assim, as mulheres eram consideradas perigosas e responsáveis por todas as falhas e males humanos.

Ao mesmo tempo, a pederastia era considerada um “mal menor”, sendo que muitos homens tinham “prazer epidérmico” com outros homens e principalmente com meninos.

Para amenizar a energia sexual, os médicos recomendavam a prática da ginástica ou estudos filosóficos. Esta recomendação me leva a pensar que a área da Educação Física recebe algumas incumbências que a descaracterizam e acalmar a volúpia sexual é mais uma delas.

Diante deste panorama, o corpo, ou como diziam, a carne, era averso aos padrões morais vigentes. Neste contexto, é impossível omitir a influência de alguns seguidores da religião cristã que abominavam as manifestações corporais relativas à sexualidade, principalmente aquelas praticadas pela aristocracia em relação a banhos públicos, a atos profanos e às vestimentas.

Para complementar esta situação, surgiu o paradigma monástico que priorizava a abstinência sexual como forma de alcançar o Paraíso. Assim, as figuras de Adão e Eva, a partir do momento que caíram na tentação da carne, perderam o Paraíso.

Os princípios impostos por este paradigma comparam a carne a uma erva que se enraíza por onde passa. Em suas escrituras, os monges registraram que a mulher é uma das principais personagens da subversão carnal.

...os homens e as mulheres, enquanto seres irremediavelmente sexuados, são sempre suscetíveis de combustão instantânea! Espera-se do bom monge que cuidadosamente envolva a própria mãe em seu manto antes de tomá-la nos braços para atravessar um riacho: "pois o contato da carne de uma mulher é como o fogo". (Brown, 1991, p.286)

Por outro lado, os prazeres conjugais noturnos eram permitidos, constituindo um dever. O hábito noturno garantiria a escuridão e, conseqüentemente, o esconderijo do corpo, sendo as relações diurnas consideradas descarada libertinagem. É preciso acrescentar que a concupiscência da carne deveria ser evitada, permitindo apenas os contatos físicos que levariam à concepção, dentro das normas do decoro compreendidas desde atos preliminares orais até a adoção de posições inadequadas.

Mesmo que as relações sexuais no casamento fossem consentidas, a abstinência no período menstrual, na gravidez e nas festas da Igreja deveria ser mantida. O período menstrual, principalmente para as mais jovens, era considerado maculado e relacionado ao pecado.

Além disso, a mulher deveria manter suas vestes, pois caso contrário seria considerada prostituta. *Um homem honesto só teria oportunidade de vislumbrar a nudez da amada se a lua passasse na hora certa pela janela aberta. (Veyne, 1991, p.197)*

No século V começou o período de decadência de Roma, em função de invasões de tribos "bárbaras" (germanos e eslavos), do descontentamento do povo pelos altos impostos cobrados, coadjuvado pela desonestidade e ineficiência dos funcionários do governo, além do declínio da agricultura e do comércio em parte causado pela pouca vontade de trabalhar e ainda pela influência do cristianismo, contrário às orgias e excentricidades romanas.

Assinala-se aqui o início da Idade Média, caracterizada por uma mudança da cidade para o campo. Pois se antes o contato entre as pessoas, bem como a vida, se estabelecia nas ruas e nas construções urbanas, agora vai se instalar nas casas e cabanas construídas no campo.

Mesmo com o poder garantido, as tribos germânicas foram influenciadas pelas características do Império Romano. O consumo de vinho, por exemplo, como forma de recepcionar os hóspedes, principalmente entre os aristocratas, foi mantido. A diferença é que em dias de comilança e bebedeira os escravos podiam participar.

Nesta época, a influência do cristianismo como doutrina se fortificou, principalmente no início do reinado de Carlos Magno, responsável pela formação do Santo Império. A proliferação das comunidades monásticas, discursando ter um espaço de paz e o meio de construir o trampolim para alcançar a eternidade, desde que as relações humanas e a ostentação fossem evitadas, também contribuíam para o estabelecimento desta doutrina.

Como Carlos Magno não tinha simpatia pelas mulheres, ele as proibiu de ajudar na missa e educar meninos, com o pretexto da fragilidade do sexo e a instabilidade da mente. Após sua morte, elas voltaram a possuir prestígio no espaço religioso.

A Igreja, considerada sagrada e abrigo dos menos favorecidos, pregava a libertação dos escravos e dos oprimidos do Império Romano, os quais constituíam oitenta por cento da população.

O prestígio cristão, representado pelos frades, monges e padres, era relevante nas decisões familiares. Além disso, os grandes proprietários criam que as relações com grupos religiosos garantiam-lhes a vida eterna. Prova disso está no grande número de capelas, igrejas e imagens doadas por famílias poderosas, com o intuito de conquistar um lugar no espaço sagrado.

É preciso acrescentar que a adoração dos santos, o culto às imagens e o dogma da encarnação se estabelecem, graças à vigência da era bizantina (século X e XI), estipulando privilégios àqueles ligados à Igreja e desconsiderando qualquer ritual fora dos padrões cristãos. Este período caracteriza-se, principalmente, pelo grande número de escrituras deixadas pelos monges, afiançando, entre outras coisas, a possibilidade das considerações deste trabalho.

A influência cristã nas famílias poderosas foi significativa, propagando-se lentamente no interior da sociedade medieval, quer seja através das escolas, quer pela aquisição de livros de oração.

Outro ponto importante está relacionado ao grande número de festas estabelecidas pelo calendário cristão, pelo qual se comemorava desde aniversário de santos até a homenagem aos membros da família. O traço forte destas comemorações centrava-se na farta orgia gastronômica, como forma de pré-requisito a evitar a fome. Acreditava-se que os banquetes unidos às preces resultariam, entre outras coisas, na salvação do Império, do imperador, na saúde da prole, na vitória das lutas, além de garantir a abundância na colheita, pois, os prazeres materiais e o júbilo espiritual caminhavam em condições de igualdade.

Neste período histórico, o feudalismo estrutura-se, caracterizando um sistema de pessoas com autoridade fracionada, onde cada um dos grupos tem um dono, o senhor feudal, proprietário de um espaço de terra e que detém o poder de comandar e punir aqueles que trabalham ao seu redor, os vassalos.

Com o fortalecimento do feudalismo, o comércio nas cidades perdeu a importância anterior, uma vez que o próprio feudo provia a sua subsistência.

Um dado interessante é que o senhor feudal não trabalhava na terra. O cultivo era feito por camponeses, os quais possuíam um pedaço de terra para produzir, mas ao mesmo tempo deveriam, em troca desta realização, durante dois ou três dias cuidar das terras do senhor feudal. Além disso, os camponeses deveriam pagar uma taxa sobre o que haviam gerado para o senhor feudal e uma outra para a Igreja.

O grande problema é que, na maior parte das vezes, senhor feudal e Igreja eram a mesma pessoa, o que levava os camponeses quase sempre, a não conseguir produzir o suficiente para saciar a sua própria fome. Estes dados, provavelmente, encetam o corpo produtivo, que nos séculos posteriores vai aparecer com mais ênfase. (Duby, 1991)

Aqui, vale um espaço para dizer que na era medieval os castelos protegiam os seus habitantes e a população ao redor de assaltos inimigos. Diferindo do modo de vida camponês, existiam poucas cidades formadas por um aglomerado de habitações em torno de castelos, denominado de burgos.

Opondo-se ao comércio agrícola reinante, fruto dos feudos, os burgueses, identificados como homens de negócios, desenvolveram durante os séculos XII e XIII os manufaturados, os artesanatos e o comércio em geral. Mais tarde, os próprios burgos transformaram-se em prósperas cidades, mantendo a produção agrícola dos campos, mas retornando à cidade uma nova forma de desenvolvimento econômico. Com isto, os burgueses, pela

variedade de opções de comércio que empregavam, aliada aos impostos que cobravam, instauraram uma nova classe social.

Estes dados compõem o pano de fundo do cenário da Idade Média, apresentando transformações em relação às atitudes cotidianas, bem como ao principal tema deste trabalho que é o corpo.

A partir daqui, o modelo familiar vigente até o início da Idade Média sofre alterações, formando a parentela ou uma grande família, atuando como uma célula protetora e inter-relacionada com grande número de pessoas que, além de contribuir para manter o patrimônio coletivo, concentrando uma unidade de produção e reprodução, também transmitia as experiências da vida, sendo que era comum até três gerações ocuparem o mesmo teto.

Embora inicialmente o cristianismo tenha sido matricêntrico, rapidamente se tornou patriarcal e semelhante ao modelo histórico anterior, onde o corpo/homem detinha o poder da parentela, devendo ser forte, com ombros largos e musculatura arredondada, possuindo tez avermelhada como sinal de virilidade e saúde.

Tanto a mulher como os filhos deviam obediência e respeito ao pai. Embora, anos mais tarde, a mulher pudesse intervir junto ao marido, isto ocorria de forma restrita porque ela era invisível aos olhos da sociedade, e como corpo frágil, deveria ter responsabilidades menores.

A necessidade do corpo/mulher era admitida somente para perpetuar a família, mas não para compartilhar. Aliás, a mulher só era esposa porque o seu papel associava-se ao de mãe dos futuros herdeiros, enfatizando o corpo/mulher como reprodutor, sendo considerado uma peça uterina de pouco valor, resguardado de pudores e restrições do nascimento até a morte. (Barthélemy, 1991)

Considerando este aspecto Beauvoir (1980) coloca que:

... seja ambicioso, parvo ou tímido, é para um futuro aberto que o menino se atira (...) sente-se livre em face de um futuro em que possibilidades imprevistas o aguardam. A menina será esposa, mãe, avó: tratará da casa, exatamente como fez sua mãe, cuidará dos filhos como foi cuidada. (p.40)

Vale destacar que a casa simbolizava a constituição familiar, mantendo-se fechada ao exterior em alguns momentos e aberta em outros. O quarto era o lugar da casa mais ocupado pela mulher, inclusive por representar o local mais fechado do espaço doméstico e

conseqüentemente o mais protegido. Também era considerado um local reservado ao refúgio e à devoção espiritual e, necessariamente, deveria conter uma cama, pois a falta dela era sinal de pobreza. A cama era envolvida por cortinas para proteger a intimidade do casal de outros habitantes do mesmo cômodo.

O casamento na era feudal, estruturado na manutenção da parentela, poderia ser um apogeu ou a desgraça da família, como tem sido até hoje. Ficava sob a responsabilidade e decisão dos pais dos noivos, sem que os mesmos fossem consultados. O noivado era um compromisso tão importante quanto as núpcias. Vale ressaltar que a manutenção da parentela era tão significativa que se admitia o incesto.

A partir da influência do clérigo nas famílias, o cerimonial do casamento passou a existir, sendo que a noiva recebia, além do dote, presentes e um anel simbolizando a exclusão do demônio.

Além disso, o nome da família como forma de identidade era prioritário, decidindo sobre o patrimônio, educação e destino dos filhos.

Uma segunda proteção da parentela relacionava-se às atitudes vingativas, não se mediam esforços para manter a "honra familiar" desconsiderando, muitas vezes, nas ações defensivas, a manutenção do viver. Neste conjunto, o corpo defensor era considerado viril.

Neste sentido, a morte era um mal necessário, porém temida por muitos. Os corpos mortos preferencialmente eram enterrados longe da cidade, em lugares cercados de arbustos espinhosos para que o corpo morto não viesse atrapalhar o mundo dos vivos.

Após alguns anos, os corpos mortos passaram a ser enterrados nas proximidades da Igreja, como forma de receber as influências santas que garantiriam a salvação.

De fato, temia-se não só a morte como também o sexo, tanto que este último vivia rodeado de proibições. Em outras palavras, o corpo vivo só causava preocupação porque era sexuado, mas ao mesmo tempo a distância do corpo morto era zelada.

Fontanella (1995), abordando o assunto, coloca que quando o homem passou a agir por si mesmo, descobriu seu corpo. Como castigo, entre outras seqüelas, teve a sexualidade pervertida. Como complemento ele diz:

O sexo, que multiplica a maravilha da vida, é mais parceiro do Diabo que de Deus. Já Cristo veio ao mundo sem a intervenção do outro sexo. Não foi sem razão que, quando o homem desobedeceu a Deus, descobriu que estava nu. A desobediência e a presunção feriram a sexualidade...O corpo pagou pela vontade, pela intenção. (p.37)

A Igreja, por possuir em sua maioria homens, colocava obstáculos principalmente em relação à mulher. Estas restrições estavam alocadas na rejeição ao corpo e seus desejos, dos quais a mulher era exímia representante, contribuindo assim, para o aumento do misoginismo. A casta dominante cristã desprezava não somente a carne, mas tudo que a ela estava relacionado como a sexualidade e o trabalho de subsistência.

Muraro (1992), complementando estas idéias, coloca que: *O prazer e as mulheres eram considerados culpáveis, porque afastavam o homem de Deus e da transcendência: eram portanto o pior dos pecados, pior do que a busca desenfreada do poder e da riqueza. (p.103)*

O auge desta inflexão vem com a reforma gregoriana (Papa Gregório VII) que, no final do século XI, enclausurou a mulher, diminuindo seu acesso aos espaços públicos e fortaleceu na Igreja o celibato dos padres.

A única mulher admitida era a Virgem Maria, cultuada como modelo ideal de mulher, encarnada de princípios imaculados, sendo que as outras mulheres eram vistas como descendentes de Eva, símbolo de pecado e tentação, e, ... *quanto mais a Virgem era exaltada, mais as mulheres comuns eram consideradas longe do ideal da mulher encarnado por ela. (Muraro, 1992, p.106)*

Na tradição cristã, Eva espelha a idéia de mulher tentadora, erotizada, simbolizando as forças perigosas e pecaminosas da mulher, julgada como antítese da maternidade, embora como primeira mulher seja mãe de todos nós.

Nesta perspectiva o castigo, a punição e o pecado estão associados à idéia do erótico. Mistifica-se Eva como símbolo do mal pela sua fraqueza e leviandade.

Em contrapartida, Maria é a representação da imagem materna que concebeu sem pecado, ou seja, sem sexo, sem desejo, sem sensualidade.

É neste quadro que se associa a imagem da maternidade santificada à noção de pureza, caridade, humildade, mantendo um estereótipo assexuado como condição imprescindível para obter a redenção. (Maldonado, 1991)

O processo começa com Eva, que consente na satisfação dos prazeres sexuais, dos desejos e termina com Maria, representante da maternidade, que não permite a experiência dos prazeres da "carne".

A perseguição à mulher se espalhou ao longo dos anos na sociedade centralizada pela dominação da Igreja e do sexo masculino. Aquelas que exerciam alguma profissão foram cassadas, sendo o saber feminino sufocado pelo saber masculino.

Neste quadro, o corpo mulher de alta estirpe era, desde a infância, colocado sob vigília para que não fosse maculado pelo pecado e estivesse preparado para casar. Ele deveria ser imóvel para manter o pudor, vestindo-se e penteando-se às escondidas. Os corpos/mulheres menos poderosos não poderiam ficar ociosos, devendo ocupar-se da oração ou do trabalho em tecido.

A situação da mulher na sociedade era algo complicado, como relata Robert de Blois citado em Régnier-Bohler (1991): *...é bem difícil para as mulheres reger sua conduta na sociedade, pois, se se mostram acolhedoras e corteses, correm o risco de uma interpretação abusiva da parte dos homens; se, ao contrário, faltam à cortesia, serão taxadas de orgulhosas.* (p.349)

O homem responsabilizava-se em preservar a mulher, a filha, a irmã, a viúva, enquanto os rapazes eram encorajados a proezas amorosas. Nesta época, tanto a Igreja como as leis vigentes garantiam aos homens, direitos, enquanto que às mulheres, restrições. Os altos postos do Estado deveriam ser ocupados somente por homens, os quais seriam educados em universidades, que eram inacessíveis às mulheres.

Vejo nos dizeres de Duby (1991) esta preocupação: *O poder patriarcal sobre a feminilidade via-se reforçado, porque a feminilidade representava o perigo.* (p.88)

Porém, na ausência do marido, as mulheres, tanto da classe mais favorecida como das outras, geriam as propriedades, exercendo um papel econômico. Neste contexto, Muraro (1992) coloca que: *...as mulheres nos primeiros tempos da Idade Média eram importantes reservas de força de trabalho, manipuladas de acordo com os desejos e as necessidades dos homens.* (p.102)

O dado anteriormente citado tem um outro ponto, alicerçado pela ação das mulheres que, à medida que conviviam no casamento nem sempre eram fiéis, sendo acobertadas

pelas criadas de sua confiança. Aliás, os homens ficavam atormentados com a possibilidade do adultério feminino, resolvendo-o na maioria das vezes com a morte. Porém, o adultério masculino era indiscutível em função da supremacia masculina.

Muitas vezes o excesso deste "manto protetor" tinha como resultado os raptos, principalmente das mulheres, seja a partir de dois amantes apaixonados que desobedeciam as determinações da família e da moral ou como modo de liberdade de uma esposa ou filha maltratada.

O corpo feminino era um tabu, recoberto de vestimentas longas e protegido para se manter casto, submetido à sexualidade masculina. O corpo nu era reservado à clausura, à solidão, sendo permitido em momentos de privacidade ou toailete, recebendo um tratamento especial composto de ervas, principalmente para evitar a transpiração. Interessante considerar que nas cerimônias pagãs, o corpo nu feminino era permitido como forma de provocar a fecundidade dos campos e da chuva.

Por possuir os órgãos sexuais guardados e protegidos, o corpo feminino era abafado, de tal modo que era um segredo até para elas próprias. Ao contrário do homem, que tem seus órgãos expostos, inclusive no que se refere à ereção e à ejaculação. Beauvoir (1980) revela que: *... o menino mede o comprimento de seu pênis, compara com os colegas a força do jato urinário; mais tarde, a ereção e a ejaculação são fontes de satisfação e desafio. A menina, entretanto, não pode encarnar-se em nenhuma parte de si mesma.* (p. 20)

Antes de continuar, vale ressaltar que já neste período, principalmente o corpo idoso feminino era descartado, sendo considerado sem utilidade, e como tal, era desprezado. Era um verdadeiro naufrágio. Isto vem reforçar que o descaso pela velhice não é um fenômeno novo nas sociedades.

Na verdade, o pavor ao corpo estava relacionado ao desejo, mais precisamente, como os germanos colocam, a libido. O corpo mulher era quem possuía este "poder feroso" de destruição, representando o perigo da carne; *...mulher continuava mistério, ora benéfico, ora maléfico, fonte de felicidade e desgraça, pureza assustadora mas impureza destrutiva.* (Rouche, 1991, p.465)

A mulher então, digna representante dos perigos da carne, possuía tez branca levemente tingida de rosa, disposição harmônica dos traços e rosto alongado. Neste conjunto o cabelo era um elemento essencial, sinal de sua inferioridade, sendo o loiro símbolo canônico.

Nesta tradição, os cabelos deveriam manter-se trançados, pois, se assim não estivessem, representariam um forte valor erótico. Aliás, este procedimento está presente até hoje, pois fundamentalmente durante um relacionamento sexual os cabelos são soltos, como símbolo de revelação e entrega.

São Paulo, citado por Duby (1991), com uma postura bastante crítica em relação às mulheres alertava aos homens casados: *os maridos devem ter afeição para sua mulher: guardando a distância, desconfiando. pois o corpo é tentador como o é a mulher. ele leva os outros ao desejo. leva a desejar os outros.* (p.518)

A sexualidade feminina, explicitada pelo orgasmo, era reprimida, porque esta manifestação era própria das prostitutas ou das ligações com o demônio.

Ao corpo atribuíam-se dois papéis: um puro, sagrado e outro maculado, detestado. O primeiro merecia a adoração de Deus, enquanto que o segundo deveria ser abafado, desprezado e desconsiderado. Do primeiro grupo faziam parte os monges, os homens e mulheres bem casados, enquanto que do segundo grupo as prostitutas, os ladrões, os estupradores, os enfermos, enfim, aqueles que tinham impregnado no corpo o domínio de Satanás.

Contraopondo-se à vigência até então, admitia-se, com base na medicina, que o corpo possuía desejo e prazer indispensáveis no momento da concepção. Assim, neste contexto, seria possível o corpo sentir?

Responder "sim" a esta pergunta significa declarar que o envolvimento no ato sexual deixava o esconderijo e despertava prazer, destacando uma relação de igualdade entre os parceiros. Porém, nos depoimentos bibliográficos, esta questão aparece como uma necessidade elementar do homem, onde a presença do corpo mulher surge submisso ou vítima de violência.

Não há registro até aqui do termo amor como algo positivo, tanto em relação aos laços familiares como na relação de homem e mulher. Prova disto é que em alguns casos havia mais apego aos animais ou à espada do que à própria mãe. Os envoltimentos amorosos estavam associados a formas mais possessivas, maléficas e destruidoras.

Como ilustração, recorri a Rodrigues (1986), que relembrando um romance célebre na história diz: *...Romeu e Julieta são marginais, desviantes em relação ao seu tempo. Discrepam e contradizem a normatividade social, querem sobrepor seus sentimentos individuais aos desígnios coletivos. Heróis fundadores de uma nova sentimentalidade, triunfam no amor, mas fracassam na vida: autodestroem-se pelo suicídio.* (p.97)

Enfim, de acordo com o paradigma vigente, o corpo representava a carne putrecível, enquanto que a alma significava a imortalidade do espírito, efetivando uma concepção dualista ainda presente.

O corpo reproduzia a idéia de um invólucro enclausurado, que não se reconhece, sendo ameaçado pelo satânico. Comparado a uma casa, tem como principal habitante a alma, cujas janelas são compostas pela boca, olhos, orelhas, narinas, as quais são vigiadas pelos moralistas para que o mundo pecador não adentre.

Reforçando minhas considerações, Duby (1991) afirma:

De um lado, o que é atraído para baixo pelos pesos, pelas opacidades das substâncias carnis; do outro, o que aspira à perfeição celeste. O corpo, portanto, é considerado perigoso: é o lugar das tentações: dele, de suas partes inferiores, surgem naturalmente as pulsões incontroláveis; nele se manifesta o que depende do mal, concretamente, pela corrupção, pela doença, pelas purulências às quais nenhum corpo escapa; sobre ele se aplicam os castigos purificadores que expulsam o pecado. (p.515)

Como se comprova, valoriza-se o belo do corpo! Mas sua beleza era escondida, podendo ser exibida somente por maníacos. De fato, reforço que o corpo como fonte de signos era desejável, mas ao mesmo tempo representava uma ameaçadora condenação.

O corpo medieval servia-se de elementos que ao mesmo tempo, se mostravam e se ocultavam, levando o selo das proibições e dos tabus. O corpo era controlado, pois socialmente expressões como riso excessivo, desvio de olhar ou falta de bom senso resultavam em atitudes punitivas.

Contra-pondo-se aos valores vigentes, uma mulher ousou desafiar os homens: Joana D'Arc, que comandava tropas guerreiras e vestia-se com roupas masculinas, para pavor do poder masculino. Este dado é relevante porque ela foi condenada à fogueira, pois os homens não admitiam que uma mulher pudesse competir com eles, desestabilizando suas regras de conduta.

Ainda em relação ao corpo medieval, um outro ponto digno de nota está relacionado aos banhos. Eles denotavam um espaço de intimidade, onde os atrativos do corpo eram revelados, fluindo o erotismo, para amargura dos moralistas, os quais apregoavam que o excesso de atenção ao corpo desviava do mais essencial, a vida espiritual.

Os monges, dignos representantes do período medieval, consideravam os banhos imorais, tanto que se banhavam completamente duas vezes por ano, por ocasião das datas comemorativas, Páscoa e Natal.

No entanto, na sociedade em geral, este moralismo monástico não era respeitado, em função de parasitas como os piolhos, que constituíam uma verdadeira ameaça ao homem, preocupado com a manutenção do corpo. As técnicas de embelezamento como maquiagem, depilatórios (entendia-se que a mulher para ser agradável deveria ser lisa, ou seja, isenta de pelos), tinturas e até colorantes para simular a virgindade, foram marcos deste período.

Principalmente os banhos a vapor possuíam características terapêuticas, sendo procurados por doentes, coxos ou aleijados. Já os considerados públicos, na visão dos moralistas, representavam um espaço promíscuo. Por isso, separavam homens de mulheres, elucidando as especificidades de cada um dos sexos.

Neste panorama de velas, candeeiros e o fogo da lareira, as relações humanas foram se ampliando, exaltando a amizade entre vizinhos, parentes, amigos e compadres, solidificadas principalmente quando se tratava de nascimento, casamento ou morte. Aqueles que viviam sozinhos eram considerados loucos.

O espaço das festas foi valorizado, ocorrendo a preocupação com a exibição de ricos trajes, jóias e maquiagem por parte dos mais nobres.

Com isto houve a necessidade de uma melhor qualidade na aquisição dos tecidos, das roupas, das jóias. Ocorreu uma excessiva valorização do vestuário como forma de invólucro social.

Os trajes aqueciam, ornamentavam, protegiam, reforçavam a diferença entre os sexos, além de marcar etapas da vida, contribuindo para a construção da personalidade. No final da Idade Média, as mulheres ousaram mais em relação às roupas, valorizando a silhueta através da cintura marcada, do decote no ombro, inspirando sedução.

Isto me leva a considerar que a roupa identificava o indivíduo socialmente, o que não difere dos dias atuais em que as pessoas têm, na indumentária, a marca essencial da convivência social.

Assim, por conta de algumas questões até aqui relatadas, o período medieval foi considerado obscurantista. Nos últimos séculos desta fase histórica algumas mudanças

significativas começaram a ocorrer em relação ao corpo, mostrando um novo momento na humanidade por nascer.

A imagem da sociedade refletida na ambição ao sucesso, na ascensão social, na idéia de que a decomposição dos corpos não era suficiente para compreender o indivíduo e a necessidade de defender e conservar o corpo saudavelmente são marcas destas mudanças.

Chego ao século XV e início do século XVI, quando a Europa vive um período deflagrado pelos viajantes e aventureiros que rasgaram continentes e mares, descobrindo terras e povos; pela nova imagem geográfica que ampliou os limites físicos do mundo medieval; pelo aparecimento do humanismo, com a supremacia do homem como centro do Universo; pelas reformas religiosas; pela expansão do império inglês, além de um efervescente movimento artístico e científico, iniciado na Itália, chamado Renascimento.

Estes eventos marcaram, na história, o início da Era Moderna, delimitada por alguns autores, rejeitando idéias até então vigentes e incontestáveis, abrindo novos caminhos para as ciências, literatura e as artes.

Os fenômenos passaram a ser compreendidos pelo método experimental, diferindo do saber contemplativo da antigüidade clássica e do pensamento religioso. As observações, as hipóteses, os cálculos matemáticos e a superioridade da razão se estabeleceram. Ao mesmo tempo o humanismo, enquanto concepção filosófica, procurou valorizar o homem na conquista da natureza, a partir da liberação de suas energias criativas.

Michelangelo, Donatello, Verrocchio, Dante, Boccaccio, Rabelais, Montaigne, Camões, Maquiavel, Thomas More, Galileo Galilei, Nicolau Copérnico, Newton e Francis Bacon são nomes que inauguraram nas artes, na literatura, no pensamento filosófico e político e nas ciências, uma nova episteme.

E o corpo, como era visto neste período? De modo diferente das épocas anteriores?

Dentre os vários acontecimentos que marcaram esta época, alguns são bastante relevantes e o corpo vai se escondendo e se expondo, fazendo parte deste cenário. Aparece nos assuntos relacionados à religião, à família, à sexualidade, ao casamento e ao trabalho.

O novo papel do Estado, por exemplo, ressaltou uma mutação do ser na sociedade, elevando o controle do corpo e o domínio das emoções. Simultaneamente, o senso crítico do pudor foi ampliado. As transações comerciais, até então conhecidas por todos, passou a ser anônima. O

feudalismo, em franca decadência, dá suporte à estruturação de um novo modo de produção com iniciativas privadas: o capitalismo, que se fortifica com a industrialização.

No transcorrer deste período, foi crucial a reforma religiosa. A Igreja católica dividiu-se a partir da ação dos reformadores, precursores do protestantismo, os quais entendiam que Cristo era o único soberano dos homens e a palavra de Deus estava na Bíblia.

Os protestantes aniquilavam a figura do Papa, o culto aos santos, a crença no purgatório e defendiam que o clero não deveria possuir propriedades.

O catolicismo apregoava que aceitar com resignação a pobreza era condição para se alcançar o reino dos céus depois da morte, enquanto os mais abastados, considerados pecadores, iriam para o inferno. (Muraro, 1992)

Martinho Lutero, iniciador da Reforma Protestante na Alemanha, defendia o contrário, com a idéia de que o Evangelho deveria ser interpretado individualmente e a salvação viria pela fé de cada um e não por suas próprias obras, proclamando a saída do mundo material. Criam que a fé é um dom predestinadamente reservada ao homem, sendo a única fonte de revelação divina a Bíblia. Eram seus seguidores, nos diferentes países, Zwinglio (Suíça), Calvino (França, Suíça e Escócia).

Porém, devido à inexistência de um poder centralizador, o protestantismo dividiu-se em inúmeras denominações como os batistas, pentecostalistas, episcopalianos, presbiterianos e outros.

A Igreja católica romana, em contrapartida, reforçava ações contrárias aos ideais protestantes como a adoração dos corpos santos. A confissão (exame de consciência ou cura da alma) e a comunhão, ao menos uma vez por ano, também compunham os deveres do cidadão católico. O batismo, a eucaristia, a distinção entre o divino e o profano, o casamento ou a extrema-unção eram rituais executados pelo padre, o qual estabelecia estreita relação com Deus.

Considerando, entre outras coisas, a leitura da Bíblia um fator importante para a época, mais precisamente na intimidade familiar, houve a necessidade de se expandir o ler e o escrever, e isto passou a constituir uma meta entre os ideais do homem da Era Moderna. A leitura, essencialmente, foi recomendada para que situações vergonhosas não ocorressem em público, principalmente em assembleias religiosas.

Porém, essa dupla competência era reservada ao homem, que ampliava, assim, suas relações pessoais e de poder. Para a mulher permitia-se apenas a leitura como forma de

lazer, pois a escrita não tinha, para ela, utilidade, além de representar sinal de perigo. Este fato demonstra mais uma vez o medo que a sociedade aparentava possuir das ações femininas.

O que me interessa neste dado é relatar que o corpo, como sinônimo de pecado, apareceu na literatura a partir dos escritos eróticos, demonstrando ao mesmo tempo uma leitura sensual e proibida. Como a leitura individual era incentivada, esta bibliografia tornou-se freqüente entre os homens de modo geral, dentro de espaços privados como a biblioteca ou o escritório, no mais absoluto sigilo.

Complementando, o progresso da imprensa contribuiu para que a comunicação nas relações familiares, matrimoniais, amigáveis se expandissem através da escrita. Mais precisamente no século XVIII, o "Livre de Raison" (uma espécie de documento da família e da gestão doméstica) destacava a presença do corpo dentro de perspectivas relacionadas à saúde, ao exercício, ao público e ao espetáculo.

Posteriormente, dentro da mais completa intimidade, aparecem anotações relacionadas ao corpo doente, sexuado, de amores casuais ou aqueles entrelaçados pelos segredos conjugais.

A preocupação com o corpo isento de doenças mereceu considerações ao longo da história, valorizando aqueles que priorizavam as questões da saúde, principalmente porque se temia a morte. Este dado me faz comentar que a valorização do corpo biológico é bem mais antiga do que se possa imaginar.

Assim, profissões que lidam mais diretamente com o corpo fisiológico têm maior credibilidade do que aquelas que labutam com o corpo do "ser humano". *Mas onde encontrar melhor descrição do corpo do que no diário de um médico? Não só o diagnóstico de um mal, como também attitude, a vida, a imagem do corpo íntimo.* (Foisil, 1991, p.360)

A amizade como forma de relacionamento se fortifica, no entanto, reservada ao homem, em sua maioria. As mulheres só poderiam usufruir desta convivência desde que prestassem contas aos seres superiores, os homens.

Os vínculos familiares tomaram novo rumo, não sendo apenas considerados como uma unidade econômica, mas vinculados a um sistema de interdependência com afetividade, segredos, decisões, onde a atenção, discrição e o refúgio encontravam lugar, fortalecidos pelas relações de amizade.

O corpo, no ambiente familiar, não apareceu isolado, autônomo, mas na interrelação direta com os membros que compunham o corpo familiar. Prova disto estava no corpo/mulher que utilizava qualquer artifício para garantir a fertilidade, sem contar que a criança, ao nascer, era um ser dependente e, conseqüentemente, estava subordinada à família.

Não se admitiam condutas desonrosas, nem o isolamento, pois uma boa base familiar daria suporte ao Estado. O fluxo de ações pecaminosas, preferencialmente, deveria ser controlado pelos componentes da linhagem, necessitando, se fosse o caso, de interferência econômica, para a manutenção da honra familiar.

Mais tarde, questões relacionadas a procedimentos desonrosos sofreriam alterações, sendo o tenente-geral da polícia, o qual tinha íntima relação com o rei, responsável por este aspecto social.

Sobre a delicada questão dos procedimentos sociais e sua relação com o contexto familiar, proponho a seguinte reflexão:

Por um lado, os procedimentos de controle social tornam-se mais severos: através das formas educativas, da gestão das almas e dos corpos, encerram o indivíduo numa rede de vigilância cada vez mais compacta. Por outro lado, constituem-se à margem da vida coletiva espaços protegidos que são objeto de uma revalorização, sendo o primeiro deles o foro familiar. (Revel. 1991. p.170)

O corpo/homem no ambiente familiar continuava sendo o chefe, porém a esposa ou o filho mais velho eram ouvidos, marcando um elo de intimidade que começou a se estabelecer nas relações familiares.

Além disso, como decorrência do progresso, as famílias livres de necessidades começaram a experimentar uma nova forma de viver, usufruindo do conforto e do lazer. Neste espaço, com algumas restrições de linguagem ou de atitudes corporais, artes e festas populares como o teatro, a dança, o jogo e o carnaval tomaram vulto, proporcionando momentos de prazer.

No seu conjunto, a estirpe apresentava um outro personagem, a criança. Desde pequena prestava pequenos serviços à família, além de receber ensinamentos que guarneceriam sua conduta familiar, para garantir a continuidade da linhagem. Elas conviviam brincando e

aprendendo, visando posteriormente participar na comunidade, que se encontrava fora da esfera familiar.

É necessário evidenciar a visão de alguns autores sobre a ação infantil na sociedade. Para tanto, recorri ao pensamento de Gélis (1991), quando afirma que: *As aprendizagens da infância e da adolescência deviam, pois, ao mesmo tempo fortalecer o corpo, aguçar os sentidos, habilitar o indivíduo a superar os revezes da sorte e principalmente a transmitir também a vida, a fim de assegurar a continuidade da família.* (p.315)

Se até o século XVIII, prioritariamente, a educação em sociedade era reservada aos membros do grupo familiar, ergueu-se uma nova estrutura educacional. Surgiram os colégios para o sexo masculino e os conventos para o sexo feminino, com o objetivo de complementar a educação dos adolescentes, preparando-os para embrenhar no mundo dos adultos.

Claro está que este período proporcionou relevantes contribuições às questões pedagógicas. Infelizmente, a permanência na escola vinha carregada de ações disciplinadoras, adestrando o corpo com base na repetição e obediência para que as regras da civilidade fossem incorporadas, à semelhança do que ocorre até hoje no sistema educacional.

Como comentário utilizo a citação de Revel (1991), que menciona o corpo dentro do ambiente escolar: *Por fim, logo chega o momento em que a aprendizagem do corpo torna-se inseparável dos exercícios escolares propriamente ditos, da leitura, da escritura, da oração, numa relação pedagógica bastante hierarquizada.* (p.182)

O corpo circulou por estes espaços existindo, pois, sem ele nada ocorreria. As comunicações não verbais, onde o corpo se expressava transmitindo uma mensagem, se intensificaram, corroborando a idéia de que gestos, atitudes ou mímicas revelavam o homem em sua interioridade. Ao mesmo tempo, códigos de ética foram criados para manter a ordem dos bons costumes, de acordo com a civilidade e a religiosidade. Entre eles cito o tratado de "boas maneiras" de Erasmo, denominado "A Civilidade Pueril", escrito em 1530, enfocando que as condutas corretas deveriam ser iniciadas com as crianças, por não estarem pervertidas pela vida social. Embora criticado por alguns pedagogos reformados, este código perdurou por mais de três séculos. (Chartier, 1991)

Nas regras da civilidade, era o corpo quem mais sofria perseguições, devendo ter comportamentos condizentes com as normas estabelecidas pela família, pela comunidade e pelos

eclesiásticos. Assim, com o passar do tempo, as regras da civilidade invadiram campos que iam além do escolar.

Foram vários os aspectos que entraram nessa redefinição. A vestimenta, por exemplo, apareceu para enlutar o corpo, uma vez que o corpo nu era sinônimo de pecado. Somente mãos e rosto tinham consentimento para se mostrar. Olhar para o próprio corpo era proibido, sendo "vigiado" até nos momentos de higiene.

Claro que, para desviar a atenção do corpo, subtraíam-no da urbanidade, tomando-o silencioso e secreto.

Um outro aspecto fundamental era a aparência, demonstrando um jeito novo e diferente de existir, não se medindo esforços para que ela fosse mantida. Isto me leva a comentar sobre as influências da corte no ambiente social. O corpo dos soberanos subsistiu como vitrine para o povo, exibindo-se conforme as expectativas do olhar social, observado nos detalhes de suas roupas, perucas, perfumes e outros.

A corte estabeleceu, assim, uma relação de organização coletiva, mas recheada de controle sobre os corpos das pessoas.

No ideário dos moralistas, o corpo feminino era erotizado e ameaçador, instituindo um dilema principalmente para aqueles que se deixavam aliciar pela paixão do coração. Paixão que levou o corpo/homem ao irracionalismo, capaz de cometer loucuras criminosas, sexuais, heróicas ou amorosas.

O amor era poderoso!

Esta expressão encontra apoio em Ranum (1991) quando afirma: *O amor pode perturbar a mente de tal forma que acaba provocando afecções violentas, doença e até a morte.(...)O poder amoroso vem de fora do indivíduo, emana de locais celestes ou funestos e abala o equilíbrio dos líquidos corporais.* (p.245)

Neste momento, vale um comentário: as referências bibliográficas mapeiam mais especificamente o corpo/homem; porém, não posso ocultar que, independente do gênero, o corpo comete "loucuras".

O mesmo Ranum (1991) destaca uma diferença entre o sexo feminino e o masculino, afirmando:

Todos os seres humanos estão sujeitos ao amor, mas os homens e as mulheres reagem a ele diferentemente em função das diferenças entre seus órgãos. O homem é por natureza mais frio que a mulher, portanto menos sujeito às grandes paixões do amor. (p.245)

Fica patente, diante do exposto, que o corpo se inquietou diante desse sentimento, seja de forma positiva ou negativa.

Na mesma trilha, confirmo que o corpo/mulher provocava reações incontroláveis, sendo, às vezes, colocado como sinônimo de pornografia. Nesta época, houve grande perseguição às mulheres, principalmente às pobres, que possuíam o corpo reprimido em relação à sexualidade e ao conhecimento.

A mulher continuava apêndice da sociedade, isenta de papéis que ultrapassassem o espaço doméstico, trabalhando para seu marido e sua família. A figura de esposa, mãe, rainha do lar, submissa, impotente, fútil foi sustentada pela Igreja e pela sociedade de modo geral. Ela passava, depois de casada, da tutela do pai para a do marido, cuidando dos filhos e da casa, cumprindo o papel a ela designado.

Ela também não tinha acesso a fatores relativos a dinheiro. Todo esse conjunto foi, ao longo do tempo, moldando a personalidade feminina. Com a dominação econômica exercida sobre a mulher, tanto pelo marido como pela família, ela incorpora sua inferioridade que era transmitida de geração a geração. (Muraro, 1992)

Como opção, restava-lhe a soleira da porta, lugar onde se buscavam subsídios para o lar, algumas festas populares ou religiosas. A partir daí se estabeleceu o senso comum de que a mulher era "fofoqueira", pois a vida alheia, passada externamente, interessava aos olhares daquelas que foram proibidas de conviver fora do ambiente doméstico.

Esta análise encontra respaldo na afirmação de Castan (1991):

Na verdade, as mulheres desempenham enorme papel no exercício do controle social; (...) mas, afinal, com isso apenas exercem sua prerrogativa de guardiã do lar e/ou da moral familiar. Para tanto, dispõem de armas poderosas: levantar a opinião pública desvendando-lhe com fragor o escândalo privado e depois romper a lei do silêncio, obrigatória quando o caso transcorre no âmbito doméstico. (p.427)

No final do Renascimento, início do século XVIII, a postura da mulher na sociedade começa a se alterar.

Juntando todos estes comentários com relação ao corpo, convém destacar um espaço para o casamento. Ele poderia, neste período, ocorrer por uma relação amigável, ou ser sustentado na divindade, *...na amizade a razão domina o corpo e tal razão é divina.* (Ranum, 1991, p.254), ou pode ser fortalecido por uma necessidade amorosa, carnal onde a forma...*como o corpo "fala" entre os apaixonados ultrapassa a razão.* (Ranum, 1991, p.256)

Para a mulher, significava a possibilidade de alternar papéis. Para a Igreja, entendia-se como compromisso inicial do casamento a procriação.

Vale neste momento uma curiosidade, em relação à tradição do mês de maio. Ele é considerado como o "mês das noivas". A história respalda esta tradição, pois, na casa de uma moça núbil, era plantada a flor de maio na noite do dia trinta de abril, para que os rapazes, vendo a flor, soubessem da existência da donzela para, posteriormente, prestar-lhe homenagens.

O casamento deveria estar sustentado por princípios que não desabonassem a conduta do casal. Assim, difamação ou calúnias mereciam descrédito no relacionamento conjugal.

Neste contexto Beauvoir (1980) expõe o papel da mulher na sociedade patriarcal:

A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra. (p.112)

O fim do período renascentista vem marcado por uma série de acontecimentos políticos, econômicos e sociais que mudaram o panorama histórico da civilização.

Avançando na história, o século XVIII e o XIX têm como grandes episódios a Revolução Francesa, a República, a estrada de ferro, a invenção da máquina a vapor e o início da industrialização, transformando valores, crenças e costumes.

Foram construídas as primeiras máquinas que possibilitaram a fabricação de bens de consumo como roupas, calçados por via mecânica e não mais como processo artesanal,

alterando as relações do homem com o trabalho. O capitalismo, enquanto modo de produção, se solidifica.

Os efeitos da Revolução sobre a vida se ampliaram nas relações familiares, culturais, sociais e religiosas.

Ocorreu a valorização da família, definindo papéis: o do homem era de caráter político; o da mulher, era ficar confinada à esfera doméstica. Surgiu um novo homem na aparência, na linguagem, nos sentimentos, com os direitos proclamados de cidadão.

O espaço privado, antes quase insignificante, foi revalorizado, mostrando um novo ideal doméstico, separado do espaço público que se destinava aos interesses do Estado.

O paternalismo e a solidariedade entre parentes prevaleceu, ampliando-se além da família, para a empresa, sendo que *...a empresa constitui uma "grande família"*. (Perrot, 1991, p.110), a unidade de reprodução da força de trabalho.

Isto ocorria por duas razões principais. A primeira, pela resistência do Estado frente à Igreja Católica Romana, combatida pelos próprios católicos, principalmente em termos de família, sendo que a mulher denunciava esta questão. A segunda, pelo crescimento da abrangência das idéias da reforma protestante que pregava uma volta ao sentido original do cristianismo onde: *Deus tudo via e ouvia. Era preciso examinar cada aspecto da conduta humana*. (Hall, 1991, p.55)

O mundo recheado de "tentações e pecados" era uma ameaça à vida cristã, que deveria ser fortalecida no interior da família com a leitura pessoal da Bíblia, alicerçada pela presença do padre.

O padre possuía uma tripla responsabilidade no que se refere aos aspectos da vida social, mais ligada à mulher. Ele deveria zelar pela pureza da moça, pela fidelidade da esposa e pela honestidade da doméstica.

No geral, o padre era um confidente de todas as ações da vida cotidiana das mulheres, opinando em suas atitudes, porém colocando as relações corporais no estágio do pecado.

A dicotomia corpo/tentador e alma/salvadora persistiu ainda por algum tempo. O corpo, cercado de proibições e crenças, comprometia a elevação da alma rumo à pátria celeste.

A alma era superior ao corpo e a mulher continuou representante de perigos como diz Corbin (1991):

A alma, guia, detentora do segredo da vocação do corpo, dirige sua efetivação. Não são portanto as formas da anatomia, nem os traços específicos da fisiologia da mulher que determinam seu caráter e justificam sua missão maternal: é a alma que modela simultaneamente o corpo e o espírito femininos; a maternidade é primeiramente vocação metafísica daquela que tem o dever de colaborar com a obra da Natureza. (p.437)

A produção econômica transferida para as fábricas obriga a família a exercer uma nova postura, reforçando o afastamento da mulher do espaço público. Assim, o lar passa a ser dirigido pela mãe, dedicada e submissa ao marido, exercendo a função de guardiã contra tudo o que pudesse prejudicar a honra familiar, a reputação ou sua posição social, impondo condutas, costumes e regras, intencionalmente para manter a integridade familiar.

Percebe-se, neste contexto, que a maioria dos conflitos familiares se resolvia no espaço doméstico. A expressão popular: "Roupa suja se lava em casa" encaixa-se com perfeição neste aspecto.

Há também espaço para a vizinhança, que funcionava como uma espécie de tribunal de reputação. Espaços públicos para o homem como clubes, cafés, tabernas, círculos aristocráticos. Para a mulher, além do altar, as lavanderias ou oficinas de caridade.

A mulher então reina no espaço doméstico, reduzindo o seu papel ao de procriadora, exacerbando os pilares da feminilidade na pureza, na piedade religiosa e na submissão. Como tal, torna-se frágil para as atividades públicas.

Em relação à questão da honra familiar, era mais biológica do que econômica, sendo a mulher considerada o foco da desonra. Como exemplo, posso citar os filhos bastardos, que além de ilegítimos mostravam que a moça foi desvirginada. O nascimento de filhos deficientes, considerados sinônimo de erro e pecado, representavam outra forma de punição divina para a mulher.

Além destes, os menores rebeldes, as moças com má reputação eram indesejáveis aos olhos da família.

Para o homem, a casa significava um espaço privilegiado de descanso e prazer e em contrapartida ele deveria atender às necessidades dos seus componentes. *A família não é apenas um patrimônio. É também um capital simbólico de honra. Tudo o que arranha sua reputação, que*

mancha seu nome, é uma ameaça. (Perrot, 1991, p.266) Em decorrência de a mulher estar ligada ao setor doméstico, a vida pública ficava reservada ao homem, pois, qualquer possibilidade de ascensão política da mulher poderia afetar a constituição familiar. Porém, no início do século XIX, as mulheres passaram a participar não só de algumas decisões familiares, na sociedade em geral, como também a iniciar-se em pequenos negócios, como as mercearias.

O corpo/homem continuava sendo o centro da família, dando-lhe sobrenome e proteção perante as leis do Estado. Esta onipotência não se resumia à esposa, mas também aos filhos; por exemplo, o filho só poderia se casar, sem consentimento do pai, após os vinte e cinco anos.

Ao homem era reservado um duplo poder: primeiro público, gozando de direitos políticos, e segundo doméstico, controlando a contabilidade da casa, as correspondências, as visitas, pois não confiava na "natureza fraca" das mulheres.

A sociedade era masculinizada! Seria somente nesta época?

Isto não significa que alguns homens não tenham alterado este quadro, mas a grande maioria entende que:

...o poder paterno é a forma suprema do poder masculino, exercido sobre todos e ainda mais sobre os fracos, dominados e protegidos. Essa figura paterna não é apenas católica: é igualmente protestante, judia ou atéia. Não é apenas burguesa: é profundamente popular. (Perrot, 1991, p.128)

Vale destacar que a questão da velhice diferenciada para os sexos tem raízes bem antigas. Na época, a morte do pai era algo grandioso, pois ficando viúvo, era chamado a viver com os filhos. Já para a mulher era um risco, pois além de ter uma morte discreta, caso fosse viúva, era aceita na família por favor.

Não era de se estranhar, porém, ainda a quase total hegemonia do homem nos setores públicos, pois a esfera pública era considerada amoral e perigosa, além do que a possibilidade de a mulher possuir as mesmas condições de igualdade que o homem era uma ameaça ao "poder" masculino.

Além disso, o corpo da rua era considerado sujo, enquanto que o doméstico limpo. Associando esses adjetivos dados ao corpo, vejo que o homem poderia ficar sujo enquanto que a mulher não. Da Matta (1986) referenda essa idéia dizendo que: *Um que nos dá prazer e é instrumento*

de lealdade e amor e outro que, ao contrário, é dinamizado e marcado pela "sujeira" da luta pela vida com suas regras antimorais e duríssimas. (p.82)

A educação dos filhos era destinada à mãe, inclusive a religiosa, sendo esta responsável quase que exclusivamente pela educação da menina, enquanto que o pai responsabilizava-se também pela educação do menino.

Já a educação pública, vivida pelos burgueses nos internatos, liceus, nas escolas era velada pelos pais, preocupados com a salubridade, com a suspensão das punições corporais, com o desenvolvimento da ginástica, priorizando a mesma proteção moral vivida no interior da casa. (Donzelot, 1986)

Fora do espaço doméstico, a Universidade era reservada para poucos, por ser cara. Para a jovem burguesa o estudo ligava-se ao preparo do papel de mulher do lar e para tal não precisaria dominar conhecimentos especializados. Diferindo dessas, as menos abastadas poderiam recorrer ao diploma para ascender a um lugar na sociedade.

Posteriormente, a família procurou diversas formas de sustentação, aliando-se a outros proprietários, com o intuito de defender suas propriedades, marcando assim, o fim dos grupos produtivos da base familiar e conseqüentemente estreitando laços com o Estado. Perrot (1991), refletindo sobre esta questão, diz: *A família, como rede de pessoas e conjunto de bens, é um nome, um sangue, um patrimônio material e simbólico, herdado e transmitido. A família é um fluxo de propriedades que depende primeiramente da lei. (p.105)*

A moradia, neste período, era difícil de ser conseguida. Na verdade, todos queriam e querem ter o seu espaço, com as mínimas condições de sobrevivência.

Enquanto os burgueses viviam em belos bairros, com casas construídas arquitetonicamente, os operários viviam em pardieiros superlotados e apinhados ao redor das fábricas. Este fato, além de favorecer a promiscuidade, gerava insalubridade.

Em função da dificuldade de se adquirir uma moradia, os operários, como comumente ainda hoje ocorre, "sonhavam com a casa própria", porém esta possibilidade ocorreria através das economias poupadas. Já a casa, provavelmente seria construída num espaço afastado da cidade. *O desejo de um canto para si expressa um crescente senso de individualidade do corpo e um sentimento do indivíduo levado pelos escritores até os limites do egocentrismo. (Perrot, 1991, p.321)*

Toda esta situação, sem dúvida, demonstra a dificuldade que os proletários enfrentavam. Os burgueses, enquanto classe dominante, consideravam-nos como "gente do povo", selvagens e como tal, não mereciam atenção por parte daqueles seres superiores.

Com o fortalecimento do aparelho estatal, redefinindo direitos e limites, o casamento passou a ser válido com um contrato civil, acontecendo na presença de um funcionário municipal. Porém, ele era imprescindivelmente um ato religioso e político. Ele era um fator de interesses de parentes, amigos e outros, visando a continuidade social e familiar. Somente a partir da segunda metade do século XIX surgem as uniões por paixão ou arranjadas pelas casamenteiras.

O casamento era uma forma de se evitar a promiscuidade, alertada pelos médicos, como um meio de preservar a saúde. *O leito conjugal é o altar das celebrações legítimas.* (Perrot, 1991, p.115)

Anterior ao casamento, o noivado objetivava o conhecimento dos corpos nubentes, sendo vigiado por alguém da família. Para a noiva destinava-se a confecção do enxoval, que prioritariamente deveria ser branco, como sinal de pureza.

O uso da aliança pelos noivos só apareceu no século XX; antes somente a mulher a usava. A viagem de núpcias é um espaço para os noivos ficarem a sós. No entanto, neste século da virgindade, pouco se falava da relação conjugal sendo que a mulher experienciava este momento carregada de pudor, temor e ignorância, chegando à sensação de estar sendo violentada.

A Igreja recomendava que as mulheres casadas não deveriam ser importunadas com perguntas e mesmo com o progresso industrial, o sexo era temido, sendo o contato do corpo regrado. O ato sexual era envolto de segredos, não sendo a intimidade sexual compartilhada.

Tanto quanto o padre, o médico influenciava as decisões familiares. A única diferença é que o primeiro geria a questão da sexualidade baseado nos princípios da moralidade familiar, enquanto o segundo, sob o ângulo das reações corporais.

No entanto, o médico, embora pudesse focar a sexualidade, ainda sob a influência da Igreja, tecia pesadas críticas em relação ao coito sem intenções de procriação. Prova disso era a falta de discussão de assuntos como a menopausa, a ejaculação precoce, a esterilidade e também as doenças venéreas, consideradas um escancaramento à moral.

Donzelot (1986) coloca que até metade do século XVIII nem as crianças e nem as mulheres interessavam à medicina. As mulheres como máquinas de reprodução, tinham sua

própria medicina. O parto e as doenças infantis eram discutidos com as "comadres". O avanço da medicina se estabelece ofuscando o império dos remédios caseiros.

Impossível negar que uma das pessoas mais respeitadas neste período na sociedade era o médico. Sendo higienista, priorizava a saúde do corpo. Como médico, participava do convívio familiar burguês, conhecia a família e os seus segredos, era o "médico da família". Tinha a mulher como aliada, porque no interior da casa as questões da saúde eram gerenciadas por ela, oferecendo-lhe um novo poder na esfera doméstica, além do crescente número de doenças femininas, sendo que ... *médico dos corpos é também médico das almas, é quem, para além do sintoma, reúne os fios da história familiar em sua dimensão indissoluvelmente afetiva e social.* (Vincent, 1992, p324)

Ao se considerar a medicina para os pobres, percebo que eles recorriam mais à medicina popular representada pelos curandeiros, benzedeiros e crendices, e esse fato é justificado pela falta de poder aquisitivo para contratar os serviços médicos particulares.

Diferente das épocas atuais, o nascimento era exclusivamente um ato privado e feminino, a ida a hospitais significava pobreza, vergonha e solidão, sendo as parteiras as grandes responsáveis pelos nascimentos.

Sem entrar na discussão da influência da estética, aliada à força, na história das origens da Educação Física coloco que neste período a evolução da imagem do corpo se altera. Ele aparece como um sistema de forças, agregado por músculos, fibras, sistemas e o importante não é só moldá-lo, mas adestrá-lo desconsiderando outras interferências no corpo. Com base na esfera militar, o corpo deveria se exercitar para conseguir a máxima potência, priorizando os aspectos posturais.

Na realidade, surgiu a teoria maquinal do corpo, proposta pela medicina com a obsessão pela postura correta centrada na expressão "Barriga para dentro". A ortopedia se fortaleceu com o intuito de remodelar o corpo por meio das máquinas.

Característica deste período foi a preocupação com a guarnição do corpo, onde a roupa apresentava um significado político, caracterizando a etapa republicana. Como o princípio republicano estava centrado na igualdade, priorizava-se para o homem o uso do uniforme. Já as mulheres, mesmo permanecendo a maior parte do tempo no espaço doméstico e, portanto, isentas de grandes alterações, tendiam a se desnudar cada vez mais. Neste aspecto, o uso da roupa passou a ser requisito para engajar-se no espaço público.

Beauvoir (1980), mergulhada nas reflexões sobre a ação da mulher na sociedade, coloca que o homem se preocupa pouco com sua aparência e suas roupas. Na maioria das vezes, elas são cômodas, adaptadas à vida ativa e não têm muita relação com sua personalidade.

Já a mulher preocupava-se com a aparência, pois, por ela sentia-se julgada, respeitada e desejada. Roupas com pregas que se desfazem, meias que se rasgam, saltos acalcanhados, blusas e vestidos claros que se sujam revelam a primitiva associação entre impotência e fragilidade destinadas à mulher.

As roupas íntimas apareceram, principalmente, para a mulher. As lingerie fizeram sucesso por despertar a sensualidade, tornando visível, eroticamente, através das rendas e dos bordados, a nudez.

Este processo incita a identidade feminina que se instala, ora no espaço público, ora no privado.

Neste sentido o espelho era um complemento importante. Este deveria ser pequeno, para contemplar apenas o rosto e não mostrar todo o corpo. Uma moça recatada não poderia se admirar, mesmo no banho, tanto que colocavam um pó especial para deixar a água do banho turva.

No final do século, o espelho de corpo inteiro põe à tona a valorização da estética, sendo considerado um complemento, como diz Corbin (1991): *O estímulo erótico da imagem do corpo, exacerbado por semelhante proibição, freqüenta esta sociedade que enche os bordéis de espelhos antes de pendurá-los, tardiamente, na porta do armário nupcial.* (p. 423)

No que se refere à higiene do corpo, existe forte ligação dela com a aparência. O banho inteiro era raro, sendo praticado uma vez por mês. A cabeça dificilmente seria lavada, enquanto que os pés e as mãos eram limpos diariamente. Estar limpo significava não ficar manchado, limpar as vestes, evitar modos grosseiros, pentear a cabeleira ou borrifar água de colônia.

O corpo feminino ficou escondido durante séculos para manter o pudor, através dos calcões, dos corpetes; os...*impacientes dedos masculinos devem suplantar obstáculos de uma gama cada vez maior de laços, colchetes e botões.* (Corbin, 1991, p. 447)

A propósito, o corpo/mulher continuava a expressar ao mesmo tempo prazer e temor. Ele não deveria aparecer sozinho em lugares públicos, pois se assim o fizesse despertaria desconfiança, reprovação e zombaria.

A sexualidade feminina era combatida e a Igreja se encarregava do controle e da proteção desta sexualidade. Para não vivenciar práticas sexuais, o corpo/mulher era vigiado. A vigília ocorria pelo padre na Igreja, no espaço doméstico pelos pais, nos internatos pelas freiras, evitando visualizar o coito dos animais e sobretudo pelo médico que recomendava evitar o calor e a maciez da cama.

Os homens da época tinham medo da mulher porque o corpo feminino despertava erotismo, quer seja no colo arredondado ou no pé e, como tal, a sexualidade da companheira não deveria ser despertada. Corbin (1991) coloca que:

A mística do talhe e das curvas, a fixação do desejo nos sedosos arredondados do colo, o valor erótico do pé e do couro das botinas, o desejo de cortar a cabeleira feminina para respirar à vontade tornaram-se fatos históricos, assim como o feticchismo do avental, símbolo de intimidade que parece autorizar todos os atrevimentos.(p. 447)

Garantido pelo determinismo biológico, o corpo feminino parecia condenado à mera reprodução da vida, encarregando-se de reproduzir e socializar os novos membros da sociedade.

Considerando a visão da Igreja, a mulher deveria estar disponível para satisfazer os prazeres masculinos e como símbolo da reprodução, seu papel feminino devia culminar com a maternidade. Porém, na atualidade, acredito que maternidade e feminilidade ou mesmo maternidade e atração sexual não sejam conceitos incompatíveis, porque o prazer, a troca, a intimidade, o erotismo provenientes da relação entre homem e mulher provavelmente não podem ser desligados de todo o processo que leva à maternidade.

Sendo assim, a gênese da intersubjetividade que ocorre no processo reprodutor não é solitária, ela é necessariamente, solidária.

A imagem do ato sexual recheado de tabus se expressa nos dizeres de Corbin (1991): *O culto da virgindade, o angelicalismo romântico e a exaltação do pudor impõem ao burguês ardoso a necessidade de representar o quarto e o leito conjugal como um santuário e um altar onde se consagra o santo ato da reprodução. (p.543)*

Nascida para a benemerência, a mulher preparada para o casamento deveria apresentar uma esmerada educação. Tocar piano, saber bordar, coser, cozinhar somavam as condições de uma moça com esmerada reputação. Assim, o homem, que não poderia executar as

tarefas domésticas, deveria se unir a uma mulher boa, prendada, plácida, e nessa relação não ficava claro, se a posição da mulher era de esposa ou de doméstica.

Após o casamento, o papel da mulher continuava ligado ao cuidado da casa, tanto que o aparecimento da máquina de costura foi a grande glória para a mulher.

O aparelho reprodutor feminino era considerado sensível e esta sensibilidade associava-se a uma debilidade intelectual e ao pouco desenvolvimento muscular, aparentando fraqueza e timidez.

Também para a mulher era inadmissível qualquer prática sexual longe do homem, tanto que no século XIX os médicos demonstravam hostilidade frente ao clitóris considerado como simples instrumento de prazer e inútil na procriação. A mulher deveria ser assexuada, porque este aspecto reforçava a submissão. As mulheres ignoravam, até então, que o prazer era independente da gravidez, tanto que aquelas que não provavam o orgasmo não se admitiam grávidas. Neste quadro percebe-se uma distância entre as descobertas científicas e as práticas cotidianas.

Ao cuidar das crianças, a mulher não assumia uma simples operação de vigilância, mas se constituía como primeiro agente socializador, orientando-as a participar de sua cultura, criando assim, uma identidade com sua personalidade, traços de comportamento, valores e atitudes.

A mulher estava predestinada ao papel de mãe e tanto o discurso médico como o político, ficavam assim definidos: *A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães.* (Hunt, 1991, p.50)

O adultério feminino continuava a representar pânico, enquanto que o masculino era tolerável, exceto o concubinato domiciliar. Esse dado difere em relação às prostitutas que preconizam o coito rápido sem permitir efusões sentimentais. A casa de tolerância funciona como uma espécie de sexo utilitário.

O corpo homem era considerado biologicamente mais forte, corajoso, arrojado e deveria possuir muitos pelos como sinal de masculinidade. O homem tinha nas práticas sexuais solitárias um verdadeiro exército de condenação, tanto que a masturbação era considerada um prazer ilegítimo.

A dança nos bailes e saraus mostra a presença do corpo no século XIX, vivenciando momentos de férias, usufruindo do "tempo livre", reflexo das alterações no espaço do

trabalho, sendo as praias e o contato com a natureza os mais escolhidos. Quero ressaltar que, na praia, o corpo tornou-se mais livre, desprendido, praticando esporte com roupas leves e soltas.

Da Matta (1986) também lembra um outro desnudamento: o corpo carnavalesco. Corpo aberto e cantor e que, ao cantar, se interrelaciona com outros corpos. Semelhante ao corpo do baile e da praia; trabalha sem fazer nada, ou seja, trabalha pelo seu prazer, gozando um ócio obrigatório.

Quanto ao aspecto de o corpo ser mostrado, existe a preocupação de evitar manifestações orgânicas, dando a idéia de que o corpo inexistente. A descorporificação se ampliou com o enaltecimento do modelo angelical. As moças se identificavam com anjos e a Igreja contribuiu fortemente para este aspecto, tanto quanto os médicos que influenciavam para que as questões de sexo não fossem estimuladas, privando assim o jovem de conhecer e experienciar assuntos do corpo.

A faixa etária compreendida pela adolescência anunciava inquietação, por estar ligada ao aumento do desejo sexual, causando pânico e pavor, pois o corpo seria utilizado.

Embora o corpo permanecesse rodeado de tabus, a sedução no final do século XIX surgiu. Sedução presenciada no vestuário, nas emoções, no despertar do desejo. O corpo parece "existir" encontrando-se com outros corpos nas relações. Os jogos de amor, o flerte, as preliminares que dão ao contato sexual um novo sabor, instigando prazer e desejo se solidificam.

O corpo homossexual, feminino ou masculino, neste fim de século XIX, não é mais considerado patológico. A homossexualidade, porém, ainda era escondida, pois os homossexuais eram considerados fugitivos da vida social e, como tal, deveriam estabelecer sua história individual, sua maneira de ser e sentir para que sua opção fosse justificada.

Finalizando as considerações do corpo, abordo a morte, constatando que o luto, em especial pela mulher, era guardado por um ano, ratificado pelo uso de roupa preta e pelo fechamento da casa para o público. Os túmulos existiam com a idéia de preservar a família.

Neste final de século XIX, os avanços do telefone, da eletricidade, da imprensa, o acesso às comunicações, marcaram um período diferente daqueles vividos até então.

Como último período, abordo o final do século XIX e o curto século XX, época marcada por vários acontecimentos como a luta de classes, a liberação feminina, a liberdade sexual, o fortalecimento dos partidos políticos e do processo industrial, a implementação de outros

tipos de regime, as grandes guerras mundiais, o avanço da tecnologia, com o aparecimento da televisão, do rádio, do automóvel, do avião, além do forte domínio exercido pelos Estados Unidos.

O computador, por exemplo, é o primeiro invento que substituiu a energia intelectual humana. Se a máquina a vapor substituiu a energia muscular e já teve tantas conseqüências, o computador, substituindo a energia mental, teve conseqüências ainda mais fantásticas. (Muraro, 1992)

Diferente de épocas anteriores, o espaço privado e o público se assemelham, formando uma convivência quase orgânica. Contraindo-se a outras etapas, a mulher de classe menos favorecida sai de casa para trabalhar na fábrica, na oficina ou como doméstica, enquanto que outras ainda trabalham no interior da casa, costurando por exemplo. As atividades desenvolvidas no interior da casa acabavam não conseguindo definir onde terminava um espaço e começava o outro. O mesmo local em que se comia, se costurava, o mesmo lugar onde se dormia, se armazenavam mercadorias. O espaço físico era restrito para aqueles que tinham ofício no interior do domicílio.

No bojo da civilização industrial, inicia-se, na segunda metade deste século, liderada pelo movimento feminista, uma contestação em relação ao trabalho feminino doméstico, entendendo que este alienava a mulher. Uma das formas de se emancipar, de conseguir libertar-se da submissão seria engrossar a massa do trabalho fora de casa.

O movimento feminista fomentou a culpa dos homens. As feministas sentiam-se perseguidas e sufocadas a ponto de tê-los como inimigos. Alguns homens as hostilizavam na sociedade, chamando-as de bruxas, mal-amadas e homossexuais.

Como curiosidade, Muraro (1992) coloca que as feministas embrenhavam-se em lutas sindicais em busca de melhores condições de trabalho. Como resultado, no dia 08 de março de 1908, cento e cinquenta mulheres foram queimadas vivas, dentro de uma fábrica, por patrões contrários às suas reivindicações de melhores salários e menor jornada de trabalho. Em homenagem a elas ficou instituído, em todo o mundo, o dia oito de março como o Dia Internacional da Mulher.

Vale acrescentar que esta atitude perfeccionista e de certa forma radical em relação à inimizade masculina, não revela a intenção de todas as mulheres, porque, em média, a necessidade de conviver com o sexo oposto é gratificante, principalmente se ela gerar

oportunidades de experiências maternas, sexuais, sensuais, amigáveis e profissionais. Mesmo porque incorporar a figura de homem quando se é mulher é, no mínimo, complicado.

Criticando este movimento Grant (1989) coloca que: *O movimento feminista glorificou os valores masculinos de poder e afirmação e menosprezou os valores femininos de relacionamento e moralidade.* (p.42)

Como dado complementar, embora após a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais houvesse uma abertura sexual para a mulher, ela ainda se restringia ao âmbito doméstico. No período compreendido entre estas guerras, o corpo/mulher foi novamente colocado em segundo plano, principalmente na Alemanha nazista, liderada pela figura de Hitler. Ele, em meados da década de vinte, aparece como esperança de um povo desempregado e inflacionado, encarnando valores tradicionais de heroísmo, de honestidade, de guerra e de temor a Deus. Ideologicamente, queria a eugenia da raça ariana.

Embora tradicionalmente os alemães fossem misóginos, precisavam do corpo/mulher reprodutivo para multiplicar a raça, pois a vitória não era de classes e sim de raça. No entanto, embora Hitler fosse adepto das tradições nazistas, precisava dos votos das mulheres. Em seu discurso, apregoava a conquista de espaços trabalhistas para elas e seus maridos.

Depois de eleito graças ao apoio feminino, demonstrou seu verdadeiro desprezo a elas, enfatizando que o lugar do corpo/mulher era no lar, fora do mercado de trabalho, produzindo filhos purificados com o sangue ariano, reforçando o patriarcado. Além das mulheres, o partido nazista em busca do poder, também segregou os considerados inferiores como os poloneses, ciganos, deficientes, idosos e principalmente os judeus.

Dentro dessa mesma reflexão, em algumas culturas como a hindu, a mulher tem uma característica de submissão bastante acentuada, a estrutura familiar é estritamente patriarcal, e a mulher tem que se casar ainda criança. Mesmo com a condição de casada ela é obrigada, em lugares públicos, a andar três passos atrás do marido, além de não o acompanhar em refeições e não o ver durante o dia.

Procriadoras, têm no nascimento dos meninos motivo de festa. Até, por motivos religiosos, as jovens viúvas eram obrigadas a atirar-se vivas na fogueira onde seu marido estava sendo cremado.

Não diferentes dessas, as chinesas vivem um processo de submissão no casamento. Desde pequenas têm os pés enfaixados para se manterem pequenos e não

possibilitarem sua fuga; no entanto, contraditoriamente, a sociedade profere que os pés pequenos denotam um caráter erótico à mulher.

As muçulmanas também não são diferentes, tendo que andar envoltas em vestes e véus, sendo obstruídas de comunicação com as pessoas; caso ousem andar na rua sem véu, isso significa que querem ser estupradas. (Muraro, 1992).

Também nos países muçulmanos, a circuncisão da mulher é executada entre cinco e nove anos de idade, retirando-se o clitóris sem anestesia ou assepsia, tomando as mulheres inorgásticas desde crianças para que, isentas de prazer, não se revoltam contra os maridos.

Na década de setenta, de forma mais enfática, crescem as reivindicações dos corpos femininos, pedindo nível de igualdade entre os sexos, remuneração semelhante, legalização do aborto e independência da mulher no espaço público. Esta luta não tem o caráter de "guerra dos sexos", mas ocorre contra a discriminação entre os sexos.

Se antes a mulher existia a partir dos homens e dos filhos, sendo desconsiderada, hoje enfrenta outra exigência: a do mercado de trabalho, que é diferente da exigência doméstica. Um outro dado é que, até mais ou menos a década de sessenta deste século, poucas mulheres ocupavam postos de comando, nas profissões liberais ou nas fábricas, apesar das manifestações mundiais de igualdade.

Com efeito, em 1965 ocorre um avanço para a mulher, sendo a inferioridade jurídica perante o marido suspensa. Logicamente, esta conquista causa espanto a um número significativo de moralistas conservadores que viam a mulher como mera "dona de casa", ou melhor, como sua "patroa", sem considerar suas potencialidades, necessidades e desejos.

A expressão popular define, no grupo familiar, a função da mulher: Um bom piloto de fogão!

Recentemente um comercial de televisão expôs bem o aspecto submisso que a mulher viveu durante anos. Uma fábrica de painéis com alta tecnologia desobriga a mulher de ficar horas areando as painéis; conseqüentemente, o marido preocupado com a "ociosidade" provável da mulher, se espanta com esta possibilidade e indaga quais seriam as próximas atitudes "pecaminosas" de sua patroa.

Este dado se solidifica, pois, na maioria das sociedades a culinária é um trabalho feminino, originário do cuidado da mãe no círculo doméstico. No entanto, quando se trata de um quadro mais requintado, o agente poderoso do trabalho culinário é um cozinheiro.

Com isso não quero dizer que os valores domésticos não possam ser considerados, mesmo porque a estrutura da família para a existência dos seres humanos é essencial. Porém, a subordinação da mulher é que merece questionamento.

Uma outra questão é que a sociedade machista parece se vingar das mulheres que tentam ascensão, delegando a elas uma espécie de dupla jornada super-humana, dentro da qual elas tem que se desdobrar para atender a tudo e a todos. A mulher, assumindo estas funções, não perde a feminilidade, mas também quer a companhia de um "homem sensível", que possa dar o suporte necessário para o compartilhar das experiências da vida.

Comparando esta situação com a fábrica ocorrem diferenças; quer seja na questão do espaço físico, do horário de entrada e saída, quer seja no que se refere ao tempo livre, de descanso.

Com o passar do tempo, o trabalho tende a se especializar, obrigando a todos a se enquadrar às novas tecnologias. Assim, as fábricas passam a ter um lugar específico para cada coisa, o trabalho é fiscalizado, o sistema de remuneração por produtividade se estrutura, o espaço físico fica limitado, tirando o caráter de liberdade existente quando a produção era caseira.

O controle do aumento da produtividade gera uma dicotomia que persiste ao longo do tempo: o trabalho se separa do produto deste trabalho, o público está numa esfera diferente do privado, os pais se separam da mulher e dos filhos, a infância da vida adulta, o corpo da mente e a razão da emoção. O mundo fica especializado por partes, sendo o sistema industrial o tipo de escravidão mais sofisticado até então existente. (Muraro, 1992)

Os corpos humanos, por se esgotarem mais cedo como ferramenta, são substituídos pelas máquinas, obrigando o trabalhador a passar por incessantes reciclagens que acompanham o avanço tecnológico.

Neste ambiente, são vários os estereótipos dados ao corpo como recorda Rodrigues (1986):

Um corpo-produtor, corpo-instrumento, de que os burgueses são os sujeitos; corpo a ser treinado, disciplinado, alimentado, fortificado, conhecido. Corpo que deve render, frutificar. E também o corpo a que os dominados deverão ser subjugados: corpo-ferramenta, corpo alienado, corpo que se troca por um salário. Corpo-mercadoria. (p.98)

Também no âmbito da educação, é neste século que a instituição escolar se estabiliza. A transferência para a esfera pública ocorre porque a vida dos pais não se restringe exclusivamente à casa. A necessidade de mão de obra especializada obriga o sistema escolar a estabelecer o ensino técnico e o profissionalizante para atender o mercado de trabalho.

Mesmo com este quadro, alguns trabalhadores consideram a empresa como uma grande família, cujo pai seria o patrão. Porém este não é um aspecto generalizado, porque, com a estruturação da indústria, foram criados os sindicatos e os mesmos tinham grande influência no cotidiano das fábricas.

Embora estruturadas de forma melhor no século XX, as reivindicações trabalhistas aparecem desde 1948 com Karl Marx e Friedrich Engels, chamando a atenção para o quadro opressivo a que o trabalhador estava submetido, defendendo, em oposição ao capitalismo, que a classe operária deveria se organizar transformando os meios de produção em propriedades coletivas.

Embora Marx tenha influenciado o modo de pensar e agir de várias pessoas, em seu discurso excluiu a opressão ao corpo/mulher, o qual tinha piores condições de trabalho e remuneração inferior à dos homens. Coincidentemente, no mesmo ano de 1948, ocorre a primeira manifestação feminista perto de Nova York, reivindicando as mesmas condições no espaço público, direito a voto, educação e direitos legais, além da supressão do patriarcado, muito mais antigo do que a luta de classes. (Muraro, 1992)

A greve para os trabalhadores, por exemplo, é uma forma de reivindicação não só material mas também de superioridade moral. Para os patrões é ingratidão, associada a atitudes de mau caráter.

A família era autônoma na produção, mobilizando todos ao sucesso ou ao fracasso. Ela possuía ao mesmo tempo, a função educativa, com relação aos filhos e função assistencial no que se refere aos seus membros dependentes.

Dessa forma, a família não é mais a mesma, tendo que se compor de acordo com esta nova paisagem, ... *deixa de ser uma instituição para se tornar um simples ponto de encontro de vidas privadas.* (Prost, 1992, p.87)

A partir da existência do automóvel, as famílias passam a se ausentar das casas no período de tempo livre, procurando outros locais como a montanha ou a praia, diferentes daqueles vivenciados no dia a dia. Paralelamente, rompendo com o egocentrismo da família burguesa, o

eixo familiar do socialismo se fortifica, estabelecendo relações de dependência nas obrigações, honras, favores e desfavores. Inclusive, as organizações de massa destacam que formam "uma grande família" em torno da posse de uma situação ao mesmo tempo de profissão, privilégio e status.

A Igreja ainda tem influência na família, sendo o padre um grande confidente. Ela mantém o combate aos encontros corporais independentes da reprodução, criticando as relações amorosas que ostentem prazer. *Não há nada mais infame do que amar uma esposa como uma amante.* (Vincent, 1992, p. 353)

No decorrer dos anos há um cristianismo laico. A ida à missa deixa de ser um ato social e passa a ser um ato de fé. A vocação religiosa não é mais uma imposição, mas uma escolha.

Neste panorama, o casamento não é mais arranjado, mas feito em comum acordo entre os noivos, gerando companheirismo, intimidade, respeito mútuo e paixão ou em consonância com interesses financeiros e, portanto, deveria ter contrato duradouro. O casamento também, até o início do século, significava uma forma de emancipação perante o pai.

Na sociedade contemporânea, o casamento também reflete as alterações ocorridas tanto com a mulher como com o homem, no interesse pela busca da individualidade e da solidificação de metas profissionais.

Um problema que ainda ocorre no final deste século, para algumas mulheres, é que, ao adentrar o casamento, ela rompe com o passado, ou seja, não mantém, por exemplo, contato com seus amigos, ela é anexada ao universo do marido, sendo introduzida na coletividade por intermédio dele.

A partir da evolução educacional, os jovens conquistaram independência no interior da família, quer seja pelas relações com parceiros, pela escolha da profissão, quer por ligações amorosas independentes do casamento formal.

As relações familiares centram-se, a partir de então, no amor, não só entre os pais, bem como destes para com os filhos. Neste contexto, a sexualidade se valoriza e se legitima.

A procriação continua a fazer parte do casamento, no entanto, ocorre o planejamento familiar e como consequência, métodos de contracepção passam a ser utilizados. O uso de anticoncepcionais, de preservativos, inicialmente negando princípios da Igreja que entendia

ser o ato sexual apenas reprodutivo e não prazeroso, é fonte de fragilização da família, tornando-se difundido, superando tabus e preconceitos.

Dessa forma, entendo a contracepção de acordo com Vincent, (1992):

O corpo não é uma máquina, e a maternidade forçada desrespeita a especificidade do ato de dar a vida. Impõe-se um duplo respeito: pelo corpo da mulher e pelo corpo do filho a nascer. O amor materno não pode florescer plenamente na relação mãe filho a não ser que esse filho tenha sido desejado. (p.254)

Toda essa situação, sem dúvida, não significa que a reprodução não é bem vinda. A humanidade tem necessidade de se perpetuar e quer isso. Prova disto é o pavor que se tem da esterilidade, tanto que altas tecnologias como: bebê de proveta, fertilização in vitro, barriga de aluguel tentam garantir a cadeia das gerações.

O processo gestacional é uma antítese para a mulher, como enfatiza Beauvoir (1980):

...ela sente-o a um tempo como um enriquecimento e uma mutilação; o feto é parte de seu corpo e um parasito que a explora; ela o possui e é por ele possuída; ele resume todo o futuro e, carregando-o, ela sente-se ampla como o mundo; mas essa própria riqueza a aniquila: tem a impressão de não ser mais nada. (p.262)

Entre os principais acontecimentos deste século está o culto ao corpo, destacado, tendo em vista o meio social. O corpo trabalhador, desde o início do século, valoriza a robustez, a força física, a resistência, como símbolo de fiel labuta.

A burguesia, em média, mantém uma aparência esteticamente escondida, reflexo de uma tradição cristã arraigada. Usando chapéus e luvas, coloca somente o rosto à mostra. As mulheres ousam mais, nas ocasiões de gala, ostentando profundos decotes.

Mas, ao caracterizar o corpo deste século, constato que a roupa muda de forma. Os colarinhos se afrouxam, os corpetes são extintos, as saias encurtam colocando as pernas à mostra, as roupas esportivas invadem a cidade. Os tecidos ficam mais leves e contornam a silhueta feminina.

Surgem os construtores da moda, aqueles que ditam o que deve ou não ser usado na próxima estação. Auxiliados pela publicidade, os fazedores de moda ampliam o consumo das roupas.

Mesmo que persista a norma da mudança, estar na moda não é mais segui-la: é mostrar, pelo uso que se faz dela, que não se é mediocre. A roupa já não mostra a adaptação do indivíduo à vida pública: ela expressa, na própria vida pública, a personalidade reivindicada por cada um. (Prost, 1992, p. 141)

A nova moda se desagrega. Os cabelos masculinos crescem, as barbas florescem e os cabelos femininos encurtam. Os homens usam colares e braceletes. Simultaneamente o uso de calças compridas para a mulher se expande, os blusões mais soltos que desvalorizam as formas femininas são utilizados, o uso de conjuntos e acessórios se amplia. O tecido jeans impera e desponta a moda unissex e o tênis vira calçado oficial da juventude.

O movimento hippie se fortalece tendo corpos contrários a uma sociedade competitiva, patriarcal e racista. Eles rejeitam o dinheiro, a competição e valorizam a alimentação natural. Desconsideram a religião cristã, adotando o hinduísmo e o budismo. Como prática corporal valorizam o yoga. (Muraro, 1992)

A criança deixa de ser vista como um adulto em miniatura para ser considerada de acordo com sua faixa etária. Essa mudança no tratamento das crianças repercutiu na preocupação de ampliar os espaços domésticos para facilitar as brincadeiras infantis, além de compor um vestuário que fosse adequado a sua liberdade de movimentos.

Mas, a valorização do corpo não se restringe exclusivamente ao uso de roupas ou ao asseio corporal, ela também vem ligada às prevenções estéticas e de doença. A ginástica e as suas mais diversas manifestações como forma de manutenção da saúde, os cremes rejuvenecedores, as dietas milagrosas fazem parte do arsenal que cuida do corpo.

Na legitimação do culto ao corpo, a indústria farmacêutica, as academias de ginástica, as indústrias de equipamentos esportivos, bem como os meios de comunicação em geral se encarregam de divulgar tentadoramente o consumo destes produtos. Além destes, a imprensa, através das revistas especializadas em saúde e beleza, contribuem para fortalecer esta ideologia.

Entre os principais itens do cuidado com o corpo está a alimentação. Ela pode ser considerada sob duas vertentes: a primeira se refere a ingestão alimentar e a segunda, aos códigos sociais estabelecidos.

Mary Douglas in Vincent, (1992) coloca que : *Os princípios de seleção que orientam o ser humano na escolha de seus recursos alimentares não são de ordem fisiológica, e sim cultural (...). É a cultura que cria entre os homens o sistema de comunicação referente ao comestível, ao tóxico e à saciedade.* (p.314)

Assim, a cultura e os meios sociais determinam a forma de consumo alimentar. Na atualidade, tanto o cozinhar como o consumo da comida são, ao mesmo tempo, masculino e feminino. A restrição à ingestão de gordura, doces, carne vermelha, antes mais reservada à mulher, tem hoje a adesão de ambos os sexos, em função das questões estéticas do corpo.

Se antes o horário da alimentação reunia os familiares à mesa, hoje o ritmo está submetido aos horários do trabalho. Os congelados, os sanduíches substituem a refeição completa; porém, isso se faz necessário em função do curto espaço de tempo do trabalhador destinado a este fim.

Também a higiene do corpo todo é um dado muito recente para algumas culturas, porque para outras mantém-se o hábito de apenas lavar o que está à mostra, ou seja, o rosto e as mãos.

Somente após a Segunda Guerra Mundial, os hábitos de asseio corporal são difundidos. Os banheiros passam a fazer parte do cotidiano das famílias; porém, na maioria das vezes, ficam fora da casa.

Diferindo de períodos anteriores, o banheiro passa a ser o local mais secreto da casa, onde há liberdade a impecilhos, corretivos ou adornos do corpo.

O corpo, da década de sessenta para cá, prepara-se para ser conhecido, ser exposto, para existir como ser no mundo. Não apenas mostrando os adornos que ele carrega, mas a si próprio, embora o pecado da carne ainda respingue em muitos corpos.

As corridas de rua, o jogging, o vôlei de praia são atitudes que passaram a ser comuns no cotidiano das pessoas. Cresce o número de adeptos dos esportes de modo geral. Assim o cuidado com o corpo não é só legítimo; é também necessário.

Aliás, vale um adendo: a publicidade, de modo geral, consegue difundir novos hábitos do corpo de modo muito mais satisfatório do que os próprios higienistas.

Quanto às questões de saúde, o homem sempre temeu as doenças, sejam elas degenerativas, epidemiológicas ou mentais, como também os acidentes e o envelhecimento. O médico, como patenteador da saúde, foi ao longo dos anos respeitado pela família.

A dança, como uma outra forma de manifestação corporal, estrutura-se, inspirando sedução. O contato corporal no momento do dançar é altamente sensual, manifesta a união das pessoas. Danças como a valsa, o tango (para pavor dos moralistas) o jazz, o charleston, o twist, o bolero, o rock são exemplos desta via de mão dupla que se estabelece ao mesmo tempo num ritmo individual e no ritmo do parceiro.

Apesar da repercussão quase total da existência do corpo, a sociedade aceita vagarosamente novas mudanças, necessitando de, a cada etapa, diluir através dos mais jovens as novas alterações. Com isso aumenta a distância entre as gerações.

A nudez não é tão castigada. O corpo aparece nas praias de nudismo e nos trajés de banho, estabelecendo convívio entre as pessoas, *...o corpo se tornou o lugar da identidade pessoal. Sentir vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo (...)o corpo é a própria pessoa.* (Prost, 1992, p.105)

Na década de sessenta há uma grande explosão das abordagens sobre sexo, ditando que este deveria ser feito a qualquer hora e com qualquer um, o que é complicado, pois, nenhum extremo é conveniente. Sexo, tanto para o homem como para a mulher, é uma experiência intensa. Inicia-se a educação sexual, com a perspectiva de orientar principalmente as crianças e os adolescentes.

Contudo, há evolução nas questões de igualdade dos sexos, por se considerar que, com exceção da diferença da parte genital, eles têm no nascimento, no desmame, na exploração sexual, nos prazeres, nos movimentos de sucção, o mesmo comportamento. Porém, a indústria de brinquedos infantis e a própria família reforçam ferozmente a diferença entre os sexos.

O corpo/menina brinca com bonecas e tem atitudes delicadas. O corpo/menino brinca com carrinho e revólver e, como tal, deve ter ações mais agressivas.

Na família, a situação se agrava, como coloca Beauvoir (1980):

...quanto à menina, continuam a acariciá-la, permitem-lhe que viva grudada às saias da mãe. no colo do pai que lhe faz festas (...) são indulgentes com suas lágrimas e caprichos. (...) divertem-se com seus trejeitos e seus coquetismos (...) Ao menino. ao contrário, proibe-se até o coquetismo. suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. Um homem não pede beijos (...) Querem que ele seja um "homenzinho". (p.12)

O menino, em contrapartida, orgulha-se de seus músculos e do seu sexo, que fica exposto, mostrando virilidade. Para a menina o sexo é secreto, e só o que se vê é o invólucro intocável.

O brincar com bonecas reforça alguns estereótipos culturais como o papel do corpo/mãe, aquele que superprotege, se maternaliza através do marido, dos amigos ou dos filhos. Corpo sereno, companheiro, afetuoso, devoto que não se veste de modo provocador, mas preza por estar bem cuidado. Corpo fonte de alívios, refúgio e ponto de referência.

Diferente do corpo sedutor, erótico, que com ares ameaçadores e misteriosos, instiga a fantasia masculina, é um corpo mais sexual atraindo forças opostas, presentes no corpo feminino, de fogo e de gelo. Ele se veste de modo que a diferença entre o homem e a mulher seja enfatizada, realçando sua beleza individual e atração sexual.

O corpo guerreiro, definido pelo perfil cheio de ideais com fortes motivações pessoais, completa este quadro. Projetos individuais, inspirando fama com metas a serem atingidas completam a imagem desse corpo. Corpo dinâmico e auto-suficiente que, também no sentido da palavra, sabe o que quer. Corpo que se veste pela funcionalidade.

A combinação entre o corpo/mãe e o corpo/sedutor é o mais interessante. Esta fusão é necessária porque a mãe, sem a sedução, é santa e a sedução, sem a mãe, é prostituta. Assumir a feminilidade, pela ligação entre corpo mãe/sedutora, deve ter como pressuposto o corpo/guerreiro que integralizado aos dois primeiros inaugura um processo fascinante e complexo em direção à condição feminina. (Grant, 1989)

A propósito, a liberação sexual desobrigou a mulher do aspecto exclusivamente reprodutivo, realçando sua sedução, seu charme, sua feminilidade. O uso do batom, os cuidados com a pele, com a higiene, o uso de lingerie despertam uma mulher mais ardorosa.

O corpo reprodutor entra em crise: não leva vantagem com a castidade antes do casamento, sendo que ser virgem aos vinte e cinco anos é "estranho". Embora nem todos os

valores antigos tenham saído de moda, busca-se a mulher feminina que combina traços de guerreira, de maternidade e de sedução.

Neste envolvimento, para ter domínio e autoconfiança, os homens gostam de instruir as mulheres sexualmente, porém a mulher só se rende a ele caso confie nele e o respeite e ele saiba seduzi-la, o que reforça a convicção de que isoladamente não há interação corporal.

O discurso feminino levantou, e ainda levanta, a bandeira de que o corpo feminino não deve ser fragmentado em corpo objeto, corpo reprodutor, corpo social, mas que represente o ser corpo na existencialidade.

As palavras de Beauvoir (1980) exprimem esta questão:

...à mulher. para que realize sua feminilidade. pede-se que se faça objeto e presa. isto é. que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano(...) Ela se recusa a confinar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se. mas repudiar o sexo seria também uma mutilação. O homem é um ser humano sexuado: a mulher só é um indivíduo completo. e igual ao homem. sendo também um ser sexuado. Renunciar a sua feminilidade é renunciar a uma parte de sua humanidade. (p. 452)

É interessante observar que, analisando a descoberta do próprio corpo, toques podem despertar o desejo não só individual como do corpo do outro. A manipulação é erótica e sensual e, conseqüentemente, desperta a sexualidade.

Excitada a sexualidade, o corpo que rola na cama não é mais um corpo assustado, ignorado; ele compartilha do espaço prazeroso da relação corporal.

O orgasmo feminino e masculino é considerado graças às descobertas de William Masters e Virginia Johnson, na década de sessenta. Eles publicam suas pesquisas centrados em três fatores: fisiológico, psicológico e sociológico, caindo por terra uma série de preconceitos e tabus a respeito da sexologia.

A masturbação, por exemplo, sai do seu campo secreto para se tornar um meio de preparação de encontros satisfatórios com o outro corpo, sendo assim, ... *está provado que o prazer não é um pecado da civilização. mas uma realidade biológica inscrita no corpo.* (Vincent, 1992, p. 357)

Ainda dentro da abordagem sexual, a mulher, diferente do homem, precisa de um período de preparação. O toque, as carícias, as roupas, as falas formam o jogo de intimidade e

sedução necessário ao ato sexual. Com isto ela libera suas fantasias sexuais, vivenciando não mais um sexo silencioso, mas, falado e experienciado no corpo.

... o coito tem para o homem um fim biológico preciso: a ejaculação (...)Ao contrário, na mulher, o fim é um ponto de partida incerto e de natureza mais psíquica do que fisiológica: ela quer a comoção, a volúpia em geral, mas seu corpo não projeta nenhuma conclusão nítida do ato amoroso: e é por isso que para ela o coito nunca finda inteiramente: não comporta um fim. (Beauvoir, 1980, p.135)

O ato sexual não é mecânico, objetivo, programado, unitário; ele é envolvente, sedutor e comprometedor. O corpo sexuado requer isenção de pudores para que participe do movimento de ir e vir do jogo que se instala, ao mesmo tempo de domínio e de submissão.

Para complementar as fantasias sexuais, a pomografia se fortalece, seja por meio da produção de filmes, de revistas ou pela instalação de sex-shop. Embora estes produtos sejam visíveis, muitos ainda são proibidos socialmente.

O corpo prostituído sempre esteve presente na história, permanecendo em bairros específicos e mantendo discrição, confinado dentro das casas de tolerância, tal qual o corpo homossexual, que só a partir da década de oitenta pode ser considerado e assumido.

Aliás, Beauvoir (1980) coloca que tanto a mulher casada como a prostituta têm a mesma função no ato sexual: prestar serviços. A diferença é que a primeira é contratada a vida toda para um homem só, enquanto que a segunda tem vários clientes que lhe pagam a cada vez.

O esforço de se igualar os sexos, nos dias atuais, tem apresentado, como resultado, a entrada da mulher no mundo do trabalho, tendo acesso ao poder, e isso tem obrigado um número significativo de homens e de mulheres a dividir as mesmas funções, criar e cuidar dos filhos e da casa. Eles usam o mesmo jeans, compartilham os mesmos problemas. Há uma interligação mais íntima nos espaços familiares, o clima de amizade é prioritário entre pais e filhos.

O mais importante é que corpos masculino e feminino possam compartilhar o equilíbrio da relação, trocando energia suficiente para o auxílio mútuo.

No entanto, esse quadro não é genérico, pois várias são as culturas que ainda colocam a mulher no patamar da submissão, servindo apenas como "máquina de fabricar filhos" no espaço uterino para a construção da família, talvez, porque não a entendam, como disse Rita Lee: "mulher é um bicho esquisito, todo mês sangra".

... como entre os primeiros cristãos, os primeiros protestantes, as primeiras milícias da Revolução francesa e praticamente todas as revoluções que aconteceram até hoje, as vanguardas foram compostas em sua maioria de mulheres. Quando no entanto o poder é conquistado, também no socialismo, como em qualquer outro sistema humano até hoje, a situação da mulher volta a ser inferior à do homem! (Muraro, 1992. p.169)

Como se vê, símbolos, signos, tabus estão presentes na história nacional, familiar e individual do corpo.

O tempo passou; no entanto, muitos desses símbolos, signos e tabus continuam presentes principalmente no corpo/mulher hoje, no final do século XX, variando a forma e o significado, mas permanecendo a essência.

CAPITULO III

VISÃO BIOLÓGICA - O MUNDO DAS ORIGENS

Discutir corpo no palco da perspectiva biológica, significa estar seduzida pela abrangência que vai além da simples origem do homem, arquitetado estruturalmente. Significa, também, analisar o caminho laborioso que o mundo científico traçou para encontrar respostas à origem das espécies.

Situações que estão presentes no dia a dia e que muitas vezes são imperceptíveis, como justificar a cor do céu ou da terra, a secreta rede que une todos os objetos deste mundo, ou mais popularmente, quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha, causam respostas embaraçosas. Constam do dia a dia que vivemos, mas não conseguimos explicitá-las racionalmente.

Em relação ao homem, sempre foi intrigante entender sua origem, sua respiração, seu equilíbrio termostático, compreender o que move o seu viver, interpretar o mundo em que está. Justificar a proporcionalidade entre homens e mulheres existentes no mundo ou, mais genericamente, por que nas espécies sexuadas há aproximadamente o mesmo número de machos e fêmeas.

Existe um conhecimento significativo sobre as entranhas do corpo, mas não se esclarecem as ações integrativas do humano, fazendo com que muitas vezes este seja rechaçado.

O homem não é simplesmente uma justaposição de órgãos que funcionam solitariamente e que podem ser entendidos reduzidamente. Constitui-se de um conjunto de funções dependentes entre si, com ações definidas, impostas pelas leis da natureza, formando um jogo

complexo de relações entre as partes que, unidas, fazem o todo funcionar, escondendo-se atrás do projeto chamado vida. (Jacob, 1985).

O mundo científico procurou, e ainda procura, explicações e respostas concretas, precisas, sobre a inesperada existencialidade embebida de complexidade. Estes fenômenos serão dádiva de Deus ou obra da natureza?

O homem, diferente da natureza, está cheio de projetos, traça objetivos, controla desejos e necessidades, vivencia emoções, torna-se cada vez mais enigmático. Comparativamente, enquanto a natureza sofre as conseqüências do passado, o homem vive orientado para o amanhã, desfrutando das experiências passadas.

Assim, traçar o caminho de reflexão do homem/corpo neste contexto é reconstruir o trajeto da humanidade desde as formas ancestrais até as contemporâneas.

Convém assinalar que nessa caminhada optei, inicialmente, por descrever a origem do Universo para em seguida discutir as teorias que alicerçaram a evolução das espécies e finalmente afunilar a análise, destacando a origem do homem. Vale lembrar que pontos problemáticos como: tamanho do cérebro e suas relações com o desenvolvimento da inteligência, as influências na definição das raças e questões relacionadas à linguagem e à cultura também foram ponderados.

Não pretendo, nestes escritos, entrar no jogo dos biólogos que normalmente se encontram entrincheirados atrás de observações meticulosas, fundamentados na concepção cartesiana, mas fazer um esboço desta construção baseada na análise do referencial histórico existente, movida pela necessidade de compreender a origem do corpo/homem dentro da perspectiva biológica.

É importante salientar que a preocupação específica com a evolução da espécie somente aparece no momento em que a existencialidade transcende a concepção estática de ver o mundo. Assim, entender evolução biológica ou evolução orgânica significa considerar mudanças nas propriedades das populações dos organismos que extrapolam o período de vida de um único indivíduo. É ter como referencial o coletivo da população, tanto que neste caso a ontogenia não é considerada evolução. Trata-se da evolução das alterações herdadas via material genético, de uma geração para outra, considerando também a seleção natural como forma de sobrevivência ou reprodução superior, que ocorre pela necessidade de os organismos se adaptarem a diferentes ambientes. (Futuyma, 1992)

Neste sentido, tanto quanto os ambientes, os agentes de seleção natural também se modificam, o que significa dizer que *...não existe razão necessária para se esperar uma direção consistente na evolução de qualquer linhagem, muito menos uma direção que todos os seres vivos devam seguir.* (Futuyma, 1992, p.8)

Associando a afirmação anteriormente citada ao fenômeno corpo, vejo que existem significados na identidade individual, no corpo que é próprio de cada um, que dificultam a unificação de todos os seres dentro dos estudos da evolução biológica, mesmo que alguns discordem.

A busca de informações sobre nós mesmos revela, entre outras coisas, que existem seres que parecem próximos de nós, como os primatas. Porém, também temos parentesco com alguns peixes e certos insetos. Isto acontece porque o comportamento dos animais sempre foi motivo de intriga e fascínio ao homem, na medida em que eles apresentam atos complexos alicerçados no instinto, enquanto o homem, desde o nascimento, é um animal dependente. Já os outros seres vivos sobrevivem individualmente.

Nessa perspectiva, há um dado curioso descrito por Leakey (1994), referente à gestação humana. Ele diz que o homem, como outros primatas, deveria ser gestado em vinte e um meses e não em nove como ocorre, o que significa dizer que os bebês humanos têm um ano de crescimento para recuperar a sua fragilidade.

Este fato, para alguns estudiosos, é obra do Criador e, para outros, dádiva da natureza.

Até meados do século XIX, a justificativa do corpo centrava-se na soma da composição corporal como uma dádiva de Deus, gerado espontaneamente. Porém, na atualidade, discute-se o corpo com integridade, recheado de humanidade.

Mesmo que a área biológica tenha, histórica e prioritariamente, levado em consideração o homem na perspectiva evolutiva, é significativo resguardar as interferências a ele pertinentes. Assim, o ser estruturado biologicamente não pode ser definido unicamente pelos elementos que o constituem como células ou órgãos, mas devem-se considerar, na sua evolução, as características essenciais que alicerçam a sua existência, fazendo-o estar presente no mundo e nele se relacionar.

Nesta complexidade, vale salientar que é impossível pensar isoladamente numa ciência. São várias as áreas que atuam para definir fatores relevantes ao homem. Capra (1982)

esboça uma concepção sistêmica da realidade onde a interrelação e a interdependência de todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais devem transcender a visão reducionista de ciência.

Os seres humanos são complexos demais para serem compreendidos somente pela perspectiva da biologia ou de qualquer outra área isolada do conhecimento. (Futuyma, 1992, p.531)

Reverendo o panorama histórico a respeito da origem do mundo e também das espécies, a literatura nos mostra que, a partir da época platônica até meados do século XVIII, pouco se tem registrado sobre o assunto.

O Universo, até então, era considerado estático, coordenado por um Deus, poderoso e imortal, que regia e definia todos os fenômenos, sendo que o Criador fez os seres vivos distintos e mais avançados que as rochas e as substâncias químicas.

Aqueles que criam no dom de Deus, reconheciam as espécies como inalteradas desde a sua formação inicial sendo que *...a perfeição do desenho orgânico foi, durante muito tempo, o argumento favorito dos criacionistas, que viam na engenharia consumada a mão direita de um arquiteto divino.* (Gould, 1989, p. 18)

Como Deus era perfeito, todas as suas criações não poderiam se extinguir, *...porque negar a existência de qualquer coisa em qualquer tempo introduziria imperfeição em sua criação.* (Futuyma, 1992, p.3)

Deus planejava uma hierarquia dentro de suas criações, que ia desde seres inanimados até os anjos e seres espirituais. Esta escala de vida era considerada natural e tudo o que era natural, por ser obra do Criador, era bom.

Refletindo sobre esta questão, será que posso afirmar que o corpo, como criação divina, era considerado bom?

Interessante perceber que a justificativa da hierarquia biológica, definida por Deus, se estendia também na demarcação das classes sociais, sendo os corpos de alta estirpe destinados à sapiência divina.

Com o desenvolvimento da ciência empírica, os estudos sobre a evolução, a origem do homem e do universo, no final do século XVIII, começam a se alterar, principalmente pelas contribuições de Descartes e Newton que diversificaram o pensamento da época, introduzindo uma visão mecanicista de mundo, explicando apenas os fenômenos físicos.

Em relação à origem do Universo, as considerações são diversas, pois os conhecimentos sobre sua procedência revelam dúvida e polêmica entre os cientistas. Dizem alguns que um potente estalo, ocorrido há oito bilhões de anos, o Big Bang, originou a Terra, a energia e a matéria.

O cientista Ilya Prigogine salienta que o universo não seria mais um relógio imutável e previsível, como a ciência clássica dizia, mas um caos imprevisível. Este caos, ocorrido há quinze milhões de anos, definiu o universo em planetas e galáxias, sendo a vida oriunda dos acasos da seleção natural, organizada complexamente. Para ele, a história do universo se forma porque ele é mutável. (Sorman, 1989)

No início dos anos vinte, deste século, o mundo científico, através da mecânica quântica, presenciou a alteração de padrões. A estrutura da matéria, que era definida por leis deterministas, foi substituída por modelos de probabilidade, gerando um mundo de incertezas. Estas probabilidades concentram-se nas alterações da natureza ou na imprevisibilidade da meteorologia, reforçando que o acaso faz parte da realidade. (Sorman, 1989)

A partir daí, concluiu-se que em cada volta que a Terra dá ao redor do Sol, surgem aglomerados infínitos de novos eventos.

Apropriando-me ainda dos pensamentos de Prigogine, citado por Sorman (1989), saliento que a ciência só surge como conseqüência da idéia que o homem faz do universo, o que significa que somente no momento em que a ciência moderna, oriunda do Ocidente no século XVII, desponta, ocorre a desestabilização da teologia existente, a qual era representada pelos sábios oniscientes, que decodificavam as leis divinas.

Neste processo Prigogine, entrevistado pelo mesmo Sorman (1989), alerta que *...o cientista não é um ser desencarnado. ele é estritamente tributário da sociedade na qual vive. A cultura ambiente orienta suas pesquisas, tal como o fazem o poder e o dinheiro. (p.43)*

Como conseqüência desse jogo intelectual, diferentes estudiosos travam alardeantes discussões não só sobre a origem do universo, mas também sobre a origem dos componentes que nele sobrevivem, o que dá início às reflexões sobre a teoria da evolução, buscando-se, em suma, justificar a existência da espécie humana.

Com o início das ponderações sobre a teoria da evolução biológica, Futuyma (1992) coloca que durante vários anos esta teoria esteve fundamentada em duas correntes revolucionárias. A primeira, contrária à visão teológica de mundo, afirmava que o universo vivia em

constante mudança. A outra, que a explicação dos fenômenos deveria ocorrer conforme suas causas efetadoras e não justificadas por pré-determinações divinas.

Entre os estudiosos, James Hutton, por volta de 1788, desenvolveu o princípio do Uniformitarismo, afirmando que os mesmos processos são responsáveis por eventos passados e atuais. Baseou seus estudos na idéia de que não há, para os fenômenos, começo ou final. Como exemplo, dizia que a Terra, por ser muito antiga, não apresentava vestígios de início e nem sinal de fim. (Futuyma, 1992)

As discussões da época por Maupertius, Diderot e Goethe concluíram que evolução significava a manifestação das essências presentes em espécies anteriores e não a restrita modificação das espécies. Buffon, em 1766, através da teoria transformista, expressou a possibilidade de diferentes espécies surgirem a partir de variações de ancestrais comuns; porém, esta idéia não obteve muita repercussão. (Futuyma, 1992)

Como complemento, as pesquisas em microscópio sobre a origem da vida, de Louis Pasteur, denotaram que qualquer microorganismo se desenvolve em condições adequadas a partir de outros microorganismos.

O primeiro biólogo que ousadamente defendeu a evolução, não adotando a idéia de que os seres vivos originavam-se de ancestrais comuns, apresentando uma justificativa para esta discordância, foi o médico Jean Baptiste Lamarck. Autor do termo biologia, considerava que a matéria inanimada originava as formas de vida inferiores, a partir da geração espontânea. O conjunto das formas geradas progredia complexamente diante das necessidades situadas, em busca da perfeição, a partir de um poder maior, o ambiente.

Lamarck, ao enfatizar a importância do ambiente, afirmava que um espaço em mudança modificaria as necessidades do organismo e o mesmo se manifestaria alterando seu comportamento. Em outras palavras, conforme a necessidade, as características do indivíduo se transformavam ao longo da vida, utilizando-se, conseqüentemente, mais de um órgão do que de outro. (Futuyma, 1992) Esse processo mais tarde foi chamado de transformismo.

Gould (1990), analisando o âmago das idéias de Lamarck, embora alguns estudiosos atribuam a Darwin esses princípios, coloca que um organismo, em um novo ambiente, mantém sua antiga forma, sendo adaptada a outros estilos de vida. A mudança ocorre a partir da discordância entre função nova e forma herdada, levando a uma inovação comportamental, ou

seja, o modo faz o homem, porque a mudança de comportamento deve preceder a alteração da forma.

Neste período, conforme registros bibliográficos, a teoria da evolução ainda era incipiente, surgindo duas escolas que se debateram até que Darwin resolvesse a polêmica. Ambas admitiam o ajuste existente entre forma e função.

Uma delas, representada por estruturalistas como Etienne Geoffroy Saint-Hilare, defendia que inicialmente a forma deve mudar para depois encontrar uma função, enquanto que a escola funcionalista de Lamarck dizia o contrário, que a forma só se alteraria diante de pressões executadas por modos de vida diferentes.

O próprio Lamarck, citado por Gould (1990) afirmava que:

Não é nem a forma do corpo, nem a das suas partes, que dá origem aos hábitos dos animais e ao seu modo de vida: mas, pelo contrário, foram os hábitos, o modo de vida, e todas as outras influências do meio ambiente que modelaram ao longo do tempo o formato do corpo e das partes dos animais. (p.24)

Percebe-se aqui a teoria que posteriormente será chamada de neo-lamarckismo, pela qual o comportamento se altera frente a mudanças ambientais, mesmo que não haja mudança de forma.

Vale salientar que no interior de cada espécie, a partir do nascimento, há características que não são idênticas como: estatura, cor, força, resistência. Este conjunto possibilita ao indivíduo resistir de maneira melhor ou pior frente ao meio, chegando ao estágio procriador.

No decorrer da vida, são transmitidas características através dos pais à descendência; este processo de transmissão foi denominado de teoria da hereditariedade dos caracteres adquiridos e defendido por Lamarck. Portanto, as características individuais favoráveis são necessariamente mais freqüentes em detrimento daquelas desfavoráveis, que tendem a desaparecer provocando, de geração em geração, pela influência do ambiente, uma modificação da espécie. (Jacquard, 1988)

Na época, Lamarck foi criticado e desacreditado, principalmente pelos naturalistas que criam no dogma da fixidez das espécies. A estrutura do raciocínio deste cientista sofreu

pressões, em especial pela Igreja e, por falta de argumentos mais poderosos, ele não conseguiu impor sua teoria, morrendo em 1829 esquecido e na miséria.

O principal nome ligado ao pensamento evolutivo é o do inglês Charles Robert Darwin. Inicialmente estudante de medicina, abandonou a Universidade para se dedicar a estudos individuais. O auge de seus objetivos foi alcançado em uma viagem no navio Beagle, iniciada em 1831, que deu a volta ao mundo em cinco anos. Considerado naturalista de bordo, observou, e recolheu minerais e insetos e fez registros, que posteriormente foram publicados, propondo um processo explicativo coerente com suas pesquisas.

Interessado em Geologia, Zoologia e Botânica, freqüentou sociedades científicas da época e destacou-se por comprovar que todos os animais e vegetais evoluem progressivamente de formas orgânicas simples para formas mais complexas. Embora inicialmente contrário às idéias sobre a evolução, posteriormente queria não apenas agrupar as evidências da evolução como também encontrar respostas a este fenômeno.

Concluiu, contrariamente à vigência na época, que as espécies são produtos da história vivendo em permanente mudança. Para que ocorra a evolução, os organismos são obrigados complexamente a se adaptar a seus ambientes. Seu grande desafio, frente aos criacionistas, era levantar as imperfeições das diferentes espécies, uma vez que estes últimos acreditavam que já haviam sido pré-determinadas as características perfeitas.

Nas palavras de Gould (1989), esta questão é elucidada ao dizer que Darwin raciocinou da seguinte forma:

...se os organismos têm uma história, então os estágios ancestrais devem ter deixado remanescentes. Remanescentes do passado que não fazem sentido em termos presentes - o inútil, o singular, o peculiar, o incongruente - são os sinais da história, que fornecem a prova de que o mundo não foi feito na sua forma atual. Quando a história aperfeiçoa, cobre suas próprias marcas. (p.18)

Em suas observações a bordo do navio, verificou que havia dois fatos aparentemente contraditórios. O primeiro, referia-se a apresentação de marcas diferenciadas por espécies vizinhas. O segundo, eram as convergências evidentes manifestadas em espécies afastadas.

Após várias constatações, escreveu sua principal obra: "A Origem das Espécies por meio da seleção natural, ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida". Trabalhada

durante anos após a viagem e com contribuições de um jovem naturalista, Alfred Russel Wallace, teve sua publicação em 24 de novembro de 1859, sendo a primeira edição esgotada em um dia. Nesta obra, Darwin expôs suas idéias sobre evolução e seleção natural dos seres vivos. Para ele, embora o número de descendentes de cada casal ou de cada indivíduo dos reinos animal e vegetal seja sempre superior ao necessário para manter o total de indivíduos de cada espécie, não há um aumento do número destes como se poderia esperar. Isto se justifica porque alguns morrem enquanto outros continuam vivos.

Em suas investigações, Darwin concluiu que tanto os seres de uma mesma espécie como os de espécies diferentes travam entre si uma luta de vida ou morte. Nessa competição somente sobrevivem os mais capazes de se adaptar às condições do meio ambiente. Como os indivíduos mais bem adaptados ao meio ambiente têm condições mais favoráveis, estes deixam descendência mais numerosa, comparados com os mal adaptados, prolongando-se esse ciclo indefinido através de várias gerações.

A natureza, com a intenção de selecionar os mais bem dotados, vai eliminando aqueles que receberam características desfavoráveis. O que significa dizer que os genes portadores destas características não são transmitidos. Progressivamente, vão subsistindo apenas os "melhores" patrimônios genéticos.

Fazendo uma análise deste quadro, Jacquard (1988) diz: *A passagem do grande número de nascidos ao pequeno número de eleitos resulta da eliminação dos que estão pior armados para lutar, ou seja, da seleção, pela natureza, dos mais aptos.* (p.112)

Esse processo, identificado em 1838, que não é semelhante ao transformismo, teve a denominação de seleção natural; assim animais e plantas sofrem constantemente adaptações cada vez mais complexas, ocorrendo, neste caso, uma evolução progressiva das espécies na luta pela vida, sendo que a evolução tem a capacidade de moldar um mundo tão diverso e esquemas tão adequados a partir de matérias-primas altamente limitadas.

Esta teoria aplicada ao humano segrega os menos dotados. O corpo possível é substituído pelo corpo perfeito, prolifera a competição em detrimento da cooperação.

Não há como negar que a Educação Física, com grande influência da área biológica, tenha em sua história respingos dessa teoria, tanto que, por várias décadas, o aspecto seletivo se enquadrou nas propostas educacionais da área. Associando este aspecto ao esporte

de rendimento, não tenho dúvida que a seleção do mais bem dotado prevalece sobre o menos dotado.

Não se nega que a essência do darwinismo está no argumento de que a seleção natural fortalece a mudança evolutiva. Embora a seleção natural desempenhe, na visão de alguns, um papel negativo quando elimina os inaptos, a teoria darwinista busca subsídios sobre esta questão, dizendo que esse processo impulsiona o aparecimento de aptos, diante de adaptações seqüenciais e preservação das variações genéticas. Com isso, a seleção, prioritariamente, encabeça um mecanismo de criação, o qual coadjuvará uma nova espécie "perfeita", e não apenas descarta os mal adaptados.

A idéia sobre a teoria da evolução proposta por Darwin não era original, pois Lamarck, no início do século XIX, já discutia esta teoria. Porém, as evidências de suas observações foram significativas. Por outro lado, Darwin recebeu várias críticas, em especial daqueles ligados aos valores da religiosidade. No entanto, seu argumento original, a seleção natural, pouco foi reconhecido pelos cientistas da época.

Ambas as teorias, lamarckista e darwinista, têm raízes no conceito de adaptação que, frente às mudanças ambientais e para melhor se adequar às novas circunstâncias, têm as informações ambientais transmitidas aos organismos.

A diferença é que no lamarckismo a transmissão é direta, com variação dirigida à adaptação. Os organismos reagem criativamente às necessidades impostas pelo meio ambiente e depois transmitem as mudanças resultantes à descendência, ou seja, o papel ativo dos organismos cria o seu ambiente. Já o darwinismo, que partia de observações concretas, é indireto; coloca que as exigências adaptativas do meio ambiente não eram impostas imediatamente, progredindo linearmente; isto significa que, por meio de um processo de seleção natural, os organismos, por sorte, se ajustam ao meio ambiente local, deixando conseqüentemente uma prole sobrevivente maior. (Gould, 1990)

Embora Wallace tenha contemporaneamente convivido com Darwin, ele apresentava algumas idéias divergentes, principalmente em relação ao intelecto humano. Seu argumento básico, considerado mal fundamentado por alguns, estava em dizer que o universo era planejado pela inteligência, pelo menos em parte, para que, conseqüentemente, ele pudesse gerar vida. Ele também reforçava que a mente humana era produto da criação divina.

Suas palavras, relatadas por Gould (1990), revelam que:

Para produzir um mundo que devesse ser precisamente adaptado em cada detalhe para o desenvolvimento ordenado da vida orgânica culminando no homem, um universo tão vasto e complexo como o que sabemos existir ao nosso redor pode ter sido absolutamente necessário. (p.366)

Além disso, Wallace era um dos poucos não-racistas do século XIX, crendo que todos os grupos humanos tinham a mesma capacidade intelectual inata, que variava de acordo com a anatomia e a cultura. Curioso que esta crença o levou a abandonar a seleção natural, pois ela somente seria capaz de construir estruturas de utilidade imediata para os animais inferiores, sendo os humanos demasiadamente refinados, sofisticados para serem produto da seleção natural.

Ao longo da história, até por volta da década de trinta do nosso século, a teoria evolutiva de Darwin discutida isoladamente cai em descrédito, mesmo porque, ele próprio, acreditava que a seleção natural era um elemento de modificação, porém não o único, que pudesse explicar a amplitude de características desenvolvidas ao longo da evolução, assegurando os benefícios na reprodução dos indivíduos e conseqüentemente acreditando que outros fatores influenciavam estas transformações.

Gould (1989), comentando sobre ele coloca que:

Darwin, por outro lado, era um pluralista consistente contemplando um universo confuso, que logrou divisar muita adequação e harmonia porque acreditava que a seleção natural ocupa um lugar destacado entre as forças evolutivas. Mas outros processos funcionam tão bem como ela, e os organismos apresentam um conjunto de características que não são adaptações e não promovem diretamente a sobrevivência. (p.40)

Ampliando esta teoria, surge a síntese evolutiva ou a síntese moderna, considerada a teoria neo-darwinista, baseada na seleção sexual, unida à contribuição da genética de populações e com as observações clássicas da morfologia, da sistemática, da embriologia, da biogeografia e da paleontologia.

O núcleo dessa teoria centrava-se em dois argumentos do próprio Darwin. O primeiro, que a evolução processualmente tem duas fases (a variação aleatória como matéria bruta

e a seleção natural como força diretriz); e o outro, que a mudança evolutiva tem características de ser continuamente lenta, firme e gradual. (Gould, 1989)

Vilarta (1996), considerando Medawar & Medawar, coloca que esta teoria se constitui de explicações sobre a variação genética de populações, sendo que:

... a influência da flutuação da ocorrência de genes em sucessivas gerações determinada pelo acaso, a pressão desencadeada na população pela ocorrência de uma mutação e, principalmente, a própria seleção natural proposta por DARWIN. (p.10)

Com base na seleção sexual, Darwin discutiu o enigma do humano em seu livro A Descendência do Homem, doze anos após A origem das Espécies. Ele argumentava que algumas diferenças raciais, cor da pele, por exemplo, poderiam se justificar a partir de adaptações ambientais. Porém, esta mesma resposta não seria dada a pequenas e sutis diferenças entre as pessoas como nariz, orelha ou cabelo.

Ele afirmava que o homem é tipicamente forte, bravo e inteligente, enquanto a mulher é passivamente frágil de corpo e deficiente de cérebro. Para ele, as variações entre as pessoas eram estabelecidas primariamente pela seleção sexual que *... é a mais refinada confirmação que temos de seu princípio central, o de que a luta dos indivíduos pelo sucesso reprodutivo dirige a evolução.* (Gould, 1990. p.33)

Com esse adendo, posso considerar que o estudo das espécies inicia uma fase de refinamento, possuindo uma preocupação específica com a espécie humana. O grande problema é que as considerações sobre o surgimento das novas características na evolução das espécies ainda apresentavam controvérsias. O próprio Darwin possuía restritas explicações sobre o assunto.

Esclarecendo esta incógnita, os estudos do monge agostiniano Johann Gregor Mendel diminuíram a justificativa da seleção natural e ampliaram os conhecimentos sobre hereditariedade. As probabilidades do trabalho de Mendel estavam apoiadas na análise classificatória da transmissão de caracteres genéticos e na quantidade deles manifestada nas gerações sucessivas.

Isto quer dizer que os caracteres agem conjuntamente, numa "mistura", porque são regidos por dois fatores hereditários, um dominante e outro recessivo, recebidos do pai e da mãe, mantendo-se imutáveis e conservando as espécies.

Baseando seus experimentos em ervilhas, Mendel concluiu a existência de "unidades de hereditariedade", que mais tarde chamaria de genes, os quais eram transmitidos de geração a geração sem alteração, o que significa que seriam preservados para serem reforçados ou eliminados a partir da seleção natural. (Capra, 1982)

São vários os seguidores da teoria genética, que se difundiu no século XX, os quais afirmavam que as características adquiridas não eram herdáveis, e sim os genes que determinavam as características, proporcionalmente divididos entre os dois genitores.

Certamente, com muita frequência, a questão do acaso no conjunto genético dos pais, vem à tona. Jaquard (1988), analisando as origens do pensamento de Mendel, afirma que: *...a transmissão do patrimônio genético apresenta-se como o resultado de um número imenso de loterias encarregadas de designar, para cada caráter, o gene escolhido entre os dois genes presentes.* (p.11)

Simplificando, o que evolui não é o indivíduo ou o conjunto deles, mas a coleção de genes de que eles são portadores, o genótipo, sofrendo, de uma geração para outra, transformações provenientes dos múltiplos eventos. (Jaquard, 1988)

Vários autores como: Ronald Fischer, J.B.S. Haldane, Julian Huxley e Ernst Mayr prestaram sua parcela de contribuição a partir de publicações sobre variação genética, reforçando os princípios do neo-darwinismo. Também Sewall Wright desenvolveu uma teoria genética ampla que ia além da seleção, considerando o endocruzamento, o fluxo gênico e os efeitos do acaso, surtindo efeito para a maioria dos biólogos.

Em 1953, os estudos dos mecanismos evolutivos se expandiram através do surgimento dos conhecimentos baseados não mais em células, mas em moléculas genéticas que orientam os processos teciduais e celulares, o DNA, proposto por James Watson e Francis Crick. Discussões sobre a existência e a ação dos genes nos organismos, como parte do DNA na célula, corroboram.

Richard Dawkins, estudando a evolução e a atuação dos genes no corpo afirma que evoluir significa travar uma batalha entre genes, sendo que cada um procura fabricar mais cópias de si mesmo. Estes se instalam no corpo, que surge como um lugar temporário de alojamento e, posteriormente, lutam para transmitir mais genes às gerações seguintes, já que não podem preservar os corpos.

Gould (1989) apresenta uma citação de Dawkins que diz:

*Somos máquinas de sobrevivência -veículos robotizados, cegamente programados para preservar as moléculas egoístas conhecidas como genes...
Eles pululam em enormes colônias, em segurança no interior de pesados e gigantescos robôs...estão em vocês e em mim; eles nos criaram, corpo e mente; e sua preservação é a razão última para a nossa existência.
(p.77)*

Dawkins desconsidera o indivíduo como unidade de seleção, proposto por Darwin, colocando que fundamentalmente, na seleção, privilegia-se não a espécie, nem o grupo, nem mesmo o indivíduo, mas o gene como a unidade de hereditariedade. Este se inquieta exclusivamente com o preservar e fabricar mais cópias de si mesmo, não se preocupando com o corpo, que atua como casa temporária, sendo que estas cópias genéticas, objetivamente, sobreviverão nas gerações futuras. No entanto, este estudioso cometeu um equívoco, pois, a seleção dos genes não pode ocorrer independente dos corpos, e mais, não há um gene para construir corpos, mas milhares deles contribuem para a construção de muitas partes do corpo e suas ações recebem influências ambientais.

A relação desse princípio com o de Darwin está na possibilidade de que os genes não são cópias perfeitas, gerando, às vezes, evoluções acidentais. Se estes novos casos acidentais obtiverem melhor adaptação ao seu meio que o original, eles se expandem. Esta seleção acontece exclusivamente por sua capacidade de adaptação e não porque tem alguma finalidade moral de ser boa ou superior. (Sorman, 1989)

Com o decorrer dos anos, a reflexão sobre a evolução das espécies vai se afunilando, buscando entender, mais precisamente, o corpo/homem. Nesta investigação ressurgem, entre a década de trinta e a de cinquenta, a teoria lamarckista, denominada agora de neo-lamarckista, a qual se refere às situações nos indivíduos que desencadeiam mudanças orgânicas, repercutindo em alterações comportamentais que garantem a sobrevivência. (Vilarta, 1996)

Considerando que uma mudança no ambiente oferece uma alteração para o organismo, o desuso desse organismo vai desencadear uma nova adaptação de determinados órgãos que resultará em alteração da forma desse órgão.

Vilarta (1996), analisando esta teoria, diz:

Mesmo que os aspectos morfológicos, funcionais e comportamentais configurem o centro da teoria neolamarckista, uma nova interpretação das idéias de LAMARCK tende a fortalecer a construção de uma teoria da evolução cultural humana, onde o aprendizado de uma geração pode ser rapidamente acumulado e incorporado pela geração seguinte pelo processo de ensino-aprendizagem. (p.13)

A partir da década de cinquenta, com contribuições da matemática, surge uma nova teoria sobre a evolução, baseada nos estudos de Motoo Kimura (1924), a teoria neutralista, onde o aspecto "sorte" é considerado. Isto significa dizer que os fatores genéticos transmitidos aleatoriamente entre gerações são mais relevantes na guerra pela sobrevivência do que a adaptação dos organismos ao meio ambiente.

Rompendo com os princípios do mundo darwinista, esta teoria considera o genótipo como patrimônio recebido internamente na concepção, e não o fenótipo que se refere a caracteres manifestados exteriormente, correspondendo à aparência do indivíduo ou ao conjunto de características. Entende que o genótipo, como sede de mutações, é neutro, podendo ser positivo ou negativo, sendo puro produto do acaso, adaptando-se independente do meio ambiente.

Para Kimura, o acaso governava a evolução, sendo que as espécies sobrevivem na medida em que são contempladas com a sorte; sendo produto de uma gigantesca loteria genética. Vilarta (1996) refletindo esta teoria diz:

... se uma espécie dispõe de um patrimônio genético apropriado para elaborar respostas adequadas às mudanças ambientais que ocorrem em um determinado momento, então esta espécie ou os indivíduos possuidores deste patrimônio tem a sorte de sobreviver. (p.16)

Convém saber que este estudioso, à semelhança de outros, defende que o homem é a única espécie inteligente do universo e que a vida se originou a partir de uma reação química oriunda dos raios do Sol, criando a primeira célula capaz de se duplicar. Ele defende, ainda, que os seres vivos são mais ou menos dotados do mesmo código genético, justificando a idéia da célula original comum a todos. Reforça esta idéia afirmando que os genes, como usinas químicas, estão sujeitos a mutações, isto é, erro de cópia, daí ocorrer a evolução e não morfológica como dizia Darwin. (Sorman, 1989)

Uma outra questão que Kimura levanta é que o desaparecimento dos dinossauros, provocado por um meteorito há sessenta e cinco milhões de anos, possibilitou o surgimento dos mamíferos existentes na época, que sendo mais inteligentes do que os dinossauros, tornaram-se assim nossos ancestrais. Não que eles tomassem o lugar dos dinossauros na luta pela vida, mas reuniam em seu código genético, estocado e "adormecido", um conjunto de caracteres que se tornaram úteis ocasionalmente quando os dinossauros desapareceram.

Para os neodarwinistas, a lei da evolução é a sobrevivência dos mais bem adaptados; para Kimura, é a sobrevivência dos que têm mais sorte...a sorte se torna mais importante que a força, o essencial não é mais a competição, mas o acaso. (Sorman, 1989, p.82)

Se por um lado Darwin era um individualista, elegendo o indivíduo mais bem adaptado para sobreviver, originando uma numerosa prole ou nova espécie, Kimura acreditava que a prosperidade de um grupo adaptado se dava pela seleção natural coletiva, ocorrida entre os grupos.

Como se vê, as pesquisas sobre a teoria da evolução das espécies descritas até aqui são recentes, sofrendo ao longo dos anos transformações e adequações, mas ao mesmo tempo gerando inquietações, em especial dirigidas ao homem.

Para completar este tópico, faz-se necessário aprofundar as idéias matrizes que alimentaram o pensamento científico dos últimos anos, sobre a origem da espécie humana, embora neste trilhar haja várias controvérsias.

Estas divergências ocorrem pela escassez de material fóssil dos hominídeos, o que leva os estudiosos a estabelecer várias árvores filogenéticas. Este fato resulta em nomes diferentes do mesmo fóssil, além disso, como os fósseis são pequenos pedaços de um todo, podem ser classificados ou datados sem uma eficaz precisão, havendo possivelmente, nos diferentes autores, variação no número de anos. (Futuyma, 1992)

Um primeiro ponto está em dizer que a maioria dos cientistas desejava que a origem do homem estivesse nas planícies da Ásia Central. No entanto, esse desejo não se realizou, porque alguns fósseis humanos foram encontrados na África, concluindo-se que o homem lá se originou e evoluiu, sendo nossos parentes vivos mais próximos os chimpanzés e os gorilas.

Como estes viviam na África, conseqüentemente este seria o local comum de nossos ancestrais. Darwin, mesmo isento de qualquer fragmento fóssil, pois os primeiros foram encontrados em 1871, era um dos que criam nesta hipótese.

No entanto, segundo Leakey (1994), a teoria de Darwin era olhada com desdém pelos antropólogos, os quais não concordavam que uma criatura tão nobre como o "Homo Sapiens" pudesse emergir de um lugar tão impróprio. Posteriormente, foram obrigados a aceitar esta origem, mas não admitiram totalmente esta teoria, pois afirmavam que o desenvolvimento da inteligência do homem ocorreu na Ásia e não na África.

Neste cenário, há quarenta milhões de anos, existem registros de macacos e humanóides no planeta. Há indícios de que a origem da espécie humana se deu também pelo modo de locomoção, ligada à importância de combater os inimigos com a utilização de armas.

Este fato sustentou avanços na perspectiva da interação social, do bipedismo e do estímulo ao intelecto. A hipótese refletia a noção de que a vida era uma batalha e os possíveis avanços eram alcançados com iniciativa e esforço.

No século XVIII, o anatomista Edward Tyson ficou famoso levantando a hipótese de que os humanos assemelhavam-se aos macacos antropóides. No entanto, estes diferiam na anatomia, na fala e no funcionamento da mente. Como era empirista, registrando apenas o que via e desconsiderando antigos preconceitos, não se fortaleceu. Usou o método comparativo para colocar as criaturas na escala do ser.

Esta escala, originária desde a Antigüidade, foi defendida por Charles White. Ela é formada por uma hierarquia fixa, dentro de uma seqüência única, proposta por Deus, que vai da mais humilde ameoba numa gota de água até seres mais complexos ou seja da inferior para a superior, tendo Deus no topo da escala. Embora inquietante para os biólogos, esta cadeia não considerava as várias alterações que ocorriam na natureza, tanto que esse mito foi extinto com o surgimento de Lamarck, no início do século XIX, e a teoria do transformismo. (Jacob, 1985)

Mais especificamente em 1950, para pânico da maioria dos cientistas, estudos anatômicos e descobertas contínuas de fósseis reconheceram que nossas raízes se encontravam na África, há quatro milhões de anos, através do estudo do Australopithecus, o primeiro hominídeo, que posteriormente deu origem ao Homo Sapiens. Comparativamente aos macacos, além de bípedes, detectado pela descoberta de pegadas, possuíam ossos dos dedos curvos, caninos salientes e crânio pequeno.

No decorrer dos anos, as descobertas pré-históricas foram se acentuando, passando inicialmente por características diferenciadas. Alguns autores denominaram esse modelo inicial como *Australopithecus Afarensis*, que mais tarde, por volta de dois milhões de anos foram classificados como *Australopithecus Africanus* ou *Homo Africanus*, com capacidade craniana maior e caninos menores.

O *Homo Africanus* assemelha-se ao *Homo Habilis*, identificado por Dart em 1924, e é considerado o primeiro membro fabricante de artefatos, existindo de um milhão e oitocentos a um milhão de anos. Comparativamente aos primeiros, possuíam cérebro maior e uma constituição mais leve do que os *Australopithecinos*. Não falavam, apenas comunicavam-se com gestos e expressões faciais, viviam nas florestas tropicais e eram vegetarianos.

Dentro desta análise, uma questão me chamou atenção, a que se refere à submissão da mulher. Este fato é muito mais antigo do que se pode imaginar, pois, nestes registros, constata-se que os machos, sendo maiores e mais fortes, ocupavam-se em caçar e proteger o grupo, enquanto as fêmeas colhiam vegetais e cuidavam dos filhos.

Até aqui, duas espécies lideravam os estudos sobre a origem do homem; uma com cérebro menor e dentes caninos grandes, o *Australopithecus*, e a outra, que evoluiu gradativamente, com cérebro maior e dentes caninos pequenos, o *Homo*, sendo ambos descendentes de macacos bípedes. O primeiro tinha características mais similares ao macaco e se extinguiu há um milhão de anos e o segundo, com características mais semelhantes aos humanos, chegou até nós. (Leakey, 1994)

Posteriormente, foram encontrados, entre um milhão e trezentos e duzentos mil anos, resíduos de um ser designado pelos antropólogos de *Homo Erectus*. Comparado a uma criatura entre o macaco e o homem, conhecido hoje por nós, possuidora de características superiores às espécies anteriores, não sabia fazer fogo, mas se utilizava dele, através das brasas deixadas pelos raios, por exemplo. Com a constituição do cérebro maior, era caçador habilidoso, falava vagarosamente e vivia em média vinte anos. Embora todos os primatas sejam sociais, há indícios de que esta questão se estruturou nesta fase.

A mulher continuava com a imagem de passiva e submissa ao homem, responsável pelos serviços domésticos, e neste caso cuidava do fogo, que centralizava o surgimento do lar.

Na seqüência, em torno de setenta a trinta mil anos atrás, aparece o Homem Neandertal, com maiores características humanóides de postura e cérebro maior, porém renegado

por alguns por se associar a atitudes brutais. Foi considerado o primeiro Homo Sapiens, que mais tarde passou a ser o Homo Sapiens Sapiens, ou seja inteligente e sábio.

Morava em cavernas e se comunicava verbalmente melhor. Era exímio caçador, confeccionando armas de pedra e ferramenta, convivendo em grupos. No entanto, a discriminação para com a mulher se mantinha, tanto que, caso houvesse muitas meninas e nascessem mais, eram mortas porque seriam inúteis na caça.

Aliás, a caça constituía o êxito ou o fracasso e como não dependia da previsão do caçador, era garantida por forças misteriosas, representadas por deuses e demônios nos rituais.

Os ritos protegiam (ou deviam proteger) contra os demônios e os espíritos dos mortos. mas ao mesmo tempo forneciam orientação para o comportamento no grupo e transmitiam assim a sensação de segurança. (Bogen. 1977, p.138)

Sem explicações, o Homem Neandertal desapareceu, originando o Cro-Magnon ou Homo Sapiens Sapiens, considerado o homem moderno, surgido por volta de dez a quinze mil anos. Vários fósseis foram encontrados e concluiu-se que sua aparição se deu na era paleolítica, a idade da pedra lascada. Desde o início, inventou armas, flechas, construiu cabanas e utilizou o fogo, alimentando-se de animais e frutas silvestres.

Na era da pedra polida, período neolítico, solidificou a agricultura e deu início à escrita, embora priorizasse a pintura nas cavernas. Com a herança do Homem Neandertal, aperfeiçoou seus conhecimentos e implementou novas tecnologias, graças à sua inteligência.

Embora mantivesse comparativamente os mesmos ossos e músculos dos macacos, ele diferia das outras espécies hominídeas na estrutura da coluna vertebral, pelve, esqueleto da perna e dentes. Além de bípede, tinha a oposição dos dedos, face e mandíbula mais curta e naturalmente crânio maior, o que possibilitava maior desenvolvimento para a linguagem e outros comportamentos mais elaborados.

As mulheres foram mantidas no papel de mãe e companheira, enquanto os homens exerciam funções de caçador, feiticeiro, guerreiro ou juiz.

Com o tempo, valorizou a riqueza, fixou-se em aldeias e iniciou o aproveitamento do ambiente, de acordo com seu desejo e muitas vezes, como ainda ocorre, empobrecendo o solo.

Este dado leva a uma reflexão: quem tem mais pode mais, ou seja, o corpo mais alto, mais habilidoso, mais forte, tem mais espaço na sociedade em detrimento do mais fraco. O corpo é estereotipado de acordo com seu rendimento. As palavras de Bogen (1977) ratificam esta questão:

"Mais rico" foi colocado ao lado de "mais rápido, mais forte, mais alto" e tornou-se o verdadeiro símbolo de hierarquia - símbolo de status. Num grupo diferenciado de caçadores, lavradores, pastores, artesãos, aquele que corria mais rápido, saltava mais alto, e arremessava a pedra mais longe, (...) era o mais admirado, o que mais impressionava quando aparecia. (p.146)

Neste contexto, havia um ponto levantado pelos criacionistas para os evolucionistas, para que esses últimos explicassem por que os macacos ainda estavam no planeta, se o homem descendeu deles? Os evolucionistas argumentavam que a evolução é uma árvore e que a origem dos humanos corresponde a uma ramificação desta árvore.

Nesta questão, várias hipóteses admitem que o advento do bipedismo refletiu uma transformação adaptativa e não somente biológica na luta pela sobrevivência, permitindo aos membros superiores a liberdade de implementar artefatos manipulativos, porém causando alterações significativas na postura.

Ao longo do tempo, com o aparecimento do Homo, outras descobertas foram somadas a estas discussões, ligadas à teoria da linguagem, ao tamanho do crânio, à discriminação feminina e à questão da raça e da cultura.

Em relação à linguagem, Chomsky, in Piaget e Chomsky (1987), defende que a aprendizagem está garantida pelo patrimônio genético, ou seja, nossa língua é inata, inscrita em nossa biologia.

A origem da linguagem está nos genes, mesmo porque, segundo ele, a capacidade de interpretar a realidade faz parte do código genético, e não necessita de ajuda externa proposta pelos educadores. O desenvolvimento da linguagem está relacionado ao aumento do cérebro, fazendo-nos estar no mundo interagindo socialmente uns com os outros. (Leakey, 1994)

Paralelamente, desaguaram estudos sobre a inteligência do homem, relacionados com questões genéticas e adaptativas. Tecendo comentários a respeito, vejo que alguns estudiosos se destacaram, os chamados craniométricos. Como ramo da antropometria, que no século XIX proliferou dominando as ciências humanas, objetivamente a craniometria media os

crânios, com o intuito de justificar a maior ou menor inteligência dos seres humanos, comparando-os pela raça, sexo, classe.

Entre alguns craniométricos cito Samuel George Morton, colecionador de crânios, o qual levantou a hipótese de que a hierarquia racial estava estabelecida a partir das características do cérebro, principalmente em relação ao tamanho. Concluiu que os negros do Antigo Egito eram representados por servidores, sustentando a idéia de sua inferioridade intelectual.

Um outro cranionista que se destacou por difundir que o crânio da mulher era menor do que o do homem e, portanto, ela não poderia se igualar a ele em inteligência, foi Paul Broca. Mesmo reconhecendo que havia nessa afirmação grande parte de preconceito da sociedade masculina, respaldou-a dizendo que era uma verdade científica.

Relativizando esta questão, o próprio Broca, citado em Gould (1991) diz:

Podíamos perguntar se o pequeno tamanho do cérebro feminino não depende exclusivamente do menor tamanho do corpo da mulher. (...) Mas não devemos esquecer que as mulheres são, em média, um pouco menos inteligentes que os homens, uma diferença que não devemos exacerbar mas que, não obstante, é real. Portanto, é-nos permitido supor que o tamanho relativamente pequeno do cérebro feminino depende em parte de sua inferioridade física e em parte da sua inferioridade intelectual. (p.99)

No âmago de suas descobertas, os seguidores de Broca, analisando os crânios de pré-históricos das cavernas, perceberam pouca diferença entre homens e mulheres. Porém, reforçaram a justificativa da superioridade masculina, dizendo que por terem vida ativa, combatendo inimigos, defendendo o meio ambiente, os homens necessitavam de mais cérebro do que a mulher que pouco se ocupava, levando uma vida sedentária, tendo como única responsabilidade criar as crianças, amar e ser passiva.

Analisando esta questão, percebo que também a biologia, através destes estudos, argumenta que a mulher tem pouca competência intelectual. Não é à toa que este chavão se expande na casta social, que neste período nega a concessão de educação superior para as mulheres.

Vale destacar que os estudos de Broca ocorreram em mulheres mais velhas, comparadas cronologicamente com os homens, quando o cérebro já apresentava alterações em função da idade.

Defendendo de forma ferrenha esse misogismo, o discípulo de Broca, Gustave Le Bon, fez a seguinte declaração citada em Gould (1989):

Nas raças mais inteligentes, como entre os parisienses, existem numerosas mulheres cujos cérebros aproximam-se mais, em tamanho, do cérebro dos gorilas do que dos cérebros masculinos, mais desenvolvidos. Essa inferioridade é tão óbvia que ninguém pode contestá-la por um momento que seja: (...) Todos os psicólogos que estudaram a inteligência das mulheres, bem como os poetas e os romancistas, reconhecem hoje que elas representam as formas mais inferiores da evolução humana e que estão mais perto das crianças e dos selvagens do que de um homem adulto e civilizado. Elas primam pela volubilidade, inconstância, ausência de pensamento e lógica e incapacidade de raciocínio. (p.137)

Complementando, ele admite que possa haver mulheres notáveis e superiores aos homens, no entanto, elas são tão raras como ...o nascimento de qualquer monstruosidade, como, por exemplo, de um gorila com duas cabeças; conseqüentemente, podemos ignorá-las por completo. (p.137)

Mais tarde, estas argumentações caem por terra com o surgimento dos testes de inteligência, por exemplo o QI, proposto por Alfred Binet, que substituiu as medições do crânio e enfatizou que a inteligência é única, inata, hereditária e mensurável.

Nestas argumentações históricas, não era só para as mulheres que o determinismo biológico estava recheado de restrições; também havia a questão das raças.

Liderada pela antropologia, até o século XIX, a genealogia impunha duas correntes: a monogenia e a poligenia. A primeira respaldava-se na hipótese de que todas as pessoas têm origem no casal primitivo, Adão e Eva, enquanto que a segunda afirmava que esta origem era exclusivamente dos brancos, sendo que as outras raças "inferiores" haviam sido criadas separadamente.

A superioridade da raça branca imperava em várias discussões. Louis Agassiz, naturalista e criacionista, isentava os negros da "igualdade do homem". Eles, na sua visão, apenas serviam para o trabalho manual, enquanto os brancos, para o intelectual.

Carleton Coon, autor de *A Origem das Raças*, dividiu a humanidade em cinco raças principais: caucasóides, mongolóides, australóides e, entre negros e africanos, os congóides e cabóides. Para ele, estes dois últimos tinham se tornado subespécies no reinado do *Homo Erectus*, que evoluiu para *Homo Sapiens*, buscando a consciência aumentada. Gould (1990), discutindo as ponderações de Coon diz:

...os brancos e os amarelos, que "ocupavam a mais favorável das regiões zoológicas da Terra", transpuseram o limiar do H. Sapiens primeiro, enquanto os povos escuros ficaram para trás e, desde então, vêm pagando por sua lerdeza. A inferioridade negra, argumenta Coon, não é culpa de ninguém, é apenas um acidente da evolução em ambientes menos desafiadores. (p.173)

Os evolucionistas, como monogênicos, reagiram contra a tese de Coon, colocando que uma raça moderna não se identifica pela análise de ossos de uma espécie antiga, e que também cinco subespécies não são tão poderosas que, cruzando-se, vão sofrer mudanças e ainda manter semelhanças.

Entre essas considerações, ao longo do século XX, a eletroforese amplia a obra de Mendel sobre genes pelos exames laboratoriais. Esta análise concluiu que há genes presentes em todos os membros de um grupo e há ausência em outros, porém, há diferenças muito pequenas entre as raças, que podem ser justificadas por características morfológicas e geográficas.

Podemos medir tanta variação entre indivíduos dentro de qualquer raça, que encontramos bem poucas variações novas quando acrescentamos outra raça à amostragem. Em outras palavras, a maioria esmagadora da variação humana ocorre dentro de grupos, não nas diferenças entre eles. (Gould, 1990, p.179)

Vale a pena lembrar algumas considerações de Futuyma (1992) sobre a questão das raças:

Não há razão para se esperar que as habilidades mentais variem entre as raças mais do que os locos codificadores de proteínas ou os da estrutura da mão - mesmo sabendo-se que os europeus brancos assumiram a existência dessas diferenças e que por 200 anos procuraram evidências de inferioridade moral e intelectual entre as outras raças, que eles haviam definido pela tipologia. (p.547)

Uma outra corrente que navega pelo mundo científico é a sociobiologia, proposta pelo estudioso de insetos gregários como formigas, cupins e abelhas, Edward O. Wilson. Esta teoria é definida como uma *...aplicação à sociedade humana de noções biológicas observadas nos animais.(...) nossos comportamentos humanos seriam tão tributários do patrimônio genético legado pela evolução natural quanto de nossa cultura adquirida. (Sorman, 1989, p.69)*

A necessidade biológica, garantida ao nascer, leva as raças e os povos a diferirem. Geneticamente há predisposições comportamentais sem automatismo e as escolhas evoluem em função da cultura e da pressão do grupo, sendo o comportamento social controlado pelo código genético. Foi uma teoria muito criticada, pois, justifica cientificamente posições sobre o racismo e sexismo ao interpretar o comportamento humano pela lente do dogma hereditário pré-programado.

Embora possa parecer fora de discussão a questão da cultura, na perspectiva biológica, alicerçada pelo referencial teórico, concluo que a evolução cultural foi edificada nesta conjuntura. *Os humanos tornam-se humanos por meio de um aprendizado intenso não apenas das habilidades de sobrevivência mas também dos hábitos e costumes sociais, parentesco e leis sociais - isto é cultura. (Leakey, 1994, p.52)*

Neste tópico, segundo Futuyma (1992), há vários pontos divergentes na evolução cultural e biológica. Um deles é lamarckista onde...*o comportamento, a língua e as peculiaridades que um indivíduo adquire durante a sua vida, são transmitidos para seus descendentes ou para outros indivíduos. (p.542)*

O outro diz que a evolução cultural acontece mais rápido do que a biológica porque: *Na evolução genética, ocorre uma mudança numa característica à medida em que os números relativos de indivíduos com um ou outro genótipo são alterados. (p.543)*

A evolução cultural é entendida como mudança de comportamento sem prever inferência genética, podendo ocorrer de duas formas: uma horizontal, transmitida entre gerações, de velhos para novos; e outra vertical, propagada entre irmãos ou companheiros do mesmo grupo.

A grande dúvida é saber se a evolução cultural pode gerar alterações na genética em relação à capacidade de pensamento, de imaginação e de conscientização. O mesmo autor citado, realçando este item, diz que: *...tudo o que sabemos é que há meio milhão de anos, os cérebros dos hominídeos eram iguais aos nossos e toda a evolução cultural desde então tem sido a revelação de potencialidades intermináveis.* (p.544)

A questão das condições culturais nas sociedades humanas influenciou a evolução biológica contida na discussão de vários estudiosos, principalmente em relação ao comportamento.

Para Futuyma (1992), cada ser humano, ao experimentar um ambiente diferente, tem alteração do comportamento, ou seja: *...nosso comportamento é uma consequência do ambiente: cada característica fenotípica é determinada pela resposta do genótipo às condições ambientais.* (p.555)

A diferença entre os seres humanos e os animais é que os primeiros podem imaginar soluções, comportamentos, ensinar, sem pré-condição e consequência genética. Ninguém esclarece a origem, há hipóteses da evolução. O mistério da complexidade como o da criação estão intactos, e como o próprio Darwin diz: *...qualquer espécie viva deriva de um organismo muito simples e provavelmente único, mas não se poderá nunca recriar em laboratório a experiência única da Criação.* (Sorman, 1989, p.67)

Portanto, os humanos, a partir da aprendizagem intensa, não só de hábitos de sobrevivência, mas também de costumes sociais, produzem cultura. A questão do desenvolvimento do cérebro está intimamente ligada à cultura, sendo cada vez mais intrigante.

À medida que nossas culturas evoluíram em complexidade, assim o fizeram nossos cérebros, o que por sua vez conduziu nossas culturas a complexidade ainda maiores. Cérebros maiores e mais inteligentes levaram a culturas mais complexas, o que por sua vez levou a cérebros ainda maiores e mais inteligentes.(Leakey, 1994, p.88)

Ao considerar a questão da cultura e a evolução biológica da espécie humana, Capra (1982) coloca que esta última está estagnada há cinquenta mil anos, levando o corpo e o cérebro a permanecerem com a mesma estrutura e tamanho. Em contrapartida, ele crê que a evolução ocorreu não pela genética, mas pelas questões sociais e culturais.

Independente desta citação, o referencial teórico, em sua maioria, diz que a vida se forma a partir da interrelação entre o gene e o ambiente, ou seja, pela informação genética e pela informação do ambiente, na completa interação entre o genótipo e o fenótipo.

O programa genético é invariável e o ser humano executa um projeto, ajustado ao meio ambiente existencial, preparando-se para o concurso da descendência.

Como se, no seu conjunto, o mundo vivo utilizasse sempre os mesmos ingredientes e as mesmas receitas, não introduzindo a fantasia senão na cozedura e nos temperos. É portanto forçoso admitir que uma vez encontrada a receita que se revelou como a melhor a natureza a ela se cingiu ao longo da evolução. (Jacob, 1985, p. 24)

Uma última reflexão faz-se necessária, na intenção de entender o corpo/homem. Para atender esta perspectiva, foi necessário, prioritariamente, percorrer amplamente o mundo das espécies vivas e sua evolução, o que me leva a pensar que a origem deste entendimento está na amplitude de conhecimentos sobre este tema.

Num segundo momento, as referências bibliográficas tentam compreender o homem, cavando conhecimentos sobre a genética e a inteligência, dando uma conotação mais individualizada ao homem. Esta empreitada chega ao máximo da especificidade a partir da fragmentação do corpo, ou seja, a teoria da evolução utilizou-se do reducionismo para construir um sistema evolutivo.

Neste processo, a teoria científica foi vista dentro de uma perspectiva positivista, na crença de que a soma das partes daria o todo. Com isto, as explicações dos mecanismos físicos e químicos da hereditariedade foram contemplados, mas identifica-se claramente que foi cada vez mais se especializando, se dividindo, objetivando conhecer o homem. Mesmo assim, ainda é complexo compreender a natureza essencial do desenvolvimento e da evolução humana.

CAPITULO IV

VISÃO PSICOLÓGICA - A BUSCA DO EQUILÍBRIO

Arrematando as considerações relacionadas à história do corpo, adentro o mundo da psique, da mente, valorizado por muitos, em detrimento do corpo.

Inicialmente constatei que o universo da psicologia é muito amplo, são vários os movimentos, as teorias, as escolas que alicerçaram e continuam fundamentando esta ciência ao longo dos anos, por isso optei, antes de adentrar o histórico propriamente dito, por enfatizar algumas questões gerais.

Se no contexto científico, conhecer unitariamente o homem, os significados que o circunvizinham e o funcionamento fisiológico de cada uma de suas partes é intrigante, justificar a diferença entre o homem e os outros seres vivos, a partir da existência da inteligência, da memória e das alterações comportamentais, é muito mais. Compreender quem somos, por que fazemos da forma como fazemos ou como aprendemos a fazer, são pontos que geram várias discussões.

Como já foi enfatizado, a dualidade corpo e mente é alvo de discussão desde os primórdios, sendo a desvalorização do corpo acentuada, e a mente valorizada, como se esta última fosse considerada a "prima rica" do corpo; reflexo do paradigma cartesiano, hegemonicamente estabelecido. Mas, será que estudando apenas as funções mentais, consigo entender o homem? É possível "pensar" sem corpo?

Neste momento é complicado responder a este questionamento, pois, é extremamente complexo compreender como mente e corpo interagem mutuamente e desde o

surgimento do Homo Sapiens, ou melhor, do ser humano especificamente da forma como o conhecemos, as especulações sobre este assunto têm gerado polêmica.

Embora a ciência tenha tentado por vários caminhos entender estas questões, elas ainda, às vezes, são discutidas superficialmente, longe do objeto mais significativo que é o homem existencial, carecendo relativizar o homem como ser no mundo, aproximando-se de si, dos outros e das coisas.

Com estes pressupostos, este momento pretende investigar a ciência psicológica e sua relação histórica com o corpo, considerando, entre outras coisas, a influência do comportamento e suas relações sociais, a memória e a emoção, a aprendizagem, a percepção, a consciência, o pensamento, a inteligência, a personalidade e o próprio desenvolvimento do ser humano, destacando nomes, escolas e teorias que embasam o pensamento científico sobre esta ciência.

Este referencial histórico pode ser discutido em dois momentos: até o século XIX e depois deste período. Esta opção se justifica porque, até o século XIX, a ciência e a filosofia não eram claramente perceptíveis e a filosofia era respeitada como "mãe" de todas as outras; só nos últimos cem anos os psicólogos definiram seu objeto de estudo, criando assim sua própria identidade.

Contudo, esta herança filosófica tem respaldo em vários "filósofos-psicológicos" da Grécia e da Idade Média. Tanto que alguns estudiosos atribuem a Demócrito, a Tales, a Platão, a Galeno e especificamente ao filósofo Aristóteles, no século IV a.C., o embrião dos estudos sobre os processos mentais, a partir da tendência reducionista e da experiência como forma de conhecimento, enfatizando que a mente era uma tábua rasa e intacta no nascimento, sendo que as idéias eram gravadas a partir de percepções sensoriais, ou seja, todas as idéias provinham da experiência. (Keller, 1974, Wertheimer, 1991)

René Descartes, no século XVII, está associado aos primórdios da psicologia moderna. Em busca da certeza do conhecimento, sua maior contribuição a esta ciência está na tentativa de resolver a questão corpo/mente. Adepto da tendência da época, valorizou a mente como superior ao corpo. Mesmo atribuindo ao corpo funções específicas, como o funcionamento mecanicamente ajustado, endeusou a mente como portadora do pensamento. (Schultz, 1975). *A "mente", para Descartes, era o que "pensa": a principal sede de sua atividade estava na cabeça; e não poderia ocupar nenhum espaço físico. O "corpo", de outro lado, era uma "substância extensa" claramente objetiva, mecânica na sua ação e obediente a todas as leis da natureza inanimada.* (Keller, 1974, p. 4)

Este pensador, além de distinguir nitidamente a função do corpo e da mente, sugeriu que a mente deveria ser estudada pela introspecção e o corpo pelos métodos da ciência natural. (Capra, 1982)

Depois de Descartes, o pensamento filosófico europeu foi impregnado por outras tendências. Entre elas, o positivismo, liderado por Auguste Comte. Este sistema definia que a verdade do conhecimento está acima de qualquer dúvida, ou seja, com base na observação, os métodos científicos eram destacados como verdadeiros e indiscutíveis, sendo o restante ilusório. Como referência, as emoções que integralizam a unidade do ser eram desconectadas, em função, principalmente, da subjetividade que as envolve.

Um outro grupo, os materialistas, defendiam que a consciência poderia ser explicada pela Física e pela Química, através da análise da estrutura anatômica e fisiológica do cérebro.

Para completar, os empiristas colocavam que a fonte do conhecimento é a experiência sensorial, procurando, assim, investigar como a mente adquire conhecimento.

Estas três tendências alicerçaram filosoficamente a psicologia, sendo que, a partir do século XIX, as discussões se despedem da filosofia, proporcionando o surgimento de escolas, que embora conflitantes, fundamentalmente compõem o cenário da ciência psicológica.

Paralelamente, a evolução da fisiologia, nesse século XIX, guiou o trajeto de algumas escolas, principalmente aquelas ligadas à experimentação, procurando descobrir os fenômenos mentais a partir da investigação experimentalmente fisiológica.

A partir deste período, cinco grandes escolas apoiaram a psicologia como ciência: o estruturalismo, o funcionalismo, o behaviorismo, a Gestalt e a psicanálise.

Vale ressaltar que o termo "escola" se refere a um grupo de pessoas que se associam ideologicamente ou geograficamente ao líder de um determinado movimento teórico.

Adotando os mesmos critérios dos capítulos anteriores, farei uma retrospectiva histórica do pensamento de cada escola, bem como descreverei os principais nomes e argumentos que embasaram cada uma.

Por volta de 1800, originariamente o filósofo e físico Gustav Theodor Fechner, conhecido como o "pai da psicologia quantitativa", com base na concepção mecanicista, preocupou-se em definir como a natureza deveria ser investigada, criando o método psicofísico. Este método, aplicado ao estudo dos processos mentais, destacava a relação entre a estimulação

dos fatores físicos, como, por exemplo, o brilho de uma estrela e a sensibilidade dos sentidos humanos; o brilho era percebido, neste caso, pela visão. Embora fosse conhecido por este método, priorizou estudar a instalada dicotomia corpo e mente, defendendo que tanto um como outro constituem uma mesma unidade fundamental.

Por volta de vinte anos depois, o médico Wilhelm Wundt, com base na fisiologia, interessou-se pelos processos mentais e constatou que este assunto não possuía objeto de estudo. Durante sua permanência como professor da Universidade de Leipzig, na Alemanha, procurou encontrar este objeto. Conseguiu este feito em 1879, com o estabelecimento do primeiro laboratório experimental de psicologia, dando a esta o estatuto de ciência plena, sendo conhecido como o verdadeiro fundador da moderna psicologia experimental.

Também fundou, em 1881, a primeira revista de Psicologia, que publicava relatórios experimentais, a *Philosophische Studien*, além de um importante livro para a história da Psicologia, "Princípios de Psicologia Fisiológica", firmando esta ciência sobre estudos laboratoriais.

Denominado fundador da psicologia como disciplina acadêmica, constatou que ela deveria ser a ciência da consciência. Estudou processos elementares conscientes, suas combinações e relações, considerando como objeto da psicologia a experiência imediata.

Schultz (1975) clareia o que significa esta experiência dizendo:

...é a experiência "per se", livre e imune à influência de qualquer interpretação de nível superior. Se descrevemos as várias experiências que "sentimos" quando temos uma dor de dentes, a nossa preocupação é com a experiência imediata. Entretanto, se dizemos "Tenho uma dor de dentes", estamos preocupados com a experiência mediata. (p. 71)

Esta experiência está direta, subjetiva e fenomenalmente relacionada ao observador, diferente das outras ciências que têm a experiência sujeita a inferências, tendo os fatores subjetivos desconsiderados. (Wertheimer, 1991)

Como a Psicologia era a ciência da experiência, a observação constituía o método psicológico. Porém, esta observação só tinha sentido para a pessoa que a possuía, sendo a estratégia metodológica a auto-observação ou a introspeção, considerados, na época, o melhor método para a psicologia. (Schultz, 1975)

Investigar a sensação, a percepção, a atenção, a emoção, a reação e a associação, defendendo que a consciência é uma combinação de compostos simples e complexos, sendo que a base está na estrutura do organismo, constituem a escola proposta por Wundt. Neste pensamento, a atenção é o processo mais importante da consciência, sendo partes do consciente mais claras que outras. Esse procedimento se inicia com a percepção que é *...o processo de trazer as coisas para o alcance da atenção. isto é, da percepção mais clara.* (Wertheimer, 1991, p.85)

Keller (1974) revela com mais clareza este momento:

Já se pode, agora, começar a ver a forma e a fisionomia da psicologia do século XIX. Foi, antes de mais nada, um produto da união da filosofia com a fisiologia. Seu objeto era a mente (experiência, consciência), seu método era introspectivo, analítico e experimental; e seu problema era o descrever o conteúdo ou a estrutura da mente em termos de elementos e suas combinações. (p.23)

Fundamentado por estes dados, ao longo dos anos, o laboratório de Wundt floresceu, sendo considerado o centro mundial da psicologia e ele o primeiro psicólogo experimental, tendo como carro chefe trabalhos sobre sensação e percepção, com forte ênfase fisiológica.

Não perdendo de vista a questão do corpo, este teórico distinguia que corpo e mente, paralelamente, possuem as mesmas leis, operando tanto na esfera mental como na física, porém reforçava que a mente, para ser estudada, não dependia do corpo, demonstrando efetivamente que o corpo poderia ser descartado.

A influência de Wundt foi tremenda, levando seus alunos e seus livros ensinamentos às partes mais longínquas do mundo civilizado. Wundt era altamente sistemático e alguns de seus seguidores se assemelhavam a ele não só nas idéias, mas também nas atitudes. Entre eles, Edward Bradford Titchener, que, responsável por um laboratório nos Estados Unidos, intensificou o movimento então denominado estruturalista, reforçando que o objeto de estudo da Psicologia é a experiência, tendo esta íntima ligação com a pessoa que a experiencia, sendo que o observador deve limitar-se a observar e não interpretar o objeto a ser analisado.

Schultz (1975), exemplificando a diferença entre a atuação de um físico e a de um psicólogo sobre o mesmo fenômeno, com base na experiência, afirma que: *...luz e som podem ser estudados por um físico e um psicólogo. mas o físico encara o fenômeno do ponto de vista dos processos físicos*

envolvidos. ao passo que o psicólogo os observa em termos de como são experienciados por um observador humano. (p.100)

Este movimento apoiava-se em três pressupostos básicos. O primeiro, que os psicólogos deveriam ter como princípio o estudo da consciência humana, ligado essencialmente às experiências sensoriais; o segundo, que os trabalhos introspectivos analíticos de laboratório seriam a base do estudo científico e o terceiro, que a partir da análise dos processos mentais e seus elementos, é possível descobrir as combinações e conexões presentes no Sistema Nervoso e assim localizar estruturas a ele relacionadas.(Keller, 1974)

Em outras palavras, Titchener diz em Wertheimer (1991) que o objetivo da psicologia era:

...o estudo da mente, que consiste na soma total da experiência humana considerada como dependente da pessoa que experimenta. A Psicologia deve procurar responder ao "o quê", "como", e "por quê". "O quê" é a tarefa da análise - nos componentes mais simples; "por quê" é a tarefa da síntese do complexo, a partir dos elementos; e "como" é o problema das leis de conexão entre os elementos, a que se chega pela análise. A sistematização e a explicação ocorrem através do sistema nervoso. (p.139)

Como várias vezes o nome mente e consciência aparecem, Titchener, citado em Schultz (1975), fez uma diferenciação dizendo que consciência corresponde à soma total de experiências de uma pessoa num determinado momento, enquanto que mente é o total de experiências acumuladas durante a vida. Embora mente e consciência sejam, geralmente, semelhantes, a consciência envolve processos mentais imediatos, ao invés de acúmulo total de processos.

O estruturalismo, como matriz teórica, possuía algumas limitações, entre elas a de que por ser introspectivo, o processo tomava-se obscuro. Também priorizava as análises lógicas e de observação casual, o que significava que fenômenos complexos como pensamento, linguagem, moralidade e anormalidade não eram incluídos nos estudos.

Com a morte de Titchener, o estruturalismo desmoronou e uma outra corrente, denominada funcionalismo, evoluiu no contexto da ciência psicológica.

Diferente do estruturalismo, os funcionalistas estudaram a mente como um conglomerado de atividades, procurando compreender o funcionamento da mente na adaptação

ao meio ambiente, estando interessados em para que a mente serve e qual a sua função. Faziam perguntas básicas como: O que é que a mente faz? Em que diferem os processos mentais? Como funcionam os processos mentais? (Keller, 1974, Schultz, 1975)

Na construção do pensamento funcionalista, surgem nomes como Darwin e Francis Galton. Este último, inicialmente, introduziu a idéia dos testes mentais, considerando que a inteligência poderia ser mensurada a partir da aptidão sensorial; também alertou, com base na estruturação das imagens mentais, o uso do questionário psicológico. Em suas pesquisas foram incluídos animais, o estudo das funções da consciência e análises sobre as diferenças individuais, temas que nas pesquisas de Wundt e Titchener foram excluídos.

A principal pessoa ligada a esta escola é o médico William James. Embora contemporâneo de Wundt, James era totalmente diferente dele como pessoa e pesquisador. Considerado pioneiro na psicologia americana, publicou o primeiro "best seller", Princípios de Psicologia, transferindo a ciência psicológica da Alemanha para o outro lado do Atlântico, em fins do século XIX.

Wertheimer (1991), referindo-se a essa "nova" fase, que coincide com a criação da Associação Psicológica Americana, afirma que, neste período, a psicologia estava abandonando seu casulo, metamorfoseada de lagarta, moralista, filosófica e punitana para assumir uma criatura experimental esvoaçante e auto-consciente.

Deste ponto de vista, a Psicologia instalou um outro enfoque, interessando-se mais pela adaptação do organismo ao meio ambiente, ao invés de determinar os elementos da consciência, inaugurando a chamada psicologia aplicada.

Schultz (1975) realça que o princípio central do funcionalismo, na leitura de William James, está centrado no:

...estudo da pessoa viva enquanto se adapta ao seu meio. em oposição à descoberta dos elementos de experiência. A função da consciência, disse ele, é guiar o organismo para aqueles fins exigidos pelo imperativo de sobrevivência. Assim, a consciência é concebida como um órgão, particularmente apropriado às necessidades de um organismo complexo num meio ambiente altamente complexo. sem o qual o processo de evolução não poderia ter ocorrido no homem. (p.151)

Com efeito, o funcionalismo basicamente se referia a ensaios sobre o papel do hábito, o desenvolvimento da teoria da emoção e a apresentação descritiva da corrente da consciência. O papel do hábito era acentuado como parte vital da mente humana, concebendo que embora o sistema nervoso sofra modificações, existem estruturas que facilitam responder a estímulos semelhantes.

O estudo da teoria da emoção colocava que uma situação emocionante não é percebida, é apenas emocionante e como consequência alterações físicas são manifestadas, ou seja, a percepção da situação origina um estado físico e o resultado deste estado é a emoção. (Wertheimer, 1991)

Por último, as relações da consciência baseavam-se em alguns pressupostos principais. O primeiro é que o pensamento é individual, e portanto pessoal e único, estando em constante mudança e evolução, tanto que não existem dois estímulos ou dois estados da consciência idênticos. Esse processo não sofre rupturas, pois forma uma corrente, realçando que os objetos devem ser tratados independente da consciência e finalmente, ela é seletiva diante de estímulos, ou seja, há mais preocupação com um aspecto do que com o outro, sofrendo posteriormente um processo adaptativo. (Schultz, 1975)

Adepto do pragmatismo quando se refere à verdade, James defendia que é verdadeiro o que funciona e este funcionalismo é suficiente até que outro seja considerado melhor. (Wertheimer, 1991)

Uma outra questão que merece destaque em relação aos princípios deste estudioso é a interação e interdependência entre o intelecto e o corpo; afirma ele que o funcionamento fisiológico do corpo influencia diretamente o intelecto. Com este princípio, vejo o início de um possível elo de ligação entre a mente e o corpo, transpondo uma visão mais enfática de soberania da mente.

Embora James fosse crítico em suas interpretações, punha-se sempre disponível, deixando que suas idéias o levassem para o que desejava, a ponto de ser considerado eclético. Tanto que, mais tarde, os behavioristas e a Gestalt o citam favoravelmente.

Contudo, James não se considerava um experimentalista, nem fundador, nem mesmo psicólogo, porém, suas contribuições foram significativas na estruturação da psicologia, sendo contemplado como o maior psicólogo americano. No final da vida, desligou-se desses estudos e se voltou mais às questões filosóficas.

Definido como escola, o funcionalismo tem seu desenvolvimento deflagrado por John Dewey, no início do século XX, priorizando que todo o funcionamento dos processos mentais não é estático e, portanto, esses processos devem ser estudados incluindo aqueles elementos excluídos pelo estruturalismo como crianças, animais e anormais. A principal contribuição de Dewey para a ciência psicológica foi o conceito de arco reflexo, superando a restrita idéia de que resposta e estímulo são duas situações estanques e não constituem o todo individual.

Schultz (1975), elucidando os comentários de Dewey, afirmou que:

...o comportamento não devia ser tratado como um construto científico artificial mas, pelo contrário, em termos de sua significação para o organismo em processo de adaptação ao meio ambiente (...) o objeto de estudo apropriado da Psicologia é o organismo total funcionando em seu meio ambiente. (p.176)

Também ressaltava que a experimentação deveria ser priorizada, sendo empregada em situações práticas como negócios, educação e direito.

Um outro ator do cenário funcionalista, James Rowland Angell, distinguia nitidamente o estruturalismo do funcionalismo. O primeiro objetivava estudar o conteúdo consciente, a partir da análise dos elementos, enquanto que o segundo estudava as operações da consciência, não somente como um refúgio inerte da experiência, mas desempenhando uma readaptação a novas situações, baseando-se nas funções e natureza dos processos mentais, considerando, inclusive, o desenvolvimento desses processos. (Wertheimer, 1991)

Enfim, a tarefa do funcionalismo estava em descobrir como o processo mental ocorre, sendo a consciência utilitária, mediando as necessidades do organismo e as exigências do meio.

Percebo, até aqui, que na estruturação da ciência psicológica há uma tendência em distinguir teorias que enfatizam a análise via reino animal e outras que o fazem via humanos. Embora as reações humanas sejam meta de algumas teorias, avalio que o enfoque se restringe exclusivamente aos processos mentais e, como tal, não elucida a presença do corpo como primordial à existência da mente.

Neste processo histórico, já no século XX, outra escola passa a ter voz; o behaviorismo, que, abandonando as concepções mais antigas do estruturalismo e do

funcionalismo, culmina com uma abordagem mecanicista em psicologia, tanto que também foi chamada de "psicologia objetiva".

Liderada inicialmente por John Watson, primava por ser uma ciência do comportamento com base na objetividade, analisando em animais, colocados em labirinto, a função de suas várias pistas sensoriais, rejeitando o trabalho com seres humanos. Acreditava que os fatos da consciência não poderiam ser testados ou reproduzidos por todos os observadores treinados, enfatizando o estudo do comportamento animal, demonstrando extrema posição ambientalista.

Watson pretendia que a psicologia se tornasse uma ciência respeitável e para isso defendia que o comportamento deveria ser observado por métodos objetivos, constituindo ele o objeto da ciência psicológica. Os eventos ambientais eram considerados como estímulos e o comportamento observável, as respostas a estes estímulos, formando a cadeia associativa de estímulo-resposta. Afirmava que a experiência é um ponto significativo no comportamento, nas aptidões, mais do que a própria hereditariedade, na medida em que não admitia que instintos ou capacidades pudessem ser herdadas, portanto, intensificando a influência do meio ambiente no condicionamento do comportamento.

Para ele, todas as áreas do comportamento, como emoções, hábito, sentimentos, pensamento, aprendizagem seriam controladas e modeladas, objetivamente, dentro do padrão de estímulo-resposta. Com este propósito, ajustava-se em parte à ideologia americana, de que todos os homens foram criados semelhantemente e portanto qualquer um pode conseguir êxito, sendo o seu comportamento cientificamente condicionado.

Wertheimer (1991), com base nos pressupostos watsonianos, expõe esta questão:

Dêem-me uma dúzia de crianças sadias e bem formadas e o mundo por mim especificado dentro do qual criá-las, e garanto que tomarei uma delas ao acaso e treina-la-ei para que se torne um especialista de qualquer tipo que eu escolha- médico, advogado, artista, comerciante, bem como mendigo, ou ladrão.-quaisquer que sejam seus talentos, tendências, capacidade, vocação, ou a raça de seus ancestrais. (p.154)

Como priorizava os métodos objetivos, através da experimentação, observação e testes, descartava enfaticamente a introspecção. Esta teoria também considerava exclusivamente os animais inferiores por serem mais fáceis de controlar do que os animais mais complexos.

Provavelmente com este pensamento, o corpo, concebido como complexo, foi descartado. Além disso, o sujeito que interagira na observação deixava de existir, limitando-se apenas a ser objeto do experimentador, que o observava na perspectiva de analisar seu comportamento no experimento. *Essa mudança de ponto de vista reforçou a imagem ou modelo psicológico do homem como "uma máquina estímulo-resposta: você coloca um estímulo numa das ranhuras e sai um pacote de reações.* (Schultz, 1975, p.232)

Reforçando o pensamento de Watson, o mesmo Wertheimer (1991) coloca que:

...o objeto da psicologia é a atividade e a conduta humana e animal; a meta da psicologia é prever o comportamento, formular leis a seu respeito e controlá-lo. A consciência não é objeto legítimo de estudo científico; apenas o estudo do comportamento manifesto é cientificamente defensável. (p.155)

Paralelamente, para completar o cenário das primeiras décadas do século XX, o objetivismo, o mecanicismo e o materialismo se estruturam. Schultz (1975) expõe com clareza os resultados deste procedimento:

A sua influência era de tal modo preponderante que levou inexoravelmente a uma nova espécie de psicologia; uma psicologia sem "consciência" ou "mente" ou "alma", uma psicologia que se concentrava unicamente no que podia ser visto, ouvido e tocado. A ciência do comportamento - o homem como máquina - foi o resultado inevitável. (p.199)

Entre outros pressupostos, o behaviorismo se baseia na experiência com animais e, Edward Lee Thorndike aparece como o pioneiro desta investigação. Ele desenvolveu objetiva e mecanicamente a teoria da aprendizagem, enfocando apenas o comportamento manifestado e desconsiderando tanto a consciência como os processos mentais, dando o nome de ensaio e erro a este processo. (Schultz, 1975) Anos mais tarde, transformou sua teoria e aplicou-a aos seres humanos.

Outro nome ligado às proposições behavioristas é o do russo Ivan P. Pavlov. Famoso por sua experimentação com salivação de cães, defendia que um estímulo aparentemente neutro como o som de uma campainha não produz reação no cão, no entanto, se a campainha soar repetidas vezes, e a cada vez for apresentado um alimento, depois de algum tempo ocorrerá

salivação, independente da apresentação da comida, fazendo com esse experimento uma análise objetiva de que, ao ser lançado um estímulo, haverá sempre a mesma resposta.

Este procedimento inaugurou o estudo do reflexo condicionado, o qual era consequência de um hábito adquirido, tornando-se um modelo de objetividade e precisão, mesmo porque não permitia a interferência do meio ambiente, a não ser aqueles estímulos condicionados a que eram expostos.

O mais extremo behaviorista da atualidade é Burrhus Frederik Skinner, ao admitir que não há comportamento implícito, ou qualquer construção hipotética. Ele defende um sistema estritamente empírico, opondo-se à teoria e salientando a importância do reforço. Também não se interessa pelos processos que ocorrem internamente, mas apenas com as respostas aos estímulos, as quais constroem o referencial de seu método, o indutivo.

Como objetivo primordial, este estudioso prioriza alguns aspectos enfatizados por Schultz (1975), afirmando ser prioritário preocupar-se:

...somente com o comportamento observável e acredita que a tarefa da investigação científica consiste em estabelecer relações funcionais entre as condições antecedentes de estímulo controladas pelo experimentador e a resposta subsequente do organismo. (p.277)

Curiosamente, em contraste com a psicologia vigente até então, ele prefere concentrar sua investigação em um único indivíduo, pois as diferenças individuais de comportamento serão explícitas ao observador, enquanto que num trabalho com grande número de pessoas, corre-se o risco de se fazer análise enviesada.

Seu principal argumento foi baseado na experiência com ratos, privados de alimento, os quais são colocados em uma caixa sem contato com o meio externo. Ao explorar a caixa, o rato esbarra em uma alavanca, que, ao ser acionada, oferece uma bandeja com alimento. Ao repetir esta operação, o rato estabelece um condicionamento denominado operante; sem ter qualquer estímulo observável, age diante do oferecido pelo meio ambiente, sendo reforçado quando seu comportamento atende a uma operação previamente planejada pelo observador.

O behaviorismo tornou-se primordialmente uma psicologia da aprendizagem e Skinner, relacionando suas experiências com este processo, destacou o sistema descritivo.

Trabalhando não apenas com animais, mas com humanos, privilegiava o mesmo procedimento, reforçando por aprovação verbal ou pelo conhecimento de falar a resposta certa.

Embora considere que a aprendizagem ocorra em qualquer situação, enfatiza que em algumas o reforço no mundo real nem sempre é consistente e contínuo.

Pensem nas vossas próprias vidas. Ainda que estudem sistematicamente bem, talvez nem sempre consigam obter uma nota 10 em todos os exames. Se têm um emprego, não recebem um elogio ou um aumento de salário todos os dias. Numa loteria esportiva ou numa máquina caça-níqueis, não ganham todas as vezes. (Schultz, 1975, p.280)

Com esta citação, creio que a questão humana é vista com outros olhos e a existência pura e simples da mente é desconsiderada. No entanto, o homem não pode ser enjaulado em uma caixa e esperar que sejam dadas sempre as mesmas respostas. Ele possui inferências que desestruturam teorias embasadas na igualdade de ações. Embora todos os homens sejam constituídos de forma semelhante, o corpo e as relações que se estabelecem são diferentes, pois não são mensuráveis. O comportamento é individual, embora várias teorias enfatizem que ele pode ser guiado, modificado e controlado, a partir do uso apropriado de reforço positivo.

Arriscando um palpite, talvez o mérito de Skinner, esteja em exigir que seus experimentos fossem feitos individualmente, o que denota o início de um respeito ao corpo, enquanto representante exclusivo de uma só pessoa.

O grande impacto do behaviorismo é sua estrita objetividade e recusa da existência da consciência. Mesmo assim, os psicólogos americanos adotaram esta escola ferreamente.

Através do estudo objetivo do comportamento, a psicologia behaviorista pode cumprir sua finalidade de prever a resposta dado o estímulo e prever o estímulo antecedente dada a resposta. O comportamento humano e animal pode, portanto, ser efetivamente compreendido, previsto e controlado, se reduzido ao nível de estímulo-resposta. (Schultz, 1975, p.233)

Enquanto na América o behaviorismo imperava, na Alemanha a psicologia da Gestalt despontava. Embora com um nome que não se traduz facilmente, esta teoria acreditava que as experiências complexas não podem ser analisadas com simplicidade, pois, elas trazem consigo uma característica de totalidade e ou de estrutura. Com isto, o alicerce dos estudos psicológicos está tanto na experiência como no comportamento, prevendo que qualquer método pode ser empregado, desde que adequado ao problema.

Ainda que não existam precursores diretos nesta escola, a ostentação dos estudiosos a ela coligados estava em defender a unidade, considerando efetivamente o todo unitariamente, afrontando uma poderosa e rígida tradição que alicerçava a psicologia até então.

Do ponto de vista filosófico, Immanuel Kant influenciou a psicologia através de sua ênfase na unidade da percepção. Isto significa que, na análise de um objeto, temos estados mentais que podem ser traduzidos como fragmentos e pedaços que não são explanados como simples associações mecânicas, mas, a priori, estão interligados formando uma experiência unitária e coesa. (Schultz, 1975)

Como reforço desta idéia, Franz Brentano, destacando o movimento da Gestalt, defendia que objetivamente se deve estudar o processo ou ato de experienciar e não apenas o conteúdo da experiência. Poucos são os nomes ligados a esta escola e pode-se dizer que o movimento formal da Psicologia da Gestalt se originou de uma pesquisa realizada pelo psicólogo alemão Max Wertheimer, que chamou a atenção do mundo científico ao destacar para o movimento aparente. Este movimento significa considerar a realidade, mesmo que não haja mudança de lugar, ligando-se a experimentos sobre percepção do movimento, considerando que:

... o estímulo visual descontínuo pode produzir a percepção de movimento contínuo - a percepção, segundo parece, não corresponde ponto a ponto ao estímulo físico, mas organiza-se como um todo - todo esse que não é o somatório dos elementos que o compõem. (Wertheimer (1991, p.165)

Ao ser criticado pela explicação simplista de sua descoberta, Wertheimer dizia que o movimento aparente não precisa ser explicado, *...ele simplesmente existe tal como é percebido e não pode ser reduzido a qualquer coisa mais simples.* (Schultz, 1975,p.297)

A grande contribuição da teoria Gestáltica foi que, pela primeira vez, o cogito cartesiano foi desafiado, ao afirmar que o todo é diferente da soma das partes, ou seja, a natureza

das partes é determinada pelo todo e não o contrário. As partes estão intimamente relacionadas com o seu lugar, seu papel e, portanto, devem ser vistas em sua totalidade, assim como a maioria dos atos tem sentido e, portanto, é significativa. (Wertheimer, 1991)

Na análise deste movimento, os dados sensoriais dos seres humanos constituem o mundo a ser observado e as experiências subjetivas formam o universo a ser considerado pelos cientistas do comportamento. O grande desafio é que os elementos sensoriais podem se alterar radicalmente, enquanto que a nossa percepção não muda.

Neste pensamento, posso observar que o estudo do comportamento não foi pensado isoladamente longe do corpo, bem como a mente não foi destacada como possuidora das boas qualidades. O corpo é componente deste cenário, não apenas como estrutura física onde a mente se instala, mas como unidade existencial.

O próprio Wertheimer afirmava que ao imaginarmos uma dança, não vemos peças isoladas; os movimentos físicos dos membros somados a uma consciência psíquica, é que proporcionam a dança. Vemos, sim, a unificação de um movimento que ocorre na interação corporal, num dado momento específico e único. (Schultz, 1975)

Como contribuição significativa na estruturação da psicologia da Gestalt, aparece o método fenomenológico, que se caracteriza por descrever a experiência imediata, exatamente como ela ocorre, fazendo uma análise perspectival do fenômeno.

Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Köhler formavam o triângulo intelectual que, entre outras questões, elucidaram, em tese, o estudo das percepções.

O militante da teoria Gestáltica, Köhler, sustentava alguns argumentos discrepantes da introspecção estruturalista e do behaviorismo, ao considerar que não existem no comportamento e no cérebro, conexões.

Relações entre as partes são condicionadas pelas propriedades das partes e não são ligações vazias, ou conexões em forma de nós, tais como implícitas no uso das palavras "mais" ou "e". Os processos de campo são de ampla extensão. (Wertheimer, 1991, p.170)

Este mesmo teórico propôs o termo *insight* como sinônimo, no comportamento, de solução de problema, contrariamente à explicação objetiva de estímulo e resposta, ou seja...o animal compreende a estrutura da situação problemática e age conformemente (Wertheimer, 1991, p.171)

A maioria dos idealizadores da Gestalt relacionava o estudo dos processos cognitivos à aprendizagem, ao pensamento, à inteligência e à percepção. Basicamente criticavam as teorias associacionistas de aprendizagem.

Mais recentemente, Kurt Lewin desviou este pensamento para um processo dinâmico de grupo, a partir da aplicação dos princípios da autodistribuição dinâmica das forças, da teoria do campo e do insight relacionados com a motivação, a personalidade e os processos sociais. Interessava-se efetivamente por realidades da vida cotidiana, tanto que considerou a psicologia como uma ciência social.

Lewin dizia que, da mesma forma que a analogia entre o indivíduo e seu meio formam um campo psicológico, o grupo e seu meio formam um campo social. (Schultz, 1975)

Ele procurou analisar a pessoa em seu "próprio campo", tal como ela se vê, dentro de seu ambiente, considerando suas barreiras, gostos, aversões em relação a objetos, pessoas e atividades, alertando que qualquer evento ocorrido em qualquer época pode determinar o seu comportamento em qualquer situação. (Wertheimer, 1991)

Seu trabalho com grupos ficou conhecido nos Estados Unidos e dentro de seu sistema fez referências à instalação de valores positivo ou negativo sobre os objetos no espaço vital e também alertou que o sujeito estabelece um estado de equilíbrio com o meio, e quando ocorre desequilíbrio, a consequência é o surgimento de uma tensão.

Oficialmente, inaugurou-se na estruturação da ciência psicológica uma nova abordagem, que recusava compreender o homem objetivamente, buscando em sua própria existência as experiências dos fenômenos complexos e identificando-os conforme acontecem.

Ainda no século XX, um nome revolucionou o campo de estudo do comportamento humano: o médico vienense Sigmund Freud. Sua participação no contexto da ciência psicológica é relevante. Sua história de vida foi marcada por extremos, ficando ora com problemas financeiros, no anonimato ou sendo perseguido pelos nazistas, e ora em franca ascensão. Embora contemporâneo de algumas escolas, suas relações com elas ficaram estabelecidas apenas na perspectiva temporal.

Isento de características experimentais, criou a teoria psicanalítica que tem como pressuposto o tratamento do Sistema Nervoso e o estudo das desordens neuróticas como ansiedade excessiva, depressão, fadiga, insônia e outras relativas a conflitos e tensões.

A psicanálise, embora seja considerada uma teoria psicológica, originariamente ela não é uma teoria; ela provém da psiquiatria, que se constitui num ramo da medicina. Diferente das outras escolas, não se desenvolveu no âmbito da academia, mas na clínica, onde objetivamente priorizava ajudar as pessoas em sofrimento, tentando compreender e tratar os distúrbios mentais.

Como os problemas neuróticos, naquela época, eram pouco compreendidos e apresentados a partir de um quadro impressionante e discriminatório, Freud estabeleceu procedimentos que buscavam amenizar os sintomas oriundos das causas neuróticas, discutindo-os cientificamente e não com base em superstições religiosas, embora em alguns momentos relutasse em negar influências espiritualistas. (Schultz, 1975)

Inicialmente utilizou a hipnose para o tratamento psíquico, mas não se satisfaz, considerando que nesta técnica os sintomas do paciente eram removidos apenas periodicamente, e que ela não possibilitava a cura total. Concluiu então que cuidar dos sintomas da pessoa era inútil, procurando uma outra forma de resolver o problema. Com vasto aperfeiçoamento, abandonou por completo o hipnotismo e, em seu lugar, desenvolveu um novo método, o chamado método da associação livre, que consistia em escutar, sem censura, o paciente que, repousado em um divã, era encorajado a falar livre e espontaneamente o que lhe vinha à mente, sendo inclusive estimulado a revelar seus sonhos, explorando assim, o inconsciente. (Klein, Heimann e Money-Kyrle, 1969)

Freud analisava todo o material colhido destes relatos, procurando desejos, temores, conflitos, pensamentos e lembranças que estavam armazenados além da consciência do paciente, e que possivelmente causavam o comportamento anormal, procurando despertar no consciente o que se encontrava no inconsciente, *...o paciente relata o que quer que lhe venha à lembrança, tentando burlar a censura do ego.* (Wertheimer, 1991, p. 179)

Em geral, este procedimento levava o paciente a recordar experiências vivenciadas na infância, e, na maioria das vezes, elas associavam-se a repressões sexuais infantis. A referência de que a neurose e a própria formação da personalidade podem ter como pano de fundo variáveis sexuais causou grande escândalo na época.

A inovação desta teoria, que aliava experiências vivenciadas na infância com o estabelecimento da personalidade adulta, fez com que Freud fosse um dos primeiros teóricos a discutir o desenvolvimento da criança. Neste estudo, eram estabelecidos *estágios psicosexuais de desenvolvimento*, definidos desde o nascimento até os cinco anos. No decorrer dos estágios, a

criança estabelecia estados de prazer ao estimular zonas erógenas do corpo, individualmente ou pela mãe. (Schultz, 1975)

Embora Freud tenha reconhecido a presença da criança em seus estudos, foi Melanie Klein, sua discípula, quem estendeu a aplicação da psicanálise a elas, prioritariamente em seus primeiros anos de vida. A descrição do desenvolvimento instintivo, emocional e intelectual, reconstruídos por Freud na análise dos adultos, foi elaborada a partir da observação e do tratamento de crianças abaixo de cinco anos de idade, demonstrando que o brincar da criança equivale à associação livre do adulto.

Melanie Klein defendeu que a observação das crianças não era algo ocasional, mas que o brincar evidenciava a projeção de ansiedades, conflitos e fantasias diretamente relacionados ao inconsciente, sendo que as variações no brincar eram consideradas como associações livres pré-verbais, pelo limite de expressão verbal das crianças. Ao fornecer brinquedos para as crianças, interpretava, em seu jogo, sentimentos e fantasias que poderiam estar introjetados e que se expressavam através dele. (Klein, 1969)

Dentre os estágios que Freud estabeleceu, um se destaca, inclusive porque ficou famoso ao longo da história, o complexo de Édipo que consiste no... *desejo inconsciente da morte do genitor do mesmo sexo e de união física com o de sexo oposto, encontra-se entre as dificuldades que o ego deve, de algum modo controlar.* (Wertheimer, 1991, p.179)

Um outro ponto básico desta teoria está em afirmar que o inconsciente pode definir atitudes comportamentais. Apesar de esta análise não ser exclusiva de Freud, pois outros teóricos já tinham discutido esta questão, nenhum antes compreendeu de maneira tão completa o significado da motivação inconsciente.

Com base no referencial teórico proposto por Klein (1982), Schultz (1975) e Wertheimer (1991), Freud, ao relacionar a questão da consciência, estabelecia uma articulação entre o id, o ego e o superego, dizendo que o consciente constitui uma parcela insignificante na formação da personalidade do homem. Em contrapartida, o inconsciente, vasto e abrangente, representa a força impulsora da definição do comportamento humano.

O estudo, na perspectiva da dualidade consciente e inconsciente, centrava-se na idéia de que tanto a ação como o pensamento são motivados. O homem possui uma força motora fundamental designada de libido ou impulso sexual, a qual corresponde ao id da personalidade, isento de chavões maniqueístas de juízo de valor. *Na medida em que o id procura satisfação imediata*

sem levar em conta as circunstâncias da realidade objetiva. ele atua de acordo com (...) o princípio de prazer. o qual diz respeito à redução de tensão. (Schultz, 1975, p.348)

A criança, por exemplo, descobre sua insatisfação e necessita de estabelecer relações com o mundo, de modo que possa satisfazer seus desejos. Essa interligação entre o prazer apresentado pelo id e o ambiente em que está inserida proporciona, o crescimento do ego, servindo como mediador entre o eu e o mundo externo, sendo que o ego não subsiste sem o id e vice-versa. *O ego representa o que é comumente conhecido como razão e sanidade mental. em contraste com as paixões do id. (Schultz, 1975, p.348)*

Por questões pré determinadas socialmente, os pais tendem a dominar as manifestações do id, que são próprias de cada indivíduo, a partir de um sistema de prêmios e castigos. Se inicialmente isso é possível, ao longo do tempo se instala o auto-controle, representado pelo aparecimento do superego, uma espécie de consciência, que funciona como um filtro das ações do id da criança.

O ego, por sua vez, tem uma difícil incumbência, estabelecer o equilíbrio entre as manifestações do id quando diz: "eu quero", e o superego que diz "eu não devo", considerando ainda a realidade do ambiente. Com isto, tanto o id como o superego ficam inconscientes e adentram a consciência, representada pelo ego. Como conseqüência deste controle surgem as manifestações de repressão, sublimação e outras.

Em relação à repressão, Schultz (1975), com base nos pressupostos freudianos, coloca que ocorre uma resistência em expulsar as idéias, porém, em algum momento elas devem ser enfrentadas. Este procedimento revela uma relação entre o terapeuta e o paciente, na medida em que o terapeuta deve *...induzir o paciente a trazer esse material reprimido de volta à consciência. para poder enfrentá-lo e "aprender a conviver com ele". (p.344)*

Esta colocação me faz pensar que o processo psicanalítico não tinha um viés estritamente curativo, mas a possibilidade de instalar um procedimento intersubjetivo entre o paciente e o terapeuta. O corpo, para este último, não se constituía somente em um aporte representado pela mente, mas parte de um contexto mais abrangente. No entanto, esta colocação fica comprometida, quando Capra (1982) referindo-se à psicoterapia freudiana, diz que o corpo é negligenciado, tanto que: *O tabu do contato físico é tão forte que alguns analistas nem mesmo trocam um aperto de mão com seus pacientes. (p.175)*

Outro ponto interessante desta teoria está reservado aos instintos, considerados como fatores propulsores da definição da personalidade. Os instintos não decorrem, neste pensamento, ... *de fatores genéticos mas, outrossim, de fontes de estimulação no interior do corpo, e sua finalidade consiste em remover ou reduzir a estimulação através de alguma atividade como a satisfação sexual.* (Schultz, 1975, p.349) Além disso, os instintos eram classificados em duas categorias: os de vida, como fome, sede e sexo, os quais alicerçam a sobrevivência e os instintos destrutivos de morte, como masoquismo, agressão e suicídio.

A repercussão desta teoria foi tão grande que vários leigos, para desespero dos psicólogos tradicionais, compararam a psicologia à psicanálise. Desde o princípio eram diferentes, pois, a psicologia, na ânsia de ser considerada uma ciência pura, convergiu para a utilização de métodos experimentais, centrando-se nas especificidades da estruturação e funcionamento da mente e a análise comportamental desligada do indivíduo, enquanto que a psicanálise e também a Gestalt, procuraram enxergar a totalidade do ser humano, concentrando-se no problema, apoiando-se em experiências vividas pela pessoa.

Schultz, (1975), analisando esta questão, diz que: *A finalidade de Freud de tentar ajudar pacientes neuróticos divergia profundamente da finalidade da psicologia, que é descobrir leis do comportamento humano usando os métodos da ciência natural.* (p.355)

Freud pretendia fazer da psicanálise uma disciplina científica e, apesar da repercussão, várias críticas foram lançadas a esta teoria, principalmente pela divergência da investigação experimental. Entre elas, sobre a metodologia, pois, Freud anotava os relatos dos pacientes horas depois de vê-los e isto poderia ser influenciado por avaliações pessoais, interferindo na análise do processo, podendo ocultar algum fato ocorrido. Somada a isso, a falta de quantificação metodológica punha em risco a fidedignidade das respostas dos pacientes. Ele também não deixava claro quais procedimentos utilizava para chegar às análises, pois apresentava somente resultados. Sem contar que sua posição era radical, não admitindo dissensões.

Estas críticas foram melhor explicitadas por Schultz, (1975) ao afirmar que:

...as observações de Freud não podem ser repetidas porque se ignora exatamente o que ele fez ao coletar os dados e ao traduzir as observações para generalizações e hipóteses. A linguagem da ciência é exatamente precisa e ordenada, não deixando espaço para ambigüidades, distorções e conclusões aleatórias. (p.357)

Mesmo com estas críticas, é impossível negar a presença de Freud na psicologia, sendo ele conhecido primordialmente pelo público distante da academia. Tanto que alguns trabalhos clínicos utilizaram-se dos referenciais teóricos propostos por ele.

A psicologia clínica destacou-se mais efetivamente no Ocidente, tendo rápido crescimento depois da II Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que a psicanálise, como recurso terapêutico, foi reconhecida pelos psicólogos.

Adepto da teoria psicanalítica, Carl Gustav Jung procurou compreender a introversão, a extroversão e as funções mentais de pensamento, sentimento, sensação e intuição, considerando que estas atitudes, mesmo opostas, estão presentes em todas as pessoas, predominando uma sobre a outra. (Schultz, 1975)

Ao contrário de Freud, Jung não restringia a libido exclusivamente à questão sexual, mas como parte da energia vital total. Rejeitava a existência do complexo de Édipo, porque acreditava que a relação entre mãe e criança está centrada na dependência que se estabelece na sobrevivência.

A era das escolas se despede no final do século XX para dar lugar a uma tendência mais eclética. A psicologia moderna tem estado em constante mudança e crescimento, apesar da herança de algumas escolas, mesmo porque não pode ser colocada dentro de uma única forma. Um outro dado que complementa esta despedida é que a psicologia passou a ser discutida por duas tendências: a profissional ou aplicada e a acadêmica, vivenciada nos laboratórios. Estas propensões se subdividem em várias outras, que hoje estabelecem o alicerce da psicologia.

Sucintamente, a psicologia moderna pode ser identificada inicialmente dentro de quatro pontos de vista: o psicanalítico, o neobehaviorista, o cognitivo e o humanista.

O ponto de vista psicanalítico é adotado por aqueles que estudam situações clínicas de personalidade, ajustamento, anormalidade e, em geral, pessoas perturbadas psicologicamente, com base no referencial proposto por Freud. Defendem a observação nas sessões de psicanálise, dos fatos vivenciados pelo paciente. Estes dados constituem o alicerce para que conclusões e hipóteses sejam elaboradas, para, posteriormente, serem comparadas com outros fatos, formando uma teia que emaranhadamente pretende convalidar as hipóteses formuladas. (Klein, 1969 e Wertheimer, 1991))

O neo-behaviorismo difere do behaviorismo tradicional por ter uma abordagem mais ampla e flexível, insistindo em respostas precisas e bem delineadas. O conteúdo continua

semelhante, investigando estímulo, resposta, aprendizagem, através da observação objetiva. O grande avanço está em incluir nestas observações, dados subjetivos como amor, tensão, empatia, confiança e personalidade, dando um enfoque menos intransigente.

Do ponto de vista cognitivo, associa-se principalmente à Psicologia Educacional, tendo como um dos principais nomes o de Jean Piaget. Fundamentado na teoria dos estágios de desenvolvimento, defende que a criança só compreende um conceito com base em outro já aprendido. Introduce a matemática a partir de dados estatísticos, aliados aos testes cognitivos, formulando o conteúdo desta tendência.

Uma das mais excitantes conquistas da psicologia contemporânea é a abordagem humanista, que propõe um sistema holístico e dinâmico de ver o homem. Ainda que incipiente, a dualidade corpo e mente parece ser superada nesta visão, respeitando a subjetividade e a intersubjetividade, procurando estudar o homem como um ser distintamente humano. Esta tendência propicia atitudes que denotam outras relações com a complexidade humana, expandindo e enriquecendo as vidas humanas.

A nova psicologia considera o organismo humano um todo integrado que envolve padrões físicos e psicológicos interdependentes. Embora psicólogos e psicoterapeutas se ocupem predominantemente de fenômenos mentais, eles insistem em que estes só podem ser entendidos no contexto de todo o sistema corpo-mente. (Capra, 1982, p.359)

Um dos adeptos desta tendência é Wilhem Reich, que, descontente com os conceitos propostos por Freud, desenvolveu uma nova teoria denominada psicoterapia. Sua importância está ligada, essencialmente, à ruptura do paradigma hegemônico, ousando trabalhar com os distúrbios a partir do corpo, rompendo com o tabu freudiano que só enfocava os problemas mentais, fazendo, assim, uma transferência da psique para o corpo. Acreditava que existia uma energia penetrada no organismo do indivíduo que, quando bloqueada, desencadeava o surgimento de tensões. Capra (1982), citando este teórico diz que...*as atitudes mentais e as experiências emocionais provocam resistências no organismo físico, e que elas se expressam em padrões musculares, resultando no que ele chamou a "courage do caráter". (p.177)*

Uma das mais significativas características desse estudioso está em diminuir a distância entre o paciente e o terapeuta, a partir do contato físico, considerando também que a libido faz parte do universo fluente do indivíduo. Com base nestas experiências, defendeu que

existe ...uma energia que permeia e governa todo o organismo e que se manifesta tanto nas emoções quanto no fluxo de fluidos corporais e outros movimentos biofísicos. (Capra, 1982.p.336) A esse processo específico deu o nome de bioenergia, que consiste em destruir esta couraça a partir de experiências corporais.

Imagino que, a partir daí, os humanistas, para contra-atacar a visão mecanicista, inauguram uma nova fase, optando por empregar estratégias de ação aplicadas por meio de técnicas corporais, vivenciadas por sons, movimentos, posturas, atitudes ou quaisquer outros meios não verbais. O corpo passa a ser respeitado como ator da peça da vida, integrando-se ao processo de sua apresentação. A miopia em relação ao corpo é superada ao serem trocadas as lentes dos óculos daqueles que tratam do corpo; ampliando a visão, as imagens transcendem e a transparência aparece.

Um outro inovador da teoria humanista é Carl Rogers. Adepto da psicoterapia, acreditava na afirmação de que o paciente deve ser focado de forma positiva. Tanto o paciente como o terapeuta devem estabelecer uma parceria comungada conscientemente, tendo como pressuposto que: *A essência da abordagem humanista consiste em considerar o paciente uma pessoa capaz de crescer e se auto-realizar, e em reconhecer os potenciais inerentes a todo ser humano.* (Capra, 1982, p.357)

Em outras palavras, o mesmo Capra (1982) coloca que muitos terapeutas da psicoterapia devem estabelecer:

...uma certa ressonância entre o inconsciente do paciente e do terapeuta. Tal ressonância será sumamente poderosa se o terapeuta e o paciente estiverem dispostos a deixar de lado seus papéis, suas máscaras, defesas e quaisquer outras barreiras erguidas entre eles, para que o encontro terapêutico se torne. (...) um "encontro autêntico entre seres humanos". (p.375)

Se eu fizer uma análise fenomenológica desta citação, diria que se instala uma fase definida como "epoche", onde o observador não se isola da realidade, mas põe em suspensão seus "a priores", lançando o olhar sobre o fenômeno, tanto na perspectiva específica como na globalidade nele inserida, percebendo relações existentes na análise do fenômeno, relações estas vividas na existencialidade do corpo.

Rogers também é conhecido por uma outra projeção do humanismo, o existencialismo. Esta teoria tem raízes na filosofia de Jean-Paul Sartre que, buscando a identidade

do indivíduo, o sentido da vida e da existência, coloca o homem constantemente em situações onde deve escolher e decidir, frente a situações-problema. (Wertheimer, 1991)

Esta abordagem reafirma a psicologia humanista, que sai do experimento laboratorial em animais, traduzido por um quadro incompleto da natureza humana e passa ao objeto propriamente dito, o homem, estabelecendo e respeitando as relações subjetivas a ele pertencentes.

A teoria humanista também contou com Abraham Maslow, que não só ficou descontente com a proposta mecanicista, como também discordou de Freud e dos behavioristas. Do primeiro, pela proposta de analisar o comportamento humano com base no que havia de pior nos indivíduos, utilizando para isto as doenças mentais e dos behavioristas porque viam as reações dos seres humanos em animais.

É desconcertante afirmar que a psicologia se concentrou, em geral, no lado "doente" e desconsiderou que a humanidade não é dotada só de instintos inferiores, mas de partes saudáveis que devem ser consideradas na avaliação da natureza humana.

Ao invés de estudar o comportamento de ratos, pombos ou macacos, os psicólogos humanistas concentram-se na experiência humana e afirmaram que sentimentos, desejos e esperanças são tão importantes numa teoria abrangente do comportamento humano quanto as influências externas. Maslow enfatizou que os seres humanos devem ser estudados como organismos integrais, e que esse estudo deve se concentrar especificamente em indivíduos saudáveis e nos aspectos positivos do comportamento humano. (Capra, 1982, p.356)

Neste pensamento Maslow apoiou um movimento denominado transpessoal, que se baseava em aspectos espirituais, transcendentais e místicos de auto-realização.

As terapias de grupo representam uma outra tendência da visão humanista proposta para a psicologia. Inicialmente, limitavam-se a interações verbais e posteriormente os psicólogos utilizaram técnicas de comunicação não verbal, descarga emocional e expressão física, no trabalho com grupos.

O avanço deste aspecto se caracteriza porque atualmente a psicologia entende que o indivíduo não pode ser analisado longe das inferências do ambiente em que está inserido. Assim, relações sociais, familiares, profissionais ou culturais são consideradas.

Outro avanço da psicologia está na área profissional, com a introdução da psicologia industrial e organizacional, que teve seu apogeu após a Primeira Guerra Mundial. Os psicólogos industriais, além de atuarem em marketing, objetivamente estão interessados em alguns pontos como Schultz (1975) coloca:

...seleção do homem certo para o lugar certo. no treinamento de trabalhadores para executarem suas tarefas mais eficientemente. e na resolução de problemas de supervisão e outros fatores (como fadiga e o moral) que afetam o desempenho de funções. (p. 403)

Floresceu, nos últimos anos, a psicologia social, fundamentalmente pela abrangência de comportamentos que ela atinge. Basicamente tem sido empregada para resolver problemas do mundo real como preconceito, violência e outros.

Ainda dentro da visão humanista da ciência psicológica, há uma outra falácia da teoria neo-reichiana, proposta por Arthur Janov, a terapia primal. Esta terapia defende que... *as neuroses são tipos simbólicos de comportamento que representam as defesas da pessoa contra a excessiva dor associada a traumas da infância.* (Capra, 1982, p.377) Superar as neuroses significa enfrentar estas dores através de experiências indutivas ao "grito primal", uma espécie de som involuntário, que reflete os traumas passados.

Um outro percurso que a psicologia humanista propõe é a psicoterapia integrativa. Mesmo recente, possui pressupostos básicos para o entendimento do corpo como representante do homem. Seu idealizador, Richard Gordon Erskine, respaldado nos respingos da chuva da escola gestáltica, nos pontos da terapia familiar reichiana e na análise transacional, alerta para a necessidade de olhar o homem como integrado das quatro principais dimensões do funcionamento humano: a cognição, o comportamento, a afetividade e a fisiologia, comprometendo-se a ler positivamente a vida, respeitando a individualidade e integridade do paciente, que, nesta abordagem, passa a ser tratado como cliente. (Cunha e Crivellari, 1996)

Há um convite sincero para o contato interpessoal entre o cliente e o terapeuta, com um apoio simultâneo ao cliente para contatar sua experiência interna e externa e para receber um reconhecimento externo daquela experiência. A fuga do contato será frequentemente apontada e discutida mas o cliente nunca cairá em armadilhas ou trapaças e nem será induzido a abertura que não possa suportar facilmente. (Cunha e Crivellari, 1996, p.15)

A dimensão cognitiva se destaca em analisar o "Por que?" do funcionamento e reação da mente, colocando que quando se compreende por que se age e se pensa de determinada forma, os conflitos podem ser resolvidos.

Em relação à abordagem comportamental, a questão é "O que?". A psicoterapia integrativa tenta identificar e reforçar os comportamentos aspirados, apostando em novos procedimentos que serão significativos nas experiências do indivíduo.

A afetividade firma-se na resposta de "Como?". Como a pessoa se sente? Os sentimentos são estimulados a borbulhar na esteira das emoções subjetivas, principalmente aqueles introjetados e arcaicos, crendo que se estiverem bloqueados poderão fazer sucumbir a energia existente em cada um de nós, devendo, portanto, ser removidos.

A psicoterapia integrativa associa a fisiologia ao corpo, entendendo que este comporta as outras três dimensões anteriormente citadas, e que se uma não está funcionando bem a outra sofrerá o desequilíbrio, sendo que: *Distúrbios afetivos ou cognitivos podem afetar o corpo, assim como distúrbios fisiológicos podem causar impactos no comportamento, no afeto ou na cognição. (Cunha e Cavellari, 1996, p.12)*

Esta dimensão chama a atenção para a importância de nosso conhecimento e cuidado com o corpo. Cunha e Crivellari (1996), mais uma vez, alertam para a relevância da presença do corpo dizendo:

A consciência corporal se faz individualmente, de acordo com a história pessoal do cliente. É preciso que o corpo esteja sendo percebido o tempo inteiro, pois ele tem a sua linguagem, e ao se ligar nesta linguagem a pessoa vai descobrindo passo a passo aquilo de que ela precisa. Aqueles que não entendem a própria linguagem corporal são verdadeiros "analfabetos" de seu corpo e a "alfabetização" deve ser cuidadosa, pois consiste em descobrir os traumas e os bloqueios existentes no corpo. (p.20)

Como se pode comprovar, não há mais um isolamento da psicologia, mas uma tendência interdisciplinar, com o entendimento de que sozinha uma ciência não dá conta de resolver a complexidade do homem. Além disso, o paciente passou a ser o principal personagem desse processo e o terapeuta responsabilizou-se em agilizar o ambiente propício à auto-exploração, funcionando como um guia, enquanto o processo se desenvolve. Dentro desta reflexão, Capra (1982) alerta que uma visão sistêmica deve ser sustentada pela idéia de que:

...as propriedades e funções da psique não podem ser entendidas se reduzidas a elementos isolados, tal como o organismo físico não pode ser completamente entendido se analisado em termos de suas partes. A visão fragmentada da realidade não só é um obstáculo para a compreensão da mente, mas é também um aspecto característico da doença mental. A experiência salutar de uma pessoa é uma experiência de todo o seu organismo, corpo e mente, e as doenças mentais surgem freqüentemente de uma falha da integração dos vários componentes desse organismo. (p.359)

Com isto, não basta tratar a doença, o distúrbio mental ou a reação física. É preciso entender a causa que leva a estas manifestações e este entendimento só será possível com a compreensão da unidade corpórea envolvida com o ambiente em que se insere, levando o indivíduo a se identificar com o humano do seu ser.

SEGUNDA PARTE

O TEMPO DO CORPO: A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CAPITULO V

TEMPO DA PESQUISA - O DISCURSO DOS SUJEITOS

A segunda parte deste trabalho pretende analisar o discurso do corpo presente na formação profissional do curso de graduação em Educação Física, discurso este efetuado por docentes que trabalham neste curso dentro de universidades públicas e privadas do Brasil e que, atualmente, cursam o Programa de Pós-Graduação, tanto em nível de Mestrado como de Doutorado, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Posteriormente, com base na tradição histórica teórica, colocada na primeira parte do trabalho, intenciono identificar se isto afeta os discursos de hoje. A escolha deste curso se deu por dois motivos: primeiro, porque a pesquisadora tem formação acadêmica em Educação Física e segundo, porque o foco de atuação profissional desta área está centrado no corpo.

A abordagem metodológica está alicerçada na perspectiva fenomenológica da Análise do Fenômeno Situado, referendada por Giorgi (1978) e Martins (1989), buscando desvelar, no discurso dos docentes que atuam neste curso, a concepção de corpo. Essa abordagem prevê três momentos, relacionados e indivisíveis, em sua trajetória metodológica: a descrição, a redução e a interpretação, sendo esta última dividida em duas partes, a análise ideográfica e a análise nomotética.

Dentre estes momentos, é na descrição que se encontram os subsídios que servirão de alicerce para a pesquisa. Para vencer a etapa inicial prevista nesta abordagem, foram selecionados docentes, com base nos seguintes critérios:

- a- docentes que se dispuseram a participar da pesquisa;
- b- docentes que, em 1997, estiveram regularmente matriculados no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, em nível tanto de Mestrado quanto de Doutorado;
- c- docentes que, entre 1996 e 1997, ministraram aulas em Universidades ou Faculdades públicas ou privadas do Brasil, no curso de graduação em Educação Física;
- d- docentes que, no segundo semestre de 1997, se encontravam na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, assistindo às aulas, em estudos orientados ou seminários de dissertação e tese.

Após o levantamento de todos os alunos regularmente matriculados no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, cinquenta e cinco alunos atenderam os critérios de *a* até *c*, sendo vinte alunos do programa de Mestrado e trinta e cinco do programa de Doutorado. Com a aplicação do critério *d*, o número de sujeitos da pesquisa baixou para vinte e um, sendo todos entrevistados.

Para entender o discurso sobre o corpo foi feito pelos docentes que atuam nos cursos de graduação em Educação Física, elaborei duas perguntas geradoras, as quais os participantes da pesquisa responderam oralmente, definidas da seguinte forma:

- 1- "Corpo: o que é isto para você?"
- 2- "Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?"

Inicialmente foi feito um contato com os sujeitos, esclarecendo o objetivo da pesquisa e agendando horário e local para gravar a entrevista, garantindo sigilo absoluto da mesma. As vinte e uma entrevistas, mediante as questões geradoras, foram gravadas e posteriormente integralmente transcritas, sem a correção de eventuais erros de concordância gramatical. Optei por este recurso por entender que, provavelmente, na escrita, as pessoas poderiam omitir dados, os quais seriam revelados na exposição oral.

Vale esclarecer que os procedimentos da pesquisa foram os mesmos para todos os participantes: No encontro marcado, houve o cuidado de dizer que seriam feitas duas perguntas, primeiro uma e depois que esta fosse respondida a outra, sendo ainda enfatizado que o sujeito teria o tempo de que necessitasse para elaborar cada resposta, após o que o gravador seria ligado.

SUJEITO 1

Corpo: o que é isto para você?

Para mim a questão do corpo, inicialmente, veio como uma questão de performance, questão técnica, uma questão apenas de rendimento e assim de perfil e de um estigma, de postura, um negócio assim.

Com o passar do tempo, como profissional, como praticante principalmente na parte da ginástica que mexe muito com o corpo, eu fui entendendo que corpo é muito mais do que isto, mais do que físico e mais do que o movimento. Corpo é uma harmonia de movimentos associado com sentimentos, associado com o pensamento, associado com a vontade de fazer ou de não fazer.

Então, você muitas vezes está numa situação em que, digamos assim, está numa situação em que não tem ânimo, você não tem ânimo, está desanimado, e aí vem aquela sensação, em que diz não. Eu posso estar com dores físicas, com dores musculares, mas eu sou mais do que isto, mais que dor muscular, eu sou uma coisa que anda, uma coisa que se expressa. Então para mim corpo é mais do que o físico, do que a parte de rendimento, é algo que se expressa de uma forma, assim, alegre, espontânea, de uma forma bastante sentimental, tanto é que eu sinto perfeitamente quando não estou bem, ou coisas assim, comigo. Sinto, percebo quando há alguma coisa que meu organismo não está reagindo.

De certa forma, pessoalmente, por exemplo, eu sou contra medicamentos, e isto eu sei perfeitamente que meu organismo rejeita, então evito isto, me sinto bem assim.

Corpo é isto, é harmonia, é riqueza de expressão, é sentir, é admirar o belo. Por exemplo, quando tu vê uma criança, uma coisa linda, a expressão, a técnica, a coisa maravilhosa, que tu vê que aquilo sai de dentro da pessoa, que não é de fora, uma coisa que cresce no indivíduo, e você absorve. Isto para mim é sentir corpo, é ser corpo.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Como professor, me identifico muito na disciplina Educação pelo Movimento, porque eu trabalho com todas as faixas etárias, desde a pré-escola até a terceira idade, porque é uma disciplina, que são cento e oitenta horas e tenho que contemplar toda esta parte dada, educação do movimento, tanto a parte prática como teórica, aí justamente eu trabalho bastante a expressão do corpo, trabalho bastante música, mais ou menos a ginástica geral que a Unicamp faz aqui.

SUJEITO 2

Corpo: O que é isto para você ?

Eu podia analisar corpo de diferentes visões. Uma pessoa que estuda medicina, ou que é médico, talvez um médico hoje, pense o corpo fracionado, talvez, eu possa estar correndo algum risco de cometer injustiças, né, apesar de existirem hoje medicinas com preocupações holísticas, orientais que imaginem pontos de inserção nos pés, enfim, mas eu posso imaginar um corpo como uma série de membros funcionando, com um centro onde as informações são codificadas neste centro, que é o cérebro, e uma série de membros que respondem a isso, é uma possibilidade de pensar o corpo.

Uma segunda possibilidade, é pensar o corpo como um todo, ou seja, é pensar que eu só movimento a ponta do meu dedo se efetivamente existir estímulos dos mais diversos para que eu consiga fazer isso. E eu faço voluntária e involuntariamente, agora a pergunta, o que é corpo para mim, é hoje, muito afeita ao meu pensamento dentro desse universo que é Educação Física. O que diferencia um grande atleta de outro, certamente, ao meu juízo, não é só a capacidade técnica que ele tem, ou a capacidade psicológica, ou física mas é muito mais o domínio que ele tem sobre essa coisa chamada corpo.

Então, para mim, o que é corpo, não vou definir mas vou tentar fazer um exercício, é uma, é um conjunto de membros articulados onde nós temos que ter procedimentos de trabalho, ao longo da nossa vida, com diferentes possibilidades de informação, onde a gente possa cada dia mais conhecer ele e utilizar ele em nosso próprio benefício.

Se você pegar o exemplo de alguém que pense o corpo esteticamente, uma mulher exatamente no verão, quando chega o verão, as pessoas ficam muito preocupadas com a sua atitude de corpo, né, ela vai pensar o corpo no viés estético, se você pensar um outro ser humano que está mais preocupado com a saúde, ele vai pensar não do ponto de vista estético, mas do ponto de vista de equilíbrio. Então eu não consigo ter uma definição de corpo para mim, eu imagino o corpo sendo um todo, que efetivamente o pensamento que a gente tem de fracionamento que a vida nos dá, tudo é fracionado, nosso tempo é fracionado, em tal hora eu almoço, em tal hora eu janto, em tal hora, isso acaba trazendo também o pensamento para dentro da gente.

Possivelmente, quando a gente diz em cultura corporal, normalmente a gente acaba tendo uma dificuldade de pensar o corpo como um todo, exatamente por causa do nosso pensamento lógico de fracionamento social, eu não sei se você consegue entender o que eu estou dizendo, né. Eu estou imaginando que o corpo é um todo integrado, onde a gente tem que ao máximo buscar e

desenvolver as características que ele possui. Eu não posso querer que a minha perna faça o que os meus braços fazem, mas existe a possibilidade, existem pintores que pintam com os pés e usam todo o segmento inferior para construir uma obra, então isso já me posiciona de que corpo é um todo integrado onde a gente procura, através de determinados trabalhos, conhecê-lo melhor.

Essa é uma tendência bastante significativa dos estudos da Educação Física atual e confesso a você que não tenho grande conhecimento científico sobre o tema, mas é a forma com que eu penso corpo.

Contudo, eu ainda acredito que a gente está engarrafado na ideia de que tem que trabalhar por parte, essa noção de divisão, né, o que é bom para um segmento e pode não ser bom para outro. Agora, o corpo inserido no cotidiano, ele efetivamente apresenta algumas características, quer dizer, o meu cérebro é efetivamente quem pensa, as minhas mãos são as que executam o ato de escrever, os meus pés são os que me trazem de um determinado local a outro, é com ele que eu ando. Eu acho que a gente acaba não tendo muita noção de corpo e passa a ter uma dificuldade grande, na medida que você tem todos eles funcionando perfeitamente e age mecanicamente com ele, eu acho que o importante é a gente começar a se preocupar não com o agir mecanicamente.

Vou dar um exemplo para você, um cara só percebe que as pernas dele eram importantes o dia que ele perde uma delas, então ele fala como era importante aquilo para mim ou o meu braço, enfim qualquer outro segmento. Então a gente não para muito bem para pensar o corpo com esta concepção de todo, pelo menos é como eu vejo esta realidade.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Eu acho que hoje seria uma tremenda de uma incoerência eu encaminhar o pensamento do meu aluno para uma concepção que não seja essa do pensamento totalizante. Eu não sei como fazer isso, não tem sido a minha área de preocupação acadêmica, eu sei que aqui na Universidade existem pessoas que pensam assim, já existem trabalhos com isso. Acabei de sair de uma banca de monografia onde a garota estudou a importância do alongamento para o deficiente, ou seja exatamente a preocupação de utilizar os exercícios e a possibilidade que o alongamento tem enquanto atividade, exatamente com esta visão de totalidade, ou seja mostrar ao deficiente que ele tem aspectos sensoriais a serem desenvolvidos, aspectos corporais importantes, que muitas vezes ele pode não estar percebendo esta realidade. Então eu acredito que pelo menos o meu compromisso é de mostrar a importância de que o estudante de Educação Física, ele tem que ter esta preocupação.

Digamos que eu como técnico do basquetebol, que o sou e exerço esta área com bastante ênfase na minha carreira, eu tenha que posicionar o atleta desta realidade do corpo. Ele quer ficar forte, ele quer ficar forte para poder ter mais condições de pegar um bom rebote ou poder dificultar espaços no jogo de basquetebol, mas eu acho que a gente tem que ter pelo menos a preocupação de posicionar ele da importância do cuidado com as questões corpóreas.

Agora, em que nível? Nível da saúde e no nível da compreensão do que é o corpo dele, ou seja entender que antes de atleta ele é um corpo e que vai continuar sendo um corpo até o fim da vida e que se ele não tiver um cuidado com esta característica que faz com que alguém viva melhor. Por que eu estou imaginando o seguinte, todos os caminhos devem levar a gente a ter uma qualidade de vida melhor, eu não acredito que a Educação Física tenha outro, uma das preocupações deva ser esta, ou seja em busca da qualidade, qualidade de vida, qualidade de saúde, qualidade de relações, os benefícios são inúmeros, né, qualidade de formação.

Eu acho que com o atleta, ele tem que pensar com esta característica. Então esse é o tipo de pensamento que eu tento passar ao meu aluno aqui. Digamos que existiu um eixo numa das minhas disciplinas que o marketing, que está muito mais preocupada com a atividade física, o esporte e o lazer como mercadoria, e na medida em que ele vira mercadoria, muitas vezes o corpo tem que transformar esta mercadoria em algo vendável.

Por exemplo, alguém que arremessa martelo, muitas vezes tem que ganhar não sei quantos quilos de massa muscular e aquilo pode não trazer uma compreensão do corpo, mas sim de que ele tem que ficar forte. Mas, nesse caso específico a gente tenta pelo menos posicionar esta diversidade de conceitos para que o aluno possa tirar as suas próprias conclusões.

Eu não tenho a menor dúvida em dizer que um professor tem que ter compromissos com os seus alunos de apresentar esta idéia, assim como no livro do prof. João Freire, que ele diz o seguinte: na escola nós não matriculamos a nossa cabeça, nós matriculamos também o nosso corpo. Essa é uma frase que marca muito a minha forma de pensar, a minha inserção dentro do mundo da ação pedagógica, ou seja o meu aluno, quando ele se matricula na minha disciplina, ele não está só matriculando a cabeça, ele está matriculando também o seu corpo, e certamente, ele vai formar um conjunto de conceitos que ele vai levar para a sociedade que o espera.

Efetivamente acho que a gente tem que começar a pensar com a concepção do corpo como um todo. Imaginando o seguinte, toda a sociedade, ela matricula uma criança na escola preocupada com o intelecto. A gente tem o poder de como professores, mostrar à sociedade que o ser

humano não é só intelecto, ele tem uma série de membros, ele tem um corpo que vão conviver com ele até o dia que ele morrer, isso acho que já é um novo conceito de pensar Educação Física, na qual quanto mais estudo a gente tiver, e quanto mais exemplos práticos de como fazer isso, melhor para que a gente possa desenvolver a nossa área de ação.

SUJEITO 3

Corpo: o que é isto para você?

Então, esta pergunta é meio assim, depois do meu mestrado a visão de corpo mudou, tem uma coisa que é intrínseca, que fala para você, corpo é um sistema, é integrado, e para mim corpo é isto, hoje é sistema integrado, interdependente, nada funciona sem relação com nada, é como se fosse mesmo um circuito integrado.

Só que este circuito não é fechado, ele é aberto por causa das relações com o meio ambiente, porque a gente acaba fazendo relações com o meio ambiente. Então se você me perguntasse se existe a dicotomia corpo e alma, eu diria para você: o corpo é tudo, é alma, é vidente, é natureza, é físico, é material e é tudo.

A concepção de corpo que eu mais gosto, que eu mais me identifico, o corpo como esta carne mesmo, aquele elemento que fala Merleau-Ponty, então é um elemento, um elemento da natureza como é a madeira, como é o ferro, como é o ar, um fenômeno.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Na minha ação profissional funciona da mesma forma. Se eu trabalhasse prática, por exemplo, esta visão de corpo que eu tenho, que te falei como um sistema integrado e um sistema aberto e auto regulador, você trabalha com mais facilidade. Porque se você trabalha com o corpo que é considerado um sistema aberto, com outras relações com a natureza, sujeito a modificações, assim um progresso, não é evolução porque evolução biológica demora milhões de anos, de progresso em termos de atitude diante do mundo pela própria sobrevivência e tal, você tem um corpo na sua ação profissional que é um todo, e aí você encara aquele corpo que você está trabalhando ou na ginástica, ou no treinamento, ou no voleibol ou mesmo na sala de aula como uma pessoa, um cidadão, que tem direitos, que tem deveres, que pensa, que sente, sei lá, que chora, que ri, que goza e tem tudo isso e é mais fácil trabalhar assim, porque você trabalha com mais autenticidade. A Educação é do velho mesmo. Porque a

gente é velho e a gente tem de parar para prestar atenção em uma coisa e não consegue prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo e tem de parar e aprender. Então para mim é esta coisa do velho mesmo. Não do velho da Terceira Idade que pratica atividade física, mas do velho que precisa da seleção da atenção, e é uma coisa que a criança não tem. Criança presta atenção no que lhe interessa, é uma seleção não por necessidade, mas por interesse.

SUJEITO 4

Corpo: o que é isto para você?

Você apresentou dentro do martel que você está trabalhando, três áreas que você apontou a questão da filosofia, da antropologia e da biologia, eu posso falar da minha experiência enquanto pessoa e da experiência dentro da Universidade, trabalho com dança inclusive.

Hoje está muito claro, para mim, o corpo, você tratar do assunto corpo desta temática, desta categoria, é inegável você discutir a questão biológica do corpo. Este equipamento biológico sofreu mudanças, este equipamento biológico, ele funciona do ponto de vista da própria existência, enquanto indivíduo, nós necessitamos de alimentos, necessitamos de uma série de componentes da cultura ou seja o alimento para poder subsistir este corpo. Este corpo, ele tem pulção, ele tem sangue, ele tem uma função do ponto de vista fisiológico, tem uma determinação biológica. Agora, fora este corpo, não fora ele, mas estendendo este corpo, por exemplo o equipamento da fala, todos os seres humanos têm capacidade de articular o som, de articular diferentes sons e criar diferentes línguas a partir de diferentes sons. Se você pensar por aí, a gente vai perceber o seguinte, que este mesmo corpo biológico tem uma determinação social, uma dimensão sociológica muito grande, quer dizer um mesmo indivíduo tem uma capacidade muito grande de aprender línguas diferentes e criar coisas diferentes do ponto de vista apenas da fala.

Agora em termos de movimento, este corpo ao mesmo tempo que você tem um corpo que ele está, ele é composto de braços e pernas, que não poderia dizer que são partes, mas é o corpo, né, esse braço e essa perna dá uma outra dimensão simbólica também, que é a questão do movimento. Este movimento pode ser um movimento simbólico, quer dizer, e aí você pode trabalhar a questão dos gestos e cada sociedade, cada indivíduo que está dentro de um componente cultural, ele desenvolve técnicas corporais diferentes, a maneira de sentar, de articular, maneiras de falar, maneiras de dançar, basicamente, que é minha área.

Este dançar tem um significado, que pode ser o significado de Deus, o significado por exemplo, de uma agricultura, técnicas agrícolas, técnicas rituais, técnicas mágicas, enfim. Quer dizer, o mesmo corpo que é biológico ele tem esta dimensão, podemos dizer, antropológica, que é aprendido, que ele é disseminado dentro de um determinado contexto social.

Agora tem uma outra questão, que é a questão filosófica, que você coloca, que eu particularmente não me aproximo muito desta dimensão, tenho pouco conhecimento nesta questão filosófica, sem deixar de reconhecer que há preocupações da filosofia em discutir esta afinidade corporal. Quer dizer, o homem, conseqüentemente o corpo humano e sua, seus objetivos na sociedade, a sua dinâmica social, a sua afinidade enquanto corpo, quer dizer um corpo desprovido de que, pode ser desprovido de deuses, desprovido de alma, ou um corpo versus alma, quer dizer a filosofia. Ai vem a questão de Merleau-Ponty, que eu acho que talvez seja uma das, dentro das teorias que trabalham sobre corpo no campo da filosofia, talvez seja a fenomenologia talvez seja a que trabalhe melhor esta questão desta dualidade, tentando dizer que não há uma dualidade deste corpo versus alma, inclusive eu lembro que fiz um trabalho, orientei um trabalho de aluno, que ele falava sobre a dimensão simbólica de corpo e uma das coisas que ele dizia no trabalho era que corpo, nós somos um corpo e nós não temos um corpo. Dava vários exemplos, inclusive nós fomos num congresso e a gente ria muito, a semana inteira do congresso, as pessoas olhavam para ele e pensavam assim que era um trato interessante que ele deu.

Alguns exemplos ele dizia assim: se é verdade que nós temos um corpo e nós não somos um corpo, então faz o seguinte: você deixa seu corpo na cadeira e dá uma volta em torno dele ou então quando você estiver com dor de cabeça e quiser descansar, relaxar, nadar você deixa sua cabeça em casa e continua nadando. Então são estas as tentativas de minimizar ou de discutir as não dicotomias da questão do corpo, desse corpo e alma.

Agora no meu trabalho eu basicamente tento discutir a questão dos significados que este corpo pode produzir em termos de linguagem corporal mesmo, basicamente a dança.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Eu procuro assim, na minha atuação dizer que existe esse corpo biológico, isto é inegável né, e que este corpo ele pode, ele tem várias dimensões. Nesta perspectiva dos significados, dos símbolos, na questão antropológica. Um corpo de questionamentos entre corpo e alma que é posto pela filosofia e no geral sou muito sincero com os alunos, na direção, segundo a qual a filosofia é um campo

ainda muito esquecido para mim, ainda não mexo, não lido muito com ele. Mas que existe este corpo, que este corpo biológico ele pode ter diversas dimensões.

Estas dimensões no homem, nós mesmos é que tratamos esta dimensão, simbólica, esta dimensão antropológica. Eu tento me colocar enquanto indivíduo que também é um corpo e trabalho, e esse corpo também é meu instrumento de trabalho em algum momento e eu me utilizo dele enquanto professor. Só que não me utilizo necessariamente, é o corpo professor que está lidando, é o corpo de um ex-dançarino que está lidando, é um corpo de pai que está lidando, quer dizer, na verdade a gente tenta discutir o corpo em várias dimensões, mas chega à conclusão que ele é único, ele não tem, quer dizer, eu sou pai e não estou aqui como entrevistado, e não deixei de viver as outras coisas. E quando esse corpo fala, esse corpo fala, na fala deste corpo está, ou estão estas dimensões, está o pai, está o marido, está o professor, o dançarino, está o assalariado, enfim, um cara preocupado com algumas questões de tese, você não consegue separar.

No geral, a gente tenta dizer que há. Há! vamos fazer uma separação apenas didática, eu acho que também é um erro dizer isso, uma separação apenas didática, eu prefiro dizer que algumas dimensões que este corpo atinge nós temos mais ou menos conhecimento, ou podemos nos aproximar mais ou menos desta dimensão, até por questões de limitação teórica.

Eu lembro um texto muito interessante que fala sobre a teoria simbólica, de Norbert Elias, que faz uma discussão mais ou menos nesta direção de que este corpo biológico tem uma constituição, a natureza humana. Nesta natureza existem outras naturezas humanas também e dentre estas naturezas, é esta capacidade de articular símbolos. Os outros animais, que também são corpos, mas eles não têm esta capacidade de articular diferentes sons, dar diferentes significados para o mesmo som, ou para o mesmo objeto, mesmo por que eles desconhecem esses objetos.

Embora alguns animais possam até articular como os macacos, o homem ainda é, e certamente será sempre, aquele animal capaz, ter uma natureza com capacidade de articular diferentes simbolismos, de produzir diferentes significados para o mesmo objeto ou objetos diferentes.

Eu acho que o corpo se situa nesta questão, nesse equipamento biológico que tem essa natureza, a natureza corporal humana tem esta capacidade de simbolizar, de criar significados, significantes e dar-se um significado, uma dimensão de seu próprio, do corpo que ele é. Talvez nesta questão que, talvez, eu me situe na minha ação profissional.

No meu campo de trabalho, por exemplo, na parte específica da dança afro, isto fica muito presente para mim, porque no geral, a gente fala que o corpo tem que ter essa dimensão simbólica.

cria símbolos, significados, mas, às vezes, fica abstrato para a gente, na medida em que você vai estudando determinados aspectos, da analogia, ou alguns aspectos, por exemplo, da dança em particular, aí falo da questão da dança afro, você vai ver que os movimentos dela têm significados que tem uma história destes significados, destas expressões, que você trabalha diretamente com a questão mística, com as dimensões místicas de deuses e ancestrais da cultura afro, do panteon africano, afro-brasileiro.

E aí você vai ver que os movimentos têm significado, como por exemplo de caça, de pesca, de banho, que são significados que estão presentes no dia a dia, no cotidiano. Você, o ato de tomar banho, ele não pode ser dissociado de uma tentativa de simbolizar o próprio ato, no cotidiano você toma banho, você se banha, você penteia o cabelo, você tem todo um trato com o corpo que você é, entretanto na dança você pode dar a esta dimensão, uma outra dimensão, que entra a questão estética que o corpo, ele é estético.

Na dança afro, a gente percebe essa dimensão, por exemplo, da luta, da guerra, da caça, do trato com a terra, basicamente, quer dizer, como o corpo interage com outro corpo natural, que é a própria terra, e a questão também de raios, como poderia dizer, trovão, coisas da natureza, tentando dar esta dimensão através do movimento. De coisas que não se consegue explicar, a natureza, ela altera ações do humano.

SUJEITO 5

Corpo: o que é isto para você?

Para responder objetivamente, a minha base da compreensão do corpo, da qual eu aprendi, a entender o corpo é a filosofia, só que o meu argumento também não nasce propriamente da filosofia, mas o argumento nasce propriamente de como eu sentia o corpo. Então, ele é um referencial existencial, então o que isso significa, que basicamente o corpo para mim é minha referência no mundo e por conta de o corpo ser a minha referência no mundo né, é que eu encontro na filosofia uma justificativa para isso.

O corpo para mim não está colocado numa relação, seja ela direta, indireta, ou seja, não está colocado numa relação com que a gente está chamando de alma ou espírito, então basicamente a referência que eu tenho no mundo é o meu corpo, e por conta de o corpo ser a referência então eu não posso falar em outras substâncias que possam existir alma, espírito ou coisas do gênero.

Então o meu entendimento de corpo é um entendimento existencial antes de ser filosófico ou seja na filosofia veio me confirmar assim. Então o que isso significa, que propriamente as coisas pelas quais eu venho compreender, as coisas pelas quais eu venho aprender, as coisas que eu venho sentir são todas pelo viés do corpo e que não tem como eu me descolar disso para ter compreensão de qualquer outra coisa, basicamente é isso.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Na minha ação profissional é o seguinte, basicamente, a partir desse meu entendimento de corpo eu acabei dividindo as duas disciplinas que eu ministrava da seguinte maneira: a Sociologia eu dava um enfoque mais voltado para as abordagens sociológicas em Educação Física, no seu sentido, é, bem, tentando abranger temas como sociedade, esporte e escola de uma maneira geral. Na filosofia que eu dava o enfoque do entendimento propriamente do corpo que se tem, do entendimento que as pessoas têm, do entendimento que a escola tem, sobre a questão do corpo e sobre a questão do conhecimento do mundo, né, pelo viés do corpo enquanto referência de existência.

Então, na disciplina de filosofia eu fiquei mais preocupado com a temática da compreensão do corpo e suas implicações no universo pedagógico e na outra disciplina, questões mais voltadas à sociedade, ao esporte de uma maneira geral.

Então eu tentei encaminhar, enquanto professor de filosofia, de Introdução à Filosofia, a discussão, é, efetiva da construção do conceito de corporeidade, de corpo e de localizar como que este conceito se apresenta no entendimento das pessoas, nas produções pedagógicas.

SUJEITO 6 -

Corpo: o que é isto para você?

Eu sou mais da área fisiológica e o pessoal da fisiologia tem um conceito sobre corpo, que é completamente diferente do pessoal da Educação Física que vem por outros lados. A minha formação é muito mais por área da fisiologia e pelo treinamento esportivo que encara o esporte, o rendimento e a fisiologia como um ser supremo. Embora tenha uma experiência também na prática, trabalhando com criança, trabalhando em escola e isso dá um respaldo diferente do que a fisiologia coloca.

Corpo é meio difícil estar conceituando, você fez uma perguntinha que daria para ficar conversando muito tempo. Dentro da fisiologia, o corpo é um ser biológico, e a fisiologia estuda todos os comportamentos. Comportamento hormonal, comportamento biomecânico, de certa maneira também biomecânico, de certa maneira energético, hormonal, tem n fatores. E cada situação, cada área é analisada do ponto de vista bem específico, né.

Então, na minha situação, eu analiso corpo dentro do treinamento esportivo, sobre aquilo que ele pode nos dar, em termos de resultados, isso é uma visão pelo treinamento esportivo. Então, quanto que o indivíduo pode render, quais são os métodos e meios que a gente pode estar desenvolvendo esta situação e como esse corpo vai responder em termos de rendimento.

Agora, eu não trabalho só com esta disciplina, eu trabalho com a disciplina de Ginástica e essa disciplina de Ginástica, e a própria Dança e a Rítmica, também, pensam de certa maneira diferenciada, em relação ao treinamento.

Hoje eu trabalho muito mais com o Treinamento e dentro da Ginástica, o corpo já tem uma outra visão, pelo menos essa visão que eu teria. Ou seja de como não seria só voltado para o treinamento, e sim como este indivíduo ele pode se relacionar com a sociedade, de como este indivíduo pode se relacionar com a família dele, como ele pode se posicionar em relação ao mundo em função daquilo que se trabalha com o corpo dele. Mas esta realmente não é minha área que eu estou atuando diretamente.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Hoje eu estou atuando, além desta parte de faculdade, eu estou atuando como personal training de algumas pessoas e dá um trabalho bem diversificado. Porque você pode pegar desde o atleta pensando em rendimento, que ele quer um trabalho de desenvolvimento realmente biológico dele, você têm aquelas pessoas que tem outros objetivos, por exemplo tá fazendo atividade física, não tem a motivação suficiente para estar fazendo atividade física e precisa de um profissional para isto.

Então em termos de atuação, é bem diversificado, porque esta pessoa, por exemplo, que não tenha motivação, ele não quer só um treinador, ele quer uma pessoa para estar motivando, para estar junto com ele, para estar melhorando esta parte física ou sei lá, simplesmente estar se exercitando, ou estar com a família dele, às vezes a gente dá aula particular para a esposa e o marido juntos, então

de certa maneira é bem diferenciado entre esporte e este tipo de procura para a prática da atividade física.

Então quando a gente pega, por exemplo, este pessoal que tem objetivo de atividade física pura e simplesmente né, às vezes também não seria só isso, pode ser só o lado psicológico que está se movimentando, que está trabalhando e que tem influência.

Então eu acho que a formação tem que ser bem ampla do profissional, que esteja atuando nesta área.

SUJEITO 7

Corpo: o que é isto para você?

Corpo para mim é tudo, algumas pessoas têm a visão de corpo como um grupo de músculos, mas eu vejo, eu até uma época eu pensei no corpo desta forma, mas ao longo do tempo, eu fui mudando esta concepção de corpo. Através do corpo, eu agora, atualmente, penso, até que você pode trazer coisas ruins, se você não souber lidar no seu dia a dia.

Você pode até trazer, tipo, eu tive uma experiência muito recentemente, a respeito de uma endometriose, então lendo muito sobre o corpo, e acabei descobrindo que o meu stress, então foi um malefício, o stress foi um malefício, e eu acabei gerando para o meu corpo uma endometriose, e isso nesse aspecto é muito negativo.

Uma outra coisa também, é que a minha visão de corpo há um tempo atrás, era com relação mesmo a trabalhar a atividade física no sentido de malhar o corpo e hoje não, hoje trabalhando com envelhecimento, que é uma fase da vida muito sensível, eu passei a ver o corpo de uma outra forma, mais consciente, tentando pensar em todos os movimentos, para que ele seja adequado para o dia a dia, e estou acabando, fazendo esta ponte comigo mesmo.

Então, eu estou assim, numa fase, tipo assim, de fazer, a cada dia, uma experiência, com tudo que eu faço, tipo assim, eu faço para mim, e se for bom para mim, eu passo para as pessoas. E com tudo isso, eu achei que o meu leque de opções abriu muito. Eu comecei a ter uma concepção de corpo muito abrangente, não só no sentido daquela coisa de ter um corpo saudável, de não ter celulite, então, passei a ver o corpo de uma outra forma e a partir daí comecei a me aceitar melhor, e tento passar isso a todas as pessoas que convivem comigo.

Trabalhando na minha tese de doutorado, com mulheres na menopausa, eu também comecei a perceber o que cada uma tinha, que visão cada uma tinha de corpo e foi super interessante, porque nesta fase de vida, que eu tenho mulheres no meu grupo, a partir de 48 anos até 60, então realmente, esta coisa de malhar deixou de existir e sim passou a existir a coisa de trabalhar o corpo para ter uma vida saudável, e isso eu acho que é um grande avanço, no sentido de que estas pessoas acabam tendo uma concepção de vida diferenciada e realmente acabam levando esta diferenciação para o seu dia a dia, para os seus familiares, e assim uma coisa muito positiva.

Eu até brinco e sempre falo isto, que no meu trabalho o que falta é alguém para ter feito o aspecto psicológico, porque às vezes eu vejo o aspecto psicológico, né, destas pessoas tão bem trabalhada com este trabalho de atividade física, que é uma coisa muito gratificante que se perdeu no meu trabalho. Então, eu sempre brinco, que eu deveria estar trabalhando num grupo multidisciplinar, porque tanto elas tiveram benefícios fisiológicos, e isto um médico teria, vamos dizer, um trabalho perfeito para estar passando para a população, quanto eu, professora de Educação Física, que tive respostas maravilhosas, e também uma coisa super interessante, que quando eu trabalhei no meu mestrado, é a questão do corpo visando rendimento, é através de trabalho aeróbio, então muitas vezes, eu tive as mulheres meio assim mecanicistas, e isso, eu consegui passar, lógico, todos os benefícios, porque a partir do momento que elas faziam a prática da atividade física, elas sentiam todas as melhoras fisiológicas, mas naquela época, eu não tinha, assim, tanto a coisa da corporeidade, então não estava, assim, calada, essa coisa da corporeidade.

E isso, eu só consegui ter essa visão a partir do momento que eu comecei a ter contato com diversas literaturas, eu já tinha alguma coisa, já tinha lido a série de livros da Therrese, mas não tinha incorporado ainda. Atualmente, eu li alguns livros da Heloisa Hirey e também parti para um lado mais do espírito, li muitas coisas sobre anjos e acabei incorporando tudo isso e acho que nesse meu novo grupo, além de visar o trabalho aeróbio, eu também comecei a trabalhar com essa coisa de ser consciente do trabalho que se está desenvolvendo, e acho que consegui uma coisa que, eu acho que só o depoimento mesmo das minhas voluntárias é que poderia estar complementando, em relação dos benefícios que elas tiveram em relação ao corpo, em relação à corporeidade, e isso eu tenho certeza que melhorou muito a qualidade de vida que elas têm.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Na minha disciplina, eu trabalho em dois módulos especificamente, num primeiro módulo eu trabalho todo o aspecto psicossocial que envolve a fase adulta e o envelhecimento, a cada aula, juntamente com o objetivo da aula, vou dar um exemplo assim, bem, o objetivo da aula é o que está acontecendo na Universidade da Terceira Idade, que tipo de trabalho está sendo desenvolvido na Terceira Idade.

Então, a partir desse tema, que é a aula, então, eu fui buscar o que se trabalha na Universidade da Terceira Idade, em relação ao corpo. E para minha surpresa, né, não estão trabalhando a coisa mecânica, mas sim, visando consciência corporal. E todos os trabalhos que eles desenvolvem é muito ligado à qualidade de vida que o indivíduo possa estar tendo.

Um exemplo bem simples, tipo, é o que o indivíduo faz o dia todo, o indivíduo que está envelhecendo, aposentado, então é aquele indivíduo vai para o supermercado, que faz alguns afazeres na sua casa, então a gente acaba desenvolvendo atividades que vão trazer benefícios no seu dia a dia e sempre voltados a uma consciência corporal, para que esse indivíduo possa estar bem no seu dia a dia, daí a gente estaria trabalhando consciência corporal.

Uma outra aula, quando a gente aborda a coisa da aposentadoria, a coisa política, então na parte prática a gente trabalha sociabilização, o que dá para se fazer com esses indivíduos que estão envelhecendo em termos de sociabilização e dentro deste trabalho, logicamente, sempre o objetivo é autonomia corporal.

Depois, no segundo módulo, daí a gente já entra nos aspectos fisiológicos do envelhecimento, então, neste segundo módulo, a gente passa a mostrar todos os trabalhos, vamos dizer, quadrados né, que se faz para desenvolver performance, é logicamente, que mostrando estes trabalhos, eu não tenho assim, não posso garantir que alguns trabalhos que eu mostro está se trabalhando consciência corporal.

Na aula passada, a gente falou sobre um trabalho que está sendo desenvolvido na USP, com um professor que trabalha com pesos com indivíduos idosos, e na apresentação deste trabalho, é bem mesmo visando respostas fisiológicas, então eu não consegui perceber neste trabalho, é a coisa de se trabalhar o corpo visando qualidade de vida, era assim mesmo visando rendimento. Então, eu até gostaria de estar conhecendo melhor, de estar indo até a USP, ver este trabalho de perto, porque eu não consigo mais ver, apesar do meu trabalho específico, ser adaptações cardio-respiratórias na menopausa, eu não consigo ver a coisa mecânica mais, eu consigo somente enxergar de uma forma de um todo.

passando para estar pessoas, a coisa mesmo de voltar o corpo de uma maneira geral, visando uma consciência corporal.

Eu estive até conversando com uma outra professora, aqui da Educação Física, que também foi minha professora na época de faculdade e a gente até estava assim, brincando, como a concepção durante o passar do tempo, como a gente vai mudando a concepção de vida. É super interessante, porque muitas vezes, a gente pega, trabalha com alunos que estão final de adolescência, querendo a coisa do malhar mesmo, e mas infelizmente muitas vezes, com esses alunos, por mais que a gente passe a coisa de ter consciência corporal, para ter uma autonomia corporal, muitas vezes a gente não consegue alcançar os objetivos, né, porque estão num outro pique, eles estão mesmo numa fase de malhação, mas eu acho que sempre importante a gente estar plantando uma sementinha, tipo assim, para que num certo momento da vida, tenho certeza que eles vão parar para pensar e realmente vão sentir que precisa, que essa coisa precisa mudar, e eu acho que já estão mudando.

Depois que esses alunos passam por mim e eu volto a ter contato a cada semestre, eu percebo que a sementinha ficou, que realmente por mais que eles gostem da coisa da malhação, eles já estão parando para pensar e estão vendo que a coisa tem que ser, pode até malhar, mas tem que se fazer também um trabalho, juntamente, andando, vamos dizer, paralelo para se chegar a uma convergência em relação a essa consciência corporal.

SUJEITO 8

Corpo: o que é isto para você?

Corpo para mim, quer dizer, seria um corpo consciente, o que eu estou entendendo por corpo consciente? Pode ser muito subjetivo, corpo consciente. Estou entendendo corpo consciente algo que se estabeleça internamente e externamente, ou seja, nos aspectos psicológicos do indivíduo, quer dizer na sua relação interna, como sinto meu corpo, como se sente o corpo das pessoas.

Segundo, no aspecto externo, que é o aspecto desse corpo integrado na sociedade. Quer dizer como é que um corpo, um ser humano está presente nas relações sociais. Na relação dos indivíduos, com os indivíduos, a conjuntura de uma sociedade na qual nós vivemos. Eu não consigo compreender um corpo fragmentado, vamos supor um corpo onde de um lado está pensamento, a mente e de outro lado o aspecto físico. O corpo é um todo, não há separação, este corpo consciente que eu estou querendo passar para você.

Nesse corpo consciente, quer dizer, o lado estético deste corpo é um lado que tem que ser compreendido, que é estético, não é apenas a questão física, mas sim o corpo estético como aquele corpo com uma estética das relações existentes no interior de uma sociedade, pré-determinada e pré-consciente por esse próprio corpo. Eu estou entendendo o corpo mais ou menos nesta direção.

Nós temos essa compreensão e trabalhamos neste sentido. Quer dizer, ao longo do tempo, se nós formos resgatar um pouquinho só, você sabe melhor do que eu sobre isso, quer dizer aquele corpo fragmentado que a sociedade nos prega, né, no decorrer da história e atualmente também.

Quer dizer, o corpo hoje em dia é tratado muito mais como uma máquina do que como um corpo vivido, um corpo que experimenta ações, um corpo que deve saber dos seus limites, um corpo que estabelece no conjunto dessa sociedade. Não, mas atualmente percebemos que a sociedade de uma certa forma, a sociedade, principalmente, os meios de comunicação, colocam o corpo como bonito, um corpo esteticamente perfeito, no sentido estético de um corpo máquina, de músculos pré-determinados e músculos todos rígidos.

Então, quer dizer, eu estou colocando um contraponto a isto, eu estou entendendo um corpo, como algo muito mais abrangente, com muito mais significado, onde se busca uma interiorização da própria consciência corporal, através de atividades corporais, e este corpo vivido externamente, que é um corpo que é integrado na sociedade contemporânea.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Se nós temos essa compreensão de corpo como um todo, durante a ação profissional não tem como separar muito, embora que nós venhamos a, principalmente a disciplina de teorias da Educação Física, que na verdade é uma disciplina que vai discutir as questões um pouco mais teóricas, um pouco mais conceituais do que é Educação Física, e falar de Educação Física, obrigatoriamente eu tenho que falar sobre corpo, quer dizer, não dá para fazer esta dissociação, embora na disciplina, na graduação, eu percorra vários caminhos, com várias possibilidades de compreender o corpo de forma diferente, é, nós trabalhamos numa destas abordagens, nos trabalhamos com a corporeidade e onde conseguimos não só pessoalmente, enquanto ação profissional, enquanto a passagem para os nossos alunos, e como eles devem compreender o corpo do nascimento à terceira idade, quer dizer na verdade é um corpo único.

Quer dizer, a construção desse corpo, é desse corpo consciente, que anteriormente eu falei, deve ser feito no decorrer de todo o processo educativo no interior da escola ou fora da escola, que também é um processo educativo, seja em academia, seja em qualquer outro lugar.

Então, trabalho nesta perspectiva com os alunos, como eles devem trabalhar a questão do corpo, na busca desse corpo vivido, esse corpo consciente, onde as pessoas devem fazer o maior número possível de atividades corporais, não preconizando a performance corporal, de forma alguma, e sim a experiência do movimento, não só pelo movimento, a experiência do movimento na sua ação social, e na sua ação de seu interior.

Então, acho que é neste caminho que eu percorro com meus alunos na graduação, quer dizer, despertarem para o que é o corpo, atual, o que é um corpo do passado e que é um corpo que se está buscando para o século XXI.

SUJEITO 9

Corpo: o que é isto para você?

É uma questão muito complexa, mas acho que tem pelo menos uma dimensão para mim muito presente, na verdade são duas dimensões que eu entendo a questão do corpo, uma delas é uma dimensão histórica, que é muito em função do que eu tenho refletido, na verdade a idéia de corpo é uma idéia construída socialmente, é uma idéia que a gente vai elaborando com as nossas experiências, né, e que tem muito a ver com toda uma tradição que é de certa forma assumida.

Estou querendo dizer o seguinte: eu acho que, na realidade, não há uma leitura única de corpo, há várias leituras assim do corpo que a gente pode fazer a partir de toda uma história social, cultural que de certa forma define a minha relação com os outros e a minha maneira de ser.

Este é um aspecto. Essa visão meio histórica, que é uma questão que vai somando com as experiências acumuladas pelo ser humano individual e pelo contexto em que ele está inserido. Eu falo isto, pensando assim, digo o corpo, a maneira de estar, de colocar, por exemplo de um brasileiro de uma maneira geral, de um nordestino mais especificamente, e a maneira de ser de um alemão ou de um sul-rio-grandense, de um gaúcho, é diferente pelas suas características culturais, assim, eles têm características próprias que delimitam, que se manifestam de maneira diferenciada por questões culturais.

E há outra conotação que é uma questão mais, eu diria assim, que não deixa de sofrer influências por estas questões sociais e culturais, mas que tem uma conotação mais individual. Que aí diz respeito, no meu modo de ver, mais às questões dos sentidos que estão presentes nesta relação do homem com o outro homem e com o meio.

E aí o corpo é também uma maneira de se colocar e uma forma de estar e o estar com relação aos outros, e com relação ao meio, e aí são questões mais individuais no sentido de que elas se permitem que cada pessoa individualmente perceba de forma diferenciada as suas interações, as suas interações com outros indivíduos e com o meio ambiente de uma forma geral.

Aí, eu estou pensando a questão dos próprios sentidos, como eles se organizam, como é que as pessoas se manifestam e se colocam a partir deles. Aí tem uma relação muito íntima, que é como esses vários sentidos do ser humano, o próprio olhar, a própria visão, o próprio tato, a própria audição, como eles são também uma forma de você estar interagindo e ao mesmo tempo sofrendo a interferência do meio que ele se funde.

Eu digo que ele tem uma conotação histórica no sentido de que eles, a maneira de você perceber, através destes sentidos o meio e os outros, ele é de certa forma perpassado por esta visão cultural.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Eu acho que, bom, eu trabalho uma disciplina em tese muito “teórica”, digamos assim, leitura, é..., e eu tenho percebido, eu percebia, a partir do momento que eu comecei a trabalhar com eles que uma resistência muito grande com a disciplina História com a disciplina Organização, a coisa era justamente esta maneira de lidar sempre muito, vamos dizer assim, você, o envolvimento corporal do aluno, do estudante de Educação Física era relegado para um segundo plano. Há o envolvimento, lógico, com a leitura, com a discussão, mas o aluno normalmente ele quer, ele prioriza aquelas disciplinas, inclusive, que têm uma participação mais ativa no sentido de executar determinado movimento.

Então, eu na disciplina de História, percebendo isso e entendendo que esta relação corporal, neste sentido de execução de determinadas coisas, era importante para a própria assimilação do conteúdo que eu estava querendo desenvolver, eu comecei a trabalhar, nas aulas de História, com as atividades que eles pudessem participar conjuntamente e digamos assim, ativamente: eles realizassem também movimentos e daí partissem fazer a discussão em cima desses movimentos.

Então, quer dizer, eu tentei trabalhar com eles uma forma que eles saíssem da sala, voltados para o ginásio, para as quadras, para o campo, faziam a aula, vamos dizer do método Francês, baseado no método Francês e depois de fazer aquela aula é, bem montada em cima do método Francês, nós iríamos discutir a aula e em função da aula, que elementos estavam presentes naquela aula que remontavam uma análise histórica que a gente pudesse fazer com mais, eu acho que com diversidade, com mais elementos, do que simplesmente eles lerem no texto que a aula é assim, e a história é da mesma forma.

Então eu acho que neste ponto, a idéia que eu tenho que a expressão de viver corporalmente, não é só ele falar de como era a aula no método Francês, na década de trinta no Brasil ou como foi montada, mas eles viverem essa aula e poderem até fazer uma discussão, em função do que eles tiveram na escola na década de setenta, que relações eles podiam fazer, que diferenças podiam ser estabelecidas e por que existiam estas diferenças e por que existiam essas semelhanças.

Para mim a idéia do que eu tenho, principalmente, com relação ao corpo, é que muito desse nosso conhecimento ele passa, quer dizer que é possível uma pessoa conhecer, passa inegavelmente pela questão destes sentidos e desse fazer corporal. Viver corporalmente, como uma maneira de você aprender as relações que se estabelecem, seja ela diretamente, minha diretamente com o outro, com a outra pessoa que está ali, ou mesmo com relação ao texto, com relação a uma teoria.

SUJEITO 10

Corpo: o que é isto para você?

Corpo! É a forma de existência do homem, é através disso, do corpo, que o homem vive, que ele transforma a natureza, que ele produz cultura, é em função disso e também para isso. Então seria uma relação dialética, eu através do meu corpo eu me identifico e identifico o outro e o outro também nesse sentido me identifica.

De maneira geral, eu vejo que, ainda que a gente faça algumas divisões para estar estudando o corpo, eu não vejo ele como uma coisa dividida. Então, entender o corpo da maneira mais ampla possível. Que é o corpo, que ele é sensível, inteligível, móvel, imóvel, imóvel no sentido de que movimento para mim não é só aquilo que a gente vê. Que existe um movimento corporal, também, que ele é o não visível.

Nossa, tem tanta coisa!

Em linhas gerais é isso, o corpo é aquilo que eu sou.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Na minha ação, o que eu procuro exatamente é tentar mostrar para os meus alunos exatamente isso, nós não temos, nós somos, né. E identificar dentro desta sociedade que ela também acaba, de alguma maneira, me determinando, mostrar que nós também a determinamos ou seja, a minha visão de corpo, ela implica numa visão de homem, de sociedade, de mundo que de uma certa forma que eu capto isso nessa sociedade que eu vivo.

Então, a gente procura fazer exatamente isso, discutir esses tipos de corpos, discutir os preconceitos com relação aos corpos. Com relação à dança, que é a disciplina que eu trabalho, isso fica muito evidente, principalmente na questão do homem e da mulher, na questão dos gêneros na participação.

Então, de mostrar exatamente esta possibilidade que a dança de maneira educativa, ela trata com os dois gêneros, não vai ser uma coisa colocada anteriormente que só visa o sexo feminino, né, e que é importante a participação do homem também, e que é uma possibilidade educativa.

Então, a questão do trabalho com o corpo na Educação Física vem primeiro de eu perceber o corpo que eu sou, muitas atividades de percepção, sensibilização. Depois, o corpo que eu sou em determinada sociedade, quais os preconceitos que a gente sofre, qual o tipo de trabalho. Como estabelecer esta dinâmica de trabalho na ação deste profissional, então, ele enquanto aluno meu, ele tem uma vivência, que ele vai mudar depois de polo, ou seja ele vai propiciar vivência para os outros, para a gente entender estas relações, né.

Enquanto eu estou vivenciando alguma coisa e quando eu vou propor que alguém vivencie, então o respeito ao meu corpo e o respeito ao corpo do outro. E perceber esta mútua determinação, né, eu percebo coisas através do outro que de repente estão em mim e eu não estava percebendo, então a importância das relações sociais no trabalho diretamente ligado a atividade de dança e diretamente ligado à escola, que eu trabalho bem com isso, dança educação.

Eu acredito que uma coisa que é interessante que é a minha história de vida, né, a gente trabalha, que é uma questão que eu não sei te colocar bem que é a tal da consciência corporal, que é muito, às vezes usada como "trem bolo", e eu não tenho muito conhecimento para dizer disso, mas eu não vejo a consciência corporal como algo só do corpo, muita gente fala isso, ah, consciência corporal é

descobrir o próprio corpo, eu não vejo assim, eu vejo primeiro que consciência é uma coisa mais ampla e neste sentido eu também amplio a minha concepção de corpo que eu não vou restringir a esta coisa física que você está vendo aqui agora, que aqui tem muita coisa que foi colocada que de alguma forma ela parece, mas que isso vem determinado neste momento histórico que eu vivo, nesta sociedade e que se fosse em outra eu teria outras questões para estar trabalhando nesse corpo.

Então, é só um, que eu procuro fazer isso no meu trabalho, ampliar esta visão de consciência corporal, não reduzindo a só esta coisa material que eu tenho aqui. Então acho que a gente precisa ampliar, melhor discutir a questão da consciência e do corpo.

SUJEITO 11

Corpo: o que é isto para você?

Corpo! Vamos definir o corpo como sendo um meio onde a gente interage com todo meio ambiente, um meio onde a gente vem aprender o que se passa das funções sociais, morais, intelectuais e o corpo como meio de interação. O corpo como uma maneira de interação, um instrumento, também é um instrumento de trabalho, é um instrumento de percepção, instrumento onde a gente possa é, ajudar as pessoas no sentido, no sentido de que venha a usar o corpo da melhor maneira possível.

Isso em cima da própria educação, do próprio desenvolvimento e como também como profissional da Educação Física, o corpo seria uma parte, acho que está muito truncado, uma parte de. Na Educação Física se tem um instrumento de análise, análise mais profunda para a gente tentar interagir o homem como corpo diante de todas estas funções que o corpo pode interagir.

Atualmente a gente sabe que o corpo como sendo um meio de interação no mundo, ele está sendo um pouco, vamos dizer assim, desprezado, hostilizado até pelo sistema social em que a gente vive, o sistema capitalista, que vai desvirtuar as funções normais do corpo para determinadas funções do próprio sistema, que é o sistema capitalista, o sistema selvagem que chamam.

Isso tira o corpo das funções normais e o coloca dentro do sistema de produção, mas isso mais para as questões políticas.

Então a gente teria que ter a consciência de pegar esse corpo, seria o papel da própria Educação Física, pegar esse corpo e tentar retomá-lo dentro das funções normais, das funções do próprio desenvolvimento harmônico.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Interessante a pergunta, vai ter bastante definições pelos profissionais que se está pegando e dependendo da área de atuação de cada profissional, cada um vai dar uma definição. Se você for lá para a fenomenologia a definição é totalmente outra.

Mas para mim o corpo seria, na ação, seria uma maneira mesmo de o sentir, tentar resgatar para a sociedade um homem com os valores, valores do próprio corpo, seria valores de manutenção, de aptidão e manutenção da saúde, tentar conscientizá-lo da função do próprio corpo, enquanto maneira de ajuda das pessoas.

Porque é tanto descaso que tem em cima do corpo, no Brasil e no mundo, no Brasil, principalmente, o descaso é muito grande. Então as pessoas nem ligam para o corpo, nem olham para o corpo, nem vê o próprio corpo. Então, a gente, para mim eu acho, que enquanto eu atuava sendo professor de ginástica, então o meu discurso era uma conscientização corporal para que eu pudesse utilizar o corpo da melhor maneira possível para como assim, como meio de interagir, eu acho que vou tentar repetir isso.

Mas vejo o corpo também enquanto espiritualista. Enquanto espiritualista o corpo para mim vem ser uma maneira e apesar de tudo estou sendo espírita atualmente, né. E para o espírita o corpo, mas aí já é outra coisa, de espiritismo para professor de Educação Física, são detalhes que não te interessam. Mas é praticamente isso.

SUJEITO 12

Corpo: o que é isto para você?

Corpo! Eu vejo o corpo de uma forma biológica, constituído de células, sistemas que nos mantêm vivos e vejo o corpo com uma amplitude muito maior do que eu imaginava há um tempo atrás, atualmente, né, eu queira colocar a resposta em dois níveis.

Acho que a gente é formado a partir de um corpo, que não é o corpo que a gente vive. A gente tem sempre aquela intenção de ver corpo de uma forma é, ou está recebendo alguma informação, algum carinho, alguma coisa ou está passando uma informação.

A gente se esquece de perceber que ele é o nosso meio de contato a todo momento, com todas as coisas, com todo o referencial que a gente tem.

Então eu vejo que eu fui formado para ser um corpo mais biológico, em termos, até mesmo de atuação profissional da área da Educação Física.

Sempre foi valorizado o corpo atlético, que a gente precisa ser o melhor, ter um vigor físico, porém a gente vê que no momento que você passa para orientação, para ser professor de uma universidade, que tem que formar pessoas para trabalhar com esse corpo, seria muito simplista ficar nesse nível, você tem que entender que dentro de...

Eu também estou voltado para a questão da corporeidade, então é meio complicado te falar dentro ou fora mas é.

Ele vai te dar um referencial de todas as questões que a gente tem em termos de relacionamento, né. Vamos lá: social, filosófico, sentido de vida, é o que eu sinto, eu me expresso através do corpo, né. Eu acho que principalmente eu penso em trabalhar com o corpo, é que talvez a minha vertente do corpo hoje, corpo sou eu, não importa em que momento eu esteja trabalhando.

Então, as experiências positivas e negativas vão conseguindo transformar essa minha, não vou falar corporeidade, porque senão puxo muito a sardinha para o seu trabalho. Vai me dar um referencial sobre como eu faço, como eu ajo, como eu estou agindo, como eu sou, como eu era, como eu vou ficar daqui um tempo.

Então, eu vejo o corpo como um, podia colocar, um estado em transformação e é um estado hoje, mas está em constante transformação. Tipo, vivenciar esta experiência com você de uma entrevista, com certeza eu estou passando alguma coisa que eu já vivenciei com esse corpo e vai me transformar dependendo da resposta e tudo mais.

Estado em transformação, acho que é transformação não, estado em transformação, essa é minha, talvez a minha concepção de corpo.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Eu acho que aí tem a ver um pouquinho com a transformação, inclusive, das minhas disciplinas. Isso que eu estava falando: corpo anterior, corpo atual.

Por exemplo: eu ministro aulas de Aprendizagem Motora muito em cima da linha cognitivista, a linha do processamento de informações, e aí você tem o que? Corpo ou recebendo ou passando informação, só que não interpretando o que ele é naquele momento, então, se você fala em

Aprendizagem Motora, na disciplina, onde você dá um estímulo e exige uma resposta, talvez uma resposta padronizada pela teoria do Schmith para criar um programa motor e tudo mais, você só vê como veículo de entrada e saída de informação.

Às vezes, nem ele, o Sistema Nervoso Central só, que é um componente dele. Por exemplo, as questões emocionais são esquecidas. Na minha formação foi esquecida, comecei a trabalhar esquecendo desta questão, é a própria questão social mesmo.

A gente trabalhava e trabalha, algumas pessoas, na Aprendizagem Motora como uma coisa bem padronizada, todos reagem da mesma forma e atualmente as novas teorias que estão surgindo, mostrando um pouco mais esta complexidade do ser humano, esta análise de vários fatores no mesmo momento da prática, acho que está transformando um pouco a minha disciplina com esta nova perspectiva.

Então, eu tenho um aluno não só respondendo cognitivamente ou motoramente, ou afetivamente, eu tenho um, ele como um todo a todo momento e quando eu vou passar, vou ministrar uma aula, eu vou ensinar alguma coisa para uma pessoa aprender o movimento, eu tenho que levar em consideração essa complexidade do que está sendo vivenciado pela pessoa.

Eu acho que estas abordagens, por exemplo na Aprendizagem Motora, eram muito restritas, era controle de variáveis, sendo que são coisas que você não consegue controlar.

Então, você falar que emocionalmente hoje eu estou bem para dar uma entrevista, eu estou minimizando muito os problemas que eu tive. Viajei desde as seis horas da manhã, no trânsito, cheguei aqui, foi alterado todo o cronograma, tenho aula à tarde. São coisas que não dá para gente descartar, opa, passando por uma entrevista ou outro detalhe.

Na área de Crescimento e Desenvolvimento, hoje em dia, inclusive, é meu projeto de tese, estou pegando um referencial totalmente diferente do que eu tinha até hoje, né.

Por exemplo, não sei se você conhece a teoria ecológica do Desenvolvimento Humano, que tem uma raiz da fenomenologia, não vou dizer que ele é fenomenológico, por que ele não aborda dessa forma, mas ele já começa a questionar algumas coisas que sempre me amarraram, me amarraram tipo: não dá para eu analisar o desenvolvimento motor da criança no momento estaque da vida dela, sem levar em consideração onde ela vive, qual a influência dos pais, que escola ela está, qual a relação social do meio que ela está vivendo né, e a gente fazia isso um pouco na teoria do Desenvolvimento.

Olhava o aspecto motor simplesmente e não relacionava ele com nenhuma outra variável, então vejo que aquela concepção de corpo que eu tinha, na minha formação, ainda fazia parte das pesquisas do meu dia a dia na sala de aula e hoje está mudando, só que a mudança tem um monte de resistências. Você tem resistência de todos os lados, vamos dizer assim.

Você começar a falar de algo que não é muito maleável, que não é muito medido, as pessoas começam: dá resultado? É por aí mesmo? Você não está querendo abraçar o mundo com uma teoria e tudo mais.

Mas eu vejo que a gente só vai conseguir avançar nesta questão de identificar o que é o corpo, a partir do momento que a gente começar a trabalhar e por em prática isso.

Então esta é uma outra questão.

E quanto à Nataçãõ, eu acho que é uma disciplina que é mais prática do que as outras duas, a gente sente isso na pele.

Você pega pessoas com diferentes níveis de aprendizagem, por exemplo, da nataçãõ ou do contato com a água, que todas as estratégias de ensino não resolvem o problema da pessoa, talvez melhore o desempenho momentâneo mas, num Por exemplo, não transforma aquela visãõ de, eu adoro fazer nataçãõ, eu quero ir para dentro da água, eu me sinto bem aqui, né, e ela vai fazer isso na casa dela, no mar, em qualquer outro lugar.

Entãõ, este é um ponto que eu discuto muito. A gente está querendo, e aí vem a questão da nataçãõ hoje em dia, né. Entre para aprender a nadar em trinta dias.

Que aprendizagem é essa? É só uma caracterização do corpo executando algum gesto? Ou a pessoa vai estar entendendo como ela vai estar executando o movimento e vai poder executar isso em qualquer momento da vida dela?

Entãõ, acho que aquela concepção de corpo que eu tinha no começo, tem muito a ver com as estruturas de ensino destas disciplinas, né.

Só que a transformação é algo de convencimento, estou chegando a esta conclusão. Alguns alunos falam: Não! Isso é besteira. Eu tenho que fazer isso, tantos dias da semana, por tanto tempo que eu vou chegar a um resultado final. E a gente fala, nem sempre, não é tão linear a coisa.

Eu tive um contato com a teoria do Caos e isso mexeu um pouco comigo. Não abordo ela não. É aquela questão da ação e reação: se você faz uma pequena modificação hoje, a informação que você está passando, você pode causar uma reação lá na frente, né.

Se a gente não conseguir mudar de impacto, acho que a gente vai conseguir mudar aos poucos esta visão na Educação Física.

Eu acho que uma das coisas que eu também estou pegando bastante na minha formação e na execução do meu trabalho é o problema não é o conceito muitas vezes, até eu tenho discutido muito e algumas pessoas me batem de frente. Tem que mudar o nome de Educação Física para Educação Motora, ou tem que mudar é o corpo que eu tinha antes para um corpo novo agora uma nova definição.

Eu parto muito da, eu acho que a definição é um referencial teórico, vamos dizer assim, mudança é na prática, eu não sei se é mais ou menos isso é o que você está tentando ver.

Porque não adianta nada você falar de um mito teoricamente, se você não mudar a ação no dia a dia. Eu acho que esse é o ponto que a gente tem que, por como meta para ir buscar algo novo para a Educação Física, né.

Porque as pessoas dentro do sistema escolar, por exemplo, elas não têm nem do corpo biológico a noção. Então a coisa começa a complicar.

Eu fiz uma entrevista há pouco tempo com professores e alunos, quando é que eles lembravam que tinham pernas, por exemplo, ou pé, ou cabeça ou ombro, sempre quando tem dor. A resposta na hora foi: Ah! Eu lembro quando dói, né. Tá pegando no sapato aí eu lembro que estou com dor no pé, mas é uma questão da dicotomia, eles lembram sempre que a mão é importante, que a gente tem que pensar, então a cabeça é algo. Ah! Eu lembro sempre que estou trabalhando com a cabeça cognitivamente, né.

Mas por exemplo, ninguém sente o coração dele bater, né, por exemplo. Eles não entendem por exemplo, o que é transpiração dentro de uma aula de Educação Física. Eles não conhecem nem a biologia do que provoca, do que é, né.

Inclusive esse trabalho está em cima do livro: O Erro de Descartes, que fala dos sentimentos e emoções. Eu fiz isso para tentar ver exatamente estas modificações e é incrível como as pessoas vêm para você com os sentimentos sem estar relacionados com a emoção e, às vezes, a emoção sem estar relacionado com os sentimentos, são coisas que conceitos sem saber que é o conceito, um mascarando o outro, vamos dizer assim.

Então, eu acho que isso é fundamental, essa a pesquisa talvez que você está fazendo, mas não só na conceituação, eu acho que na prática de ensino, eu acredito que tem que estar mais ligada à prática. Só assim a gente, talvez, vá incorporar. Aí parto muito daquela idéia do vivenciado transformando a minha vida e não o que eu conheço tentando transformar.

SUJEITO 13

Corpo: o que é isto para você?

Corpo para mim até um determinado momento teve um significado como para todas as pessoas tem. Era aquilo que você vê no espelho, era aquilo que você utilizava para crescer, para estar junto com as pessoas e tendo uma série de preconceitos, tendo uma série de vantagens, de ser como é, tendo uma série de desvantagens de ser como é.

Depois de uma certa época que eu passei a me interessar mais pela Educação Física, que nem foi ainda como estudante de Educação Física, mas depois como profissional, envolvido com outros tipos de estudo, envolvido com o escasseamento do que significava mais isso, o corpo, é que essas questões do que significa estar, do que significa ser, o que significa utilizar esse corpo, aí ele passou a ser mais claro, inclusive em benefício de alguns preconceitos que em benefício de algumas transformações muito grandes.

Então, hoje para mim corpo é a possibilidade de eu ir e vir para onde a minha cabeça quer que eu vá. A gente faz, se faz de tudo para poder preservar esse veículo. Muitas agressões que a gente fazia anteriormente, depois dessa consciência você passa a ter cuidado com isso. Então, tem o significado tanto físico, como concreto, como também tem o significado abstrato, espiritual.

Mas tem muitos preconceitos que nós não conseguimos desvencilhar deles. Muitas vezes esses preconceitos também reforçam comportamentos que, de uma certa forma, te levam até a se enveredar para outros caminhos, você busca emoções, nós somos levados a buscar emoções constantemente, e o corpo sofre com isso.

Às vezes ele é beneficiado, às vezes, ele é prejudicado.

Eu tenho uma preocupação muito grande com o movimento desse corpo, gosto muito de me movimentar, gosto da prática esportiva, gosta da prática corporal de uma maneira mais abrangente, gosto da estética. Quer dizer, uma coisa que a gente nota nas pessoas, né. Inclusive, nós somos

acostumados, somos educados a selecionar o belo, o feio, o esquisito, o normal, o deficiente. Então, nós selecionamos, nós temos dentro da nossa cabeça uma série de padrões.

E hoje eu gosto de estar mexendo com ele. Eu faço prática corporal, eu faço prática esportiva, eu gosto da dança, eu gosto de contato corporal.

E por ele a gente tem uma série de satisfações e tem uma série de sensações bonitas. Acho que corpo para mim é isso.

Poderia ficar falando mais tempo, buscando outras coisas....

A questão por exemplo.

Falando em Educação Física, eu sinto muito prazer na prática corporal, na prática esportiva especificamente de algumas modalidades esportivas e consigo diferenciar hoje, em função do meu desenvolvimento intelectual e físico, quando esse corpo está sentindo prazer e quando ele está subordinado a uma tarefa muito difícil.

E em função do meu tempo corporal, eu já consigo não ultrapassar os limites desse corpo.

Então, por exemplo, na prática esportiva, até que momento ele é resistente e a partir de que momento ele passa a sofrer alguma lesão, eu consigo selecionar isso.

Agora o risco desse corpo está presente no cotidiano de um centro urbano, é uma coisa que não dá para controlar, na prática esportiva você tem esse domínio e no cotidiano, na rua, não tem.

A exposição ao risco é uma constante, então é uma coisa que me preocupa também, perder o sentido é uma coisa que deve ser muito ruim. Perder a visão, o corpo sofre, perder a audição, o corpo sofre, perder o tato, o tato acho que é o principal. E nesse cotidiano, você não tem como evitar os riscos, o risco é premente.

O botar o corpo dentro do carro e andar até a minha casa é um risco muito grande, toda hora eu fico preocupado com isso e isso nos norteia a estar sempre cumprindo regulamentos.

Então, corpo faz com que nós estejamos subordinados aos regulamentos cada vez mais. E o regulamento para tudo na vida, viver em sociedade, o corpo que está em sociedade está subordinado a regulamentos.

O meu é, os preconceitos estão presente, às vezes as pessoas dizem, puxa você pode mudar um pouquinho essa maneira de ser, mas eu acho que o corpo percebe isso. Todo mundo tem isso.

todo mundo procura se libertar cada vez mais daquilo que acha que é. para poder estar presente nas outras pessoas, poder estar no ambiente, poder estar no espaço, aparecer, sabe, se posicionar.

Eu acho que o meu corpo interfere um pouco nisso, acho, não tenho certeza, já conversei com psicólogo, mas acho que é mais fisiólogo que tem a ver com isso do que psicólogo, né.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Na ação profissional, eu vejo que a Educação Física, como o próprio nome já diz, contempla a participação corporal em todas as dimensões, todas as dimensões sem excluir as minorias, em todas as dimensões de uma maneira cada vez mais completa, cada vez mais coerente e cada vez mais planejada.

Então, profissionalmente a área da Educação Física, ela está, dia a dia, cada vez mais vinculada ao processo multidisciplinar. Então, o corpo trabalhado, o corpo contemplado pela Educação Física vai ocupar um espaço mais coerentemente, vai poder usufruir deste espaço mais coerentemente, vai poder planejar este espaço melhor, vai poder participar ativamente, passivamente, criticamente, acomodadamente, dentro deste espaço, de todos os espaços.

Então, hoje para mim a Educação Física, profissionalmente, não se restringe só ao desenvolvimento corporal na escola, ao desenvolvimento da atividade esportiva em todas as dimensões, mas num corpo presente de maneira multidisciplinar, interdisciplinar e trocando informações com outras áreas, também.

Eu tenho trabalhado profissionalmente, academicamente, neste sentido. Estas disciplinas que eu estou trabalhando agora, faço questão sempre de estar relacionando com outras áreas de conhecimento, tanto a teoria do lazer quanto a prática esportiva de uma modalidade. Todas elas, sempre elas se relacionam com várias dimensões sociais.

Então, profissionalmente o corpo, nossos corpos, a visão de corpo que o aluno deve ter, que eu tento passar, é essa visão que extrapola só estas dimensões tradicionais, do adestramento, da prática esportiva e se relacionando com outras coisas que estão surgindo agora, mesmo a liberação do tempo livre pela tecnologia tem a ver com esse corpo. Nossos corpos estão cada vez mais disponíveis para o tempo, para os diferentes tempos sociais.

O que valeria a pena é imaginar eu dizer, eu imagino a nossa área, a nossa grande área da Educação Física, o centro da Educação Física e principalmente os cursos de formação cada vez mais

abrangentes, cada vez menos restritivos a determinadas práticas e cada vez mais abrangentes no sentido de atender a necessidade social.

SUJEITO 14

Corpo: o que é isto para você?

Bom, eu coloco que corpo. Nossa! Complicado.

Corpo, para mim, seria aquilo que, é, mais na concepção de movimento que te leva a alguma coisa, te faz com que reflita algumas expressões, que a gente pode, elas podem ser expressadas, que mais? Eu acho que é mais isto.

Na sua ação profissional, qual a sua visão de corpo?

A gente atua mais profissionalmente dentro da área de Treinamento é o que mais hoje em dia está me consumindo mais. E por a gente estar dentro desta questão, mais ligada à questão de saúde, já que treinamento não tem tanto esta questão de benefício com o corpo propriamente dito, mas a gente procura dentro do treinamento, fazer com que o corpo dos atletas que a gente trabalha, se lesionem o menos possível.

Então, dentro desta questão que eu coloquei para você, do que seria corpo, que ele reflete tudo aquilo que ou você está passando ou que você passa para a pessoa, a gente procura dentro do corpo dela, no sentido físico da palavra, trazer o mais, o menos agressivo possível, aquilo que a gente procura passar para os atletas.

Então eu vejo esse, o corpo nosso, como atuação dentro do treinamento, dentro do treinamento desportivo visa-se o rendimento e o corpo do atleta é o que ele necessita para ter o seu sustento e para ter o seu maior desempenho, dentro do nosso campo de atuação, o que eu mais vejo é você procurar dentro, fazer com que ele tenha o melhor rendimento, agredindo o menos possível o corpo.

Procurar fazer esta ponte aí com, entre aspas, a saúde, com ele. É claro que a gente vê hoje que são duas antagônicas, você obter o rendimento, o melhor rendimento seu dentro do treinamento e visando a saúde, não existe isso.

Mas a gente procura adequar a estas duas questões, fazendo com que o corpo dele se agrida o menos possível, é mais esta concepção de corpo que eu tenho mesmo, no aspecto do jogador, do atleta, que a gente procura trabalhar.

SUJEITO 15

Corpo: o que é isto para você?

Bom, o que é isso para mim. É uma representação enorme, né. Tem diversos significados, diversas leituras, de acordo como você está vendo o corpo numa determinada ação, você pode ter, exemplos, né: se eu estou numa coisa bem fechada, dentro da área, se eu estou trabalhando dentro da Educação Física com a questão da busca da estética, então eu vou ver esse corpo muito mais reducionista, vou ver numa coisa mais fechada com relação a parâmetros de estéticas do corpo, até mesmo porque a pessoa que te procura para este tipo de trabalho, só está querendo ver o seu corpo neste sentido, mas não é assim que eu entendo o corpo.

Então, essa perguntinha é safada, porque ela é enorme, exemplo.

O corpo é a leitura, né, assim, do que o indivíduo traz assim na sua história, uma bagagem de interferência familiar, no meio social da escola, no meio social da sua igreja, no meio social em torno dos seus amigos.

Então, os gestos, postura, atitude corporal de postura mesmo, de se manter ereto muito, ou curvado, isso tudo você pode ter leitura de como o indivíduo enfrenta as suas decisões no dia a dia, no cotidiano, como ele enfrenta as decisões nas problemáticas de uma aula de Educação Física.

Eu não sei ler esse corpo, mas eu sei que ele tem todas estas leituras. Eu não sei ler esse corpo, porque eu acho que tem que ter especialistas que procurem entender o indivíduo, através dessa leitura do corpo, que eu estou colocando para ti. Mas, assim, eu sou uma pessoa que observo e procuro não agredir esse corpo quando eu estou dando aula.

Eu trabalho com a graduação, então, eu trabalho com uma disciplina extremamente instrumental do profissional, que é Ginástica Rítmica Desportiva, também trabalho com a Metodologia da Pesquisa, aí o profissional já está se preparando para ver esse corpo enquanto objeto de estudo, mas na minha disciplina instrumental eu tenho que ter a prática, a vivência daquele conteúdo que ele vai ensinar para a criança.

Mas eu já encontro o indivíduo com todos os vícios posturais, com todos os vícios de habilidades motoras básicas, com vícios de até preconceitos, tabus que a sociedade impregnou nele, principalmente se for homem. Tem disciplina que ela é exclusivamente manifestada no âmbito feminino na nossa cultura e se o garoto for fazer, o rapaz for fazer a minha disciplina, ele vai ter limites que vão impedi-lo de trabalhar a questão do gesto específico da G.R.D..

Então eu procuro minimizar todas as dificuldades que ele traz em si, para eu passar o conteúdo, porque o maior impecilho que o indivíduo tem quando começa a viver estas questões motoras, são muito mais as bagagens morais dele, estas questões que ele tem de preconceito do seu corpo. Se é gordo não tira uma camisa, né, não tocar o companheiro, não conversar com o companheiro, isto na área da Educação Física atrapalha, é uma das dificuldades, né, para você desenvolver o trabalho.

Então eu vejo que esse corpo, dentro do meu trabalho desta forma. Eu atualmente estou tendo contato muito mais com adultos, mas eu procuro entender até o que ele quer, assim, em termos de profissão, por que que ele busca, por que a disciplina é eletiva, por que buscou aquela disciplina, eu dou uma abordagem toda pedagógica, eu trabalho com a propriocepção do corpo, né. Então eu trabalho muito a questão da discriminação auditiva, visual, a base com a criança da estimulação da consciência corporal e esse conteúdo muito vivido por eles.

Então, você pega um indivíduo adulto que nunca participou de atividade, ou nunca conheceu o seu corpo, nunca parou para perceber como é que é a tua postura, o seu quadril é retrovertido se não é, se ele consegue perceber o braço dele atrás de olhos fechados, ainda tenho que informar sobre o conteúdo. Então tem dois trabalhos, tem que reeducar esse indivíduo, né, para que ele possa entender como tem uma hierarquia de complexidade da aquisição de habilidades motoras para a criança, é rico, né, cada aula, cada semestre é uma experiência, uma vivência legal para mim, assim que eu vejo esse corpo, quer dizer, complicado, né.

Tipo assim, agora eu estou tendo uma vivência até minha individual, fui buscar a questão da terapia corporal, que já tem outra visão, dos psicólogos, desta técnica, da bioenergética, né. Eles são os especialistas para ler esse corpo. Esse corpo impregnado das questões emocionais, sociais e tudo mais, nós não temos essa bagagem, eu acho muita prepotência, a não ser que você faça uma formação, mas que a gente tem que reconhecer que é fundamental para você trabalhar o que a gente chama de movimento. Principalmente o movimento técnico, dentro de uma modalidade esportiva.

E a G.R.D. trabalha com emoção, ela chega até o nível da expressão do movimento não verbal, a expressão da comunicação não verbal, tem que se interagir com o público, então se ela não

tiver essa coisa resolvida emocionalmente, esses movimentos são extremamente técnicos, vão ser técnicos só, não vão passar nada.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Minha visão é um pouco o que eu tentei explicar né, quer dizer, esse corpo que eu, não é um corpo estético só que eu vejo, a minha preocupação maior é essa. Porque você conseguir entender o indivíduo, por exemplo, eu sempre dou um exemplo quando eu trabalho a Metodologia da Pesquisa, não sei se você conhece essa dissertação de mestrado, a do Antonio Geraldo, ele fez na Gama Filho, a preocupação dele era saber qual é a concepção de corpo com os profissionais que trabalhavam com o corpo, eu acho que mais ou menos você está nesta linha. E ele só pegou mestrandos da USP e da UFRJ e ele partiu do pressuposto de que as pessoas que trabalhavam com corpo não conheciam a si próprias, não conheciam o seu corpo e tinham tabus com seu corpo e não se relacionavam da forma como deveriam se relacionar.

Aí foi o que ele encontrou, né. Não sei estatisticamente, mas na sua grande maioria, o profissional que trabalha com o corpo, não concebe o seu próprio corpo. Tipo assim, numa das perguntas, por que ele trabalhou na linha da, esqueci meu Deus, dentro da filosofia, um filósofo.... Bom, uma das perguntas, o que mais, eu acompanhei a coleta de dados dele, e as pessoas fugiam porque descobriam que na pergunta dele tinha: Você se olha nu no espelho? As pessoas simplesmente não tinham coragem de parar e refletir e assumir se olha nu ou não. Como se aquilo fosse um pecado, entendeu, tem uma formação por trás.

As pessoas, tipo assim: Não! usam shortinho, trabalham com o corpo da criança, falam o seu discurso, mas na hora de se colocar numa prática, de se expor corporalmente, a nível de social, emocional, intelecto, motoricamente, aí imperra o processo, entendeu?

Então como eu vejo o corpo na minha profissão, eu vejo esse corpo, como ser um corpo fora da minha profissão. Eu não olho para a pessoa e vejo se ela é gordinha, bonita, e nem nada disso não, eu leio muito as coisas assim, como a pessoa se posiciona. O corpo para mim é o todo, eu tenho um significado de corpo, é assim, é a pessoa. A pessoa enquanto intelecto, emocional, social, motoricamente, quer dizer esse corpo estético, até gosto. Pô que barriga linda, pô, que bumbum bonito, né. Pô, a mulher além de ser uma pessoa bonita, tem um rosto bonito, eu acho que isso faz parte, é legal.

Mas eu na minha valorização eu não coloco isso em primeiro plano. não é discurso. até porque é uma coisa mesmo de família. meio cultural. é coisa da minha formação enquanto na ginástica.

Eu tive uma "puta" educadora. na minha adolescência. até falo hoje aqui. ela foi assim. uma das pessoas mais responsáveis por um grupo de dez adolescentes. até hoje nós somos amigas. nós temos uma grande parte. assim, da formação da gente. em termos de não estar na droga. de não ter se antecipado sexualmente. e tal. ela fez junto com pai e mãe o papel realmente que a educadora fez. E ela colocava. era técnica. a gente trabalhava G.R.D.. a gente era de uma equipe e todos os assuntos que eram de interesse da adolescência ela trazia e discutia com a gente. uma pessoa que tinha uma sacação fantástica. né.

E uma das coisas ela sempre buscou. o corpo da ginasta. o que que ele tem que ser o corpo da ginasta? Ele tem que ser magro. por que ele tem que ser magro. por que tem que ser o sacrifício da dieta? Mas não é. quer dizer. que esse corpo tem que ser lá. que você deve dentro da sociedade. que ela aceita. e não sei quê. ela já conseguia isso. já tem um bom tempo atrás. uns vinte anos atrás. vinte e dois anos atrás.

Eu acho que isso me ajudou. dentro da minha formação profissional. começar a ver diversas formas de corpo. tanto que eu fui mandada embora de uma academia, não pude trabalhar em academia, né, porque eu não seguia o padrão, eu não conseguia dar aula homogênea para um grupo heterogêneo, eu não conseguia, me fazia mal. E as próprias senhoras reclamaram, que a minha aula era muito fracasinha, porque eu via as pessoas com escoliose e ficava preocupada, eu não posso trabalhar isso, então dava um trabalho diferenciado, então não suava o suficiente.

Hoje acho que as pessoas têm mais informações sobre o que é uma atividade mais correta, o que que não é, mas quando iniciei, dando aula, não existia isso. Não existia mesmo, o negócio era malhar, suar, sair exausto de uma aula, aí sim a aula era boa, hoje não, as pessoas procuram um trabalho de qualidade, não quantidade, aí eu acho que isso me ajudou bastante.

Agora, assim, eu tenho esta noção, mas eu não tenho a profundidade do conhecimento sobre corporeidade. Isso é uma coisa, até que eu falo na minha graduação, existem hoje disciplinas que tratam da questão da corporeidade, tem gente que estuda corporeidade sobre o aspecto antropológico, filosófico, fisiológico. Então, dentro da corporeidade tem as subáreas, então seria muita prepotência você falar de um corpo, né. Tipo assim, vou falar desse corpo dentro da G.R.D.. e quando eu estou na Metodologia da Pesquisa, eu tento falar assim, esse corpo, esse movimento humano que vocês estão

estudando, que precisa deste corpo humano, que enfoque do objeto de estudo, é assim que vou trabalhando e fazendo com que eles corram pelas suas próprias pernas, é o que eu tento fazer.

SUJEITO 16

Corpo: o que é isto para você?

Não tinha uma mais difícil não?

Isso sou eu, que está na sua frente, o corpo sou eu, né. Eu diria o seguinte, o corpo seria a síntese do homem e do humano. Essa história, não adianta, não vai dar para fugir destas coisas que a gente lê, não vai dar para fugir das reuniões que a gente faz, você acaba, apesar de eu não ter um discurso próprio em relação a isso, você acaba pegando algumas coisas, mesmo sem querer, e às vezes acaba até repetindo, né.

Eu penso o seguinte, a partir do momento que a gente não quer, que a gente não quer negar o que a gente é biologicamente, o que a gente é materialmente, fisicamente, a gente também tenta recuperar uma outra coisa que está além disto, e que hoje a gente, e que hoje eu começo a perceber, e que hoje eu começo a tentar olhar que é o corpo enquanto pessoa, que é o corpo enquanto ser, enquanto indivíduo.

Então, o corpo para mim é a minha relação. O corpo para mim é a relação com o mundo, o corpo é a minha relação com as pessoas, o corpo é a fonte do meu conhecimento, é a fonte do meu prazer, é a fonte, o corpo sou eu, minha vida.

O corpo, não só o corpo que caminha, mas o corpo que me dá prazer ao caminhar, o corpo que não só lê, mas que me dá prazer ao ler, o corpo que não é só uma parte da existência, não, uma parte da existência, no sentido não é só, o corpo que não existe só para realizar atividades físicas, mas também não só existe para realizar atividades intelectuais. O corpo não só existe para ser sensível, mas um corpo que abarca todas essas coisas, um corpo onde eu possa, eu quero ser algo, desse corpo, que, eu entendo o corpo como a razão de você poder viver intensamente “n” coisas, que normalmente as pessoas costumam apenas a se apegar a algo.

Se apegar a algo que seja físico, se apegar a algo que seja racional. O corpo, na verdade para mim, é a vivência e a interrelação com todas essas coisas, com todas essas possibilidades, com todas as coisas que estão ao redor transitando, te influenciando ou sendo influenciadas por você. O corpo é ser, né, acho que estou confundindo mais do que tentando explicar.

O corpo é você existir aqui e agora. O corpo é você existir aqui e agora e estar consciente de que você nesse instante, nesse local, tem tudo uma relação com tudo. Ou seja, você não é algo jogado no meio de um vácuo ou do nada, você enquanto corpo existe para o mundo e com o mundo.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Olha, dentro do trabalho na graduação da Educação Física, o que eu tento passar para os alunos, em relação ao corpo, é essa coisa que eu estava te falando agora, em relação às possibilidades do corpo, as possibilidades do indivíduo, do ser humano, tá, enquanto ser que não seja só uma parte de algo.

A vivência na Unioeste, especificamente lá, é uma coisa que a gente vê em outros lugares, que é o seguinte: você enquanto aluno, enquanto profissional de Educação Física, a sua tendência é você trabalhar no desenvolvimento de uma capacidade física, ou especificamente uma habilidade motora, visando uma possível elevação de nível, com rendimento, etc. E assim, ou você faz isso e você vai ser uma pessoa que faz um trabalho corporal, que tem uma atividade física constante ou você faz isso, ou então você esquece e você compra um óculos grosso e você vai ser um intelectual, você nunca vai fazer um outro exercício a não ser virar, seus movimentos se limitam a virar a página do livro, a puxar a cadeira para você sentar direito.

As pessoas dividem extremamente isso, a idéia é você tentar mostrar que não é nem só uma coisa e não é nem só outra, mas você é um ser humano e tem todas as possibilidades de desenvolver todos os seus potenciais, de experimentar “n” coisas.

O corpo seria o indivíduo aberto a, a idéia que eu quero passar é a seguinte: como profissional de Educação Física, você vai estar trabalhando com esse aspecto, mas não só com isso, esse corpo que você vai ensinar a correr, você vai trabalhar capacidade aeróbia, anaeróbia, força, etc também é um ser humano que tem, que vai se alegrar, que vai ser feliz com isso que está fazendo, ou não vai ser feliz com isso que vai estar fazendo, que isso resulta em outras coisas no dia a dia dele, né. Que isso abre caminho para outras atividades que, às vezes, a gente nem está considerando

Que o fato de você gostar de correr, não te impede de se emocionar ao ver uma obra de arte ou vice versa, o fato de você curtir assistir um filme não te impede também de ser uma pessoa que tem uma atividade corporal e que te dê prazer fazer isso, e que te faça se sentir melhor, que seja por uma

questão estética, de saúde, ou seja lá o que você pensar. A idéia é tentar abrir para as pessoas a possibilidade de não ser só a coisa da atividade física fechada, é essa a idéia.

Apesar que nas disciplinas não existe, assim, nas minhas disciplinas, tirando essa que eu trabalhei parte das tendências, não existe assim, dentro das ementas, algo específico ao corpo, a princípio não seria isso o rigor, mas você indiretamente ou em algum momento acaba abordando isso, como na disciplina de Educação Física Infantil, por exemplo, ou na parte de Lazer, você acaba dando ganchos, mas você não muda a pessoa numa aula, é claro.

SUJEITO 17

Corpo: o que é isto para você?

Para falar de corpo eu preciso historiar um pouco a minha atuação profissional, para que a minha resposta possa se tornar clara. Eu tive uma formação bastante tradicional como talvez a maioria dos colegas do universo desta pesquisa e que antes de eu entrar para a Faculdade, eu já era professor com quatorze anos de idade.

Eu comecei, de uma certa forma, a trabalhar com o corpo, no processo ensino-aprendizagem já não mais ser simplesmente o subjetivo como atleta, mas passei a ser professor com quatorze anos de idade e já naquela época eu tinha alunos que variavam de meses, alunos com meses de idade, era natação para bebê, a alunas, a minha aluna mais velha tinha sessenta e poucos anos.

Então, aquilo na minha cabeça, saindo da adolescência, eu acho que amadureci até um pouco rápido por causa da questão profissional, aquilo na minha cabeça era um pouco confuso, porque as pessoas iam para fazer uma atividade das mais diversas, dos mais diversos, com os mais diversos motivos, e o corpo era a coisa que mais estava presente, já isso em setenta e pouco, oitenta e pouco, minto, antes de oitenta.

De uma certa forma, as pessoas que não estavam por recomendação médica, ou por simples iniciativa, tinham um certo vínculo com a questão do corpo e eu comecei a conviver com este problema. Logo depois eu ingresso numa Faculdade bastante tradicional, onde a formação muito técnica, mais ligada aos esportes por sua vez, e mais uma vez o corpo era dado ênfase. Ou seja, professor, buscar o melhor corpo possível no contexto de perfeição, etc, e aquilo continuava a me incomodar.

Mais tarde, eu passo a ser professor de uma Faculdade, curso de formação de professores e eu penso que a partir de eu começar a lecionar, é que eu comecei, talvez, a refletir mais sobre a questão do corpo.

Porque de uma certa forma, eu ainda estava tendo um determinado pensamento sobre o corpo numa só vertente, ou seja corpo para mim era aquele objeto que a pessoa tem, e que aquele objeto tem que ser o melhor possível, esteticamente, beleza, as curvas, etc. No momento que eu passei a trabalhar como professor e a minha disciplina exigia a exposição do corpo, ou seja, professor de Natação, teria que, de uma certa forma, estar exposto a uma vitrine na Faculdade, onde os próprios alunos e os professores passaram a ser observados por todos, conseqüentemente eu comecei a perceber que o corpo ali tinha uma influência, uma importância muito grande.

Comecei a conviver com o corpo branco, corpo preto, gordo, magro, defeituoso, enfim tudo o que se possa imaginar e uma coisa que me incomodava desde quando adolescente, talvez pela formação, minha educação em termos dos meus pais, família, etc. eu comecei a perceber que o corpo era entendido numa relação direta, proporcionalmente direta ao preconceito das pessoas.

E desde então, eu acredito até que nos primeiros dois anos da Faculdade, como docente, eu comecei a tentar inverter os meus conceitos em relação a isso e dentro do possível trabalhar com os meus alunos.

O que eu penso que é esse depoimento sendo dado hoje, depois de dezenove anos como docente, dos meus quase trinta e seis anos de vida, mais dezenove como professor, porque eu comecei com quatorze anos, talvez seja muito fácil estar falando hoje, porque a minha cabeça é outra, a maturidade é outra. Mas meus dois primeiros anos de Faculdade, eu penso que eu já comecei a lutar contra isso por que? Porque eu lutei inclusive contra os professores da própria disciplina e a primeira grande luta foi exatamente pela performance e os alunos que melhor se sobressaíam nas avaliações eram aqueles que tinham, no que a gente chama hoje, esteticamente um bom corpo.

Bom, mas o bom corpo era simplesmente a questão estética, era a questão do ser forte, era a questão de ser esbelto. Já no segundo ano, como docente, eu briguei com esta estrutura, propus redução de carga horária, mudança de avaliação e aos poucos a gente foi conseguindo. De uma certa forma, eu estava brigando contra o preconceito, contra o preconceito não só do corpo, mas contra a questão pedagógica, as avaliações, etc.

Baseado nisso, eu segui os estudos e procurei tender um pouco mais como as pessoas viam o seu próprio corpo. Meus estudos seguiram na área pedagógica e eu fui até o Mestrado onde eu

estudei pedagogia do movimento humano e mais uma vez o corpo estava presente, não era o foco central, mas não tinha como negar isso. Depois de conviver no Mestrado com uma série de trabalhos de colegas que estudaram o corpo propriamente dito, estudos por sinal muito interessantes, e isso já foi em noventa, de noventa a noventa e dois, e o que eu pude ver na época, onde eu pude despertar mais uma reflexão sobre isso, com um pouco mais de maturidade, é que nesses estudos, nesse convívio acadêmico veio reforçar uma coisa, quando eu estava no início da minha carreira docente universitário, que o corpo, as pessoas vêm baseado nos padrões culturais, nos padrões sociais, e mais ainda, reforçado por um determinado tipo de conceito que se tenha sobre aquele corpo, por sua vez, reforçado pelo preconceito que se tem culturalmente.

A partir destas leituras, destes trabalhos, deste convívio acadêmico, etc. eu tenho hoje uma concepção, talvez, mais clara que eu vou me pronunciar agora, é a minha concepção de corpo, é o seguinte: O corpo enquanto ser humano, ele é todo integrante de uma relação deste ser humano com o seu meio, quando eu digo toda uma relação integrante, toda uma relação, eu quero dizer que esse corpo independe da maneira como ele se encontra pelos padrões culturais, pelos padrões estéticos, de região, enfim.

Ele depende da relação com o outro, com o meio em que ele vive, com o contexto mundial que ele está situado e alguns autores que eu venho lendo, mais recentemente, e com muito mais detalhes, vêm, têm me ajudado a melhor entender o por que que as pessoas chegam a ter tanta vergonha do seu próprio corpo e um dos autores que eu destacaria, que eu acho que faz uma reflexão não só do avanço científico, mas ele trata muito mais, principalmente na última obra dele. O autor que me refiro é Fritjof Capra, em sua obra de noventa e seis, que é a Teia da Vida, onde ele faz uma retrospectiva da ciência, do avanço científico das diversas áreas e com isso contempla e vem fortalecer a idéia de que eu tenho que muitas das vezes, ou talvez é até arriscado dizer que na maioria das vezes, as pessoas localizam, se localizam e localizam o corpo das outras, mais em função de padrões culturais, reforçados pelo preconceito.

Além disso, a mídia, hoje o mundo globalizado tende em alguns aspectos até retardar, retardar o avanço no que diz respeito as pessoas não se sentirem bem com o corpo que têm, em função das grandes propagandas, campanhas, etc. do corpo perfeito.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Enquanto docente, seja na graduação, seja na especialização, eu procuro passar uma mensagem, entre outras vender a mensagem do ensino onde as pessoas, futuros professores ou aqueles que já são, no caso da Especialização, procurem trabalhar o corpo, principalmente na nossa área da Educação Física, dentro de um respeito da individualidade, é o que eu falei a pouco baseado no Fritjof Capra, onde o profissional de ver que as pessoas, cada uma tem uma constituição específica e que estas pessoas devem merecer o respeito dos outros, e por sua vez respeitar os demais.

Nessa minha atuação docente, eu tenho encontrado, inclusive, muitas solicitações e até mesmo comentários como se trabalha o corpo, na área da Educação Física, e isto se dá nos cursos de Especialização que não são da Educação Física, por exemplo de ortodontia, psicopedagogia, psicoterapia e pedagogia.

Onde, nestes cursos, os profissionais de outras áreas questionam sobre por que que determinados professores de Educação Física, por exemplo, têm um corpo que foge dos padrões da maioria dos profissionais de Educação Física? E eu combato esse tipo de questionamento, no sentido de que eles olham o corpo como sendo somente um objeto, como sendo um molde, um modelo estético, onde qualquer que seja o profissional, independente de área pode ter o corpo que tiver e esse corpo deve estar relacionado ao seu meio, deve estar em harmonia com a pessoa e com o meio em que ela vive, não necessariamente em função de padrões estéticos culturais.

Então, a mensagem que eu procuro passar, seja na graduação, ou na Especialização, é que as pessoas realmente, passem a mudar, mudem, tentem mudar o pensamento, no sentido de que avancem, não simplesmente se baseiem no padrão cultural, estético e a partir disso criem preconceitos relacionados ao corpo.

Eu penso que ainda esta temática é muito pouco discutida no curso de Educação Física, se uma das, como eu diria, talvez um dos conteúdos, ou um dos assuntos que é trabalhado na nossa área é o corpo, propriamente dito, eu penso que ainda é muito pouco, para não dizer muito pouco, eu penso ainda que é pouco discutida, um conceito, uma ideologia, uma filosofia sobre o corpo.

E quando discutido, não está discutido com profundidade, e o que é mais estranho, ou o que eu mais estranho, é que esta crítica não é só na Graduação, até mesmo na Pós-Graduação, stricto sensu, pouco se discute sobre a questão do corpo.

SUJEITO 18

Corpo: o que é isto para você?

Corpo para mim é uma estrutura, formada por ossos, por músculos e por outras coisas mais que nos coloca em pé nesse mundo em que a gente existe. Ele é assim, o movimento constante, o corpo está sempre se movimentando, o que mais poderia dizer sobre o corpo? Ele é importante para gente, desde que ele tenha todas essas características, por que quando a gente também perde uma parte dele, ele deixa de ser essa estrutura perfeita, né, para isso tem o outro lado que é o lado espiritual que poderia compensar a falta de alguma parte dele.

Mas é um todo assim, para nossa vida, e que é importante a gente saber que ele existe e que a gente também existe neste mundo.

Na sua ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Na minha ação profissional, a minha visão de corpo, eu trabalho assim dentro da disciplina Educação Física e eu coloco para os alunos no primeiro momento em que eles entram na Universidade, a importância deste corpo, a valorização deste corpo, do corpo do colega que você vai conviver durante os quatro anos.

Então a gente trabalha assim, é com algumas atividades que eles conheçam o outro e me parece que foi um conteúdo, assim, que mais a gente conseguiu passar para os alunos e que eles se situaram melhor, né, foi esta questão de estar passando para eles a importância desse corpo dentro da Educação Física.

Porque, às vezes, eles têm outras disciplinas, e o corpo passa e a gente aprende vários conteúdos daquilo que a gente vai passar para os nossos alunos, mas sem essa consciência do nosso próprio corpo. Então eu tenho buscado assim, essa integração com eles e tem dado, assim, excelentes resultados. Faço um trabalho de grupo, de toque, de conhecer o outro mais profundamente, o que o outro pode colaborar com ele, e tem dado assim, resultados fantásticos.

Inclusive a gente tem uma passagem que eu dou sobre o olhar, então eles ficam em círculo e eles vão olhando para cada olho dos colegas e depois a gente senta e faz um comentário, e através do olho, do olhar, o que o corpo está dizendo, então assim, é uma coisa muito boa, uma experiência, assim, fantástica com os alunos que a gente tem feito.

Os nossos alunos, eles têm que ter esse conhecimento, até mesmo para respeitar os alunos que eles vão trabalhar, seja lá crianças, adolescentes, adultos ou até idosos.

SUJEITO 19 -

Corpo: o que é isto para você?

Para mim corpo é uma totalidade, e eu sinto corpo, penso corpo, movimento corpo e intuo corpo como uma entidade que converge várias dimensões, dimensão física, uma dimensão emocional, uma dimensão mental e a dimensão espiritual, que se manifesta no ambiente em relação com o próprio ambiente, consigo mesmo, com o próprio corpo e com as outras pessoas.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

É a mesma, porque o que se procurou se desenvolver na relação com os alunos e com os parceiros na Instituição, os outros professores, funcionários da Instituição de modo geral, era o tempo todo encontrar formas de manifestação desta visão de corpo no cotidiano.

Então, na relação com os alunos, a pedagogia utilizada nas disciplinas, era uma tentativa de vivenciar esta noção de um corpo integrado, o ser integral, que se relaciona com outros seres igualmente integrais e que independente do papel que desenvolve naquele momento, professor, aluno ou funcionário, tem igualmente uma riqueza de informações para serem trocadas e compartilhadas, ajudando-se mutuamente no processo de desenvolvimento como um todo.

Aqui na Universidade, por exemplo, eu comecei a refletir um pouco mais sobre esta dimensão da corporeidade e acho que estou apontando para algumas outras descobertas, não necessariamente esta visão que eu estou compartilhando, mas de repente a percepção até de uma distinção entre esta questão do corpo enquanto uma entidade física exclusivamente, ou então corpo como uma manifestação desta totalidade, relacionar a questão do soma, né, a noção de soma da Antigüidade, que se referendava ao corpo e que significava uma questão de todo e de totalidade, vai um pouquinho nesta direção.

SUJEITO 20

Corpo: o que é isto, para você?

Só isso, nada mais?

Eu tive a oportunidade, no Mestrado, de ser orientando de um filósofo da corporeidade, né, que é o Silvino Santin, e o Santin tem uma frase que eu acho que é lapidar em relação à idéia de corpo ou de corporeidade. Ele diz assim: a extensão do meu corpo vai até onde alcança o meu olhar. Nesta frase está colocada a idéia de que o meu corpo ou o corpo é toda essa capacidade de eu estabelecer relações comigo mesmo e com ambiente externo, seja ele a sociedade, o meio ambiente, a natureza.

Então eu não consigo pensar corporeidade ou corpo se não for nesta perspectiva da ampliação dos limites meramente físicos. Penso que esta compreensão de corpo que está ligada a uma visão filosófica, antropológica, ela se não contempla plenamente, acho que é a que eu mais me identifico.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

Parece que os alunos da graduação ainda, têm, de forma geral, uma visão muito biológica de corpo e as minhas disciplinas, uma é na quinta fase do curso, que corresponde ao quinto semestre, e a outra na sexta fase do curso, e o que a gente consegue, acho que em termos de avanço na minha, no momento que eu participo da formação destes alunos, é estabelecer uma visão de complementaridade entre o corpo substância e esse corpo relacional.

E isso não é uma coisa minha, quem desenvolveu esta idéia foi o Tambert, que é um antropólogo holandês, ele diz que a visão de corpo, a corporeidade se divide num corpo substancial e num corpo relacional.

Então, eu acho que a minha participação se dá mais nesse nível, não negando o corpo biológico, o substancial, que a gente não tem como negar, mas relativizando esse predomínio, ainda exacerbado nesse corpo substancial, demonstrando que o corpo relacional, ou a possibilidade do corpo ser o elemento da relação entre sujeito e entre sujeito e meio ambiente, faz parte do universo da Educação Física, na medida em que nós somos basicamente uma prática de intervenção imediata.

As coisas que eu faço, eu faço naquele momento, minha intervenção se dá naquele momento. E neste momento o corpo que está presente substancialmente é também o corpo relacional.

É mais ou menos nesta linha que eu tenho tentado contribuir com a formação dos acadêmicos.

Tem algumas coisas, como disse antes, eu não tenho uma discussão mais elaborada sobre isso, mas eu tenho algumas incomodações, algumas inquietações com alguns discursos que existe sobre a noção de corporeidade, de corpo, que me parecem extremamente psicologizantes. Eu acho que toda a vez que a pedagogia de uma forma geral, e a Educação Física, ai vista como um elemento da Pedagogia, foi buscar na Psicologia respostas para seus problemas, a resposta tem sido pior do que o problema que tinha.

Então eu tenho um certo receio a estas visões psicologizantes sobre a questão do corpo, da corporeidade, porque elas tendem a individualizar, elas tendem a ser introspectivas, elas tendem a dificultar a visão de corpo relacional.

Aquela história, eu sou o meu corpo, eu vivo o meu corpo, quer dizer, tudo isso é muito interessante, mas desde que isto não se torne um elemento principal da discussão sobre corporeidade.

SUJEITO 21

Corpo: o que é isto para você?

É um conjunto, eu vejo assim, de espírito, psíquico, físico, eu vejo o corpo dessa forma, responsável pelos meus movimentos, pelas minhas reações, exatamente como eu estou sentindo nesse instante, quer dizer, psiquicamente eu não estou num momento legal. Então eu vejo o corpo como esse conjunto, as coisas se interferem mutuamente, quer dizer você pode estar de repente muito bem fisicamente, talvez se eu testar até minha condição física neste momento, ela deve estar muito legal, mas eu vejo assim que emocionalmente, psiquicamente, agora neste instante, a não ser que eu tenha reagir, mas eu sinto dessa forma. Momentaneamente ele está comprometido exatamente porque eu vejo essa interação, esses aspectos biológico, psíquicos, isso para mim é o corpo, eu não descubro uma coisa da outra, acho que as coisas estão bastante relacionadas, interrelacionadas e quando uma coisa vai bem a outra vai bem e quando uma coisa não vai bem a outra não vai bem.

Na ação profissional, qual a sua visão de corpo?

A questão minha, a minha atividade, ela esteve muito relacionada ao Atletismo, pelo fato de eu ter sido atleta, pelo fato de eu ter tido oportunidades muito boas com o Atletismo, além de eu ter participado em competições de nível estadual, inclusive alguma coisa a nível internacional, América do Sul, Panamericano, que eu corria 400, 200 e 100 m, foi assim uma oportunidade para mim, para eu conhecer pessoas, conhecer lugares, para eu fazer contatos, enfim eu acho que esta questão foi muito importante.

E eu vejo desta forma, quer dizer a minha atividade profissional tem sido no sentido de mostrar várias facetas, várias manifestações do desporto, quer dizer, por exemplo, quando eu trabalho Treinamento Desportivo eu priorizo o aspecto do desporto, o desporto de competição, mas eu não deixo de abordar algumas manifestações como o desporto participação, o desporto educacional e dentro do meu enfoque, eu acredito que existe espaço para muita coisa, não apenas para os mais dotados, mas também para os menos dotados geneticamente, a minha formação também já voltou para a recuperação de coronarianos, então eu trago essa possibilidade para os meus alunos.

O que eu tenho procurado fazer é mostrar para algumas pessoas que tiveram ligadas a mim, principalmente quando esses são ligados à área da Educação Física, que a maior parte das pessoas que treinaram comigo foram ligadas à Educação Física, a possibilidade de você passar pelo esporte como eu passei, e tirar do esporte todas as oportunidades que a gente pode tirar em termos de conhecimento e vir a contribuir com a área.

Então, o que tem acontecido, por exemplo, eu de repente eu tenho pessoas que eu já orientei que hoje fala sobre exploração de resíduo auditivo em deficiente, através da dança, tem pessoas que falam sobre a nutrição, principalmente na atividade física, de sedentário, atividade física de desportistas. Eu tenho pessoas que seguiram estudos na área de Treinamento e talvez por esta influência forte da disciplina base que eu desenvolvi e eles se doutoraram, então eu não sei, a gente não tem esta estatística, mas eu posso dizer para você que o esporte, ele propiciou para mim a oportunidade de conhecer pessoas e essas pessoas acabaram criando o gosto pelo esporte e eles acabaram se doutorando.

Tem gente que se doutorou nos Estados Unidos, tem gente que se doutorou na Rússia, quer dizer a quantidade de doutores que foram ligados a mim na área de Treinamento é bastante grande.

Então, eu vejo desta forma, quer dizer, a gente sempre partiu para um lado de rendimento, para um lado de performance, mas não colocou isso aí como uma obsessão, explore o seu

potencial, até onde você pode ir e usufrua de todas as oportunidade que você tem do contato com pessoas, de criação de amizade, de ampliação do seu mundo, enfim eu acho que caminha por aí.

Então eu acho que o corpo está nesse contexto aí, eu acho que as pessoas passaram, criaram hábitos saudáveis, continuam preservando esses valores até hoje, quer dizer, são poucos que passaram por mim que hoje não têm uma atividade de manutenção do lado biológico, por esse lado mais fisiológico, funcional, é uma visão, uma tendência da minha visão, mas em contrapartida, eu acho que outros valores estão imbutidos, né, quer dizer, o aspecto psíquico, como eu abordei no começo, está interligado a essa problemática e acredito que cada um tem uma potencialidade e deva explorar essa potencialidade e aperfeiçoar dentro do seu nível, porque muitas vezes, você não tem condição de levar esse corpo a um rendimento extraordinário, mas você tem condição de levar um rendimento compatível com o ambiente com que você vive, enfim sei lá.

É complicado, né, corpo acho que manifesta tanta coisa, é sentimento, amizade, é respeito, a questão ética acho que está ligado a todo esse processo, o respeito com as pessoas, até pela própria experiência que a gente vivencia em diferentes níveis, por exemplo, a minha atitude em Londrina foi muito de brigar com ponto de vista que eu defendia e de repente hoje eu acho que não é por aí, todo mundo tem que ter o seu espaço, as mais diferentes manifestações possíveis, eu acho que a Educação Física, aqui na Unicamp, é muito aberta a diferentes manifestações, você tem pessoa da Medicina, pessoa da Psicologia, pessoa da Nutrição, pessoas de todas as áreas, pelo contrário, eu sinto que a Educação Física tem dificuldade de entrar em outras áreas, eu por exemplo, concorri ao doutorado em outra e percebi que esses campos são mais fechados à gente, então eu acho que se tem alguém que está melhor com o corpo somos nós mesmos.

Porque a gente tem criado esta possibilidade, tem ampliado os nossos horizontes e a nossa área é muito grande mesmo, quer dizer ela pega muita coisa hoje, fica até difícil você ter, dentro de um curso de graduação esta visão tão abrangente, nós não acompanhamos o movimento esportivo, é impossível de acompanhar.

Dentro da minha visão mais técnica, e a minha formação é esta, e eu gosto de trabalhar as adaptações mais funcionais, eu percebo, eu sinto a importância do lado mais psíquico, do lado mais motivação, do lado mais voltivo, eu sinto a importância disso, mas eu não estudo esse fato, não estudo e acho que é muito difícil para você, estudar todas estas vertentes. Eu acho que o que pode eventualmente acontecer, é você ter grupos com diferentes tipos de formação com concepções assim, interdisciplinares, multidisciplinares, mas cada um que tenha uma formação especializada, porque é muito difícil

compreender todo esse universo. Eu tenho trazido, por exemplo, na minha disciplina Treinamento, eu tenho trazido o lado mais psíquico, o lado emocional, que pessoas que estudam essa área têm trazido experiências mostrando treinamento mental, treinamento psicológico, que vai a motivação do atleta de alto nível, como vai a motivação de um ser comum, que está, de repente, num momento da sua vida, precisando de uma motivação.

Então, a gente tenta abrir essa perspectiva, mas é muito difícil você se aprofundar, você tem que estar receptivo, mas é tão difícil dominar um setor, quanto mais dominar todos os setores. Eu acho que estou falando o óbvio, mas é bem por aí.

CAPÍTULO VI

TEMPO DOS CORPOS SUJEITOS - A ANÁLISE IDEOGRÁFICA

De posse do material anteriormente descrito, seguindo as pistas do trilhar fenomenológico, passei para a fase de redução, tendo o cuidado de não tentar interpretar ou atribuir valores, mantendo fidelidade aos discursos dos sujeitos, retirando unidades de significados a partir da filtragem das coisas mais importantes ditas pelos sujeitos, de acordo com a minha visão.

A análise ideográfica de cada participante foi feita no sentido de identificar as ideologias e as ações dos sujeitos, presentes no seu discurso, procurando analisar valores presentes no dia a dia dos professores.

SUJEITO 1

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

1 - a questão do corpo, inicialmente, veio como uma questão de performance, questão técnica, uma questão apenas de rendimento e assim de perfil e de um estigma, de postura, um negócio assim.	1.1 - inicialmente a questão do corpo, para o sujeito, se relaciona com performance, técnica, rendimento; 1.2 - para falar dos estigmas do corpo fala como um negócio assim;
2 - com o passar do tempo, (...) eu fui entendendo que corpo é muito mais do que isto, mais do que físico e mais do que o movimento.	2.1 - ao longo do tempo, o sujeito foi entendendo que corpo é mais do que físico ou movimento;
3 - corpo é uma harmonia de movimentos associado com sentimentos, associado com o pensamento, associado com a vontade de fazer ou de não fazer.	3.1 - harmonicamente, o corpo deve estar associado a sentimentos, pensamentos e decisões de fazer ou não fazer;
4 - eu posso estar com dores físicas, com dores musculares, mas eu sou mais do que isto, mais que dor muscular, eu sou uma coisa que anda, uma coisa que se expressa.	4.1 - como corpo o sujeito é mais do que dor muscular ou física; 4.2 - o sujeito se refere ao corpo como uma coisa que anda e se expressa;
5 - para mim, corpo é mais do que o físico, do que a parte de rendimento, é algo que se expressa de uma forma, assim, alegre, espontânea, de uma forma bastante sentimental, tanto é que eu sinto perfeitamente quando não estou bem, ou coisas assim, comigo.	5.1 - corpo é mais do que físico, mais do que rendimento; 5.2 - corpo é uma forma de expressão alegre, espontânea; 5.3 - corpo é um forma bastante sentimental; 5.4 - quando o sujeito não está bem, o corpo revela;
6 - corpo é isto, é harmonia, é riqueza de expressão, é sentir, é admirar o belo.	6.1 - corpo é harmonia e riqueza de expressão 6.2 - corpo é sentir e admirar o belo;
7 - quando tu vê uma criança, uma coisa linda, a expressão, a técnica, a coisa maravilhosa, que tu vê que aquilo sai de dentro da pessoa, que não é de fora, uma coisa que cresce no indivíduo, e você absorve.	7.1 - corpo criança revela a expressão e a técnica sem pré-conceitos; 7.2 - expressão sai de dentro para fora e não o inverso; 7.3 - expressão cresce com o indivíduo;
8 - isto para mim é sentir corpo, é ser corpo.	8.1 - sentir corpo e ser corpo são simultâneos no sujeito; 8.2 - corpo para o sujeito é;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL.

1 - me identifico muito na disciplina Educação pelo Movimento, porque eu trabalho como todas as faixas etárias, desde a pré-escola até a terceira idade, porque é uma disciplina, que são 180 horas e tenho que contemplar toda esta parte dada, educação do movimento, tanto a parte prática como teórica, aí, justamente, eu trabalho bastante a expressão do corpo, trabalho bastante música.

1.1 - tem identidade com uma disciplina que trabalha todas as faixas etárias;

1.2 - a disciplina educação do movimento trabalha bastante a expressão do corpo;

1.3 - a música ajuda na expressão do corpo;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 1

1º PERGUNTA

- 1- Inicialmente, o sujeito entendia o corpo como relacionado à técnica, performance e rendimento. (1.1.)
- 2- O sujeito se refere ao corpo como uma coisa, ou um negócio que anda, se expressa. (1.2;4.2)
- 3- Corpo é mais do que físico, mais do que dor muscular, mais do que movimento ou rendimento. (2.1; 4.1; 5.2)
- 4- Corpo deve estar associado a sentimentos, pensamentos e decisões. (3.1)
- 5- Corpo revela o que o sujeito é e sente. (5.3; 6.2; 8.1)
- 6- Corpo é harmonia e riqueza de expressão que sai de dentro para fora. (6.1; 7.2; 7.3)

O sujeito entendia o corpo relacionado à técnica, performance e rendimento, sendo uma coisa que anda e se expressa.

Com o passar do tempo, o conceito de corpo transcendeu as questões meramente físicas, relacionadas com dor ou rendimento e passou a ser concebido como um todo que absorve e vivencia sentimentos, pensamentos, decisões, expressões alegres ou tristes. Este processo, vivido de dentro para fora, objetivamente revela o que o sujeito é e sente.

2º PERGUNTA

- 1- O sujeito se identifica com disciplinas que trabalham a questão das faixas etárias e a expressão do corpo. (1.1; 1.2)

Na ação profissional, há uma identidade do sujeito relacionado com as disciplinas que trabalham a questão das faixas etárias e a expressão do corpo.

SUJEITO 2
CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1- o que é corpo para mim, é hoje, muito afeita ao meu pensamento dentro desse universo que é Educação Física. O que diferencia um grande atleta de outro, certamente, ao meu juízo, não é só a capacidade técnica que ele tem, ou a capacidade psicológica, ou física, mas é muito mais o domínio que ele tem sobre essa coisa chamada corpo.</p>	<p>1.1 -corpo, para o sujeito, está relacionado ao universo da Educação Física;</p> <p>1.2 - a caracterização de um atleta em relação a outros, na perspectiva física, psicológica ou técnica está relacionada ao domínio que ele tem sobre o corpo;</p>
<p>2- corpo (...) é um conjunto de membros articulados onde nós temos que ter procedimentos de trabalho, ao longo da nossa vida, com diferentes possibilidades de informação, onde a gente possa, cada dia, mais conhecer ele e utilizar ele em nosso próprio benefício.</p>	<p>2.1 - corpo é um conjunto de membros articulados com procedimentos de trabalho ao longo da vida, com diferentes possibilidades de informação;</p> <p>2.2 - corpo tem a possibilidade de ser conhecido e utilizado em benefício do próprio sujeito;</p>
<p>3- eu não consigo ter uma definição de corpo para mim, eu imagino o corpo sendo um todo, que efetivamente o pensamento que a gente tem de fracionamento que a vida nos dá, tudo é fracionado, nosso tempo é fracionado, em tal hora eu almoço, em tal hora eu janto, em tal hora, isso acaba trazendo também o pensamento para dentro da gente.</p>	<p>3.1 - o sujeito tem dificuldade em definir corpo para si;</p> <p>3.2 - corpo, para o sujeito, imaginariamente é um todo;</p> <p>3.3 - o todo do corpo se fraciona nas atividades do cotidiano;</p>
<p>4- estou imaginando que o corpo é um todo integrado, onde a gente tem que ao máximo buscar e desenvolver as características que ele possui.</p>	<p>4.1 - corpo é um todo integrado, cujas características as pessoas devem, ao máximo, buscar desenvolver;</p>
<p>5- corpo é um todo integrado onde a gente procura, através de determinados trabalhos, conhecê-lo melhor.</p>	<p>5.1 - corpo é um todo integrado que pode ser conhecido através de determinados trabalhos;</p>
<p>6- contudo, eu ainda acredito que a gente está engarrafado na idéia de que tem que trabalhar por parte, essa noção de divisão, né, o que é bom para um segmento e pode não ser bom para outro. Agora, o corpo inserido no cotidiano, ele efetivamente apresenta algumas características, quer dizer, o meu cérebro é efetivamente quem pensa, as minhas mãos são as que executam o ato de escrever, os meus pés são os que me trazem de um determinado local a outro, é com ele que eu ando. Eu acho que a gente acaba não tendo muita noção de corpo e</p>	<p>6.1 - o sujeito acredita que a noção do todo está engarrafada pela dicotômica divisão em partes para se chegar ao todo;</p> <p>6.2 - o sujeito percebe que, por conta da divisão por partes, a noção do todo se perde;</p> <p>6.3 - o sujeito alerta para que as pessoas não tenham atitudes mecânicas;</p>

<p>passa a ter uma dificuldade grande, na medida que você tem todos eles funcionando perfeitamente e age mecanicamente com ele, eu acho que o importante é a gente começar a se preocupar não com o agir mecanicamente.</p>	
---	--

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- acho que hoje seria uma tremenda de uma incoerência eu encaminhar o pensamento do meu aluno para uma concepção que não seja essa do pensamento totalizante</p>	<p>1.1 - o sujeito encaminha o pensamento dos alunos dentro da concepção do pensamento totalizante;</p>
<p>2- como técnico (...) eu tenho que posicionar o atleta desta realidade do corpo. Ele quer ficar forte, ele quer ficar forte para poder ter mais condições de pegar um bom rebote ou poder dificultar espaços no jogo, mas eu acho que a gente tem que ter pelo menos a preocupação de posicionar ele da importância do cuidado com as questões corpóreas.</p>	<p>2.1 - o sujeito, na ação de técnico, preocupa-se em levar ao atleta a importância do cuidado com as questões corpóreas;</p>
<p>3- nível da saúde e no nível da compreensão do que é o corpo dele, ou seja, entender que antes de atleta ele é um corpo e que vai continuar sendo um corpo até o fim da vida e que se ele não tiver um cuidado com esta característica que faz com que alguém viva melhor (...) todos os caminhos devem levar a gente a ter uma qualidade de vida melhor; eu não acredito que a Educação Física tenha outro, uma das preocupações deva ser esta, ou seja, em busca da qualidade, qualidade de vida, qualidade de saúde, qualidade de relações, os benefícios são inúmeros, né, qualidade de formação.</p>	<p>3.1 - o sujeito prioriza o entendimento de que, antes de ser atleta, ele é um corpo até o fim de sua vida;</p> <p>3.2 - a conscientização de cuidar do corpo leva a uma qualidade de vida melhor, na saúde, nas relações, na formação e em outros aspectos;</p>
<p>4 - o meu aluno, quando ele se matricula na minha disciplina, ele não está só matriculando a cabeça, ele está matriculando também o seu corpo, e certamente, ele vai formar um conjunto de conceitos que ele vai levar para a sociedade que o espera.</p>	<p>4.1 - para o sujeito, o aluno, ao matricular-se em suas aulas, não matricula somente a cabeça, mas o corpo;</p> <p>4.2 - o corpo forma uma série de conceitos que serão aplicados na sociedade da qual o aluno faz parte;</p>
<p>5 - a gente tem que começar a pensar com a concepção do corpo como um todo. Imaginando o seguinte, toda a sociedade, ela matricula uma criança na escola preocupada com o intelecto. A gente tem o poder de</p>	<p>5.1 - o sujeito pensa a concepção do corpo como um todo;</p> <p>5.2 - a criança não é só intelecto, mas tem um corpo com membros com o qual vai conviver ao longo da existencialidade;</p>

como professores, mostrar à sociedade que o ser humano não é só intelecto, ele tem uma série de membros, ele tem um corpo que vai conviver com ele até o dia que ele morrer, isso acho que já é um novo conceito de pensar Educação Física

5.3 - esta concepção, para o sujeito, é uma nova forma de conceituar Educação Física;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 2

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, está relacionado ao universo da Educação Física. (1.1)
- 2- O sujeito enfoca que pode estabelecer uma comparação entre um atleta e outro pelo corpo. (1.2)
- 3- Corpo é um conjunto de membros articulados com possibilidades de ser conhecido e utilizado em benefício do próprio sujeito. (2.1; 2.2)
- 4- O sujeito tem dificuldade em definir o corpo para si. (3.1)
- 5- O sujeito imagina o corpo como um todo, que se fraciona no cotidiano. (3.2; 3.3; 6.1; 6.2; 6.3)
- 6- Corpo é um todo integrado, que pode ser conhecido em determinados trabalhos. (5.1)

Corpo, para o sujeito, está relacionado com o universo da Educação Física. Ele salienta que a diferença entre um atleta e um outro indivíduo, na perspectiva física, psicológica ou técnica, está no domínio que ele tem sobre o corpo.

O sujeito coloca que corpo é um conjunto de membros articulados com diferentes funções que podem ser utilizadas em benefício do próprio sujeito. Ele tem dificuldades em definir o corpo para si e várias vezes se refere ao corpo do outro, mas imagina o corpo como um todo que se fraciona no cotidiano.

Na visão do sujeito, o corpo é um todo integrado que pode ser conhecido por diferentes trabalhos, preferencialmente sem atitudes mecânicas, porém correndo o risco, no cotidiano, de ser envolvido pela dicotômica divisão em partes para se chegar ao todo.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito encaminha o aluno dentro da concepção de pensamento totalizante. (1.1; 5.1)
- 2- O sujeito, na ação profissional, elucida o respeito ao corpo. (2.1; 3.1; 3.2)
- 3- O sujeito realça que, nas suas aulas, não quer matricular só a cabeça do aluno, mas o corpo. (4.1; 5.2)

O sujeito, na ação profissional de técnico, preocupa-se em respeitar o corpo dos atletas, entendendo que, antes de ser atleta, ele é um indivíduo até o fim da vida. Na ação de professor, encaminha o pensamento do aluno dentro da concepção do pensamento totalizante, tanto que nas suas aulas quer o corpo do aluno presente e não só a cabeça.

Para o sujeito, a conscientização de respeitar o corpo leva a uma qualidade de vida melhor, na saúde, nas relações, na formação ou em qualquer outra forma de manifestação.

SUJEITO 3

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

1 - depois do meu mestrado a visão de corpo mudou.	1.1 - com a Pós-Graduação, a visão de corpo é outra;
2 - corpo é um sistema, é integrado, e para mim corpo é isto, hoje é sistema integrado, interdependente, nada funciona sem relação com nada, é como se fosse mesmo um circuito integrado.	2.1 - o sujeito vê corpo como um sistema integrado; 2.2 - corpo é um sistema integrado interdependente, mas que não funciona sem ter relação; 2.3 - corpo é um circuito integrado;
3- este circuito não é fechado, ele é aberto por causa das relações com o meio ambiente, porque a gente acaba fazendo relações com o meio ambiente.	3.1 - o circuito integrado não é fechado; 3.2 - o circuito integrado é aberto por conta do meio ambiente; 3.3 - nós fazemos relações com o meio ambiente;
4 - o corpo é tudo, é alma, é vidente, é natureza, é físico, é material e é tudo.	4.1 - o sujeito entende corpo como tudo; 4.2 - o corpo é alma, é vivente, é natureza, é material;
5 - a concepção de corpo, que eu mais me identifico, o corpo como esta carne mesmo, aquele elemento que fala Merleau-Ponty, então é um elemento, um elemento da natureza como é a madeira, como é o ferro, como é o ar, um fenômeno.	5.1 - o corpo é carne; 5.2 - corpo é um elemento da natureza; 5.3 - corpo é um fenômeno;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- na minha ação profissional funciona da mesma forma	1.1 - o sujeito não vê diferença entre ser do cotidiano e na ação profissional;
2 - se eu trabalhasse prática, esta visão de corpo que eu tenho, como um sistema integrado e um sistema aberto e auto regulador, você trabalha com mais facilidade. Porque, se você trabalha com o corpo considerado um sistema aberto, com outras relações com a natureza,	2.1 - o sujeito reforça a questão do corpo como um sistema aberto; 2.2 - o sujeito crê que, quando se trabalha nas atividades práticas tendo o referencial de corpo como um sistema aberto, se estabelecem outras

<p>sujeito a modificações, assim um progresso, em termos de atitude diante do mundo pela própria sobrevivência e tal, você tem um corpo na sua ação profissional que é um todo,</p>	<p>relações com a natureza;</p> <p>2.3 - o homem é sujeito a modificações, mas a atitude frente ao mundo deve ser de totalidade;</p> <p>2.4 - na prática, você tem um corpo que é um todo;</p>
<p>3 - corpo que você está trabalhando, ou na ginástica, ou no treinamento, ou no voleibol, ou mesmo na sala de aula como uma pessoa, um cidadão, que tem direitos, que tem deveres, que pensa, que sente, sei lá , que chora, que ri, que goza e tem tudo isso e é mais fácil trabalhar assim, porque você trabalha com mais autenticidade.</p>	<p>3.1 - o corpo trabalhado é de uma pessoa, de um cidadão;</p> <p>3.2 - este corpo tem direitos, deveres, chora, ri, goza, pensa;</p> <p>3.3 - na prática, você trabalha com mais autenticidade, tendo como referência o corpo como um todo;</p>

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 3

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, é um sistema integrado, interligado. (2.1; 2.2; 2.3)
- 2- O sistema integrado do corpo é aberto por causa do meio ambiente. (3.1; 3.2; 3.3)
- 3- Corpo, para o sujeito, é tudo. (4.1; 4.2; 5.1; 5.2; 5.3)

A Pós-Graduação possibilitou que o sujeito alterasse sua visão de corpo, sendo que, hoje, corpo é um sistema integrado e interligado consigo mesmo, com o mundo e com as coisas, que só funciona tendo como princípio esta articulação.

O circuito integrado que o sujeito coloca é aberto por conta do meio ambiente, pois, as relações são vivenciadas neste espaço. Dentro deste contexto, corpo para o sujeito é tudo, ou seja, é alma, é vidente, é um elemento da natureza, é carne, é material, é um fenômeno.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito não vê diferença entre o ser profissional e o ser cotidiano. (1.1)
- 2- Corpo é um sistema aberto de relações com o meio. (2.1; 2.2)
- 3- O sujeito tem um corpo que é um todo. (2.3; 2.4)
- 4- Corpo é a pessoa com todas as características. (3.1; 3.2)
- 5- O sujeito acredita que o corpo, nas atividades práticas, é mais autêntico e móvel. (3.3; 4.1; 4.2; 4.3; 5.1)
- 6- A educação se explicita pelo movimento. (5.3; 5.4; 5.5)

Tanto na ação profissional, como no cotidiano, o sujeito tem a mesma atitude, entendendo que corpo é um todo, um sistema aberto que estabelece relações com o meio, principalmente em se tratando de atividades práticas. O sujeito reconhece que o homem está em constante transformação, mas todas as suas atitudes devem ter como princípio a concepção de totalidade.

A concepção de totalidade significa compreender que o mesmo corpo que tem direitos, deveres, ri, chora, goza, pensa, representa um cidadão, uma pessoa, é um todo.

Na visão do sujeito, o corpo das atividades práticas é um corpo móvel, diferente do corpo da sala de aula, que, mesmo estabelecendo relações, é um corpo sentado e imóvel.

SUJEITO 4

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1- hoje está muito claro, para mim, o corpo, (...) é inegável você discutir a questão biológica do corpo. Este equipamento biológico sofreu mutações, este equipamento biológico, ele funciona do ponto de vista da própria existência, enquanto indivíduo, nós necessitamos de alimentos, necessitamos de uma série de componentes da cultura, ou seja, o alimento para poder subsistir este corpo. Este corpo, ele tem pulsão, ele tem sangue, ele tem uma função do ponto de vista fisiológico, tem uma determinação biológica.</p>	<p>1.1- hoje, para o sujeito, é inegável discutir a questão biológica do corpo;</p> <p>1.2 - o corpo é um equipamento biológico que sofreu mutações e funciona de acordo com a própria existência;</p> <p>1.3 - corpo é existência;</p> <p>1.4 - como indivíduo, necessitamos de alimentos, de cultura, para que o corpo subsista;</p> <p>1.5 - corpo tem pulsão, tem sangue, tem função na perspectiva fisiológica e tem determinação biológica;</p>
<p>2- este mesmo corpo biológico tem uma determinação social, uma dimensão sociológica muito grande, quer dizer, um mesmo indivíduo tem uma capacidade muito grande de aprender línguas diferentes e criar coisas diferentes do ponto de vista apenas da fala.</p>	<p>2.1 - o mesmo corpo que é biológico, tem também uma determinação social, tem capacidade de aprender línguas diferentes e criar coisas diferentes dentro do ponto de vista da fala;</p>
<p>3- agora, em termos de movimento, este corpo ao mesmo tempo que você tem um corpo que ele está, ele é composto de braços e pernas, que não poderia dizer que são partes, mas é o corpo, né, esse braço e essa perna dá uma outra dimensão simbólica também, que é a questão do movimento. Este movimento pode ser um movimento simbólico, quer dizer, e aí você pode trabalhar a questão dos gestos e cada sociedade.</p>	<p>3.1 - o mesmo corpo que se movimenta é composto de braços e pernas, que não são apenas partes;</p> <p>3.2 - corpo está e não se compõe de partes, é um todo;</p> <p>3.3 - o corpo com braços e pernas, na perspectiva do movimento, tem uma dimensão simbólica;</p> <p>3.4 - na questão do movimento simbólico, você pode trabalhar os gestos e cada sociedade;</p>
<p>4- quer dizer, o mesmo corpo que é biológico ele tem esta dimensão, podemos dizer, antropológica, que é aprendido, que ele é disseminado dentro de um determinado contexto social.</p>	<p>4.1 - o corpo, ao mesmo tempo que é biológico, tem uma dimensão antropológica;</p> <p>4.2 - a dimensão antropológica é aprendida e disseminada dentro de um determinado contexto social;</p>
<p>5- fiz um trabalho, orientei um trabalho de aluno, que ele falava sobre a</p>	<p>5.1 - na dimensão simbólica do corpo, nós somos um corpo e não</p>

dimensão simbólica de corpo e uma das coisas que ele dizia no trabalho era que corpo, nós somos um corpo e nós não temos um corpo	temos um corpo;
---	-----------------

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- na minha atuação, dizer que existe esse corpo biológico, isto é inegável né, e que este corpo ele pode, ele tem várias dimensões. Nesta perspectiva dos significados, dos símbolos, na questão antropológica. (...) Mas que existe este corpo, que este corpo biológico, ele pode ter diversas dimensões.	1.1 - na ação profissional, existe o corpo biológico que pode ter várias dimensões; 1.2 - as dimensões do corpo estão ligadas à questão antropológica de significados e símbolos;
2-eu tento me colocar, enquanto indivíduo, que também é um corpo e trabalho e esse corpo também é meu instrumento de trabalho em algum momento e eu me utilizo dele enquanto professor. Só que não me utilizo, necessariamente, é o corpo professor que está lidando, é o corpo de um ex-dançarino que está lidando, é um corpo de pai que está lidando, quer dizer, na verdade, a gente tenta discutir o corpo em várias dimensões, mas chega à conclusão que ele é único.	2.1 - o sujeito se coloca enquanto um corpo; 2.2 - como corpo, em algum momento, trabalha como professor; 2.3 - embora discuta o corpo em várias dimensões, conclui que ele é único;
3 - e quando esse corpo fala, esse corpo fala, na fala deste corpo está, ou estão estas dimensões, está o pai, está o marido, está o professor, o dançarino, está o assalariado, enfim, um cara preocupado com algumas questões de tese, você não consegue separar.	3.1 - o sujeito acredita que o corpo fala e nesta fala estão embutidas várias dimensões; 3.2 - na fala do corpo não há separação de atributos, ele é único, é total;
4- eu acho que o corpo se situa nesta questão, nesse equipamento biológico que tem essa natureza, a natureza corporal humana tem esta capacidade de simbolizar, de criar significados, significantes e dar-se um significado, uma dimensão de seu próprio, do corpo que ele é. Talvez, nesta questão que, talvez, eu me situe na minha ação profissional.	4.1 - o corpo se situa como equipamento biológico que tem a natureza corporal; 4.2 - a natureza corporal tem a capacidade de criar símbolos, significados, significantes; 4.3 - o criar significado tem a dimensão do próprio corpo, que é o sujeito;
5- o ato de tomar banho, ele não pode ser dissociado de uma tentativa de simbolizar o próprio ato, no cotidiano você toma banho, você se banha, você penteia o cabelo, você tem todo um trato com o corpo que você é, entretanto na dança você pode dar a esta dimensão, uma outra dimensão, que entra a questão estética que o corpo, ele é estético.	5.1 - os atos cotidianos estão presentes no corpo que se é; 5.2 - o corpo é estético, principalmente na dança;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 4

1ª PERGUNTA

- 1-Corpo é um equipamento biológico que sofreu mutações de funcionamento, de acordo com a própria existência. (1.1; 1.2; 1.5)
- 2- Corpo é existência. (1.3)
- 3- Corpo, para existir, necessita de ser subsidiado por alimentos, por cultura. (1.4)
- 4- Corpo, ao mesmo tempo que é biológico, tem substratos sociais, culturais.(1.4; 2.1; 4.1; 4.2)
- 5- Corpo não é formado por partes, é um todo. (3.1; 3.2)
- 6- Corpo é simbólico, na perspectiva do movimento. (3.3; 3.4)
- 7- Nós somos corpo e não, temos corpo. (5.1)

O sujeito entende o corpo como um equipamento biológico que sofreu mutações, mas que funciona tendo como referência a própria existência. Ele alerta que o corpo, enquanto existência, tem ao mesmo tempo subsídios biológicos, fisiológicos, sociais, antropológicos, alimentares e culturais.

O corpo representa o que o sujeito é, sendo considerado um todo e não a soma das partes e, na perspectiva do movimento, ele é simbólico.

2ª PERGUNTA

- 1- Na ação profissional, o sujeito percebe o corpo biológico em várias dimensões ligadas aos significados e símbolos. (1.1; 1.2)
- 2- O sujeito coloca que é corpo, com várias funções, mas mantendo a unidade. (2.1; 2.2; 2.3; 3.1; 3.2; 4.3; 5.1)
- 3- O equipamento biológico está situado no corpo. (4.1)
- 4- Corpo tem a capacidade de criar símbolos, significados e significantes. (4.2)

Na ação profissional, o sujeito se coloca como corpo, rodeado de funções como professor, pai, marido, consumista, dançarino, mas preocupado com a manutenção da unidade.

O sujeito considera, em vários momentos, o equipamento biológico como integrante do corpo, compondo-se de várias dimensões ligadas às questões antropológicas de significados, significantes e aos símbolos.

SUJEITO 5**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1- então, ele é um referencial existencial, então o que isso significa, que basicamente o corpo para mim é minha referência no mundo e por conta de o corpo ser a minha referência no mundo, né, é que eu encontro na filosofia uma justificativa para isso.</p>	<p>1.1 - corpo é um referencial existencial; 1.2 - corpo, para o sujeito, é a sua referência no mundo; 1.3 - esta referência do corpo no mundo, para o sujeito, foi encontrada nos estudos filosóficos;</p>
<p>2- o corpo, para mim, não está colocado numa relação, seja ela direta, indireta, ou seja, não está colocado numa relação com que a gente está chamando de alma ou espírito, então basicamente a referência que eu tenho no mundo é o meu corpo, e por conta de o corpo ser a referência, então eu não posso falar em outras substâncias que possam existir alma, espírito ou coisas do gênero.</p>	<p>2.1 - o corpo não está colocado numa relação direta ou indireta, nem de alma e espírito; 2.2- a referência de mundo, para o sujeito, é o corpo; 2.3 - o corpo, sendo a referência que o sujeito tem no mundo, é impossível falar em outras substâncias que possam existir como alma, espírito ou coisas do gênero;</p>
<p>3- o meu entendimento de corpo é um entendimento existencial antes de ser filosófico, ou seja, na filosofia veio me confirmar assim.</p>	<p>3.1- o entendimento de corpo, para o sujeito, é existencial; 3.2 - o entendimento existencial precede os estudos dentro da filosofia;</p>
<p>4- as coisas pelas quais eu venho compreender, as coisas pelas quais eu venho aprender, as coisas que eu venho sentir são todas pelo viés do corpo e que não tem como eu me descolar disso para ter compreensão de qualquer outra coisa.</p>	<p>4.1 - tudo o que o sujeito compreende, aprende, sente é pelo corpo; 4.2 - para compreender qualquer coisa, a referência é o corpo;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- a partir desse meu entendimento de corpo, eu acabei dividindo as duas disciplinas que eu ministrava da seguinte maneira: a Sociologia eu dava um enfoque mais voltado para as abordagens sociológicas em Educação Física, (...). Na filosofia que eu dava o enfoque do entendimento propriamente do corpo que se tem, do entendimento que as pessoas têm, do entendimento que a escola tem, sobre a questão do corpo e sobre a questão do conhecimento do mundo, né, pelo viés do</p>	<p>1.1 - nas disciplinas que o sujeito ministra, o enfoque está no corpo enquanto referência de existência; 1.2 - tudo o que o sujeito compreende, aprende, sente é pelo viés do corpo, não podendo se descolar disto;</p>
---	--

corpo enquanto referência de existência.	
2- então eu tentei encaminhar, enquanto professor de filosofia, de Introdução à Filosofia, a discussão é, efetiva da construção do conceito de corporeidade, de corpo e de localizar como que este conceito se apresenta no entendimento das pessoas, nas produções pedagógicas.	2.1 - o sujeito encaminhou, como docente, a construção do conceito de corporeidade, de corpo, procurando localizar como este conceito se apresenta no entendimento das pessoas, nas produções pedagógicas;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 5

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo é a referência no mundo existencial. (1.1; 1.2; 2.2; 3.1; 4.1; 4.2)
- 2- O corpo é entendido como referência existencial, embasado nos estudos filosóficos. (1.3; 3.2)
- 3- O corpo, como referência no mundo, minimiza as discussões de outras questões como alma, espírito. (2.1; 2.3)

Corpo, para o sujeito, é a sua referência no mundo existencial, para qualquer compreensão, tendo como base seus estudos filosóficos.

Se para o sujeito corpo é a referência no mundo, as discussões de outras questões como alma, espírito ou coisas do gênero são minimizadas.

2ª PERGUNTA

- 1- Na ação profissional, o enfoque está no corpo como referência de existência. (1.1)
- 2- A construção do conceito de corporeidade alicerça as ações docentes. (2.1)
- 3- Tudo o que o sujeito compreende, aprende, sente é pelo viés do corpo, sem poder se descolar disto. (1.2)

Na ação profissional do sujeito, o enfoque dado ao corpo é como referência de existência e, com isto, tudo o que compreende, aprende e sente é pelo corpo. Ele constrói o conceito de corporeidade, de corpo, procurando localizar como este conceito se apresenta no entendimento das pessoas ou nas produções pedagógicas.

SUJEITO 6**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1- a minha formação é muito mais por área da fisiologia e pelo treinamento esportivo que encara o esporte, o rendimento e a fisiologia como um ser supremo. Embora tenha uma experiência também na prática, trabalhando com criança, trabalhando em escola e isso dá um respaldo diferente do que a fisiologia coloca.</p>	<p>1.1 - a formação do sujeito está voltada para a fisiologia, que encara treinamento, esporte, rendimento como ser supremo;</p>
<p>2 -corpo é meio difícil estar conceituando,(...) Dentro da fisiologia, o corpo é um ser biológico e a fisiologia estuda todos os comportamentos. Comportamento hormonal, comportamento biomecânico, de certa maneira também biomecânico, de certa maneira energético, hormonal, tem "n" fatores. E cada situação, cada área, é analisada do ponto de vista bem específico, né.</p>	<p>2.1 - dentro da fisiologia, o corpo é um ser biológico, que estuda todos os comportamentos: hormonal, biomecânico, energético;</p>
<p>3- na minha situação, eu analiso corpo dentro do treinamento esportivo, sobre aquilo que ele pode nos dar, em termos de resultados,</p>	<p>3.1 - o sujeito analisa corpo dentro do treinamento esportivo na perspectiva que ele pode apresentar em termos de resultados;</p>
<p>4- dentro da Ginástica, o corpo já tem uma outra visão, pelo menos essa visão que eu teria. Ou seja, de como não seria só voltado para o treinamento e sim como este indivíduo ele pode se relacionar com a sociedade, de como este indivíduo pode se relacionar com a família dele, como ele pode se posicionar em relação ao mundo, em função daquilo que se trabalha com o corpo dele</p>	<p>4.1 - o sujeito tem uma visão de corpo mais voltada para a Ginástica e não só para o treinamento e esta visão está alicerçada nas relações do corpo com a sociedade, com a família, com o mundo;</p> <p>4.2 - as relações estabelecidas pelo indivíduo dependem daquilo que se trabalha com o seu corpo;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- em termos de atuação, é bem diversificado, porque esta pessoa, por exemplo, que não tenha motivação, ele não quer só um treinador, ele quer uma pessoa para estar motivando, para estar junto com ele, para estar melhorando esta parte física ou sei lá, simplesmente estar se exercitando, ou estar com a família dele, às vezes, a gente dá aula particular para a esposa e o marido juntos, então de certa maneira é bem diferenciado entre esporte e este tipo de procura para a prática da atividade física.</p>	<p>1.1 - na atuação, é bem diversificado;</p> <p>1.2 - a atuação é bem diferenciada;</p> <p>1.3 - o sujeito entende que a parte física da pessoa pode ser melhorada, mas há mais coisas além disto;</p>
--	---

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 6

1ª PERGUNTA

- 1- O sujeito tem formação e analisa corpo voltado para a fisiologia, que encara a performance, o rendimento como seres supremos. (1.1; 3.1)
- 2- Corpo, para a fisiologia, é um ser biológico, que estuda as questões relacionadas a esta área. (2.1)
- 3- O sujeito amplia seu entendimento de corpo quando estabelece relações do corpo com a sociedade, com a família e com o mundo. (4.1; 4.2)

O sujeito apresenta uma formação mais voltada para a fisiologia, concebendo corpo como treinamento, esporte, resultados, rendimento. Nesta concepção, o corpo é um ser biológico, que estuda todos os comportamentos hormonal, energético, biomecânico.

O sujeito amplia seu entendimento de corpo na Ginástica e, neste sentido, o corpo estabelece relações com a sociedade, com a família e com o mundo.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito entende que a atuação profissional relacionada ao corpo é bem diversificada.(1.1; 1.2)
- 2- O sujeito entende que a parte física pode ser enfatizada, mas o indivíduo não se restringe a ela. (1.3)

O sujeito entende que a atuação profissional relacionada ao corpo é bem diversificada. O sujeito valoriza a parte física do indivíduo, mas admite que há mais coisas além disto.

SUJEITO 7

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1-corpo para mim é tudo, algumas pessoas têm a visão de corpo como um grupo de músculos, mas eu vejo, eu até uma época eu pensei no corpo desta forma, mas ao longo do tempo, eu fui mudando esta concepção de corpo.</p>	<p>1.1 - corpo, para o sujeito, é tudo; 1.2 - até um determinado tempo o sujeito pensou corpo como um grupo de músculos; 1.3 - hoje, a concepção de corpo transcende a concepção de corpo como um grupo de músculos;</p>
<p>2-uma outra coisa também, é que a minha visão de corpo há um tempo atrás, era com relação mesmo a trabalhar a atividade física no sentido de malhar o corpo e hoje não, hoje trabalhando com envelhecimento, que é uma fase da vida muito sensível, eu passei a ver o corpo de uma outra forma, mais consciente, tentando pensar em todos os movimentos, para que ele seja adequado para o dia a dia, e estou acabando, fazendo, esta ponte comigo mesmo.</p>	<p>2.1 - inicialmente, a visão de corpo estava relacionada ao conceito de atividade física na perspectiva de malhar; 2.2.- hoje, o sujeito vê corpo, em função de seus estudos, de forma mais consciente, pensando em todos os movimentos adequados ao cotidiano; 2.3 - o sujeito faz uma associação de seus estudos consigo mesmo;</p>
<p>3 -então, eu estou assim, numa fase, tipo assim, de fazer, a cada dia, uma experiência, com tudo que eu faço, tipo assim, eu faço para mim e se for bom para mim, eu passo para as pessoas. E com tudo isso, eu achei que o meu leque de opções abriu muito.</p>	<p>3.1 - o sujeito vê a importância de experienciar em si mesmo e posteriormente repassar o que foi positivo para as pessoas; 3.2 - o sujeito reconhece que esta nova forma de ver o corpo ampliou seus horizontes de conhecimento;</p>
<p>4- eu comecei a ter uma concepção de corpo muito abrangente, não só no sentido daquela coisa de ter um corpo saudável, de não ter celulite, então, passei a ver o corpo de uma outra forma e a partir daí comecei a me aceitar melhor, e tento passar isso, a todas as pessoas que convivem comigo.</p>	<p>4.1 - o sujeito passou a ver corpo além da saúde e além de padrões estéticos; 4.2 - com esta nova visão, o sujeito passou a se aceitar melhor, tentando transmitir isso a todas as pessoas que o cercam;</p>
<p>5- trabalhando na minha tese de doutorado, com mulheres na menopausa, eu também comecei a perceber,(...) que visão cada uma tinha de corpo (...) realmente, esta coisa de malhar deixou de existir, e sim passou a existir a coisa de trabalhar o corpo para ter uma vida saudável, e isso eu acho que é um grande avanço, no sentido de que estas pessoas acabam tendo uma concepção de vida diferenciada e</p>	<p>5.1 - o sujeito percebeu, com seus estudos, que a questão do "malhar" deixou de existir; 5.2 - a concepção de corpo passou a ser o de existência; 5.3 - o sujeito prioriza trabalhar o corpo para viver melhor e reforça que este conceito deve ser expandido, através de suas alunas, para o</p>

realmente acabam levando esta diferenciação para o seu dia a dia, para os seus familiares, e assim uma coisa muito positiva.	cotidiano e para as pessoas da família;
6- uma coisa super-interessante, que quando eu trabalhei no meu mestrado, é a questão do corpo visando rendimento, é através de trabalho eraóbio, então muitas vezes, eu tive as mulheres meio assim mecanicistas, e isso, eu consegui passar, lógico, todos os benefícios, porque a partir do momento que elas faziam a prática da atividade física, elas sentiam todas as melhoras fisiológicas, mas naquela época, eu não tinha, assim, tanto a coisa da corporeidade, então não estava, assim, calaclada, essa coisa da corporeidade. E isso, eu só consegui ter essa visão a partir do momento que eu comecei a ter contato com diversas literaturas.	6.1 -antes, o sujeito trabalhava o corpo/objeto, visando ao rendimento, tendo um corpo mecânico, embora obtivesse resultados fisiológicos; 6.2 - antes, o sujeito não tinha a concepção de corporeidade incorporada; 6.3 - o sujeito reconhece a importância do corpo e consegue conceber corporeidade a partir do contato com novas literaturas;
7- nesse meu novo grupo, além de visar o trabalho aeróbio, eu também comecei a trabalhar com essa coisa de ser consciente do trabalho que se está desenvolvendo, e acho que consegui uma coisa que, eu acho que só o depoimento mesmo das minhas voluntárias, é que poderia estar complementando, em relação dos benefícios que elas tiveram em relação ao corpo, em relação à corporeidade, e isso eu tenho certeza que melhorou muito a qualidade de vida que elas têm.	7.1 - atualmente, prioriza repassar às pessoas que conceber corpo não se restringe ao condicionamento cárdio-vascular, mas se estende à consciência dos benefícios para o corpo; 7.2 - viver o corpo em sua plenitude propicia melhor qualidade de vida;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- vou dar um exemplo assim, bem, o objetivo da aula é o que está acontecendo na Universidade da Terceira Idade, que tipo de trabalho está sendo desenvolvido na Terceira Idade. Então, a partir desse tema, que é a aula, então, eu fui buscar o que se trabalha na Universidade da Terceira Idade, em relação ao corpo. E para minha surpresa, né, não estão trabalhando a coisa mecânica, mas sim, visando consciência corporal. E todos os trabalhos que eles desenvolvem é muito ligado à qualidade de vida que o individuo possa estar tendo.	1.1 - o sujeito define, na sua aula, eixos temáticos, procurando fazer relações com o corpo; 1.2 - para sua surpresa, na Universidade da Terceira Idade, o trabalho com o corpo não é mecânico, mas sim de consciência corporal e qualidade de vida; 1.3 - para o sujeito, o corpo é a mola mestra da busca da qualidade de vida;
2- porque eu não consigo mais ver, apesar do meu trabalho específico, ser adaptações cárdio-respiratórias na menopausa, eu não consigo ver a	2.1 - o sujeito não consegue ver o corpo de forma mecânica; 2.2 - o sujeito enxerga corpo como um todo;

<p>coisa mecânica mais, eu consigo somente enxergar de uma forma de um todo, passando para estas pessoas a coisa mesmo de voltar o corpo de uma maneira geral, visando uma consciência corporal.</p>	<p>2.3 - o sujeito, de forma geral, trabalha corpo visando à consciência corporal;</p>
<p>3- como a concepção durante o passar do tempo, como a gente vai mudando a concepção de vida (...) muitas vezes, a gente pega, trabalha com alunos que estão no final da adolescência, querendo a coisa do malhar mesmo (...) e por mais que eles gostem da coisa da malhação, eles já estão parando para pensar e estão vendo que a coisa tem que ser, pode até malhar, mas tem que se fazer também um trabalho, juntamente, andando, vamos dizer, paralelo para se chegar a uma convergência em relação a essa consciência corporal.</p>	<p>3.1 - para o sujeito, a concepção de corpo, de vida se altera a cada dia; 3.2 - a concepção de corpo como veículo de malhação foi substituída pelo corpo consciente; 3.3 - o sujeito percebe que seus alunos, em função da faixa etária, gostam de malhar, mas ao longo do tempo reconhecem que devem trabalhar paralelamente outras alternativas para que haja uma convergência em relação à consciência corporal;</p>

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 7

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo para o sujeito é tudo. (1.1)
- 2- Inicialmente, o sujeito pensou corpo como objeto, visando ao condicionamento físico, ao rendimento. (1.2; 2.1; 6.1; 6.2)
- 3- Corpo transcende a questão física. (1.3; 4.1; 5.1; 7.1)
- 4- Com novos estudos, a concepção de corpo, para o sujeito, se alterou, fazendo parte de sua própria história. (2.2; 2.3; 3.2; 4.2; 6.3)
- 5- Corpo, para o sujeito, é existência. (5.2)
- 6- O sujeito se preocupa em trabalhar o corpo em busca da qualidade de vida. (5.3; 7.2)
- 7- O sujeito prioriza transmitir o conceito de corporeidade para as pessoas. (3.1; 5.3; 7.1)

Embora, inicialmente, o sujeito tenha concebido o corpo como objeto, formado por um grupo de músculos de ações mecânicas em busca de rendimento e condicionamento físico, hoje esta questão meramente estrutural, física, muscular, regida por padrões estéticos, está superada. O sujeito entende corpo como tudo, como uma forma de existência.

A alteração do conceito em relação ao corpo se deve à ampliação dos estudos do sujeito e de sua experiência vivida, salientando que, pelo corpo, de forma consciente, é possível a busca da qualidade de vida não somente para si, mas para os outros. Dentro deste contexto, o sujeito passou a se aceitar melhor, preocupando-se em não guardar seus conhecimentos, mas transmiti-los a outras pessoas. Embora admita estas alterações, profissionalmente, enquanto pesquisador, sente uma barreira para incorporar estas reflexões, na medida em que pesquisa aspectos quantitativos que não admitem a subjetividade presente na pesquisa.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito prioriza, em suas aulas, questões relacionadas ao corpo. (1.1)
- 2- O sujeito acredita que o corpo é a mola mestra na busca da qualidade de vida. (1.3)

3- O sujeito percebe corpo como um todo. (2.2; 2.3)

4- A concepção de corpo vai além dos fatores mecânicos de rendimento. (2.1; 3.2; 3.3)

Na ação profissional, as questões relacionadas ao corpo, para o sujeito, são importantes. O corpo é um veículo que se altera diariamente, proporcionando a busca da qualidade de vida. O sujeito não vê o corpo fragmentado, mecânico, mas como um todo, o que significa que os aspectos mecânicos de rendimento, a "malhação", foram superados e a consciência corporal realçada.

SUJEITO 8**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1-corpo para mim, quer dizer, seria um corpo consciente, o que eu estou entendendo por corpo consciente? Pode ser muito subjetivo, corpo consciente. Estou entendendo corpo consciente algo que se estabeleça internamente e externamente, ou seja, nos aspectos psicológicos do indivíduo, quer dizer na sua relação interna, como sinto meu corpo, como se sente o corpo das pessoas.</p>	<p>1.1 - corpo, para o sujeito, é um corpo consciente; 1.2 - corpo consciente é algo que se estabelece tanto interna como externamente, ou seja, nos aspectos psicológicos da pessoa; 1.3 - corpo consciente está numa relação interna, como o indivíduo sente o seu corpo e o das pessoas;</p>
<p>2- eu não consigo compreender um corpo fragmentado, vamos supor um corpo onde de um lado está pensamento, a mente e de outro lado o aspecto físico. O corpo é um todo, não há separação, este corpo consciente.</p>	<p>2.1 - o sujeito não compreende corpo fragmentado; 2.2 - corpo é um todo, não há separação do corpo consciente;</p>
<p>3- nesse corpo consciente, quer dizer, o lado estético deste corpo é um lado que tem que ser compreendido que é estético, não é apenas a questão física, mas sim o corpo estético como aquele corpo com uma estética das relações existentes no interior de uma sociedade, pré-determinada e pré-consciente por esse próprio corpo. Eu estou entendendo o corpo mais ou menos nesta direção.</p>	<p>3.1 - o corpo pode ser compreendido como estético, e não apenas a questão física; 3.2 - corpo estético é aquele de relações existentes no interior de uma sociedade pré-determinada e pré-consciente;</p>
<p>4- o corpo hoje em dia é tratado muito mais como uma máquina do que como um corpo vivido, um corpo que experimenta ações, um corpo que deve saber dos seus limites, um corpo que estabelece no conjunto dessa sociedade. Não, mas atualmente percebemos que a sociedade de uma certa forma, a sociedade, principalmente os meios de comunicação colocam o corpo como bonito, um corpo esteticamente perfeito, no sentido estético de um corpo máquina, de músculos pré-determinados e músculos todos rígidos.</p>	<p>4.1 - atualmente o corpo é mais tratado como máquina do que como corpo vivido; 4.2 - o corpo atual não experiencia ações, não sabe seus limites, é estabelecido no conjunto da sociedade; 4.3 - a mídia coloca o corpo dentro de padrões estéticos perfeitos, corpo/máquina, corpo com músculos rígidos e pré-determinados;</p>
<p>5- então, quer dizer, eu estou colocando um contraponto a isto, eu estou entendendo um corpo, como algo muito mais abrangente, com muito mais significado, onde se busca um interiorização da própria consciência corporal, através de atividades corporais, e este corpo vivido externamente, que é um corpo que é integrado na sociedade</p>	<p>5.1 - corpo, para o sujeito, é muito mais abrangente; 5.2 - corpo tem um significado, busca-se a interiorização da própria consciência corporal através de atividades corporais; 5.3 - o corpo vivido externamente está integrado na sociedade</p>

contemporânea.	contemporânea;
----------------	----------------

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- se nós temos essa compreensão de corpo como um todo, durante a ação profissional não tem como separar muito, embora que nós venhamos a, principalmente a disciplina de teorias da Educação Física, que na verdade é uma disciplina que vai discutir as questões um pouco mais teóricas, um pouco mais conceituais do que é Educação Física,	1.1 - na ação profissional, a compreensão é que o corpo é um todo;
2-falar de Educação Física, obrigatoriamente eu tenho que falar sobre corpo, quer dizer, não dá para fazer esta dissociação, embora que eu na disciplina, na graduação, eu percorra vários caminhos, com várias possibilidades de compreender o corpo de forma diferente, é, nós trabalhamos numa destas abordagens, nós trabalhamos com a corporeidade e aonde conseguimos não só pessoalmente, enquanto ação profissional, enquanto a passagem para os nossos alunos, e como eles devem compreender o corpo do nascimento à terceira idade, quer dizer, na verdade, é um corpo único.	2.1 - o sujeito, ao falar de Educação Física, necessariamente fala de corpo; 2.2 - o sujeito trabalha com a corporeidade, discutindo com os alunos este fenômeno desde o nascimento até a terceira idade; 2.3 - corpo, para o sujeito, é único;
3- a construção desse corpo, é desse corpo consciente, que anteriormente eu falei, deve ser feito no decorrer de todo o processo educativo no interior da escola ou fora da escola, que também é um processo educativo, seja em academia, seja em qualquer outro lugar.	3.1 - a construção do conceito de corpo consciente deve ser feita no decorrer de todo o processo educativo, quer seja no interior da escola, quer fora dela, como a academia e outros lugares;
4- trabalho nesta perspectiva com os alunos, como eles devem trabalhar a questão do corpo, na busca desse corpo vivido, esse corpo consciente, onde as pessoas devem fazer o maior número possível de atividades corporais, não preconizando a performance corporal, de forma alguma, e sim a experiência do movimento, não só pelo movimento, a experiência do movimento na sua ação social e na sua ação de seu interior.	4.1 - o sujeito trabalha com os alunos a busca do corpo vivido, o corpo consciente; 4.2 - o corpo deve fazer o maior número de atividades não priorizando a performance e sim a experiência do movimento; 4.3 - a experiência do movimento deve estar alicerçada na ação social e na ação do seu interior;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 8

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, é um corpo consciente, que se explicita como o indivíduo sente o seu corpo e o das pessoas. (1.1; 1.2; 1.3)
- 2- Corpo, para o sujeito, é um todo. (2.1; 2.2)
- 3- A concepção de corpo está além das questões estéticas, físicas, ela é mais abrangente. (3.1; 5.1)
- 4- A sociedade desconsidera o corpo vivido e valoriza o corpo máquina, perfeito. (4.1; 4.2; 4.3)
- 5- A experiência vivida no corpo significa a própria pessoa. (5.2; 5.2)

Corpo, para o sujeito, é um corpo consciente que está numa relação interna e externa, explicitando como o indivíduo sente o seu corpo e o das pessoas. O sujeito percebe o corpo como um todo, como algo mais abrangente que vai além de questões estéticas, físicas.

A experiência vivida no corpo representa a própria pessoa, porém, em geral, a sociedade desconsidera este aspecto, valorizando o corpo máquina, o corpo perfeito com músculos rígidos e pré-determinados.

2ª PERGUNTA

- 1- Na ação profissional, o sujeito compreende o corpo como um todo. (1.1; 2.3; 4.1; 4.3)
- 2- O sujeito vê relação direta das questões relacionadas ao corpo e à Educação Física em qualquer faixa etária. (2.1; 2.2)
- 3- O sujeito acredita que o conceito de corpo consciente deve ocorrer em todo o processo educativo, independente do local e da forma de atuação. (3.1; 4.2)

Na ação profissional, a compreensão do corpo é como um todo. Quando o sujeito fala na Educação Física, necessariamente fala de corpo em todas as faixas etárias.

O sujeito acredita que o conceito de corpo consciente deve ocorrer em todo o processo educativo, quer seja no interior da escola, quer na academia, ou em outro lugar, valorizando principalmente a experiência do movimento alicerçada na ação social.

SUJEITO 9**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1-é uma questão muito complexa, mas acho que tem pelo menos uma dimensão para mim muito presente, na verdade são duas dimensões que eu entendo a questão do corpo, uma delas é uma dimensão histórica, que é muito em função do que eu tenho refletido, na verdade a idéia de corpo é uma idéia construída socialmente, é uma idéia que a gente vai elaborando com as nossas experiências, né, e que tem muito a ver com toda uma tradição que é de certa forma assumida.</p>	<p>1.1 - a questão do corpo é muito complexa; 1.2 - o corpo pode ser compreendido sob duas dimensões; uma é a histórica; 1.3 - a idéia de corpo, tradicionalmente é construída socialmente, sendo elaborada com as próprias experiências;</p>
<p>2- eu acho que, na realidade, não há uma leitura única de corpo, há várias leituras assim do corpo que a gente pode fazer a partir de toda uma história social, cultural, que de certa forma, define a minha relação com os outros e a minha maneira de ser.</p>	<p>2.1 - para o sujeito, não há uma leitura única de corpo, são várias as leituras; 2.2 - pode-se fazer uma leitura a partir da história social, cultural, da forma de ser do sujeito e das suas relações com os outros;</p>
<p>3- outra conotação que é uma questão mais, eu diria assim, que não deixa de sofrer influências por estas questões sociais e culturais, mas que tem uma conotação mais individual. Que aí diz respeito, no meu modo de ver, mais às questões dos sentidos que estão presentes nesta relação do homem, com o outro homem e com o meio.</p>	<p>3.1 - o corpo pode ser visto de forma mais individual, através dos sentidos que estão presentes na relação do homem com o outro homem e com o meio;</p>
<p>4- o corpo é também uma maneira de se colocar e uma forma de estar, e o estar com relação aos outros e com relação ao meio, e aí são questões mais individuais no sentido de que elas permitem que cada pessoa individualmente perceba de forma diferenciada as suas interações, as suas interações com outros indivíduos e com o meio ambiente de uma forma geral.</p>	<p>4.1 - corpo é uma maneira de se colocar e de estar com relação aos outros, ao meio; 4.2 - a maneira de ser do corpo tem questões individuais permitindo que os indivíduos percebam diferentemente as suas interações com outros indivíduos e com o meio ambiente;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- eu trabalho uma disciplina, em tese, muito "teórica (...) o envolvimento corporal do aluno, do estudante de Educação Física era relegado para um segundo plano. Há o envolvimento, lógico, com a leitura, com a</p>	<p>1.1 - o sujeito trabalha com uma disciplina teórica e se preocupa porque o aluno prefere disciplinas que tenham participação mais ativa de execução de movimentos;</p>
---	---

<p>discussão, mas o aluno normalmente ele quer, ele prioriza aquelas disciplinas, inclusive, que têm uma participação mais ativa no sentido de executar determinado movimento.</p>	<p>1.2 - o sujeito enfatiza que o movimento na aprendizagem é mais significativo;</p>
<p>2-eu, na disciplina de História, percebendo isso e entendendo que esta relação corporal, neste sentido de execução de determinadas coisas era importante para a própria assimilação do conteúdo que eu estava querendo desenvolver, eu comecei a trabalhar, nas aulas de História, com as atividades que eles pudessem participar conjuntamente e, digamos assim, ativamente. Eles realizavam também movimentos e daí partiam para fazer a discussão em cima desses movimentos.</p>	<p>2.1 - percebendo que a execução prática, para assimilação do conteúdo da disciplina, era importante no cotidiano da aula, passou a realizar atividades corporais e depois discutir, na teoria, esta experiência; 2.2 - a aprendizagem, para o sujeito, é corporal;</p>
<p>3- para mim, a idéia do que eu tenho, principalmente, com relação ao corpo, é que muito desse nosso conhecimento ele passa, quer dizer que é possível uma pessoa conhecer, passa inevitavelmente pela questão destes sentidos e desse fazer corporal. Viver corporalmente, como uma maneira de você aprender as relações que se estabelecem, seja ela diretamente, minha diretamente com o outro, com a outra pessoa que está ali, ou mesmo com relação ao texto, com relação a uma teoria.</p>	<p>3.1 - para o sujeito, muito do conhecimento sobre corpo passa pelos sentidos e pelo fazer corporal; 3.2 - viver corporalmente é você apreender as coisas que se estabelecem, seja com o outro, seja com o texto, ou com uma teoria;</p>

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 9

1ª PERGUNTA

- 1- O sujeito coloca que a questão do corpo é complexa e que ele pode ser visto a partir de várias leituras. (1.1; 2.1; 2.2)
- 2- A idéia de corpo, tradicionalmente, pode ser construída socialmente, dentro das próprias experiências do indivíduo. (1.3)
- 3- O corpo pode ser compreendido pela dimensão histórica. (1.2)
- 4- O corpo pode ser visto de forma individual, através dos sentidos, presentes na relação do homem consigo mesmo, com o outro e com o mundo. (3.1; 4.1; 4.2)

A questão do corpo é muito complexa, podendo ele ser visto a partir de várias leituras, a histórica, a social, a cultural, sendo a forma de ser do sujeito ou das suas relações com os outros. Corpo é a maneira de ser com relação a si, aos outros e ao meio.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito percebe que as disciplinas que utilizam o corpo ativamente na relação ensino-aprendizagem são apreendidas, de modo melhor pelos alunos. (1.1; 1.2; 2.1)
- 2- O sujeito acredita que a aprendizagem é corporal. (2.2; 3.1; 3.2)

O sujeito percebe que as disciplinas que têm participação mais ativa de execução de movimentos são assimiladas, de maneira melhor, pelos alunos. Acredita que a aprendizagem é corporal, estabelecendo relações com o outro, com a teoria, sendo o movimento, no contexto da aprendizagem, mais significativo.

SUJEITO 10**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1- corpo! É a forma de existência do homem, é através disso, do corpo, que o homem vive, que ele transforma a natureza, que ele produz cultura, é em função disso e também para isso. Então seria uma relação dialética, eu através do meu corpo eu me identifico e identifico o outro e o outro também nesse sentido me identifica.</p>	<p>1.1 - corpo é a forma de existência do homem; 1.2 - é através do corpo que o homem transforma a natureza e produz cultura; 1.3 - o corpo existe para transformar e produzir cultura; 1.4 - o corpo estabelece uma relação dialética de identidade consigo mesmo e de identificação com o outro e vice-versa;</p>
<p>2- ainda que a gente faça algumas divisões para estar estudando o corpo, eu não vejo ele como uma coisa dividida.</p>	<p>2.1 - as teorias tendem a fragmentar o estudo do corpo; 2.2 - o sujeito não vê o corpo como dividido;</p>
<p>3- entender o corpo da maneira mais ampla possível. Que é o corpo, que ele é sensível, inteligível, móvel, imóvel, imóvel no sentido de que movimento para mim não é só aquilo que a gente vê, que existe um movimento corporal, também, que ele é o não visível.</p>	<p>3.1 - o sujeito entende o corpo de maneira ampla; 3.2 - o corpo é sensível, inteligível, móvel, imóvel; 3.3 - corpo não é só aquilo que a gente vê, pois existe um movimento corporal invisível;</p>
<p>4- o corpo é aquilo que eu sou.</p>	<p>4.1 - o corpo é o que o sujeito é;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- o que eu procuro exatamente é tentar mostrar para os meus alunos, exatamente isso, nós não temos, nós somos.</p>	<p>1.1 - o sujeito mostra aos alunos que não temos um corpo, somos um corpo;</p>
<p>2- identificar dentro desta sociedade que ela também acaba, de alguma maneira, me determinando, mostrar que nós também a determinamos ou seja, a minha visão de corpo, ela implica numa visão de homem, de sociedade, de mundo que de uma certa forma que eu capto isso nessa sociedade que eu vivo.</p>	<p>2.1 - o sujeito ressalta que tanto a sociedade determina o homem, como o homem determina a sociedade; 2.2. - a visão de corpo implica numa visão de homem, de sociedade e de mundo; 2.3 - a visão de corpo está inserida na sociedade em que se vive;</p>
<p>3- então, a gente procura fazer exatamente isso, discutir esses</p>	<p>3.1 - o sujeito procura discutir os preconceitos em relação aos corpos</p>

tipos de corpos, discutir os preconceitos com relação aos corpos.	inseridos na sociedade;
4- a questão do trabalho com o corpo, na Educação Física, vem primeiro de eu perceber o corpo que eu sou, muitas atividades de percepção, sensibilização. Depois, o corpo que eu sou em determinada sociedade, quais os preconceitos que a gente sofre, qual o tipo de trabalho. Como estabelecer esta dinâmica de trabalho na ação deste profissional, então, ele enquanto aluno meu, ele tem uma vivência, que ele vai mudar depois de polo, ou seja, ele vai propiciar vivência para os outros, para a gente entender estas relações.	<p>4.1 - no trabalho com o corpo, na Educação Física, o sujeito inicialmente prioriza perceber o corpo que é, a partir das atividades de percepção e sensibilização;</p> <p>4.2 - depois, que o sujeito percebe o que é em determinada sociedade e os preconceitos presentes nela.</p> <p>4.3 - o sujeito salienta, dinamicamente, na ação profissional, como estabelecer as relações entre perceber o corpo que é e o corpo que é em determinada sociedade;</p>
5- enquanto eu estou vivenciando alguma coisa e quando eu vou propor que alguém vivencie, então o respeito ao meu corpo e o respeito ao corpo do outro.	5.1 - na ação profissional, é importante o respeito ao corpo que se é e o corpo do outro;
6- eu acredito que uma coisa que é interessante que é a minha história de vida, né, a gente trabalha, que é uma questão que eu não sei te colocar bem, que é a tal da consciência corporal (...) mas eu não vejo a consciência corporal como algo só do corpo, muita gente fala isso, ah, consciência corporal é descobrir o próprio corpo, eu não, eu vejo primeiro que consciência é uma coisa mais ampla e neste sentido eu também amplio a minha concepção de corpo que eu não vou restringir a esta coisa física que você está vendo aqui agora, que aqui tem muita coisa que foi colocada que de alguma forma ela parece, mas que isso vem determinado neste momento histórico que eu vivo, nesta sociedade e que se fosse em outra eu teria outras questões para estar trabalhando nesse corpo.	<p>6.1 - a história de vida do sujeito é importante e está associada à consciência corporal;</p> <p>6.2 - a consciência corporal vai além do descobrir o próprio corpo, é uma coisa mais ampla;</p> <p>6.3 - a concepção de corpo não se relaciona com alguma coisa física que pode ser vista em um determinado momento;</p> <p>6.4 - o corpo está relacionado com a história de vida do sujeito e com a sociedade em que vive;</p>
7- eu procuro fazer isso no meu trabalho, ampliar esta visão de consciência corporal, não reduzindo a só esta coisa material que eu tenho aqui. Então acho que a gente precisa ampliar, melhor discutir a questão da consciência e do corpo.	<p>7.1 - o sujeito, na ação profissional, procura ampliar a visão de consciência corporal;</p> <p>7.2 - a consciência corporal não se resume ao material visível momentaneamente;</p> <p>7.3 - o sujeito sugere que seja ampliada a concepção de consciência e de corpo;</p>

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 10

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo é a forma de existência do homem. (1.1)
- 2- O corpo é o instrumento de transformação da natureza e produtor de cultura. (1.2; 1.3)
- 3- Corpo é, ao mesmo tempo, uma forma de identidade consigo mesmo e com o outro. (1.4)
- 4- O corpo é um todo e deve ser visto de maneira ampla. (2.2; 3.1)
- 5- O sujeito é o corpo, sensível, inteligível, móvel ou imóvel. (3.2; 3.3; 4.1)

O sujeito entende corpo como uma forma de existência do homem, que estabelece uma relação dialética de identidade consigo mesmo, com o outro e vice-versa. Esta existência gera transformações da natureza ou produção de cultura.

Embora os estudos tentem fragmentar o corpo, ele representa o sujeito de uma forma total, seja ela sensível, inteligível, móvel, imóvel, enfim, corpo é um todo visto de maneira ampla. Corpo é o sujeito.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito mostra aos alunos que não temos corpo, somos corpo. (1.1; 4.1)
- 2- A visão de corpo implica numa visão de homem, de sociedade e de mundo. (2.1; 2.2; 2.3; 4.2)
- 3- O sujeito enfatiza, profissionalmente, estabelecer relações entre perceber o corpo que é e o corpo que é em determinada sociedade. (4.3)
- 4- Na ação profissional, é importante o respeito ao corpo que se é e ao corpo do outro. (5.1)
- 5- O corpo está relacionado à história de vida do sujeito e à sociedade em que vive. (6.1; 6.4)
- 6- O corpo é uma coisa mais ampla do que o físico que pode ser visto. (6.2; 6.3; 7.1; 7.2)

O sujeito mostra aos alunos que não temos um corpo, somos um corpo, tanto que olhar o corpo somente pela lente da estrutura física está superado. Corpo necessariamente congrega a visão de homem, de sociedade e de mundo.

O sujeito enfatiza que há diferenças entre ser em uma determinada sociedade e em outra, admitindo que a sociedade em que se vive molda a existência do corpo, tanto quanto o homem molda a existência da sociedade. Para o sujeito, a história de vida é importante e está relacionada com a consciência corporal que coloca o corpo como uma coisa mais ampla, porém recebendo influências da sociedade.

Na ação profissional, o sujeito prioriza conhecer o corpo que é, salientando a importância do respeito a si próprio e ao outro, tanto que discute preconceitos em relação ao corpo inseridos dentro na sociedade.

Para o sujeito, a história de vida é importante e está relacionada à consciência corporal que coloca o corpo como uma coisa mais ampla.

SUJEITO 11**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1 corpo! Vamos definir o corpo como sendo um meio onde a gente interage com todo meio ambiente, um meio onde a gente vem aprender o que se passa das funções sociais, morais, intelectuais e o corpo como meio de interação.</p>	<p>1.1 - corpo, para o sujeito, é um meio onde se interage com todo meio ambiente;</p> <p>1.2 - é um meio onde se aprende o que se passa das funções sociais, morais, intelectuais;</p> <p>1.3 - o corpo é um meio de interação;</p>
<p>2- o corpo, como uma maneira de interação, um instrumento, também é um instrumento de trabalho, é um instrumento de percepção, instrumento onde a gente possa é, ajudar as pessoas no sentido, no sentido de que venha a usar o corpo da melhor maneira possível.</p>	<p>2.1 - o corpo como interação é um instrumento;</p> <p>2.2 - é um instrumento de trabalho;</p> <p>2.3 - é um instrumento de percepção;</p> <p>2.4 - é um instrumento de ajuda às pessoas de como viver melhor;</p>
<p>3- atualmente a gente sabe que o corpo como sendo um meio de interação no mundo, ele está sendo um pouco, vamos dizer assim, desprezado, hostilizado até pelo sistema social em que a gente vive, o sistema capitalista, que vai desvirtuar as funções normais do corpo para determinadas funções do próprio sistema, que é o sistema capitalista,</p>	<p>3.1 - no mundo atual, o corpo vem sendo desprezado, hostilizado pelo sistema social capitalista;</p> <p>3.2 - o corpo se molda ao sistema capitalista;</p>
<p>4- a gente teria que ter a consciência de pegar esse corpo, seria o papel da própria Educação Física, pegar esse corpo e tentar retomá-lo dentro das funções normais, das funções do próprio desenvolvimento harmônico.</p>	<p>4.1 - a Educação Física deve pegar o corpo e retomá-lo dentro de funções normais;</p> <p>4.2 - as funções normais se referem ao desenvolvimento harmônico do corpo;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- o corpo seria, na ação, seria uma maneira mesmo de o sentir, tentar resgatar para a sociedade um homem com os valores, valores do próprio corpo, seria valores de manutenção, de aptidão e manutenção da saúde, tentar conscientizá-lo da função do próprio corpo, enquanto maneira de ajuda das pessoas.</p>	<p>1.1 - corpo é uma maneira de sentir;</p> <p>1.2 - corpo é uma forma de resgatar, para a sociedade, um homem com valores próprios do corpo, como manutenção da saúde e aptidão;</p> <p>1.3 - o sujeito tenta, na ação, conscientizar as pessoas a ajudar outros</p>
---	---

	através do próprio corpo;
2- as pessoas nem ligam para o corpo, nem olham para o corpo, nem vê o próprio corpo. Então, a gente, para mim eu acho, que enquanto eu atuava sendo professor de ginástica, então o meu discurso era uma conscientização corporal para que eu pudesse utilizar o corpo da melhor maneira possível para como assim, como meio de interagir, eu acho que vou tentar repetir isso.	2.1 - de modo geral, as pessoas não ligam e nem olham para o corpo 2.2 - o sujeito, ao atuar como professor de ginástica, discursava a necessidade da consciência corporal como forma de melhor aproveitar o corpo como meio de interação;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 11

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, é um meio de interação com todo meio ambiente. (1.1; 1.2; 1.3)
- 2- Corpo, como meio de interação, é um instrumento com várias funções . (2.1; 2.2; 2.3; 2.4)
- 3- No mundo capitalista o corpo é hostilizado e desprezado.(3.1; 3.2)
- 4- A Educação Física, ao trabalhar corpo, deve proporcionar um desenvolvimento harmônico. (4.1; 4.2)

O sujeito vê corpo como uma possibilidade de interação com todo meio ambiente, seja ele social, moral ou intelectual e, ao mesmo tempo, coloca o corpo como um instrumento que possui várias funções, quer seja de trabalho, de percepção ou de auxílio às pessoas de como viver melhor.

O sujeito acredita que, a partir do corpo, é possível ajudar o outro, formando a interação com o meio ambiente. Nas relações que o corpo estabelece com o mundo, ele se molda aos padrões que a sociedade coloca.

O sujeito aponta que a Educação Física, ao trabalhar corpo, pode proporcionar um desenvolvimento harmônico dele, o que significa o retorno às suas funções normais.

2ª PERGUNTA

- 1- Corpo é uma maneira de sentir. (1.1)
- 2- Corpo é uma forma de resgate do homem para a sociedade. (1.2)
- 3- O sujeito tenta, na ação, conscientizar as pessoas a ajudar o outro através do corpo. (1.3)
- 4- Corpo é um meio de interação. (2.2)

Na ação profissional, o corpo, para o sujeito, é a maneira de sentir e uma forma de garantir o resgate do homem para a sociedade. Neste resgate, o homem apresenta valores próprios do corpo, de manutenção da saúde ou de aptidão.

O sujeito salienta que o corpo consciente é um instrumento de ajuda ao outro, garantindo inicialmente a manutenção do seu próprio corpo. Ele ainda se incomoda com a falta de atenção dada ao corpo, tanto que diz: *“As pessoas nem ligam para o corpo, nem olham o corpo, não vê o próprio corpo.* O sujeito entende corpo como um meio de interação.

SUJEITO 12

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1- eu vejo o corpo de uma forma biológica, constituído de células, sistemas que nos mantêm vivos, e vejo o corpo com uma amplitude muito maior do que eu imaginava a um tempo atrás.</p>	<p>1.1 - corpo é biológico constituído de células, sistemas que nos mantêm vivos; 1.2 - corpo é uma amplitude maior do que a que imaginava a tempos atrás;</p>
<p>2- a gente é formado a partir de um corpo, que não é o corpo que a gente vive. A gente tem sempre aquela intenção de ver corpo de uma forma é, ou está recebendo alguma informação, algum carinho, alguma coisa ou está passando uma informação.</p>	<p>2.1 - somos formados a partir de um corpo; 2.2 - a formação do corpo é diferente daquela em que a gente vive; 2.3 - tendencialmente ele aparece como uma forma de receber ou enviar alguma informação;</p>
<p>3- a gente se esquece de perceber que ele é o nosso meio de contato a todo momento, com todas as coisas, com todo o referencial que a gente tem.</p>	<p>3.1 - o corpo é nosso meio de contato a todo momento; 3.2 - corpo é o referencial que a gente tem;</p>
<p>4- ele vai te dar um referencial de todas as questões que a gente tem em termos de relacionamento, né. Vamos lá: social, filosófico, sentido de vida, é o que eu sinto, eu me expesso através do corpo, né. Eu acho que principalmente eu penso em trabalhar com o corpo, é que talvez a minha vertente do corpo hoje, corpo sou eu, não importa em que momento eu esteja trabalhando.</p>	<p>4.1 - corpo é um referencial para todos os relacionamentos que possam ser estabelecidos, social, filosófico, sentido da vida; 4.2 - o sujeito se expressa pelo corpo; 4.3 - o sujeito afirma que corpo é ele, independente do momento em que esteja; 4.4 - o sujeito pensa em trabalhar com o corpo;</p>
<p>5- as experiências positivas e negativas, vão conseguindo transformar essa minha, não vou falar corporeidade, porque senão puxo muito a sardinha para o seu trabalho. Vai me dar um referencial sobre como eu faço, como eu ajo, como eu estou agindo, como eu sou, como eu era, como eu vou ficar daqui um tempo.</p>	<p>5.1 - as experiências vividas dão o mote da corporeidade do sujeito; 5.2- corpo é referência para o sujeito de como agir, como ser, como estar daqui a algum tempo; 5.3 - o sujeito se preocupa com a impressão que se tem dele;</p>
<p>6- eu vejo o corpo como um, podia colocar, um estado em transformação e é um estado hoje, mas está em constante transformação.</p>	<p>6.1 - o corpo é um estado em constante transformação;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1-ai tem a ver um pouquinho com a transformação, inclusive, das minhas disciplinas. Isso que eu estava falando: corpo anterior, corpo atual.</p>	<p>1.1. - o sujeito faz relações entre o antes e o depois de suas disciplinas com os itens anteriores;</p>
<p>2- eu ministro aulas de Aprendizagem Motora muito em cima da linha cognitivista, a linha do processamento de informações, e aí você tem o que? Corpo ou recebendo ou passando informação, só que não interpretando o que ele é naquele momento (...) exige uma resposta, talvez uma resposta padronizada (...), você só vê como veículo de entrada e saída de informação. Às vezes, nem ele, o Sistema Nervoso Central só, que é um componente dele. Por exemplo, as questões emocionais são esquecidas. Na minha formação foi esquecida, comecei a trabalhar esquecendo desta questão, é a própria questão social mesmo.</p>	<p>2.1 - o sujeito trabalha, entre outras disciplinas, na área da Aprendizagem Motora, e nessa ação o sujeito percebe o corpo que recebe ou passa informações;</p> <p>2.2 - nesta vertente o corpo não interpreta o que ele é;</p> <p>2.3 - o corpo é veículo de entrada e saída de informações;</p> <p>2.4 - há um esquecimento das questões emocionais;</p> <p>2.5 - na formação do sujeito, as questões emocional e social também foram esquecidas;</p> <p>2.6 - o sujeito, no início de sua ação profissional, também se esqueceu das questões emocionais e sociais;</p>
<p>3 - a gente trabalhava e trabalha, algumas pessoas, na Aprendizagem Motora como uma coisa bem padronizada, todos reagem da mesma forma e atualmente as novas teorias que estão surgindo, mostrando um pouco mais esta complexidade do ser humano, esta análise de vários fatores no mesmo momento da prática, acho que está transformando um pouco a minha disciplina com esta nova perspectiva.</p>	<p>3.1 - esta área tende a padronizar as pessoas, crendo que todos reagem da mesma forma;</p> <p>3.2 - o sujeito, em função de novas teorias que estão surgindo, discutindo a complexidade do ser humano, está mudando sua atitude frente a esta disciplina;</p>
<p>4 - eu tenho um aluno não só respondendo cognitivamente ou motoramente, ou afetivamente, eu tenho um, ele como um todo a todo momento e quando eu vou passar, vou ministrar uma aula, eu vou ensinar alguma coisa para uma pessoa aprender o movimento, eu tenho que levar em consideração essa complexidade do que está sendo vivenciado pela pessoa.</p>	<p>4.1 - embora a disciplina tenha uma conotação cognitiva, o sujeito entende que o aluno é um todo;</p> <p>4.2 - o indivíduo é um todo a todo momento;</p> <p>4.3 - o sujeito, na ação profissional, considera a complexidade que a pessoa é e a vivência dela;</p>
<p>5- você falar emocionalmente (...) São coisas que não dá para gente descartar, passando por uma entrevista ou outro detalhe.</p>	<p>5.1 - o sujeito reforça que é um todo, independente do momento que está vivendo;</p>

<p>6- não dá para eu analisar o desenvolvimento motor da criança no momento estaque da vida dela, sem levar em consideração onde ela vive, qual a influência dos pais, que escola ela está, qual a relação social do meio que ela está vivendo, e a gente fazia isso um pouco na teoria do Desenvolvimento. Olhava o aspecto motor simplesmente e não relacionava ele com nenhuma outra variável, então vejo que aquela concepção de corpo que eu tinha, na minha formação, ainda fazia parte das pesquisas do meu dia a dia na sala de aula e hoje está mudando, só que a mudança tem um monte de resistências. Você tem resistência de todos os lados (...) Você começar a falar de algo que não é muito maleável, que não é muito medido, as pessoas começam: dá resultado?</p>	<p>6.1 - o sujeito está vivenciando um momento de crise, que o leva a mudanças de atitude em relação à concepção de corpo, diferente da recebida em sua formação;</p> <p>6.2 - o sujeito ressalta que o desenvolvimento motor da criança não pode ser analisado de forma estaque;</p> <p>6.3 - ao se olhar para a criança, como profissional, deve-se considerar onde ela vive, qual a influência dos pais, da escola e que relações sociais se estabelecem;</p> <p>6.4 - o sujeito reforça que a visão só para o desenvolvimento desconsidera a concepção de corpo unitário;</p> <p>6.5 - o sujeito salienta que embora perceba, na sua ação, a necessidade de mudanças, encontra resistências a elas;</p> <p>6.6 - as resistências ocorrem porque, entender corpo em sua complexidade, não pode ser medido quantitativamente;</p>
<p>7- eu vejo que a gente só vai conseguir avançar nesta questão de identificar o que é o corpo, a partir do momento que a gente começar a trabalhar e por em prática isso.</p>	<p>7.1 - avançar na identificação do que é corpo significa trabalhar e colocar em prática esta questão;</p>
<p>8- e quanto à Natação, eu acho que é uma disciplina que é mais prática do que as outras duas (...) Você pega pessoas com diferentes níveis de aprendizagem por exemplo da natação ou do contato com a água, que todas as estratégias de ensino não resolvem o problema da pessoa, talvez melhore o desempenho momentâneo (...) Que aprendizagem é essa? É só uma caracterização do corpo executando algum gesto? Ou a pessoa vai estar entendendo como ela vai estar executando o movimento e vai poder executar isso em qualquer momento da vida dela? Então, acho que aquela concepção de corpo que eu tinha no começo tem muito a ver com as estruturas de ensino destas disciplinas.</p>	<p>8.1 - o sujeito chama a atenção para a questão da aprendizagem; muitas vezes a teoria não se encaixa na prática, porque estamos lidando com pessoas diferentes;</p> <p>8.2 - para o sujeito, a aprendizagem não é só execução do gesto motor pelo corpo, mas a pessoa que executa o gesto;</p> <p>8.3 - o entendimento do que a pessoa é, enquanto corpo, reflete mudanças ocorridas com o sujeito desde a sua formação;</p>
<p>9- só que a transformação é algo de convencimento, estou chegando a esta conclusão. Alguns alunos falam: Não! Isso é besteira. Eu tenho que fazer isso, tantos dias da semana, por tanto tempo que eu vou chegar a</p>	<p>9.1 - a transformação da concepção de corpo, como ser a pessoa, precisa ainda ser assimilada pelas outras pessoas, como os alunos;</p> <p>9.2 - o sujeito não considera que o corpo deva ser tratado de forma</p>

um resultado final. E a gente fala, nem sempre, não é tão linear a coisa	linear, na relação de causa e efeito;
10- eu acho que uma das coisas que eu também estou pegando bastante na minha formação e na execução do meu trabalho é (...) não adianta nada você falar de um mito, teoricamente, se você não mudar a ação no dia a dia. Eu acho que esse é o ponto que a gente tem que por como meta para ir buscar algo novo para a Educação Física	10.1 - o sujeito acredita que, na sua ação, não basta falar de um mito teórico, é preciso mudar a atitude do dia a dia; 10.2 - o ponto de partida é superar o discurso do mito teórico e buscar algo novo para a Educação Física;
11- eu fiz uma entrevista a pouco tempo com professores e alunos, quando é que eles lembravam que tinham pernas, por exemplo, ou pé, (...) sempre quando tem dor. A resposta na hora foi: Ah! Eu lembro quando dói (...), mas é uma questão da dicotomia, eles lembram sempre que a mão é importante, que a gente tem que pensar, então a cabeça é algo. Ah! Eu lembro sempre que estou trabalhando com a cabeça cognitivamente, né. Mas, por exemplo, ninguém sente o coração dele bater, né, por exemplo. Eles não entendem, por exemplo, o que é transpiração dentro de uma aula de Educação Física. Eles não conhecem nem a biologia do que provoca, do que é, (...). Eu fiz isso para tentar ver exatamente estas modificações e é incrível como as pessoas vêm para você com os sentimentos sem estar relacionados com a emoção e, às vezes, a emoção sem estar relacionado com os sentimentos, são coisas que conceitos sem saber que é o conceito, um mascarando o outro.	11.1 - o sujeito, ao executar uma pesquisa, percebeu que o corpo para a maioria das pessoas é dicotômico; 11.2 - as pessoas não entendem o corpo como unitário e só se lembram dele quando têm dor; 11.3 - a dor é sinônimo de que se tem corpo; 11.4 - o sujeito defende que, para ser corpo, é preciso ir além das questões de dor e se envolver com emoções, sentimentos; 11.5 - nesta visão há uma valorização das partes utilitárias do corpo, como mão ou cabeça, pela maioria das pessoas;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 12

1ª PERGUNTA

- 1- Inicialmente, corpo para o sujeito era um sistema biológico constituído de células que nos mantém vivos. (1.1; 1.2)
- 2- Para o sujeito, somos formados a partir do corpo. (2.1)
- 3- Corpo é o contato com o meio, levando ou trazendo informações. (2.3; 3.1)
- 4- Corpo é nossa referência em todos os nossos relacionamentos. (3.2; 4.1; 5.2)
- 5- O sujeito se expressa pelo corpo. (4.2)
- 6- O sujeito é corpo, independente do momento em que esteja. (4.3; 5.1)
- 7- Corpo é um estado em transformação. (6.1)

Inicialmente, corpo para o sujeito era um sistema biológico constituído de células para manter a vida. Hoje, ele entende corpo como referência da formação do indivíduo, ampliando a sua concepção anterior. Corpo pode ser encarado como um veículo em constante contato com o meio, que tem como função levar ou trazer informações.

Corpo é o sujeito que se expressa e se relaciona socialmente, filosoficamente, intencionalmente, independente do momento em que esteja, estabelecendo um constante estado de transformação. As experiências vividas no corpo são, para o sujeito, a referência dos relacionamentos, de como agir, como ser, como estar hoje ou daqui a algum tempo.

2ª PERGUNTA

- 1- Em função de sua formação, inicialmente o sujeito tem ações mecanicistas, mas ao longo dos anos esta concepção de corpo foi se alterando. (1.1; 2. 5; 2.6; 6.1; 8.3)
- 2- Dependendo da disciplina em que o sujeito trabalha o conceito de corpo, dentro da literatura, este conceito se altera. (2.1; 2.2; 3.2)
- 3- O corpo para alguns e em algumas disciplinas é considerado padronizado, sendo um veículo de entrada e saída de informações, desprovido de outras dimensões. (2.3; 2.4; 3.1; 6.4; 11.1)

- 4- O sujeito defende a concepção de corpo como um todo. (4.1; 4.2; 5.1; 8.2; 11.4; 11.5)
- 5- O sujeito reconhece que o ser humano é complexo e não pode ser analisado com simplicidade. (4.3; 6.2; 6.3; 8.1)
- 6- Reconhecer o corpo como complexo tem rejeições. (6.5; 6.6; 9.1)
- 7- O sujeito entende que o corpo não pode ser tratado de forma linear, como causa e efeito. (9.2)
- 8- O sujeito salienta a importância de alterar a concepção de corpo na ação profissional e cotidiana. (10.1; 10.2)
- 9- As pessoas só lembram que têm corpo quando sentem. (11.2; 11.3)

O sujeito faz um traçado de sua ação profissional em três disciplinas diferentes, chamando a atenção para uma crise que se instalou, gerando mudanças de atitude frente a elas, na medida em que passou a entender corpo como unitário, total, resultado do contato com novas teorias que discutem a complexidade do ser humano. Considera que duas disciplinas são alienantes, pois tratam o corpo de forma estanque, considerando-o como um objeto padronizado na relação de causa e efeito, camuflando as outras dimensões que circundam o corpo.

O sujeito entende que qualquer ação executada pelo corpo tem imbutido a pessoa que o faz, reforçando a concepção de corpo totalizante, relacionando-se com o meio, independente do momento que está vivendo. Quando a concepção de corpo total não é empregada, o sujeito percebe que as pessoas lembram que têm corpo porque há dor em alguma parte.

Embora perceba a necessidade de mudanças, encontra no seu dia a dia profissional resistências a elas, principalmente porque o aspecto quantitativo ainda impera sobre o qualitativo.

SUJEITO 13

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1- corpo para mim, até um determinado momento, teve um significado como para todas as pessoas tem. Era aquilo que você vê no espelho, era aquilo que você utilizava para crescer, para estar junto com as pessoas e tendo uma série de preconceitos, tendo uma série de vantagens, de ser como é, tendo uma série de desvantagens de ser como é.</p>	<p>1.1 - corpo, para o sujeito, até um determinado tempo, significava o mesmo que para algumas pessoas, algo a ser visto no espelho, algo para crescer ou para estar junto com as pessoas;</p> <p>1.2 - corpo tem uma série de preconceitos;</p> <p>1.3 - corpo tem, ao mesmo tempo, vantagens e desvantagens de ser como é;</p> <p>1.4 - corpo é tratado pelo sujeito como algo, alguma coisa;</p>
<p>2- hoje, para mim corpo, é a possibilidade de eu ir e vir para onde a minha cabeça quer que eu vá. A gente faz, se faz de tudo para poder preservar esse veículo.</p>	<p>2.1 - corpo é a possibilidade de ir e vir onde a cabeça quer que o sujeito vá;</p> <p>2.2 - corpo, para o sujeito, é dirigido por sua cabeça;</p> <p>2.3 - para o sujeito, o corpo é um veículo que deve ser conservado de qualquer forma;</p>
<p>3- muitas agressões que a gente fazia anteriormente, depois dessa consciência você passa a ter cuidado com isso. Então, tem o significado tanto físico como concreto, como também tem o significado abstrato espiritual.</p>	<p>3.1 - a partir de uma conscientização, o corpo passa a ser mais cuidado;</p> <p>3.2 - o corpo tem um significado tanto físico como concreto, como também abstrato, espiritual;</p>
<p>4- mas tem muitos preconceitos que nós não conseguimos desvencilhar deles. Muitas vezes esses preconceitos também reforçam comportamentos que, de certa forma, te leva até a se enveredar para outros caminhos, você busca emoções, nós somos levados a buscar emoções constantemente e o corpo sofre com isso. Às vezes ele é beneficiado, às vezes ele é prejudicado.</p>	<p>4.1 - o sujeito coloca que o corpo é envolto por preconceitos, muitas vezes impregnado deles;</p> <p>4.2 - o sujeito admite que constantemente buscamos emoções, mas elas fazem o corpo sofrer;</p> <p>4.3 - provavelmente o sujeito elucide mais o aspecto do corpo, que não cause qualquer tipo de sofrimento.</p>
<p>5 -eu tenho uma preocupação muito grande com o movimento desse corpo, gosto muito de me movimentar, gosto da prática esportiva, gosta da prática corporal de uma maneira mais abrangente, gosto da estética</p>	<p>5.1 - o sujeito apresenta uma preocupação com o movimento do corpo;</p>

<p>(...) Inclusive, nós somos acostumados, somos educados a selecionar o belo, o feio, o esquisito, o normal, o deficiente. Então, nós selecionamos, nós temos dentro da nossa cabeça uma série de padrões.</p>	<p>5.2 - o sujeito gosta de movimentar o corpo, seja pela prática esportiva, seja pela prática corporal ou em busca da estética;</p> <p>5.3 - existe um costume, uma educação nas pessoas, de selecionar o corpo belo, feio, deficiente;</p> <p>5.4 - há uma seleção do corpo;</p> <p>5.5 - o sujeito afirma que o corpo é recheado de padrões impostos dentro da cabeça das pessoas.</p>
<p>6- por ele a gente tem uma série de satisfações e tem uma série de sensações bonitas..</p>	<p>6.1 - pelo corpo nós temos uma série de satisfações e uma série de sensações bonitas;</p>
<p>7- eu sinto muito prazer na prática corporal, na prática esportiva especificamente de algumas modalidades esportivas e consigo diferenciar hoje, em função do meu desenvolvimento intelectual e físico, quando esse corpo está sentindo prazer e quando ele está subordinado a uma tarefa muito difícil. E em função do meu tempo corporal, eu já consigo não ultrapassar os limites desse corpo.</p>	<p>7.1 - corpo, para o sujeito, é ao mesmo tempo uma fonte de sentir prazer e desprazer;</p> <p>7.2 - o desenvolvimento intelectual e físico do sujeito o levou a diferenciar no corpo momentos de prazer ou de vencer tarefas mais difíceis;</p> <p>7.3 - o sujeito mostra uma visão dicotômica entre o intelecto e o físico;</p> <p>7.4 - o sujeito percebe que o corpo tem limites individuais e os mesmos, ao serem identificados, devem ser respeitados;</p>
<p>8- agora o risco desse corpo está presente no cotidiano de um centro urbano, é uma coisa que não dá para controlar, na prática esportiva você tem esse domínio e no cotidiano, na rua, não tem.</p>	<p>8.1 - o sujeito acredita que os riscos em relação ao corpo podem ser controlados na prática esportiva, enquanto que no cotidiano não;</p>
<p>9- a exposição ao risco é uma constante, então é uma coisa que me preocupa também, perder o sentido é uma coisa que deve ser muito ruim. Perder a visão o corpo sofre, perder a audição o corpo sofre, perder o tato, o tato acho que é o principal. E nesse cotidiano, você não tem como evitar os riscos, o risco é premente.</p>	<p>9.1 - o sujeito se preocupa com a falta de alguma parte do corpo;</p> <p>9.2 - o sujeito reforça que a perda de alguma parte faz o corpo sofrer;</p> <p>9.3 - o sujeito enfatiza que a perda do tato é o mais sofrido;</p> <p>9.4- no cotidiano não há controle sobre os riscos em relação ao corpo;</p>

10- corpo faz com que nós estejamos subordinados aos regulamentos cada vez mais. E o regulamento para tudo na vida, viver em sociedade, o corpo que está em sociedade está subordinado a regulamentos.	10.1 - para evitar os riscos com o corpo é necessário seguir regulamentos; 10.2 - corpo, por viver em sociedade, está subordinado a regulamentos;
11- o meu é, os preconceitos estão presente, às vezes as pessoas dizem, puxa você pode mudar um pouquinho essa maneira de ser, mas eu acho que o corpo percebe isso. Todo mundo tem isso, todo mundo procura se libertar cada vez mais daquilo que acha que é, para poder estar presente nas outras pessoas, poder estar no ambiente, poder estar no espaço, aparecer, sabe, se posicionar.	11.1 - o corpo do sujeito é envolto por regulamentos e preconceitos; 11.2 - o corpo percebe o que ocorre no dia a dia; 11.3 - as pessoas procuram se libertar daquilo que são, para poder estar no ambiente, no espaço, aparecer, posicionar-se;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- na ação profissional, eu vejo que a Educação Física como o próprio nome já diz, contempla a participação corporal em todas as dimensões, todas as dimensões sem excluir as minorias, em todas as dimensões de uma maneira cada vez mais completa, cada vez mais coerente e cada vez mais planejada.	1.1 - Educação Física contempla a participação do corpo em várias dimensões; 1.2 - a participação não exclui minorias; 1.3 - a participação deve ser completa, coerente e planejada;
2- o corpo trabalhado, o corpo contemplado pela Educação Física vai ocupar um espaço mais coerentemente, vai poder usufruir deste espaço mais coerentemente, vai poder planejar este espaço melhor, vai poder participar ativamente, passivamente, criticamente, acomodadamente, dentro deste espaço, de todos os espaços.	2.1- a partir do trabalho com o corpo, pode-se ocupar um espaço mais coerentemente; 2.2.- o espaço do trabalho com o corpo pode ser planejado, participativo, crítico, acomodado;
3- hoje para mim a Educação Física, profissionalmente, não se restringe só ao desenvolvimento corporal na escola, ao desenvolvimento da atividade esportiva em todas as dimensões, mas num corpo presente de maneira multidisciplinar, interdisciplinar e trocando informações com outras áreas, também.	3.1 - para o sujeito, o trabalho da Educação Física está no desenvolvimento de todas as dimensões, da escola, da prática esportiva; 3.2 - na ação profissional, o corpo é presente de forma interdisciplinar, multidisciplinar; 3.3.- o trabalho do corpo deve trocar informações com outras áreas;
4-profissionalmente o corpo, nossos corpos, a visão de corpo que o	4.1 - a visão de corpo que o sujeito tenta passar aos alunos

<p>aluno deve ter, que eu tento passar, é essa visão que extrapola só estas dimensões tradicionais, do adestramento, da prática esportiva e se relacionando com outras coisas que estão surgindo agora, mesmo a liberação do tempo livre pela tecnologia tem a ver com esse corpo. Nossos corpos estão cada vez mais disponíveis para o tempo, para os diferentes tempos sociais.</p>	<p>transcende as dimensões tradicionais de adestramento;</p> <p>4.2 - o sujeito salienta, para os alunos, o surgimento de outras opções como a liberação do tempo livre relacionado com o corpo;</p> <p>4.3- reforça que o corpo está cada vez mais disponível para os diferentes tempos sociais;</p>
---	---

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 13

1ª PERGUNTA

- 1 - Inicialmente, corpo significava algo para crescer, ser visto e estar junto com as pessoas. (1.1)
- 2 - Corpo carrega uma série de preconceitos. (1.2; 4.1; 5.3; 5.4; 5.5; 11.2)
- 3 - Corpo é tratado pelo sujeito como alguma coisa. (1.3)
- 4 - Corpo é regido pelas decisões da cabeça. (2.1; 2.2)
- 5 - Corpo deve ser conservado, principalmente quando ocorre a conscientização. (2.3; 3.1; 8.1; 9.4)
- 6 - Corpo tem um significado tanto físico/concreto como abstrato/espiritual. (3.2)
- 7 - Para o sujeito, as questões emocionais ou a falta de alguma parte fazem o corpo sofrer. (4.2; 4.3; 9.1; 9.2; 9.3)
- 8 - O sujeito, ao mesmo tempo que se preocupa com o movimento do corpo, gosta do movimento de qualquer forma. (5.1; 5.2)
- 9 - O corpo proporciona simultaneamente satisfações e insatisfações. (6.1; 7.1; 7.2)
- 10 - O sujeito separa o corpo da mente. (7.3)
- 11 - O sujeito salienta que a individualidade do corpo deve ser respeitada. (7.4)
- 12 - O corpo, para viver bem em sociedade, deve seguir regulamentos. (10.1; 10.2; 11.2)
- 13 - O corpo percebe o que ocorre no cotidiano. (11.2; 11.3)

Inicialmente, corpo para o sujeito significava algo para crescer, ser visto e estar junto com as pessoas, carregando uma série de preconceitos e tendo vantagens e desvantagens de ser como é. O sujeito, em vários momentos, apresenta um visão dicotômica em relação ao corpo, valorizando a cabeça como o centro das decisões e o corpo como algo físico que deve estar esteticamente perfeito para funcionar bem.

Embora em alguns momentos reconheça o corpo como importante, o sujeito salienta uma preocupação com o sofrimento do corpo, quer seja pelas questões emocionais, quer seja pela falta de alguma parte. Fica claro que o sujeito gosta do movimento pela prática esportiva, corporal ou estética, admitindo que a individualidade do

corpo deve ser respeitada. Segundo a visão do sujeito, o corpo em sociedade deve seguir regulamentos

De forma geral, o sujeito, ao falar de corpo, trata-o impessoalmente, não representando o que o indivíduo é.

2ª PERGUNTA

- 1- Para o sujeito, a Educação Física proporciona a participação do corpo físico em várias dimensões. (1.1; 1.2; 1.3; 3.1)
- 2- O corpo permite experienciar diversos espaços. (2.1; 2.2; 4.3)
- 3- O corpo está presente de forma interdisciplinar e multidisciplinar. (3.2; 3.3)
- 4- O sujeito concebe corpo aos alunos além das questões de adestramento. (4.1; 4.2)

O sujeito coloca que a Educação Física propicia a participação do corpo em várias dimensões e como tal não exclui as minorias; essa participação deve ser completa, coerente e planejada.

Na visão do sujeito, o corpo permite experienciar espaços participativos, críticos e acomodados, estabelecendo relações interdisciplinares e multidisciplinares.

No contato com os alunos, o sujeito concebe o corpo além das questões tradicionais de adestramento.

SUJEITO 14**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

1- corpo, para mim, seria aquilo que, é, mais na concepção de movimento que te leva a alguma coisa, te faz com que reflita algumas expressões, que a gente pode, elas podem ser expressadas,

1.1 - corpo, para o sujeito, é mais relacionado à concepção de movimento;

1.2 - o movimento leva à reflexão de algumas expressões;

1.3 - pelo corpo nós podemos nos expressar;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- dentro da área de Treinamento é o que mais hoje em dia está me consumindo mais. E por a gente estar dentro desta questão, mais ligada à questão de saúde, já que treinamento não tem tanto esta questão de benefício com o corpo propriamente dito, mas a gente procura dentro do treinamento, fazer com que o corpo dos atletas que a gente trabalha se lesionem o menos possível.

1.1 - o sujeito tem uma ligação com o Treinamento e preocupa-se em orientar e trabalhar os atletas para que se lesem o mínimo possível;

1.2 - o sujeito coloca-se mais ligado à saúde pela vivência com o treinamento, mas ao mesmo tempo afirma que esse treinamento não traz benefícios ao corpo;

2- dentro desta questão que eu coloquei para você, do que seria corpo, que ele reflete tudo aquilo que ou você está passando ou que você passa para a pessoa, a gente procura dentro do corpo dela, no sentido físico da palavra, trazer o mais, o menos agressivo possível, aquilo que a gente procura passar para os atletas.

2.1 - corpo reflete tudo o que o indivíduo está passando, ou o que você passa para a pessoa;

2.2 - o sujeito procura, no corpo físico dos atletas, agredi-lo o menos possível;

2.3 - o sujeito vê a educação como produto;

3- então eu vejo esse, o corpo nosso, como atuação dentro do treinamento (...) visa-se o rendimento e o corpo do atleta é o que ele necessita para ter o seu sustento e para ter o seu maior desempenho, dentro do nosso campo de atuação, o que eu mais vejo é você procurar dentro, fazer com que ele tenha o melhor rendimento, agredindo o menos possível o corpo. Procurar fazer esta ponte aí com, entre aspas, a saúde, com ele. É claro que a gente vê hoje que são duas antagônicas, você obter o rendimento, o melhor rendimento seu dentro do treinamento e visando a saúde, não existe isso.

3.1 - a possibilidade de agredir o corpo o menos possível para o sujeito é sinônimo de saúde;

3.2 - ao mesmo tempo, o sujeito admite que comungar treinamento e saúde é impossível;

3.3 - o sujeito procura, na ação do treinamento, fazer com que o corpo tenha o melhor rendimento, mas com o mínimo de agressividade;

4- a gente procura adequar a estas duas questões, fazendo com que o corpo dele se agrida o menos possível, é mais esta concepção de corpo que eu tenho

4.1 - o sujeito reforça a teoria de que a agressão ao corpo do atleta deve ser a menor possível;

4.2 - o sujeito coloca que tem um corpo.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 14

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, está relacionado com movimento. (1.1)
- 2- Corpo é uma forma de expressão. (1.2; 1.3)

Corpo, para o sujeito, tem relações com o movimento. O corpo é uma forma de expressão.

2ª PERGUNTA

- 1- Na ação profissional do treinamento, o sujeito se preocupa com o corpo perfeito, como sinônimo de saúde. (1.1; 2.2; 3.1; 3.3; 4.1)
- 2- Corpo, para o sujeito, não é importante. (1.2)
- 3- Corpo reflete o que o indivíduo está passando. (2.1)
- 4- Educação para o sujeito é produto. (2.3)
- 5- Sujeito coloca que tem um corpo (4.2)
- 6- O sujeito realça que saúde e treinamento não são sinônimos. (3.2)

No dia a dia profissional, tanto o corpo perfeito como símbolo de saúde, como o corpo rendimento são enfatizados.

O sujeito apresenta afirmações dicotômicas, pois, tanto concebe que o indivíduo tem um corpo e que o corpo reflete o que o indivíduo passa ou transmite para as pessoas, como também coloca que corpo não é importante e que o treinamento não traz benefícios ao corpo.

O sujeito, ao priorizar a concepção de corpo objeto, vê o processo educativo como produto.

SUJEITO 15

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1- é uma representação enorme, né. Tem diversos significados, diversas leituras, de acordo como você está vendo o corpo numa determinada ação,</p>	<p>1.1 - corpo é uma representação enorme; 1.2 - ele tem diversos significados, diversas leituras, dependendo de como se vê o corpo numa determinada ação;</p>
<p>2- o corpo é a leitura, né, assim, do que o indivíduo traz assim na sua história, uma bagagem de interferência familiar, no meio social da escola, no meio social da sua igreja, no meio social em torno dos seus amigos.</p>	<p>2.1 - o corpo é a leitura do que o indivíduo traz na sua história; 2.2 - a história do indivíduo está presente no meio escolar, familiar, social, teológico e amigável;</p>
<p>3- os gestos, postura, atitude corporal de postura mesmo, de se manter ereto muito, ou curvado, isso tudo você pode ter leitura de como o indivíduo enfrenta as suas decisões no dia a dia, no cotidiano, como ele enfrenta as decisões nas problemáticas de uma aula de Educação Física.</p>	<p>3.1 - o corpo pode ser lido através de atitudes como postura; 3.2 - esta leitura nos dá indícios de como o indivíduo é no cotidiano ou como enfrenta uma aula de Educação Física;</p>
<p>4- sou uma pessoa que observo e procuro não agredir esse corpo quando eu estou dando aula.</p>	<p>4.1 - o sujeito, ao ministrar aulas, procura não agredir o corpo das pessoas;</p>
<p>5-eu procuro minimizar todas as dificuldades que ele traz em si, para eu passar o conteúdo, porque o maior impecilho que o indivíduo tem quando começa a viver estas questões motoras, são muito mais as bagagens morais dele, estas questões que ele tem de preconceito do seu corpo</p>	<p>5.1 - o sujeito, para passar experiências motoras aos outros, procura minimizar suas dificuldades; 5.2 - o sujeito percebe que os indivíduos têm preconceitos em relação ao corpo; 5.3 - o sujeito percebe que os indivíduos apresentam bagagens morais, na ação motora em relação ao corpo;</p>
<p>6- eu estou tendo uma vivência até minha individual, fui buscar a questão da terapia corporal, que já tem outra visão, dos psicólogos, desta técnica, da bioenergética, né. Eles são os especialistas para ler esse corpo. Esse corpo impregnado das questões emocionais, sociais e tudo mais, nós não temos essa bagagem (...) mas que a gente tem que reconhecer que é fundamental para você trabalhar o que a gente chama de movimento. Principalmente o movimento técnico, dentro de uma</p>	<p>6.1- o sujeito defende que há especialistas como os psicólogos para ler o corpo; 6.2 - o corpo está impregnado de questões emocionais, sociais; 6.3 - o sujeito, ao mesmo tempo, reconhece que se o lado emocional não for respeitado, o movimento dentro de uma modalidade esportiva será extremamente técnico;</p>

modalidade esportiva. (...) a expressão da comunicação não verbal, tem que se interagir com o público, então se ela não tiver essa coisa resolvida emocionalmente, esses movimentos são extremamente técnicos, vão ser técnicos só, não vão passar nada.

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- minha visão é um pouco o que eu tentei explicar né, quer dizer, esse corpo que eu, não é um corpo estético só que eu vejo, a minha preocupação maior é essa. Por que você conseguir entender o indivíduo,</p>	<p>1.1 - o sujeito não vê os indivíduos somente pela estética; 1.2 - o sujeito externa a preocupação em ver o corpo desligado de questões emocionais; 1.3 - o sujeito apresenta uma preocupação em conseguir entender o indivíduo;</p>
<p>2- as pessoas que trabalhavam com corpo não conheciam a si próprias, não conheciam o seu corpo e tinham tabus com seu corpo e não se relacionavam da forma como deveriam se relacionar (...) o profissional que trabalha com o corpo não concebe o seu próprio corpo</p>	<p>2.1 - o sujeito percebe que o profissional que trabalha com o corpo não conhece seu próprio corpo; 2.2 - o profissional que trabalha com o corpo tem tabus em relação ao seu corpo;</p>
<p>3- eu não olho para a pessoa e vejo se ela é gordinha, bonita, e nem nada disso não, eu leio muito as coisas assim, como a pessoa se posiciona. O corpo para mim é o todo, eu tenho um significado de corpo, é assim, é a pessoa. A pessoa enquanto intelecto, emocional, social, motoricamente, quer dizer esse corpo estético, até gosto (...) acho que isso faz parte.</p>	<p>3.1 - o sujeito não olha a pessoa somente pela vertente estética, embora goste, mas sim como a pessoa é; 3.2 - corpo para o sujeito é o todo; 3.3 - o corpo para o sujeito significa a própria pessoa; 3.3 - corpo como todo representa a pessoa seja a nível intelectual, emocional, social, motor;</p>
<p>4- eu tive uma "puta" educadora, na minha adolescência (...) uma das coisas ela sempre buscou, o corpo da ginasta, o que que ele tem que ser o corpo da ginasta? Ele tem que ser magro, por que ele tem que ser magro, por que tem que ser o sacrifício da dieta? (...) acho que isso me ajudou, dentro da minha formação profissional, começar a ver diversas formas de corpo, tanto que eu fui mandada embora de uma academia (...) porque eu não seguia o padrão, eu não conseguia dar aula</p>	<p>4.1 - o sujeito, na ação profissional, percebe diversas formas de corpo, principalmente em função de experiências vividas na adolescência; 4.2 - o sujeito não segue padrões de corpo pré-estabelecidos; 4.3 - o sujeito defende que as pessoas são diferentes; 4.4 - o sujeito sente dificuldade, na ação profissional, de fazer um trabalho diferenciado, pela falta de conscientização dos praticantes e</p>

homogênea para um grupo heterogêneo, (...) então dava um trabalho diferenciado, então não suava o suficiente.	dirigentes;
5- eu tento falar assim, esse corpo, esse movimento humano que vocês estão estudando, que precisa deste corpo humano, que enfoque do objeto de estudo, é assim que vou trabalhando e fazendo com que eles corram pelas suas próprias pernas, é o que eu tento fazer.	5.1 - o sujeito procura possibilitar aos alunos caminhar com as próprias pernas; 5.2 - o sujeito leva-os à conscientização de que os corpos trabalhados são humanos;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 15

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo é uma representação enorme, impregnado de questões emocionais e sociais (1.1; 6.2; 6.3)
- 2- O corpo pode ter diversas leituras, dependendo da ação, da postura, do momento . (1.2; 3.1; 3.2)
- 3- A história de vida tem relações com o corpo do indivíduo. (2.1; 2.2)
- 4- O sujeito reconhece que o corpo do outro deve ser respeitado, principalmente na ação profissional. (4.1; 4.2)
- 5- A leitura do corpo deve ser feita por especialistas, como os psicólogos. (6.1)

Corpo, para o sujeito, é a grande representação, composta de questões emocionais e sociais. O corpo pode ter várias leituras, dependendo da ação, da postura ou do momento em que vive, porém ele admite que as leituras devem, preferencialmente, ser feitas por especialistas.

O sujeito salienta que a história de vida tem ligações com o corpo, estando presente no meio escolar, familiar, social, religioso e amigável. O corpo deve ser respeitado, pois está carregado de preconceitos, quer sejam estabelecidos pela própria pessoa, quer nas relações com os outros.

2ª PERGUNTA

- 1- O corpo não é apenas uma questão estética, embora isto possa ser respeitado. (1.1; 3.1)
- 2- O corpo deve estar ligado a questões emocionais. (1.2)
- 3- A individualidade deve ser respeitada, pois os corpos são diferentes. (1.3; 4.1; 4.2; 4.3)
- 4- O profissional que trabalha corpo não conhece o seu próprio corpo, apresentando tabus em relação a ele. (2.1; 2.2)
- 5- Corpo é um todo, significa a própria pessoa em todos os níveis. (3.2; 3.3; 3.4, 5.2)

Embora o sujeito reconheça a questão estética como positiva, não segue padrões de corpo pré-estabelecidos, por entender que o corpo é mais do que isto, salientando que ele está envolto por questões emocionais. O sujeito prioriza o respeito à individualidade por considerar que o corpo é de cada pessoa e por isso são diferentes.

Na ação do profissional que trabalha corpo, o sujeito chama a atenção para os tabus que estão ligados ao corpo, principalmente porque percebe que este profissional, na maioria das vezes, não conhece seu próprio corpo.

Na concepção do sujeito, corpo é um todo que significa a própria pessoa, o ser humano, nas dimensões intelectuais, emocionais, sociais e motoras.

SUJEITO 16

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

1- isso sou eu, que está na sua frente, o corpo sou eu, né. Eu diria o seguinte, o corpo seria a síntese do homem e do humano	1.1 - corpo é o sujeito; 1.2 - corpo é a síntese do homem e do humano;
2- a partir do momento que a gente não quer, que a gente não quer negar o que a gente é biologicamente, o que a gente é materialmente, fisicamente, a gente também tenta recuperar uma outra coisa que está além disto, e que hoje a gente, e que hoje eu começo a perceber, e que hoje eu começo a tentar olhar que é o corpo enquanto pessoa, que é o corpo enquanto ser, enquanto indivíduo.	2.1 - o sujeito não nega a questão biológica e física; 2.2 - o sujeito hoje percebe que o olhar o corpo é ir além da questão biológica, material ou física; 2.3 - corpo, para o sujeito, é a pessoa, é o indivíduo, é o ser;
3- o corpo para mim é a minha relação. O corpo para mim é a relação com o mundo, o corpo é a minha relação com as pessoas, o corpo é a fonte do meu conhecimento, é a fonte do meu prazer, é a fonte, o corpo sou eu, minha vida.	3.1 - corpo, para o sujeito, é sua relação com o mundo e com as pessoas; 3.2- o corpo é fonte de prazer, de conhecimento; 3.3 - corpo é o sujeito; 3.4 - corpo é a vida do sujeito;
4- o corpo, não só o corpo que caminha, mas o corpo que me dá prazer ao caminhar, o corpo que não só lê, mas que me dá prazer ao ler, o corpo que não é só uma parte da existência, não uma parte da existência, no sentido não é só, o corpo que não existe só para realizar atividades físicas, mas também não só existe para realizar atividades intelectuais. O corpo não só existe para ser sensível, mas um corpo que abarca todas essas coisas.	4.1 - para o sujeito, a existência do corpo é um todo; 4.2 - o sujeito não entende o corpo como executor de atividades físicas ou intelectuais desligadas de prazer; 4.3 - o sujeito entende o corpo como existência, capaz de realizar várias coisas;
5- o corpo, na verdade para mim, é a vivência e a interrelação com todas essas coisas, com todas essas possibilidades, com todas as coisas que estão ao redor transitando, te influenciando ou sendo influenciadas por você. O corpo é ser.	5.1 - corpo é a vivência e a interrelação com todas as coisas e possibilidades que rodeiam o sujeito, quer influenciando, quer sendo influenciadas; 5.2 - corpo, para o sujeito, é ser;
6- o corpo é você existir aqui e agora. O corpo é você existir aqui e agora	6.1 - corpo é você existir aqui e agora.

e estar consciente de que você, nesse instante, nesse local, tem tudo uma relação com tudo. Ou seja, você não é algo jogado no meio de um vácuo ou do nada, você enquanto corpo existe para o mundo e com o mundo.	6.2 - corpo é estar consciente que tudo tem relação com tudo neste local e neste instante; 6.3 - enquanto corpo você existe para o mundo e com o mundo;
--	--

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- o que eu tento passar para os alunos, em relação ao corpo, (...) em relação às possibilidades do corpo, às possibilidades do indivíduo, do ser humano, tá, enquanto ser que não seja só uma parte de algo.	1.1. - o sujeito tenta passar aos alunos que corpo não é uma parte de algo; 1.2 - corpo é o ser humano;
2-você enquanto aluno, enquanto profissional de Educação Física, a sua tendência é você trabalhar no desenvolvimento de uma capacidade física, ou especificamente uma habilidade motora, visando uma possível elevação de nível, com rendimento, (...) você vai ser uma pessoa que faz um trabalho corporal (...) ou você vai ser um intelectual, você nunca vai fazer um outro exercício a não ser virar (...) a página do livro, a puxar a cadeira para você sentar direito. As pessoas dividem extremamente isso, a idéia é você tentar mostrar que não é nem só uma coisa e não é nem só outra, mas você é um ser humano e tem todas as possibilidades de desenvolver todos os seus potenciais, de experimentar "n" coisas.	2.1 - há uma tendência de rotular o profissional de Educação Física, ou como profissional da área corporal, que trabalha na prática, ou o profissional intelectual que faz pesquisa; 2.2 - para o sujeito deve haver uma interação dessas duas coisas, pois, trata-se de um ser humano que tem possibilidades de desenvolver e experienciar todas as suas potencialidades;
3- como profissional de Educação Física, você vai estar trabalhando com esse aspecto, mas não só com isso, esse corpo que você vai ensinar a correr, você vai trabalhar capacidade aeróbia, anaeróbia, força, etc também é um ser humano que tem, que vai se alegrar, que vai ser feliz com isso que está fazendo, ou não vai ser feliz com isso que vai estar fazendo, que isso resulta em outras coisas no dia a dia dele, né. Que isso abre caminho para outras atividades que, às vezes, a gente nem está considerando.	3.1 - como profissional, você vai trabalhar com o corpo que tanto corre para se condicionar como é o mesmo corpo alegre, feliz ou triste; 3.2 - corpo é o ser humano;
4- a idéia é tentar abrir para as pessoas a possibilidade de não ser só a coisa da atividade física fechada.	4.1 - a intenção é não transmitir para as pessoas a idéia da atividade física fechada;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 16

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo é o sujeito. (1.1; 2.3; 3.3)
- 2- Corpo é síntese do homem e do humano. (1.2)
- 3- Corpo é ir além das questões biológicas, materiais ou físicas existentes. (2.1; 2.2)
- 4- Corpo, para o sujeito, é a sua relação com o mundo e com as pessoas. (3.1; 3.4; 5.1; 6.3)
- 5- Corpo é fonte de prazer e conhecimento. (3.2; 4.2)
- 6- Corpo, para o sujeito, é a existência do todo, capaz de realizar várias coisas, aqui e agora. (4.1; 4.3; 6.1; 6.2)

Corpo, para o sujeito, é a representação do próprio sujeito como indivíduo, como pessoa, como ser, sintetizado pelo homem e pelo humano. Ser corpo para o sujeito não significa negar as questões biológicas, materiais, físicas existentes, mas transcendê-las. O sujeito, sendo corpo, estabelece relações com o mundo, com as pessoas, influenciando ou sendo influenciado, ao mesmo tempo que não está desligado das experiências de prazer e conhecimento.

Corpo, para o sujeito, é existir aqui e agora, sendo capaz de fazer várias coisas preservando a totalidade.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito tenta passar aos alunos que o corpo é um todo e não parte de algo. (1.1; 3.1; 4.1)
- 2- Corpo é o ser humano. (1.2; 2.2; 3.2)

O sujeito se preocupa em passar para os alunos que corpo não é uma parte de algo, mas é o corpo do ser humano.

Corpo do ser humano é entendido a partir da interação dos aspectos intelectuais, psíquicos e motores, com condições de desenvolver e experienciar todas as

suas potencialidades. O sujeito salienta que o corpo tanto pode ser condicionado como, ao mesmo tempo, ser alegre, triste ou feliz, não devendo receber estereótipos. Isso significa que a participação nas atividades físicas não pode ser fechada, deve-se proporcionar a ampliação de participação do corpo em diversas atividades físicas.

SUJEITO 17

CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?

<p>1- para falar de corpo, eu preciso historiar um pouco a minha atuação profissional (...).Eu comecei, de uma certa forma, a trabalhar com o corpo, no processo ensino-aprendizagem já não mais ser simplesmente o subjetivo como atleta, mas passei a ser professor com quatorze anos de idade e já naquela época eu tinha alunos que variavam de meses, alunos com meses de idade, era natação para bebê, a alunas, a minha aluna mais velha tinha sessenta e poucos anos. Então, aquilo na minha cabeça, saindo da adolescência, (...) um pouco confuso, por que as pessoas iam para fazer uma atividade das mais diversas, dos mais diversos, com os mais diversos motivos, e o corpo era a coisa que mais estava presente. De uma certa forma, as pessoas que não estavam por recomendação médica, ou por simples iniciativa, tinham um certo vínculo com a questão do corpo e eu comecei a conviver com este problema.</p>	<p>1.1 - o sujeito, para falar de corpo, sente necessidade de historiar a sua própria vida;</p> <p>1.2 - antes de ser profissional, já lidava com as questões do corpo;</p> <p>1.3 - chamava a atenção do sujeito, desde a adolescência, o fato de o corpo estar presente em todos os momentos;</p> <p>1.4 - ao mesmo tempo, a forma de tratar o corpo sempre incomodou o sujeito;</p>
<p>2- logo depois, eu ingresso numa Faculdade bastante tradicional, onde a formação muito técnica, mais ligada aos esportes por sua vez, e mais uma vez o corpo era dado ênfase. Ou seja, professor, buscar o melhor corpo possível no contexto de perfeição, etc, e aquilo continuava a me incomodar.</p>	<p>2.1 - o sujeito vem de uma formação tradicional, com ênfase no corpo, mas este era sinônimo de perfeição, rendimento, técnica;</p> <p>2.2 - o sujeito se incomodava com esta visão reducionista do corpo;</p>
<p>3- mais tarde, eu passo a ser professor de uma Faculdade, (...) e eu penso que a partir de eu começar a lecionar, é que eu comecei, talvez, a refletir mais sobre a questão do corpo. Porque de uma certa forma, eu ainda estava tendo um determinado pensamento sobre o corpo numa só vertente, ou seja, corpo para mim era aquele objeto que a pessoa tem e que aquele objeto tem que ser o melhor possível, esteticamente, beleza, as curvas, etc</p>	<p>3.1 - ao ingressar na docência do ensino superior, o sujeito passou a refletir mais sobre a questão do corpo;</p> <p>3.2 - inicialmente, o sujeito percebia o corpo por uma só vertente;</p> <p>3.3 - o sujeito via o corpo como um objeto que a pessoa tem;</p> <p>3.4 - o sujeito entendia que corpo deveria ser o melhor possível, principalmente em relação à questão estética ou da beleza;</p>
<p>4- minha disciplina exigia a exposição do corpo (...) onde os próprios alunos e professores passaram a ser observados por todos, conseqüentemente eu comecei a perceber que o corpo ali tinha uma influência, uma importância muito grande. Comecei a conviver com o</p>	<p>4.1 - o sujeito trabalha numa disciplina que exige a exposição do corpo;</p> <p>4.2 - a necessidade de expor o corpo dos alunos ou dos professores fez o sujeito refletir sobre a sua importância enquanto identidade do</p>

<p>corpo branco, corpo preto, gordo, magro, defeituoso, enfim tudo o que se possa imaginar e uma coisa que me incomodava desde quando adolescente, talvez pela formação, minha educação em termos dos meus pais, família, etc, eu comecei a perceber que o corpo era entendido numa relação direta, proporcionalmente direta ao preconceito das pessoas.</p>	<p>indivíduo; 4.3 - na convivência com o corpo, o sujeito percebe que ele é entendido na relação direta com o preconceito das pessoas;</p>
<p>5- a minha concepção de corpo é o seguinte: O corpo, enquanto ser humano, ele é todo integrante de uma relação deste ser humano com o seu meio, quando eu digo toda uma relação integrante, toda uma relação, eu quero dizer que esse corpo independe da maneira como ele se encontra pelos padrões culturais, pelos padrões estéticos, de região, enfim.</p>	<p>5.1 - corpo, para o sujeito, é o ser humano; 5.2 - corpo como ser humano é um todo integrante com o meio; 5.3 - a relação integrante com o meio independe de como o corpo se encontra seguindo padrões culturais, estéticos, regionais;</p>
<p>6- ele depende da relação com o outro, com o meio em que ele vive, com o contexto mundial que ele está situado</p>	<p>6.1 - o corpo depende da relação com o outro, com o meio em que vive e com o contexto mundial em que se situa;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- enquanto docente (...) eu procuro passar uma mensagem, entre aspas vender a mensagem do ensino onde as pessoas, futuros professores ou aqueles que já são, (...) procurem trabalhar o corpo, principalmente na nossa área da Educação Física, dentro de um respeito da individualidade, (...), onde o profissional deve ver que as pessoas, cada uma tem uma constituição específica e que estas pessoas devem merecer o respeito dos outros e por sua vez respeitar os demais.</p>	<p>1.1 - como docente, tenta vender a "mensagem do ensino", trabalhando o corpo dentro do respeito à individualidade; 1.2 - o sujeito declara que os profissionais devem entender que cada pessoa tem uma constituição específica e que estas pessoas devem respeitar e ser respeitadas;</p>
<p>2- os profissionais de outras áreas questionam sobre por que determinados professores de Educação Física, por exemplo, têm um corpo que foge dos padrões da maioria dos profissionais de Educação Física? E eu combato esse tipo de questionamento, no sentido de que eles olham o corpo como sendo somente um objeto, como sendo um molde, um modelo estético, onde qualquer que seja o profissional, independente de área pode ter o corpo que tiver e esse corpo deve estar relacionado ao seu meio, deve estar em harmonia com a pessoa e com o</p>	<p>2.1 - o sujeito realça que os profissionais de outras áreas tendem a ver o corpo como objeto, um molde estético; 2.2 - na visão do sujeito, o corpo, independente da área, deve estar relacionado com o meio vivido, estando em harmonia com a pessoa e com esse meio, independente de padrões culturais, estéticos;</p>

meio em que ela vive, não necessariamente em função de padrões estéticos culturais.	
3- a mensagem que eu procuro passar (...) é que as pessoas, realmente, passem a mudar, mudem, tentem mudar o pensamento, no sentido de que avancem, não simplesmente se baseiem no padrão cultural, estético e a partir disso criem preconceitos relacionados ao corpo.	3.1 - o sujeito tenta reforçar a idéia de que o pensamento, em relação ao corpo, deve ser alterado; 3.2 - o pensamento, em relação ao corpo, não deve ter como princípio o padrão cultural ou estético, pois isto cria preconceitos sobre o corpo;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 17

1ª PEGUNTA

- 1- O sujeito, para falar de corpo, sente necessidade de falar sobre sua própria história. (1.1)
- 2- O sujeito reconhece que o corpo está presente em todos os momentos. (1.3)
- 3- O sujeito, por trabalhar com o corpo há muito tempo, sempre se preocupou com a concepção dada a ele (1.2; 1.4; 2.2; 3.1)
- 4- O sujeito vem de uma formação tradicional que concebe corpo como sinônimo de rendimento, técnica. (2.1; 3.2; 3.3; 3.4)
- 5- Como docente de uma disciplina que expõe o corpo, o sujeito percebeu que o corpo identificava a pessoa. (4.1; 4.2)
- 6- Na convivência com o corpo, o sujeito percebeu que o corpo tem relação direta com o preconceito das pessoas. (4.3)
- 7- Corpo, para o sujeito, é do ser humano, um todo integrante com o meio, independente de padrões sociais estabelecidos. (5.1; 5.2; 5.3; 6.1)

O sujeito, ao falar de corpo, sente necessidade de falar da sua própria história. Inicialmente, via o corpo como um objeto que a pessoa tem, valorizando a estética e a beleza, mas hoje reconhece que o corpo está presente em todos os momentos.

Por trabalhar há muito tempo com o corpo, preocupa-se com a forma reducionista como ele é tratado, mesmo porque vem de uma formação tradicional, onde o corpo era sinônimo de rendimento, perfeição e técnica.

O sujeito reconhece que o corpo tem preconceitos, mas ao mesmo tempo revela que há no corpo uma identificação da própria pessoa.

Independente de padrões sociais estabelecidos, o sujeito vê o corpo como do ser humano, um todo integrado com o meio, independente de padrões culturais, estéticos ou regionais.

2ª PERGUNTA

- 1- Na docência, o sujeito prioriza enfatizar o respeito à individualidade do corpo. (1.1; 1.2)
- 2- Os profissionais de outras áreas tendem a ver o corpo como objeto, um molde estético. (2.1)
- 3- Na visão do sujeito, o corpo, independente da área, deve estar relacionado com o meio vivido, estando em harmonia com este meio, independente de padrões culturais. (2.2; 3.1; 3.2)

Na ação profissional, o sujeito tenta vender a “mensagem do ensino”, priorizando o respeito à individualidade das pessoas.

O sujeito salienta que profissionais de outras áreas tendem a ver o corpo como objeto, dentro de um molde estético.

Na concepção do sujeito, o corpo, independente da área, deve estar relacionado com o meio vivido, estando em harmonia com este meio, independente de padrões culturais, estéticos, os quais estabelecem preconceitos sobre o corpo.

SUJEITO 18**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

1- corpo para mim é uma estrutura, formada por ossos, por músculos e por outras coisas mais que nos coloca em pé nesse mundo em que a gente existe.	1.1 - corpo, para o sujeito, é uma estrutura formada de ossos, de músculos e de outras coisas, que nos coloca em pé no mundo; 1.2 - corpo é existir no mundo;
2- ele é assim, o movimento constante, o corpo está sempre se movimentando.	2.1 - o corpo é um movimento constante;
3- ele é importante para a gente, desde que ele tenha todas essas características, porque quando a gente também perde uma parte dele, ele deixa de ser essa estrutura perfeita, né, para isso tem o outro lado, que é o lado espiritual, que poderia compensar a falta de alguma parte dele.	3.1 - corpo é importante desde que tenha todas as características mencionadas, porque a perda de uma parte possibilita a imperfeição do corpo; 3.2 - corpo deve estar completo fisicamente, para ser importante; 3.3- quando há perda física, há compensação pelo lado espiritual;
4- é um todo assim, para nossa vida, e que é importante a gente saber que ele existe e que a gente também existe neste mundo.	4.1 - corpo é um todo para a vida; 4.2 - ele é importante porque existe neste mundo; 4.3 - a existência se dá pelo corpo;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- na minha ação profissional, a minha visão de corpo, (...) eu coloco para os alunos no primeiro momento em que eles entram na Universidade, a importância deste corpo, a valorização deste corpo, do corpo do colega que você vai conviver durante os 4 anos.	1.1 - o sujeito coloca, para os alunos iniciantes, a importância, a valorização do corpo; 1.2 - a valorização do corpo da própria pessoa e dos corpos com que convive;
2- a gente trabalha assim, é com algumas atividades que eles conheçam o outro (...) foi esta questão de estar passando para eles a importância desse corpo dentro da Educação Física.	2.1 - na ação profissional, o sujeito, com o objetivo de valorizar o corpo, passa atividades de conhecimento dos outros; 2.2 - o sujeito enfatiza a importância do corpo dentro da Educação Física;

3- eu tenho buscado assim, essa integração com eles e tem dado, assim, excelentes resultados. Faço um trabalho de grupo, de toque, de conhecer o outro mais profundamente, o que o outro pode colaborar com ele, e tem dado assim, resultados fantásticos.

3.1 - o sujeito busca uma interação de conhecer o corpo entre os alunos, através de atividades em grupo;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 18

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, é uma estrutura formada por ossos, músculos e outras coisas. (1.1)
- 2- Corpo é existir no mundo como um todo. (1.2; 4.1; 4.2; 4.3)
- 3- Corpo é movimento. (2.1)
- 4- Corpo deve ser completo para ser importante (3.1; 3.2; 3.3)

O sujeito coloca que o corpo é uma estrutura formada por ossos, músculos e outras coisas, sendo esta estrutura o alicerce para se formar um todo que existe no mundo. O corpo como existência é explicitado no movimento constante.

Embora o sujeito deixe transparecer que corpo é um todo, em sua fala se percebe que só considera o corpo importante se ele for perfeito, com todas as partes físicas no lugar.

2ª PERGUNTA

- 1- O sujeito coloca que o corpo deve ser valorizado. (1.1; 1.2; 2.1)
- 2- O sujeito reforça a importância do corpo para a Educação Física. (2.2)
- 3- O sujeito expõe como importante a relação entre as pessoas pelo corpo. (3.1)

O sujeito enfoca para os alunos que o corpo deve ser valorizado tanto para si mesmo como para com o outro.

No dia a dia da sala de aula, esta valorização se dá através de atividades em grupos com o objetivo de conhecer o outro. O sujeito enfatiza a importância do corpo para a Educação Física.

SUJEITO 19**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

1- para mim corpo é uma totalidade, e eu sinto corpo, penso corpo, movimento corpo e intuo corpo como uma entidade que converge várias dimensões, dimensão física, uma dimensão emocional, uma dimensão mental e a dimensão espiritual, que se manifesta no ambiente em relação com o próprio ambiente, consigo mesmo, com o próprio corpo e com as outras pessoas.

1.1 - corpo é uma totalidade;

1.2 - o sujeito sente, pensa, movimenta, intui o corpo como uma entidade que converge para várias dimensões: emocional, mental, espiritual e que se manifesta no ambiente;

1.3 - o corpo se manifesta no próprio ambiente, consigo mesmo e com as outras pessoas;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- é a mesma, porque o que se procurou se desenvolver na relação com os alunos e com os parceiros na Instituição, os outros professores, funcionários da Instituição de modo geral, era o tempo todo encontrar formas de manifestação desta visão de corpo no cotidiano.

1.1 - o sujeito procura desenvolver, na relação com alunos, colegas e funcionários da Instituição, formas de manifestação desta visão de corpo total no cotidiano;

2- na relação com os alunos, a pedagogia utilizada nas disciplinas era uma tentativa de vivenciar esta noção de um corpo integrado, o ser integral, que se relaciona com outros seres igualmente integrais e que, independente do papel que desenvolve naquele momento, professor, aluno ou funcionário, tem igualmente uma riqueza de informações para serem trocadas e compartilhadas, ajudando-se mutuamente no processo de desenvolvimento como um todo.

2.1 - a pedagogia aplicada é a de vivenciar a noção de corpo integrado;

2.2 - reforça o ser integral que se relaciona com outros seres também integrais, independente do papel que exercem no momento;

2.3 - salienta a relevância da troca de informações entre as pessoas como processo de desenvolvimento como um todo;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 19

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, é um todo. (1.1)
- 2- Corpo como um todo tem várias dimensões, manifestadas no ambiente. (1.2)
- 3- As manifestações do corpo no ambiente ocorrem consigo mesmo e com os outros. (1.3)

O sujeito vê corpo como um todo, que congrega rir, sentir, pensar, movimentar. Esse todo se manifesta no ambiente em várias dimensões: emocional, espiritual, mental, relacionando-se consigo mesmo e com os outros.

2ª PERGUNTA

- 1- Nas ações profissionais, o sujeito é um corpo integrado. (1.1; 2.1; 2.2)
- 2- Pelo corpo, o sujeito se relaciona com o outro e troca informações. (1.3)

Tanto na ação profissional como no cotidiano, o sujeito concebe corpo como um todo. Corpo como um todo é integrado, estabelecendo relações com outros seres, também integrais, independente do papel que exercem ou do momento que vivem. Estas relações proporcionam trocas de informações relevantes que alimentam a visão de totalidade.

SUJEITO 20**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

1- a extensão do meu corpo vai até onde alcança o meu olhar. Nesta frase está colocada a idéia de que o meu corpo ou o corpo é toda essa capacidade de eu estabelecer relações comigo mesmo e com ambiente externo, seja ele a sociedade, o meio ambiente, a natureza.	1.1 - a extensão do corpo do sujeito vai até onde seu olhar alcança; 1.2 - o corpo é toda a capacidade que se tem de estabelecer relações consigo mesmo e com o ambiente externo, seja sociedade, seja meio ou natureza;
2- eu não consigo pensar corporeidade ou corpo se não for nesta perspectiva da ampliação dos limites meramente físicos.	2.1 - o sujeito pensa o corpo além das questões meramente físicas;

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

1- parece que os alunos da graduação, ainda têm de forma geral, uma visão muito biológica de corpo, e as minhas disciplinas, (...) o que a gente consegue, acho que em termos de avanço na minha, no momento que eu participo da formação destes alunos, é estabelecer uma visão de complementaridade entre o corpo substância e esse corpo relacional.	1.1 - embora a maioria dos alunos apresentem uma visão biológica do corpo, o sujeito procura, em suas aulas, propor uma visão do corpo substancial e do corpo relacional;
2- eu acho que a minha participação se dá mais nesse nível, não negando o corpo biológico, o substancial, que a gente não tem como negar, mas relativizando esse predomínio, ainda exacerbado nesse corpo substancial, demonstrando que o corpo relacional, ou a possibilidade do corpo ser o elemento da relação entre sujeito e entre sujeito e meio ambiente, faz parte do universo da Educação Física, na medida em que nós somos basicamente uma prática de intervenção imediata.	2.1 - o sujeito não nega o corpo biológico, substancial, mas relativiza o corpo relacional como um elemento da relação entre o próprio sujeito e do sujeito e com o meio ambiente; 2.2 - estas relações do sujeito consigo mesmo e do sujeito com o meio ambiente constituem o universo da Educação Física, na medida em que esta área tem uma prática de intervenção imediata;
3- as coisas que eu faço, eu faço naquele momento, minha intervenção se dá naquele momento. E neste momento o corpo que está presente substancialmente é também o corpo relacional.	3.1 - tudo o que o sujeito faz está no seu vivenciar do momento; 3.2 - o momento do sujeito que tem presente ao mesmo tempo tanto o corpo substancial como o relacional;
4- eu tenho um certo receio a estas visões psicologizantes sobre a questão do corpo, da corporeidade, porque elas tendem a individualizar,	4.1 - o sujeito preocupa-se com a visão imposta pela psicologia sobre corporeidade, pois esta visão tende a individualizar;

elas tendem a ser introspectivas, elas tendem a dificultar a visão de corpo relacional.	4.2 - a visão individualizada tende a dificultar a visão do corpo relacional;
---	---

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 20

1ª PERGUNTA

- 1- A extensão do corpo vai até onde o olhar do sujeito alcança. (1.1)
- 2- O corpo é toda capacidade de estabelecer relações consigo mesmo e com o meio ambiente. (1.2)
- 3- O corpo vai além das questões meramente físicas. (2.1)

Na visão do sujeito, a extensão do corpo vai até onde o seu olhar alcança, transcendendo as questões meramente físicas. O corpo é toda a capacidade de estabelecer relações consigo mesmo e com o meio externo, seja sociedade ou natureza.

2ª PERGUNTA

- 1- Na ação profissional o sujeito enfatiza a visão substancial e a visão relacional do corpo. (1.1)
- 2- O corpo biológico, substancial não é negado, mas relativiza o corpo relacional, que estabelece relações entre o próprio corpo e o meio ambiente. (2.1; 2.2)
- 3- No mundo vivido tanto existe o corpo relacional como o substancial. (3.1; 3.2)
- 4- A visão individualizada tende a dificultar a leitura do corpo relacional. (4.2)

O sujeito salienta que os alunos enfatizam a visão do corpo biológico. Mas, na ação profissional, ele enfoca duas visões para o corpo: a substancial, que se refere ao corpo biológico, e a relacional, que admite o corpo biológico mas amplia esta visão ao admitir que o corpo estabelece relações consigo mesmo e com o meio ambiente.

Para o sujeito, as relações do corpo-sujeito consigo mesmo e com o meio ambiente constituem o universo da Educação Física, por entender que esta área tem uma prática de intervenção imediata. Na concepção do sujeito, no mundo vida, tanto existe o corpo substancial como o relacional, porém a visão individualizada, principalmente imposta pela psicologia, tende a dificultar a concretude do corpo relacional.

SUJEITO 21**CORPO: O QUE É ISTO PARA VOCÊ?**

<p>1- é um conjunto, eu vejo assim, de espírito, psíquico, físico, eu vejo o corpo dessa forma, responsável pelos meus movimentos, pelas minhas reações, exatamente como eu estou sentindo nesse instante, quer dizer, psiquicamente eu não estou num momento legal. Então eu vejo o corpo como esse conjunto.</p>	<p>1.1 - corpo, para o sujeito, é um conjunto de espírito, psíquico, físico; 1.2 - corpo é responsável pelos movimentos, reações do sujeito no momento em que acontecem; 1.3 - corpo é um conjunto;</p>
<p>2- as coisas se interferem mutuamente, quer dizer você pode estar de repente muito bem fisicamente, talvez se eu testar até minha condição física neste momento, ela deve estar muito legal. mas eu vejo assim que emocionalmente, psiquicamente, agora neste instante, a não ser que eu tenha de reagir, mas eu sinto dessa forma.</p>	<p>2.1 - no corpo há uma interação mútua entre físico, psíquico, emocional; 2.2 - a interação presente no corpo é diferente em cada momento; 2.3 - mesmo com a interação, pode haver predominância de uma condição, de uma sensação sobre a outra;</p>
<p>3- eu vejo essa interação, esses aspectos biológicos, psíquicos, isso para mim é o corpo, eu não descarto uma coisa da outra, acho que as coisas estão bastante relacionadas, interrelacionadas e quando uma coisa vai bem a outra vai bem e quando uma coisa não vai bem a outra não vai bem.</p>	<p>3.1 - o corpo, para o sujeito, é uma interação indissociada entre biológico, psicológico; 3.2 - o corpo, para o sujeito, é; 3.3 -para o sujeito, em função da interação, quando uma parte não vai bem a outra reage;</p>

CORPO: NA AÇÃO PROFISSIONAL

<p>1- a minha atividade profissional tem sido no sentido de mostrar várias facetas, várias manifestações do desporto, quer dizer, por exemplo, quando eu trabalho Treinamento Desportivo eu priorizo o aspecto do desporto, o desporto de competição, mas eu não deixo de abordar algumas manifestações como o desporto participação, o desporto educacional e dentro do meu enfoque, eu acredito que existe espaço para muita coisa, não apenas para os mais dotados, mas também para os menos dotados geneticamente, a minha formação também já voltou</p>	<p>1.1 - na ação, o sujeito possibilita experiências de diversas formas; 1.2 - o sujeito tenta, na sua ação, mostrar tanto o aspecto competitivo do esporte como também o esporte participação, educação; 1.3 - o sujeito crê que há espaços tanto para aqueles bem dotados geneticamente como para aqueles menos privilegiados; 1.4 - o sujeito mostra aos alunos o trabalho com indivíduos que necessitam de cuidados especiais;</p>
--	---

<p>para a recuperação de coronarianos, então eu trago essa possibilidade para os meus alunos;</p>	
<p>2- o que eu tenho procurado fazer é mostrar para algumas pessoas que tiveram ligadas a mim, principalmente quando esses são ligados à área da Educação Física (...), a possibilidade de você passar pelo esporte como eu passei e tirar do esporte todas as oportunidades que a gente pode tirar em termos de conhecimento e vir a contribuir com a área.</p>	<p>2.1 - o sujeito procura mostrar a seus adeptos que a experiência vivida no esporte deve ser utilizada tanto para conhecimentos para si como contribuir para a área da Educação Física;</p>
<p>3 - eu vejo desta forma, a gente sempre partiu para um lado de rendimento, para um lado de performance, mas não colocou isso aí como uma obsessão, explore o seu potencial, até onde você pode ir e usufrua de todas as oportunidade que você tem do contato com pessoas, de criação de amizade, de ampliação do seu mundo, enfim eu acho que caminha por aí.</p>	<p>3.1 - o sujeito tem uma vivência com o rendimento, com a performance, mas chama a atenção para que o potencial de cada um seja explorado e todos usufruam da oportunidade da prática esportiva;</p> <p>3.2 - enfatiza na prática esportiva a oportunidade de contato com as pessoas, estabelecimento de amizade ou mesmo ampliação do seu mundo;</p>
<p>4 - o corpo está nesse contexto aí, eu acho que as pessoas passaram, criaram hábitos saudáveis, continuam preservando esses valores até hoje, (...) são poucos os que passaram por mim que hoje não têm uma atividade de manutenção do lado biológico, por esse lado mais fisiológico, funcional, é uma visão, uma tendência da minha visão, mas em contrapartida, eu acho que outros valores estão imbutidos, né, quer dizer, o aspecto psíquico, (...) está interligado a essa problemática e acredito que cada um tem uma potencialidade e deva explorar essa potencialidade e aperfeiçoar dentro do seu nível, porque, muitas vezes, você não tem condição de levar esse corpo a um rendimento extraordinário, mas você tem condição de levar um rendimento compatível com o ambiente com que você vive</p>	<p>4.1 - o sujeito acredita que as pessoas com que manteve contato mantêm hábitos de prática esportiva saudáveis;</p> <p>4.2 - embora o sujeito acredite que há outros valores interligados no homem, prioriza o lado biológico, fisiológico e funcional</p> <p>4.3 - enfatiza que cada um deve explorar o seu potencial e aperfeiçoar o corpo, dentro do seu nível;</p> <p>4.4 - o sujeito reafirma que a individualidade em relação ao rendimento é compatível com o ambiente em que se vive;</p>
<p>5- é complicado, corpo acho que manifesta tanta coisa, é sentimento, amizade, é respeito, a questão ética acho que está ligado a todo esse processo, o respeito com as pessoas, até pela própria experiência que a gente vivencia em diferentes níveis, (...) todo mundo tem que ter o seu espaço.</p>	<p>5.1 - falar de corpo para o sujeito é complicado;</p> <p>5.2 - corpo manifesta várias coisas</p> <p>5.3 - a manifestação do corpo é processual, vivenciada em diferentes níveis como sentimento, amizade, respeito pelas pessoas, ética;</p>

	5.4 - o sujeito defende que todo mundo tem que ter o seu espaço;
6- eu acho que se tem alguém que está melhor com o corpo somos nós mesmos. Porque a gente tem criado esta possibilidade, tem ampliado os nossos horizontes, a nossa área é muito grande mesmo.	6.1 - o sujeito acredita que a área da Educação Física discute melhor as questões relacionadas ao corpo; 6.2 - a área não se restringe a especificações, mas procura ampliar os horizontes;
7 - dentro da minha visão mais técnica, e a minha formação é esta, e eu gosto de trabalhar as adaptações mais funcionais, eu percebo, eu sinto a importância do lado mais psíquico, do lado mais motivação, (...) mas eu não estudo esse fato, não estudo e acho que é muito difícil, para você, estudar todas estas vertentes. Eu acho que o que pode eventualmente acontecer, é você ter grupos com diferentes tipos de formação com concepções assim, interdisciplinares, multidisciplinares, mas cada um que tenha uma formação especializada, porque é muito difícil compreender todo esse universo. (...) a gente tenta abrir essa perspectiva, mas é muito difícil você se aprofundar, você tem que estar receptivo, mas é tão difícil dominar um setor, quanto mais dominar todos os setores.	7.1 - o sujeito prioriza, em seus estudos, o lado técnico, físico mas percebe a importância do lado psíquico, motivacional; 7.2 - embora respeite o lado psíquico, tem dificuldades em estudar este aspecto, preferindo o estudo das questões técnicas; 7.3 - o sujeito enfatiza que o conhecimento destes outros aspectos pode ser resolvido com estudos interdisciplinares, pela dificuldade que é compreender esse universo chamado corpo;

ANÁLISE IDEOGRÁFICA - SUJEITO 21

1ª PERGUNTA

- 1- Corpo, para o sujeito, é um conjunto indissociado de caráter espiritual, psíquico e físico. (1.1; 1.3; 2.1; 3.1)
- 2- Corpo é responsável pelos movimentos e reações do sujeito. (1.2)
- 3- Corpo reage a cada momento de forma diferente. (2.2; 2.3)
- 4- Corpo, para o sujeito, é uma interação. (3.2; 3.3)

O sujeito vê corpo de forma interativa, como um conjunto indissociado de caráter biológico, emocional, espiritual, psíquico e físico, mas reconhece que em algumas situações há predominância de uma parte sobre a outra.

Corpo revela o sujeito, pois ele é o responsável pelas ações e reações do sujeito. Corpo não é estanque, padronizado, porque reage a cada momento de forma diferente.

2ª PERGUNTA

- 1- Na ação, o sujeito possibilita experiências de diversas formas, tanto pela perspectiva competitiva como participativa. (1.1; 1.2)
- 2- O sujeito reconhece que há espaços para todos. (1.3; 1.4; 3.1; 4.3; 4.4; 5.4)
- 3- O sujeito procura mostrar a seus adeptos que a experiência vivida no esporte deve proporcionar conhecimentos para si e para a área da Educação Física. (2.1; 3.2; 4.1)
- 4- Embora o sujeito reconheça que o corpo tem outras dimensões, na ação prioriza o lado biológico e fisiológico. (4.2; 7.1)
- 5- O sujeito coloca que falar de corpo é complicado. (5.1; 7.2; 7.3)
- 6- Corpo manifesta processualmente várias coisas. (5.2; 5.3)
- 7- O sujeito reconhece que a Educação Física discute melhor as questões relacionadas ao corpo. (6.1; 6.2)

Na ação profissional, o sujeito proporciona experiências às pessoas com que convive em várias perspectivas, quer seja no aspecto competitivo do esporte, quer no aspecto participativo da educação, mesmo porque admite que os espaços devem ser ocupados por todos, inclusive para que os limites individuais sejam respeitados.

O sujeito realça que as experiências vivenciadas no esporte ampliam os conhecimentos tanto para si próprio como para a Educação Física. O sujeito deixa claro que, embora reconheça que o corpo congrega outras dimensões, prioriza o aspecto biológico, fisiológico, e funcional.

Apesar de reconhecer que falar de corpo é complicado, o sujeito acredita que processualmente o corpo manifesta várias coisas. Salienta que a Educação Física discute melhor as questões relacionadas ao corpo, na medida em que não se restringe às especificações, mas procura ampliar os horizontes de conhecimento.

CAPÍTULO VII

TEMPO DO SUJEITO PESQUISADOR

Fazer um trabalho científico é um processo solitário, mas ao mesmo tempo solidário. São vários os momentos em que se dialoga apenas com a tela do computador, escutando o ruído dos dedos tocando o teclado, mas há momentos em que o material produzido pode ser discutido com outras pessoas, necessárias para alicerçar o trabalho.

Nesta fase, em que o recurso bibliográfico para a escrita fica restrito ao embasamento metodológico, sinto vontade de revelar sensações presentes durante o processo de construção do trabalho.

Até agora, inclusive por exigência metodológica, fui rigorosa com os autores e com o discurso dos sujeitos. Para continuar mantendo o rigor, esta é a fase em que me revelo enquanto pesquisadora, pois ao realizar a variação imaginativa, prevista no trilhar metodológico, demonstro a minha percepção sobre o fenômeno situado.

Compreendo os limites que podem ocorrer ao me posicionar frente a tudo o que apreendi, na medida em que meu mundo vida pode influenciar a interpretação das análises. Ao mesmo tempo em que isso acontece, a opção pela fenomenologia me dá segurança, quando advoga que mais do que, uma metodologia estruturada, há predominância do respeito ao olhar do pesquisador frente ao que encontra, sem partir do princípio segundo o qual o pesquisador deve seguir padrões pré-estabelecidos para a leitura do fenômeno. Há o respeito ao sujeito.

Para isto são necessários ensaios, alguns estressantes, mas imprescindíveis para que o pesquisador incorpore atitudes frente ao universo da pesquisa. Aliás, acho que esse processo pode ser comparado ao vivido por atores de peça de teatro que têm como responsabilidade a incumbência de incorporar personagens, com posturas e atitudes que serão cobradas na apresentação do espetáculo. Para a construção dos personagens são necessários vários ensaios, de idas e vindas com o texto que embasa o discurso desses personagens. Ensaios em que, muitas vezes, se tem vontade de rasgar todos os papéis escritos por achar que não se consegue alcançar o objetivo proposto, e em outras vezes se instala a satisfação de sentir brotar, a partir do contato com outras pessoas, atitudes essenciais na incorporação do personagem.

O primeiro contato com a fenomenologia acho que não é diferente. São vários momentos vivenciados, recheados de informações, são vários ensaios, são várias voltas ao texto de origem tentando romper com o discurso lógico-formal freqüentemente presente em nossas ações, para incorporar atitudes que desvelam fenômenos transcendentais ao simples olhar dos fatos. São momentos em que solitariamente se repensa o seu papel frente aos obstáculos presentes no cotidiano de todos nós e que devem ser colocados em suspensão frente ao desafio proposto.

No caso específico desse trabalho, algumas sensações estiveram presentes. Por um lado, a expectativa de esperar a disponibilidade dos sujeitos da pesquisa para a entrevista foi angustiante, como provavelmente deve ser angustiante o momento que antecede a estréia de uma apresentação, criando um certo clima de insegurança de vencer esta fase. Senti-me, nesta etapa, como uma aniversariante que espera os convidados chegarem, e, enquanto isso não ocorre, cria uma expectativa agonizante, que se desfaz somente a partir do momento em que o primeiro convidado chega.

Por outro lado, enquanto os discursos vão sendo lidos, há a satisfação de, nas entrelinhas das palavras dos sujeitos, ver o fenômeno se desvelar, permitindo encontrar posturas, atitudes que na primeira leitura não se expõem. Daí a necessidade sempre de sempre se voltar, quantas vezes forem necessárias, aos discursos dos sujeitos.

Com estas considerações, a partir daqui descreverei fielmente cada sujeito entrevistado, tentando desvelar, com base nas perguntas geradoras, o que há em seus discursos, colocando a minha impressão frente aos relatos transcritos e às atitudes dos mesmos durante a entrevista.

SUJEITO 1

A entrevista com este sujeito foi uma das mais tranquilas, creio que por dois motivos. O primeiro, porque o sujeito atendeu, de modo muito solícito ao meu pedido de participar da pesquisa e, segundo, porque a energia positiva que ele passou durante toda a convivência da entrevista me fez muito bem. O sujeito transmitiu, com docilidade, o que estava sentindo, não se preocupando com valores que pudessem estar sendo avaliados.

Esta postura se revela quando o sujeito diz que corpo está além dos aspectos físicos e musculares, pois envolve sentimentos, movimentos harmônicos, pensamento e decisões pessoais e que corpo pode se expressar de forma alegre e espontânea. Embora, inicialmente, a sua percepção de corpo tenha sido de um negócio visando à técnica, à performance e ao rendimento, como uma roupa colocada externamente dependendo da ocasião, hoje esta concepção está superada. Para o sujeito é possível perceber, a partir do corpo, se algo não está bem, em função de entender que corpo é o próprio sujeito.

Como profissional, tem identidade com uma das disciplinas que ministra porque, prioritariamente, trabalha educação do movimento em diferentes faixas etárias. Nesta resposta, percebo que o sujeito faz pouca relação entre o corpo e o movimento, apenas colocando que trabalha a expressão do corpo.

SUJEITO 2

Foi um dos sujeitos que mais falou durante a entrevista, mas suas palavras pareciam buscar conceitos perfeitos, como se estivesse participando de uma avaliação oral. Fiquei em dúvida se realmente suas palavras são incorporadas às suas atitudes.

Respondendo a primeira pergunta, o sujeito, para analisar o corpo, faz referências à Educação Física, tendo um enfoque de como um atleta deve perceber o corpo. Declara que não pretende definir corpo, mas, em seguida, coloca uma definição segundo a qual revela que o corpo deve ser conhecido e utilizado, dando ao corpo um caráter utilitário a serviço da sociedade.

O sujeito tem dificuldades em definir o corpo para si e faz referências ao que os outros pensam do corpo. Parece que corpo, para o sujeito, é algo desligado de si próprio. Arrisca dizer que corpo é um todo, mas coloca isso de forma imaginária, apresentando os

limites deste pensamento. *...normalmente a gente acaba tendo dificuldade de pensar o corpo como um todo, exatamente por causa do nosso pensamento lógico de fracionamento social. (...) Eu estou imaginando que o corpo é um todo integrado.*

Em vários momentos o sujeito reafirma que corpo é algo a serviço de alguma coisa, seja para si mesmo, para o outro ou para a sociedade.

Embora tente colocar a necessidade da visão do corpo como um todo, cita exemplos que apresentam uma idéia fragmentada de corpo.

Na segunda resposta, reafirma a obrigação de uma visão totalizante de corpo nas ações pedagógicas, mas ao mesmo tempo assume as dificuldades de como agir profissionalmente. Os ensaios que faz neste sentido parecem distantes, pois sempre estão no patamar da imaginação ou do achismo. Na sua fala revela que considera o corpo importante, devendo ser respeitado, mas enfatiza que as questões de utilidade, eficiência, cuidado, saúde como prioritárias.

SUJEITO 3

Acho que por ser a minha primeira entrevista, a tensão era permitida. O sujeito revelou uma necessidade forte de transmitir um embasamento centrado em questões filosóficas, preocupando-se, aparentemente, com o fato de que eu pudesse estar julgando, de forma maniqueísta, as suas atitudes.

Em relação à primeira pergunta, o sujeito apresenta um discurso que se altera depois da Pós-Graduação; corpo é um sistema integrado, interdependente, funcionando assim como um circuito integrado e aberto a todas as relações com o meio ambiente. O sujeito coloca o corpo como tudo, com base principalmente nas concepções de Merleau-Ponty, sendo um elemento da natureza, como a madeira, o ar, um fenômeno.

Em relação à segunda pergunta, o sujeito traz a mesma concepção posta anteriormente, mas chama a atenção para o fato de que a prática, que não é o seu cotidiano, consegue dar conta de trabalhar melhor a integração com o meio ambiente, citada na resposta anterior. Embora reconheça o corpo como uma unidade, creio que por vício de linguagem, acaba revelando que temos corpo, contraditoriamente à concepção de sermos corpo. Sua fala revela: *...você tem um corpo na sua ação profissional que é um todo.*

SUJEITO 4

A relação com este sujeito, durante a entrevista, foi uma das mais positivas, tanto em relação a minha postura como em relação à sua posição. O sujeito estabeleceu comigo um diálogo corporal, o seu corpo dançava ao som de suas palavras.

Com relação à primeira pergunta, reconhece a existência do corpo biológico, mas amplia a sua percepção a partir das relações que o corpo estabelece com o mundo através da cultura, da fala, da sua capacidade de criar coisas novas. O sujeito relata que o corpo, ao se movimentar, é inteiro e tem competência para criar símbolos. O sujeito revela dificuldades em compreender o corpo na perspectiva filosófica, mas respeita o enfoque da fenomenologia em relação ao corpo, pois ela tenta superar a dualidade corpo versus alma.

Na ação profissional, o sujeito reforça a existência do corpo biológico envolto de outras dimensões simbólicas, culturais, e que a cada momento, embora represente papéis diferentes, é único.

SUJEITO 5

A impressão que o sujeito me passou foi de segurança quanto ao que diz, mas, ao mesmo tempo, demonstrou uma postura de displicência frente ao fato que estava acontecendo. Esta impressão, na minha percepção, se revela no olhar, que se manteve o tempo todo no horizonte, cruzando pouquíssimas vezes com o meu.

O sujeito justifica a resposta à primeira pergunta a partir de seu contato com os estudos filosóficos e com os sentimentos presentes em seu próprio corpo, afirmando ser o corpo a referência existencial para ele. Todas as coisas que o rodeiam são digeridas pelo viés do corpo. Fica evidente que sujeito é corpo.

Na ação profissional, o sujeito revela que as questões relativas ao corpo podem ser discutidas, de maneira melhor, em disciplinas que tem relação com o tema, enquanto que, em outras, este aspecto fica relegado a um segundo plano.

SUJEITO 6

Dentre todos os entrevistados, creio que este foi o que menos falou sobre o corpo. Passou quase que a maior parte da entrevista dizendo o que faz profissionalmente e se

desculpando por não trabalhar corporeidade, uma vez que seu enfoque era voltado para a área fisiológica. A impressão que ele me causou é que trabalha com a idéia de corpo como algo externo à pessoa, como um objeto manipulável, inclusive pelas adaptações que o sujeito faz para atuar profissionalmente.

Na primeira resposta reforça que a área fisiológica vê corpo de forma diferente de outras áreas. O sujeito sente dificuldade em falar sobre o assunto, pois entende o corpo dentro da especificidade de cada parte estudada.

O sujeito aponta duas visões simultâneas, reflexo de sua atuação profissional. De um lado, o corpo simboliza resultados, tendo como princípio o seu rendimento. De outro lado, quando atua em outra disciplina, vê corpo como um instrumento de relação do indivíduo com o meio ambiente. Ao mesmo tempo, o sujeito não revela a sua concepção de corpo.

Na segunda resposta relata a sua ação profissional, colocando que tem atitudes diferentes frente ao variado universo em que atua. Mais uma vez, o sujeito não demonstra uma postura em relação ao corpo que possa revelar a sua visão sobre ele.

SUJEITO 7

Esta entrevista foi uma das que mais me impressionou em função da crise pela qual o sujeito revelou estar passando. Durante a maior parte da entrevista o sujeito permaneceu de cabeça baixa, como se tivesse medo de dizer as coisas. Em grande parte da entrevista falou sobre o seu trabalho de mestrado e agora de doutorado. Depois que o gravador foi desligado, o sujeito revelou que percebia que o seu atual trabalho, na Pós-Graduação, era engessado por regras impostas pela pesquisa, tanto que sentia necessidade de expor questões relativas à corporeidade, mas cada vez que ousava escrever sobre isto, o orientador riscava, considerando este assunto sem importância para o trabalho científico.

O sujeito coloca que, inicialmente, sua visão de corpo estava relacionada à questão estética, corpo recoberto de músculos que deveriam ser trabalhados, mostrando a conotação de corpo objeto. Hoje, reconhece que falar do corpo significa ter maior amplitude, inclusive por ter vivenciado em seu próprio corpo fatores estressantes que foram somatizados por ele.

A mudança de atitude frente à concepção de corpo se justifica por estar trabalhando com envelhecimento, fase que o sujeito considera mais sensível. O sujeito revela

que primeiro experencia em si, para depois passar para as pessoas. Este dado me fez perceber que este processo é de auto-aceitação frente às mudanças estéticas que está vivendo. Isto se comprova na própria fala do sujeito: *Então, eu estou assim, numa fase, tipo assim, de fazer, a cada dia, uma experiência. (...), eu faço para mim, e se for bom para mim, eu passo para as pessoas. (...)Eu comecei a ter uma concepção de corpo muito abrangente, não só no sentido daquela coisa de ter um corpo saudável, de não ter celulite, então, passei a ver o corpo de uma outra forma e a partir daí comecei a me aceitar melhor.*

Nas entrelinhas de sua fala, o sujeito revela uma certa frustração em relação ao desenvolvimento de seu trabalho de Pós-Graduação e sente que amplia a sua atitude, porém não faz este relato em sua tese, como pode ser visto na sua fala: *eu também comecei a trabalhar com essa coisa de ser consciente do trabalho que se está desenvolvendo, e acho que consegui uma coisa que, eu acho que só o depoimento mesmo das minhas voluntárias, é que poderia estar complementando, em relação dos benefícios que elas tiveram em relação ao corpo, em relação à corporeidade.*

Na segunda pergunta, o sujeito se surpreende com a constatação de que outros espaços de educação estejam trabalhando o corpo além da visão mecanicista, em busca da qualidade de vida das pessoas, em especial a do idoso. Ao mesmo tempo, reforça a visão limitante que o enfoque fisiológico fornece: *a gente já entra nos aspectos fisiológicos do envelhecimento, então, neste segundo módulo, a gente passa a mostrar todos os trabalhos, vamos dizer, quadrados, né.*

Como na resposta anterior, acredita que somente com o amadurecimento da pessoa é possível compreender o corpo como unitário, como algo que vai além das questões estéticas, padronizadas e mecânicas.

SUJEITO 8

A entrevista com este sujeito reuniu duas sensações simultâneas. Uma, de disponibilidade e atenção por parte do entrevistado, que faz questão de ser gentil e prestativo com todos que o cercam; outra, ao final de sua fala, tive a impressão de confusão na forma de o sujeito se expressar, pois várias vezes repete a mesma concepção com o cuidado de manter uma postura “correta” frente ao problema instalado.

Na primeira resposta o sujeito coloca que, para ele, corpo é ser consciente, porém, em seguida fala, que é muito subjetivo, ficando em dúvida se isso possa ocorrer Com

outros argumentos, insiste em dizer que não percebe o corpo fragmentado, mas como um todo que se relaciona com os outros e com a sociedade.

Na seqüência coloca dados em relação ao corpo estético, que deve ser respeitado como é, independente da questão física, mas ao mesmo tempo, na grande maioria da sua fala, com exceção do último parágrafo, não apresenta argumentos que contradizem esta questão do estético. Assim, ele diz: *Nesse corpo consciente, quer dizer, o lado estético deste corpo é um lado que tem que ser compreendido que é estético, não é apenas a questão física, mas sim o corpo estético como aquele corpo com uma estética das relações existentes no interior de uma sociedade, pré-determinada e pré-consciente por esse próprio corpo. Eu estou entendendo o corpo mais ou menos nesta direção.*

Na segunda resposta, revela que a compreensão do corpo deve ser de unidade e este princípio é passado aos alunos, independente da faixa etária a ser trabalhada e do local de atuação.

SUJEITO 9

De todos os entrevistados, este sujeito foi o mais tímido, mas possui uma fala pausada, melodiosa e envolvente, narrando com suas palavras, fincadas em pressupostos históricos, uma estória, passada como um filme frente aos meus olhos.

Admite que falar de corpo é complexo e se refere a corpo como uma idéia que tem várias dimensões: sociais, culturais e pessoais, parecendo que corpo fica um pouco distante e inatingível para si. Ao mesmo tempo revela que, individualmente, corpo é maneira de ser em relação a si, aos outros e ao meio, dando grande importância aos órgãos dos sentidos.

Em relação à segunda pergunta, reconhece que é essencial, para a assimilação de conteúdos, a participação do corpo em movimento.

SUJEITO 10

Este sujeito foi um dos mais receptivos em a participar da pesquisa, colocando a importância do contato com as pessoas na troca de experiências. Ele é formado há pouco

tempo, mas possui uma visão interessante em relação ao corpo e uma atitude profissional interessante.

Na primeira resposta, o sujeito coloca que corpo é uma forma de existência do homem, estabelecendo uma relação dialética em que, ao mesmo tempo, o corpo se identifica com o mundo e é identificado por ele. O corpo é o sujeito.

Em relação à segunda pergunta, o sujeito diz que, na convivência com os alunos, realça a idéia de que somos corpo e não temos corpo, que corpo transpõe a questão meramente física, e que estabelece relações dialéticas com a sociedade, formando a sua própria história. Na sua fala o sujeito relata que o respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro é primordial

SUJEITO 11

O sujeito foi bastante disponível para a realização da entrevista, mas, ao mesmo tempo, revelou uma preocupação muito grande com o que ia dizer, "para não dar fora", justificando a todo momento os limites em abordar o tema. Apresentou uma dificuldade em expressar o que queria dizer, mantendo, quase que todo o tempo da entrevista, o olhar no horizonte como se não quisesse estar ali.

O sujeito é formado há alguns anos e está na Pós-Graduação em busca de novas atitudes frente ao mundo da Educação Física.

Depois que a pesquisadora fez a primeira pergunta, o sujeito disse a palavra Corpo e deu um grande suspiro, o que relata a dificuldade em conviver com este termo. Houve a preocupação do sujeito em definir a palavra corpo, o que revela que o corpo é algo que pode ser definido, independente da pessoa. Ele coloca o corpo como sendo um meio de interação, mas simultaneamente trata o corpo como um instrumento com diferentes funções, entre elas a de ser utilitário para as outras pessoas.

No decorrer da entrevista coloca que o corpo é uma parte, mas não consegue expor qual parte, reconhecendo a dificuldade em falar o que quer enfatizar.

A partir do reconhecimento de que o corpo é interativo, o sujeito apresenta uma preocupação com o tratamento que o sistema capitalista dá ao corpo, dizendo que ele é desprezado e hostilizado, que as funções normais do corpo são alteradas para servir ao

sistema, de modo que ele seja produtivo. Esta questão me faz pensar que há uma contradição na fala do sujeito, pois ele, profissionalmente, coloca o corpo como utilitário, mas ao mesmo tempo critica o sistema vigente por utilizar o corpo na produção.

Atribui, à Educação Física, a responsabilidade de retornar o corpo às funções normais do desenvolvimento harmônico.

Em relação à segunda pergunta, reconhece que ela é interessante pela abrangência de respostas que eu possa coletar na pesquisa. Reforça a idéia de corpo como meio de resgatar valores presentes na sociedade, e no próprio corpo como aptidão, saúde, manutenção, sendo útil na ajuda das pessoas. Salaria, como na resposta anterior, o desprezo dado ao corpo.

Revela que, como professor de ginástica, procura a conscientização corporal com a intenção de utilizar o corpo da melhor maneira possível, demonstrando novamente a idéia de corpo utilitário: *...então o meu discurso era uma conscientização corporal para que eu pudesse utilizar o corpo da melhor maneira possível.*

SUJEITO 12

O sujeito é muito falante, tentando o tempo todo justificar sua posição frente aos novos conhecimentos que tem adquirido. Tem-se a impressão que o sujeito vive uma crise em relação a sua ação profissional.

Em relação à primeira pergunta, inicialmente o sujeito deu uma grande respirada e emitiu a palavra corpo, com um tom de quem tem várias interpretações para ela. Solicita que a resposta seja exposta em dois níveis, em função das alterações que sofreu, a partir da participação em programas de Pós-Graduação. Coloca que tendencialmente se fala do corpo como um meio que ao mesmo tempo passa e recebe informações, esquecendo-se de que ele tem outras funções.

Revela que foi formado dentro de uma concepção biológica, inclusive para atuar profissionalmente, mas que, como professor universitário, vê essa abordagem como muito simplista. Coloca que tem dificuldades em falar sobre corpo, embora esteja envolvido com as questões da corporeidade.

Reconhece que o corpo estabelece relações com o mundo, mas afirma que falar o termo corporeidade é puxar sardinha para o meu trabalho.

Na segunda resposta, há uma grande crise revelada pelo sujeito, pois ele trabalha três disciplinas diferentes no curso de graduação; em duas delas tem uma postura ainda com resquícios de sua formação biologizante, e em outra delas tenta “pensar” corpo como um todo.

O sujeito apresenta dúvidas em suas afirmações, parecendo ser duas pessoas ao mesmo tempo.

Ele revela que, no início de seu trabalho profissional, as questões emocionais foram esquecidas, reflexo de sua formação e justifica o esquecimento como sendo um atributo social instalado. Hoje, percebe que não é possível relegar esse aspecto a um segundo plano, pois há uma interrelação no indivíduo que o faz ser um todo. Reconhece que as abordagens que têm como objetivo o controle de variáveis são restritas, pois há coisas que não podem ser controladas. Como exemplo, cita a si mesmo, colocando que no momento da entrevista muitas coisas devem ser consideradas, como os problemas que enfrentou antes do horário da entrevista, e que, com certeza afetaram seu corpo.

Embora perceba, em sua ação profissional, que algumas questões devem ser alteradas e que outras devem ser consideradas, revela que encontra resistências de vários segmentos, porque algumas abordagens não podem ser comprovadas. Esse dado me faz pensar que esta reação das pessoas torna o sujeito inseguro frente a mudanças, como se perceber através dessas suas palavras: *Só que a transformação é algo de convencimento, estou chegando a esta conclusão. Alguns alunos falam: Isso é besteira.(...) Se a gente não conseguir mudar de impacto, acho que a gente vai conseguir mudar aos poucos esta visão na Educação Física.*

Ao mesmo tempo, o sujeito reconhece que as mudanças devem ocorrer na prática do dia a dia e não se esgotar em um discurso teórico sobre o assunto.

SUJEITO 13

A sensação com o sujeito foi de um estado “zen”, permeado de tranquilidade, ele pausadamente respondendo as perguntas, deixando um espaço de olhar perdido no horizonte entre uma colocação e outra. Após o término da entrevista, a impressão que eu tive

foi a formação de uma colcha de retalhos, onde cada pedaço de pano tinha um significado diferente, com pouca interligação entre eles.

Na primeira resposta, o sujeito revela que, inicialmente, o significado de corpo está ligado à visão que tem dele no espelho, a uma coisa que tem como objetivo crescer e conviver com outros, sendo recheado de preconceitos, passando-me a idéia reducionista de corpo físico. Posteriormente passou a olhar o corpo com significado de ser, de estar e de utilizar. Para o sujeito o corpo é um objeto.

O sujeito salienta que corpo é um veículo que existe a partir das decisões que a cabeça tem, revelando uma grande dicotomia entre corpo e mente. O sujeito diz claramente: *...hoje, em função do meu desenvolvimento intelectual e físico*

O sujeito, ao preocupar-se com a possibilidade de o corpo sofrer, quer seja pela perda de alguma parte ou por acidentes do cotidiano, revela que, com esses problemas, a existência do corpo está comprometida, o que significa que prioriza o corpo perfeito. Revela ainda que o corpo segue padrões regulamentares presentes na sociedade.

Corpo, para o sujeito, tem sentido de adendo, como um instrumento físico, fisiológico, que se movimenta no esporte, na dança, na prática e no contato corporal, ressaltando a importância da questão estética. *Todo mundo procura se libertar cada vez mais daquilo que acha que é, para poder estar presente nas outras pessoas, poder estar no ambiente, poder estar no espaço, sabe, se posicionar. Eu acho que o meu corpo interfere um pouco nisso, acho, não tenho certeza, já conversei com psicólogo, mas acho que é mais fisiologista, que tem a ver com isso.*

No início da segunda resposta o sujeito reforça a visão dicotômica ao dizer que a Educação Física, como o próprio nome diz, contempla a participação corporal, na perspectiva física, atendendo a uma necessidade social.

SUJEITO 14

Dentre os entrevistados, creio que este foi um dos que teve maior dificuldade em expor suas idéias. Durante toda a entrevista ficou com as mãos entrelaçadas como se estivesse buscando força para dar as respostas. Seu olhar, quase que o tempo todo, esteve dirigido para as mãos.

Em relação à primeira pergunta, vê-se a dificuldade do sujeito em responder quando diz: *Nossa! Complicado*. O sujeito não revela o que é corpo para ele.

Na segunda pergunta, quando entra na questão profissional, revela uma posição contraditória, pois, ao mesmo tempo que coloca que, treinamento, que é sua área, está ligado ao aspecto saúde, diz que não há relações entre treinamento e benefício para o corpo, como se um pudesse existir sem o outro. Ao mesmo tempo reconhece que treinamento, com perspectiva de rendimento, não pode ser sinônimo de saúde.

Fica claro que o sujeito tem uma visão do corpo como uma estrutura física em busca de rendimento: *dentro desta questão que eu coloquei para você, do que seria corpo, que ele reflete tudo aquilo que ou você está passando ou que você passa para a pessoa, a gente procura dentro do corpo dela, no sentido físico da palavra, trazer o mais, o menos agressivo possível, aquilo que a gente procura passar para os atletas.*

SUJEITO 15

É engraçado, mas grande parte dos entrevistados começou a gravação justificando que não trabalha ou não estuda questões relativas ao corpo, dando a impressão que ele é algo que deve ser visto separadamente. Este sujeito, durante a sua entrevista, demonstrou que o corpo, enquanto elo de comunicação com o mundo, foi o seu cotidiano, relatando que experenciou, na ação profissional, trabalhar corpo de forma unitária. Ao mesmo tempo, tanto no primeiro contato para marcar a data da entrevista como no início dela, deixou bem claro que a questão da corporeidade não era o seu universo. Creio que esta atitude, provavelmente, se justifique em sua fala, quando apresenta uma experiência vivida como atleta, que historicamente é sinônimo de corpo perfeito e técnico.

O sujeito entende corpo com diversos significados, podendo ser lido e representado em vários sentidos. O corpo, para o sujeito, é a revelação, a partir das posturas que adquire, daquilo que o sujeito é em relação a sua existência. Revela que essa leitura do corpo deve ser feita por especialistas e se sente incapaz de o fazer. Ao mesmo tempo, em suas palavras se percebe a preocupação com o corpo do outro: *sou uma pessoa que observo e procuro não agredir esse corpo quando estou dando aula.*

O sujeito pouco fala do corpo para si, mas sim do corpo do outro, colocando que tem dificuldades quando trabalha sua disciplina, na qual a expressão do corpo é

primordial. Percebe, nesta situação, que o corpo vem carregado de preconceitos e tabus. Neste sentido, afirma ter dois trabalhos: o primeiro, de reeducar o indivíduo e o segundo, de dar condições para que ele possa entender a hierarquia de complexidade na aquisição de habilidades motoras. Com este dado, noto que, na verdade, o sujeito também busca a reeducação de si mesmo, pois, como dito anteriormente, não crê na capacidade do profissional de Educação Física de perceber o corpo se revelando, embora reconheça a importância das questões emocionais para o movimento e o privilégio da técnica esportiva, como diz em suas palavras: *...agora eu estou tendo uma vivência até minha individual, fui buscar a questão da terapia corporal, que já tem outra visão, dos psicólogos, (...) Eles são os especialistas para ler esse corpo. Esse corpo impregnado das questões emocionais, sociais e tudo mais, nós não temos essa bagagem, eu acho muita prepotência, a não ser que você faça uma formação, mas que a gente tem que reconhecer que é fundamental para você trabalhar o que a gente chama de movimento. Principalmente o movimento técnico, dentro de uma modalidade esportiva.*

Na ação profissional, o sujeito se preocupa com o exacerbamento da questão estética, pois coloca que, ao olhar o corpo de alguém, por trás dele está a pessoa que se é, em sua totalidade. Como educador procura respeitar as diversas formas de corpo que existem.

SUJEITO 16

Houve uma certa dificuldade em contatar este sujeito, eu diria que ele foi pego “a laço”. Uma de suas características é olhar o mundo de forma tranqüila, sem deixar que nada o abale. Assim também foi durante a entrevista; as perguntas foram feitas e ele respondeu calmamente, aliando suas palavras a gestos corporais, tentando expressar o que queria dizer.

Depois que formulei a pergunta, a primeira coisa que questionou foi se não tinha uma pergunta mais difícil. Em seguida, olha para mim e diz que corpo é o que eu estava vendo, ele próprio. Relata ainda que seria a síntese do homem e do humano e que esta concepção vem de vivências que acontecem em seus contatos com outros profissionais.

O sujeito afirma que ser corpo é a sua própria vida que estabelece relações consigo mesmo e com os outros, experienciando, por exemplo, sensações de prazer e desprazer, de conhecimento e desconhecimento. *O corpo é ser, (...) O corpo é você existir aqui e agora e estar consciente de que você nesse instante, nesse local, tem tudo uma relação com tudo.*

Na ação profissional, o sujeito reafirma a sua concepção anterior, de considerar o indivíduo como sendo corpo, entendendo que o profissional da Educação Física tem que agregar tanto a questão das atividades práticas como a das leituras teóricas. Este dado chama a atenção porque o sujeito reconhece que há rótulos impostos aos profissionais da Educação Física, no sentido de que ou você é professor da prática que faz um trabalho corporal, ou você vai ser pesquisador e intelectual e, na sua visão, é necessário interligar estas duas coisas.

SUJEITO 17

O sujeito assumiu a postura de contar a estória de sua própria vida, olhando ora para o horizonte e ora para o chão, como se pudesse recuperar dados destes espaços. Suas palavras revelavam segurança daquilo que dizia.

O sujeito relata que desde adolescente tem estabelecido contato com corpos, em diversas ações profissionais. Esta experiência foi, de uma certa forma, confusa e problemática, pois havia ênfase nas questões de rendimento e técnica. Isto se repete durante sua formação profissional em Educação Física quando recebe informações centradas no corpo perfeito, rentável, e este aspecto exclusivo de ver o corpo sempre o incomodou.

No início de sua carreira, como docente universitário, passou a refletir sobre o corpo, inicialmente dentro da questão estética, como um objeto que a pessoa tem. Posteriormente, com outros conhecimentos, percebe que o corpo, enquanto humano, é um todo, recheado de padrões impostos cultural e socialmente. Salaria que o corpo está além destes aspectos estéticos reducionistas, apesar dos preconceitos que o rodeiam. No final de suas palavras, se observa-se a dissimulação destes pontos, revelando uma certa incoerência de atitudes frente ao fenômeno corpo.

Com relação à segunda pergunta, profissionalmente concebe o corpo dentro do respeito à individualidade, reforçando que ser corpo está além de padrões estéticos impostos cultural e socialmente. Mas revela que discutir corpo, seja na graduação ou pós-graduação, ainda é incipiente.

SUJEITO 18

Percebi no sujeito uma dificuldade grande em expor o que queria dizer. Durante boa parte da entrevista ele falava: *O que mais poderia dizer*. A impressão que ficou, embora ele tivesse disponibilidade, é que desejava terminar logo a entrevista, seu corpo revelava isto na medida em que se movimentava o tempo todo, cruzando e descruzando as pernas.

O sujeito apresenta em sua concepção de corpo, uma forte tendência de o entender como estrutura física, reconhecendo que o movimento é parte integrante do corpo. Coloca que o corpo é importante, mas revela claramente que tem que ser perfeito, com todas as suas partes e características.

Na ação profissional, apresenta a preocupação da convivência entre os alunos e passa para eles a importância do corpo dentro da Educação Física, mas não dá pistas de como faz isto. Apenas relata experiências de atividades com o olhar, deixando a suspeita de que a importância do corpo é relativa e que o corpo pode falar apenas com o sentido da visão.

SUJEITO 19

Se um dia eu precisar de um conselho, provavelmente recorrerei a este sujeito; a calma, a segurança e a tranquilidade com que conversamos me fazem dizer estas palavras.

Em sua fala, fica explícito que corpo para ele é uma totalidade, que converge em várias dimensões, manifestando-se no ambiente, consigo mesmo e com os outros.

Na ação profissional, tem a mesma concepção de corpo integrado, que se relaciona com outros seres igualmente integrais, independente do papel que desenvolve, estabelecendo uma relação de troca entre si, com o outro e com o meio.

SUJEITO 20

A impressão que o sujeito me passou foi de alguém muito disponível a participar da entrevista, desde que, pareceu-me, algumas regras fossem respeitadas. No decorrer da entrevista ficou claro que a postura dele em relação ao corpo estava centrada nas experiências vividas durante a capacitação profissional.

No início da primeira pergunta, o sujeito questiona se eu não queria saber mais nada, revelando a complexidade que é falar de corpo.

O sujeito afirma que corpo é a capacidade de estabelecer relações consigo mesmo e com o ambiente externo, que vai além dos aspectos meramente físicos.

Com relação à atuação profissional, o sujeito relata a dificuldade dos alunos em perceber a interrelação entre o corpo biológico e o corpo existencial, por considerar que a Educação Física possui uma prática de intervenção imediata.

SUJEITO 21

A entrevista com este sujeito veio confirmar as questões que vêm sendo tratadas neste trabalho, de que o corpo revela o que o indivíduo é e o que está passando. Este sujeito foi o mais complicado, até fiquei em dúvida se continuava a entrevista ou desistia. No momento em que cheguei para a entrevista o sujeito estava bastante alterado com o escasso tempo que tinha para terminar a sua tese. Justificou durante toda a entrevista o estado emocional em que se encontrava, olhando para os lados durante a nossa conversa. Depois que o gravador foi desligado, minha impressão é que havia se acalmado. Conhecendo um pouco a história de vida deste sujeito, creio que a sua fala foi influenciada pelo estado emocional em que se encontrava.

Na primeira pergunta, o sujeito revelou esta interação de estrutura física e sentimentos. Suas palavras revelam este aspecto: *É um conjunto eu vejo assim de espírito, psíquico, físico, eu vejo o corpo dessa forma, responsável pelos meus movimentos, pelas minhas reações, exatamente como eu estou sentindo nesse instante, quer dizer, psiquicamente eu não estou num momento legal.* Embora reconheça a interação, revela que se desejar pode controlar este estado, contradizendo suas palavras anteriores...*se eu testar até minha condição física neste momento, ela deve estar muito legal, mas eu vejo assim que emocionalmente, psiquicamente, agora neste instante, a não ser que eu tenha reagir, mas eu sinto desta forma.* Com esta atitude fica a dúvida se realmente o sujeito encara o corpo como uma unidade que transcende as questões físicas.

Na segunda pergunta coloca que, como atleta e como profissional, houve oportunidades de conhecer pessoas e lugares, usufruindo desta possibilidade, mas faz poucas colocações do corpo como parte integrante deste processo .

Expõe que tem uma ligação com o rendimento, com a performance, mas não coloca este aspecto como essencial; ao mesmo tempo, diz que deve usufruir de todas as oportunidades, seja de contato com as pessoas ou ampliação de seu mundo vida, separando o corpo destas questões.

O sujeito revela que falar de corpo é complicado, é de difícil compreensão, pelas várias facetas que o corpo possui e manifesta. Reconhece simultaneamente que a Educação Física trabalha melhor as questões do corpo.

CAPÍTULO VIII

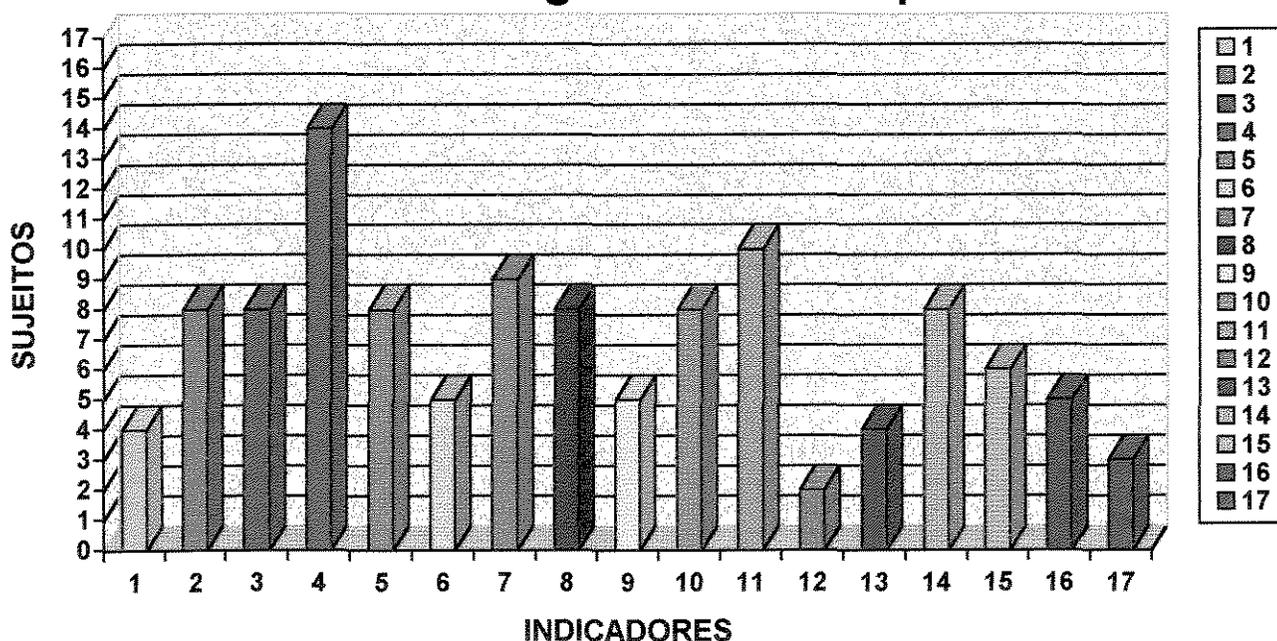
TEMPO DO OLHAR PANORÂMICO SOBRE O FENÔMENO - ANÁLISE NOMOTÉTICA

Neste momento do caminho fenomenológico, realizo a análise nomotética. Esta análise do discurso de todos os sujeitos participantes da pesquisa, revela princípios presentes a partir de divergências e convergências.

Optei por colocar em uma tabela os dados revelados pelos mesmos, para posteriormente analisar cada item desta tabela, tentando dialogar com o referencial teórico levantado na primeira parte deste trabalho.

1º PERGUNTA - CORPO O QUE É ISTO PARA VOCÊ?																					
INDICADORES	SUJEITOS																				
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
01- O conceito de corpo, inicialmente, era sinônimo de performance e rendimento, e pode se alterar em função dos estudos			X				X					X					X				
02- Corpo vai além dos aspectos físicos	X			X	X		X	X		X						X				X	
03- Corpo é o sujeito	X		X	X	X					X		X				X			X		
04- Corpo é um sistema interligado de relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo (meio)		X	X	X		X		X	X	X	X	X				X	X		X	X	X
05- Corpo é a referência de existência, impregnado de questões sociais emocionais	X			X	X		X			X					X	X	X				
06- A história de vida tem relações com o corpo							X	X	X						X		X				
07- Corpo é um todo, é tudo			X	X			X	X		X						X	X		X		X
08- Corpo se explicita no movimento, na expressão, podendo ir em busca da qualidade de vida				X			X				X	X	X		X			X			X
09- Corpo é um ser biológico				X		X						X	X					X			
10- Corpo é impessoal, distante do sujeito		X				X		X	X		X		X	X				X			
11- Corpo é complicado		X				X			X		X	X		X	X			X		X	X
12- Corpo é regido pelas decisões da cabeça ou do rendimento						X							X								
13- Corpo deve ser conservado para ser manter perfeito, e é utilitário		X									X		X					X			
14- Corpo é uma forma de identidade				X	X				X	X					X	X	X		X		
15- Embora reconheça o corpo integrado, os exemplos são fragmentados		X				X						X	X		X			X			
16- Corpo deve ser respeitado							X	X			X		X		X						
17- Corpo tem preconceitos													X		X		X				

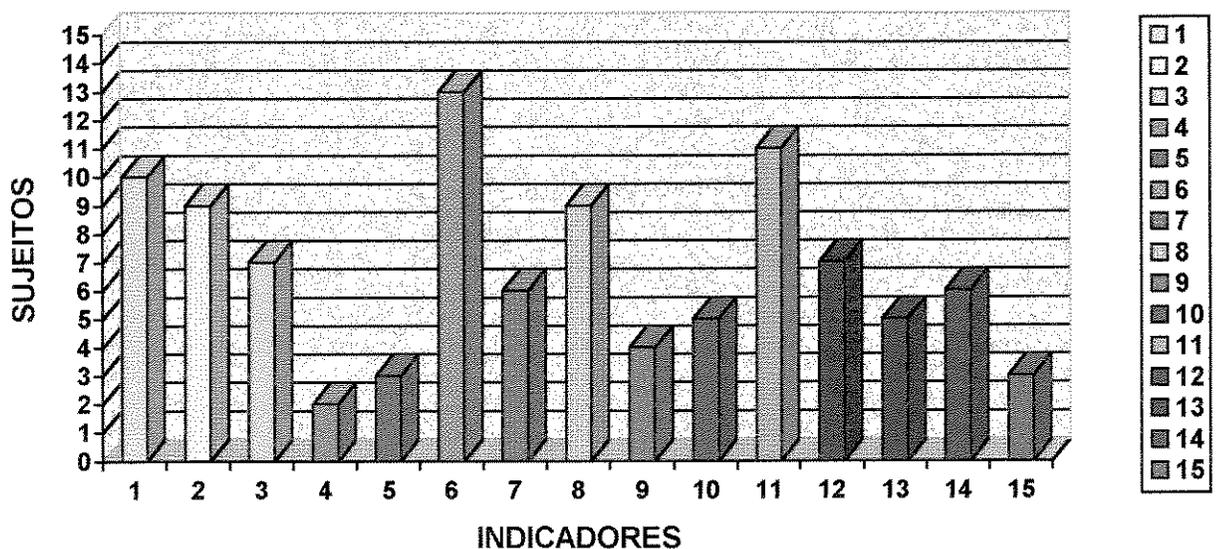
Grau de Convergência das Respostas



2ª PERGUNTA - NA AÇÃO PROFISSIONAL, QUAL A SUA VISÃO DE CORPO?

INDICADORES	SUJEITOS																				
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
01- Há relações entre o ser cotidiano e o ser profissional	X		X	X	X		X	X	X			X				X			X		
02- Corpo é um sistema que tem relações com o meio e com os outros			X	X	X				X	X	X						X		X	X	
03- Corpo é um todo, representando a pessoa			X	X	X				X		X				X	X					
04- As atividades práticas são mais apreendidas pelos alunos			X						X												
05- O ato educativo é vivido no movimento			X						X									X			
06- Concepção de corpo é totalizante	X	X	X	X	X		X	X		X	X				X			X	X	X	X
07- Na ação profissional, o corpo deve ser respeitado e valorizado		X					X			X					X		X	X			
08- Corpo está além das questões físicas			X	X			X	X		X		X			X	X	X				
09- Prioridade pelo lado fisiológico e biológico						X						X	X								X
10- A Educação Física discute melhor as questões relativas ao corpo										X	X							X		X	X
11- Corpo pode ser vivido em vários espaços				X	X	X	X	X				X	X		X	X	X				X
12- A ação profissional tem que ter novas atitudes frente ao corpo		X					X	X		X	X	X					X				
13- Corpo é importante, para as questões de utilidade		X								X	X	X									X
14- Corpo é distante do sujeito		X				X				X	X		X								X
15- Visão de corpo é impessoal						X							X					X			

Grau de Convergência das Respostas



Nesta fase do trabalho, ao mesmo tempo que tenho a sensação de várias etapas vencidas, surgem indagações emergentes da minha percepção. Fico me perguntando, por exemplo, para onde convergem as respostas dadas pelos sujeitos, que relações estão implícitas e /ou explícitas no referencial teórico proposto no início deste trabalho. Isto parece ser uma tarefa fácil. Não é, inclusive em decorrência de alguns dados que Freire (1991), coloca:

Quem investiga no campo da motricidade humana tem que começar por desmistificar a ciência. Tem que começar por romper com quaisquer obstáculos a uma visão de complexidade(..) Será preciso (...).vencer as tentações da ciência clássica, dos procedimentos mais confortáveis, da idéia de certeza, do reducionismo simplista. Não será mais difícil investigar a complexidade que a simplicidade. Difícil será romper nossos próprios obstáculos internos, depois de tanto treino intelectual, de tanta herança positivista. (59)

Diante dos fatos, propus-me a interpretar os elementos presentes na matriz nomotética, correlacionando as convergências e divergências, levantando considerações sobre o fenômeno, à luz das questões analisadas ao longo do processo de construção do trabalho.

Numa primeira leitura, posso perceber que os sujeitos participantes da pesquisa, que hoje fazem pós-graduação e atuam na formação profissional em Educação Física em Universidades, têm uma visão de corpo que ultrapassa a idéia reducionista de estrutura física, estética, perfeita. Eles compreendem corpo como um sistema de relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, independente do tempo e do lugar. Ampliando o grau de convergência, colocam que corpo é tudo, impregnado de questões sociais, afetivas, emocionais, sendo também uma forma de identidade. Ao mesmo tempo, reconhecem que falar de corpo é complicado, como algo ainda distante do cotidiano, necessitando de um “tempo” para discutir.

A concepção de corpo totalizante é identificada na ação profissional, onde o corpo, como um sistema, estabelece relações, estando presente em diferentes espaços. Poucos sujeitos admitem corpo distante de si, de forma impessoal ou como meio de utilidade, sendo que a maioria deles considera o corpo perfeito, apenas biológico.

Já especificando a análise, encontro na primeira indagação as seguintes observações:

A - O aspecto de maior convergência, presente na fala de quatorze sujeitos (2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 16, 17, 19, 20 e 21), é o que se refere ao corpo como um sistema que estabelece relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo ou o meio. O alto grau de convergência nesta categoria leva-me a considerar que o corpo, como existência, não vive sózinho, é carente, necessariamente precisa da convivência de outros corpos para se firmar, como aponta o referencial teórico. O corpo, neste contexto, não é o encontro de uma parte com a outra, nem uma máquina automática de causa e efeito, distante do resto do mundo. Ele é uma casa, morada, interligada de substâncias vitais, habitada de sentidos e segredos, envolta de janelas perceptivas e circunvizinhada de outras casas com as quais interage, mantendo uma relação de dependência e ao mesmo tempo de individualidade.

Reforçando este aspecto, o Sujeito 10 aponta as interligações que existem entre os corpos quando diz: *...através do meu corpo eu me identifico e identifico o outro e o outro também nesse sentido me identifica.*

B - O referencial teórico estudado aponta a dificuldade que é falar de corpo, não como uma soma de partes, mas como um todo integrado, uma rede interrelacionada e interdependente. *Os seres humanos são complexos demais para serem compreendidos somente pela perspectiva da biologia ou de qualquer área isolada do conhecimento.* (Futuyama, 1992, p.531)

Este dado também se revela no discurso de dez sujeitos (2, 6, 9, 11, 12, 14, 15, 18, 20 e 21) que afirmam que falar de corpo é complicado.

C - Um outro dado relevante, presente no discurso de oito sujeitos (1, 4, 5, 7, 8, 10, 16 e 20), é a concepção de corpo para si, além dos aspectos meramente físicos. Este dado está presente nos princípios filosóficos e antropológicos mais recentes, por mim levantados, que colocam o corpo fora da visão dicotômica há anos instalada, vendo o corpo como unidade complexa e existencial, recheado de sentimentos, emoções, linguagem, cultura, pois, na verdade, o corpo, *... não existe parte extra partes, mas sim como uma totalidade integrada, rigorosamente única, em que os detalhes só existem em função do conjunto.* (Guedes, 1995, p. 91)

A maioria destes sujeitos (1, 4, 5, 7, 10, 15, 16 e 17) admite que corpo é referência de existência e, como tal, está impregnado de atributos sociais e emocionais. O Sujeito 1, por exemplo, revela isto ao dizer: *... corpo é muito mais do que isto, mais do que físico e mais do que*

movimento. Corpo é harmonia de movimento associado com sentimentos, associado com o pensamento, associado com a vontade fazer ou não fazer.

Ser corpo, além dos aspectos físicos, embebedando-se de emoção e sensibilidade, é romper com a ciência clássica alicerçada na cisão corpo/mente e mergulhar com radicalidade no mundo vivido da unidade corporal, repleto de experiências, projetos e desejos.

D - Oito participantes (4, 5, 9, 10, 15, 16, 17 e 19) admitem corpo como identidade de si próprio, dos quais seis (4, 5, 10, 15, 16 e 17) o reconhecem como existência. Eles constatarem que ser corpo significa identificar-se como pessoa humana. Esse dado se estabelece, por exemplo, na abordagem psicológica que mais recentemente, a partir de Reich, propõe romper com o paradigma hegemônico, respeitando o corpo como ator da peça da vida, sendo que: *A essência da abordagem humanista consiste em considerar o paciente uma pessoa capaz de crescer e auto-realizar, e em reconhecer os potenciais inerentes a todo ser humano.* (Capra, 1982, p.357)

E - Considerando o ponto abordado no item anterior, há maior compreensão quando nove sujeitos (3, 4, 7, 8, 10, 16, 17, 19 e 21) entendem que corpo é tudo, corpo é um todo. Vê-se, neste caso, uma ampliação do conceito de corpo pelos profissionais da área da Educação Física, pois ao conceberem o corpo como tudo admitem a abrangência deste fenômeno. Ainda nesta perspectiva, oito sujeitos (1,3, 4, 5, 10, 12, 16 e 19) constatarem que ser corpo significa ser o próprio sujeito, identificando uma relação de dependência entre corpo e o sujeito. O Sujeito 16 revela explicitamente este aspecto ao dizer: *Isso sou eu, que está na sua frente, o corpo sou eu. (...). O corpo para mim é a relação com o mundo, o corpo é a minha relação com as pessoas, o corpo é a fonte do meu conhecimento, é a fonte do meu prazer, é a fonte, o corpo sou eu, minha vida.*

F - Historicamente a área da Educação Física tem sido sinônimo de rendimento, de exacerbação da técnica em busca da performance e do perfeccionismo. O corpo, como representante da existência, tem carregado este estereótipo, sendo considerado a partir destas referências.

Ao mesmo tempo, como apontado no referencial teórico, o corpo foi desconsiderado pela maioria das áreas analisadas, o que amplia o conceito de menos valia, sendo concebido como um produto do próprio homem ou da sociedade. Além disso, esta herança

histórica tem sido fundamentada na maioria das escolas de formação profissional em Educação Física.

No discurso dos sujeitos, alguns reconhecem esta transmissão na sua formação profissional, mas ao mesmo tempo admitem que houve alteração deste conceito, principalmente em função dos estudos em nível de Pós-Graduação, como revela a fala do Sujeito 17: *Eu tive uma formação bastante tradicional (...) Depois de conviver no Mestrado com uma série de trabalhos de colegas, que estudaram o corpo propriamente dito, (...) eu pude despertar mais uma reflexão sobre isso, (...) o corpo, as pessoas vêm baseado nos padrões culturais, nos padrões sociais, e mais ainda, reforçado por um determinado tipo de conceito que se tenha sobre aquele corpo, por sua vez, reforçado pelo preconceito que se tem culturalmente.*

Pode-se também perceber que esta alteração ocorre como reflexo da sua própria ação profissional, revelada pelo Sujeito 12: *...eu vejo que eu fui formado para ser um corpo mais biológico, (...) sempre foi valorizado o corpo atlético, que a gente precisa ser o melhor, ter um vigor físico, porém a gente vê que no momento que você passa para orientação, para ser professor de uma universidade, que tem que formar pessoas para trabalhar com esse corpo, seria muito simplista ficar nesse nível.*

Nota-se que os sujeitos estão em fase de transição, mudando a concepção de corpo. Quatro sujeitos (3, 7, 12 e 17) assumiram que os estudos de Pós-Graduação alteraram a sua forma de ver o corpo. Nos outros sujeitos, indiretamente, essa transformação aparece.

É importante ressaltar que o despertar para os estudos de Pós-Graduação na área da Educação Física é recente, ocorrendo a partir da década de oitenta. Interessante observar que também o corpo tem uma história de valorização recente, o que fez filósofos contemporâneos afirmarem que é no século XX que o homem redescobre seu corpo, o que significa que estamos na gênese de uma outra visão do corpo, contra séculos de exclusão e de estigmas nele empregados.

G - Aqui uma antítese aos itens anteriores. A antítese não só permanece, como se agrava, quando identifico o alto grau de convergência, representado por oito sujeitos (2, 6, 8, 9, 11, 13, 14 e 18) que manifestam a idéia de um corpo impessoal, distante de si mesmo, como algo não existente. Destes, quatro sujeitos (2, 11, 13 e 18) salientam que o corpo deve ser utilitário e perfeito.

Estes sujeitos, ao admitirem a existência do corpo, enfatizam os aspectos cognitivos ligados às decisões da mente, como se se pudesse separar uma coisa da outra, e ainda dão grande ênfase ao rendimento como sinônimo de performance do corpo. O Sujeito 13, realça este aspecto ao dizer: *...consigo diferenciar hoje, em função do meu desenvolvimento intelectual e físico, quando esse corpo está sentindo prazer e quando ele está subordinado a uma tarefa muito difícil.*

Percebe-se, nestes sujeitos, uma identidade com os conceitos presentes na tradição da área biológica que pouco avançou em relação ao homem como um todo, buscando, inclusive, em outros seres vivos, a fórmula para estudar os aspectos humanos. Parte do referencial teórico, nesta área, anuncia isto: *Os biólogos se empenham na dissecação do corpo humano até seus componentes mais íntimos; ao fazê-lo, reúnem uma quantidade impressionante de conhecimentos acerca de seus mecanismos celulares e moleculares, mas ainda não sabem como respiramos, como regulamos a temperatura de nosso corpo, digerimos ou concentramos a atenção.* (Capra, 1982, p.97)

De outra maneira, também é preocupante que se o corpo é sinônimo de rendimento e utilidade, trabalha-se com a idéia de corpo distante do próprio sujeito, e mais, trabalha-se a idéia de corpo perfeito. O Sujeito 18 apresenta este fato quando relata: *...ele é importante para gente, desde que ele tenha todas essas características, porque quando a gente também perde uma parte dele, ele deixa de ser essa estrutura perfeita.* Digo que esta questão é preocupante porque, neste caso, estamos diante dos agentes de formação profissional de uma área que está alterando o seu paradigma, tentando deixar de ser sinônimo de adestramento de homens, para assumir uma nova atitude diante deste homem que se movimenta, considerando, neste sentido, todas as interferências que o circunvizinham.

H - Realço aqui outras contradições identificadas. É interessante observar, nesta matriz, que tanto os sujeitos que admitem o corpo como tudo, quanto aqueles que se referem a ele de maneira impessoal, apresentam pontos em comum. No primeiro caso, cinco sujeitos (7, 8, 11, 13 e 15) acenam para a necessidade de se respeitar o corpo, independente da forma como ele é, admitindo, inclusive, o respeito tanto a si como ao outro. *A minha visão de corpo há um tempo atrás, era com relação mesmo a trabalhar a atividade física no sentido de malhar o corpo, e hoje não. (...) eu passei a ver o corpo de uma outra forma, mais consciente, tentando pensar em todos os movimentos, para que ele seja adequado para o dia a dia, e estou acabando, fazendo, esta ponte comigo mesmo.* (Sujeito 7)

Já três sujeitos (13, 15 e 17) apontam que o corpo é recheado de preconceitos, que, na maioria das vezes, são impostos pela sociedade. Imagino que boa parte destes preconceitos tem a ver com as heranças culturais acumuladas ao longo da vida dos entrevistados. Inclusive este dado faz-me recordar as análises feitas na área antropológica, onde se percebe que embora os anos passem, principalmente em relação ao sexo e à mulher, os tabus que os recobrem ainda são bem estruturados.

Também é possível identificar o processo de transição dos sujeitos, quando seis deles (2, 6, 12, 13, 15 e 18) admitem, em parte da sua fala, o aspecto integrativo do corpo, mas, quando fazem referências a ele, exemplificando alguma situação, o fazem de forma fragmentada.

I - Para poder responder a pergunta geradora, cinco sujeitos (7, 8, 10, 16 e 17) apontam a necessidade de fazer relações entre o conceito de corpo e a sua própria história de vida, inclusive, relatando como este processo ocorre, demonstrando a indissociabilidade entre o ser e existir. Ao contemplar a fala do Sujeito 17, este dado fica claro: *Para falar de corpo eu preciso historiar um pouco a minha atuação profissional, para que a minha resposta possa se tornar clara*

J - Há um outro ponto de convergência entre sete sujeitos (4, 7, 11, 12, 13, 15 e 18), revelado na perspectiva do movimento. Acredito que, pelo fato de os entrevistados serem da área da Educação Física, eles admitem que o processo educativo se explicita melhor no aspecto motor, na prática corporal, objetivando principalmente não só a perspectiva da aprendizagem, mas também a busca da qualidade de vida. Este dado, por outro lado, reforça o corpo como sinônimo do físico, pois alguns sujeitos (4, 6, 12, 13 e 18) são os mesmos que têm a percepção de corpo sob o aspecto biológico e impessoal.

K - Foi possível identificar que houve modificações, pelos profissionais da área de Educação Física, sobre a concepção de corpo, tanto que apenas dois sujeitos divergem (6 e 13), ao afirmar que o corpo é regido pelas decisões da cabeça, mantendo uma visão fragmentada, desconsiderando outros fatores que o compõem.

L - A matriz nomotética da primeira pergunta revela a importância do respeito à individualidade e às diferenças na história de vida dos seres humanos. Apenas dois sujeitos (10 e 16) entre todos os pesquisados, responderam a questão geradora de forma idêntica. Este alerta é necessário porque todos os sujeitos trabalham na formação profissional em Educação Física, onde devem ser enfatizados as diferentes possibilidades do ato educativo no ser humano.

Em relação à segunda pergunta, nota-se uma trama, pois várias respostas dadas a esta pergunta se evidenciam na primeira, demonstrando que os sujeitos estabelecem relações complexas, tanto de si como de sua atividade profissional. Assim vejamos:

A - Um elevado grau de convergência nesta pergunta, representado pela resposta de treze sujeitos (1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 12, 16, 19, 20 e 21), está na concepção de corpo, na ação profissional, como totalizante. Os sujeitos tendem a olhar o corpo superando o racionalismo clássico, aquele que compara, esquadrinha, mede, analisa e separa. Fazendo uma analogia com o referencial teórico proposto, nota-se que Merleau Ponty (1994) tem razão ao dizer: *...eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência, não poderiam dizer nada.* (p.3)

Ampliando este quadro, sete destes sujeitos (3, 4, 5, 10, 12, 15 e 16) colocam que a visão de totalidade tem como complemento a representação da própria pessoa. Mais uma vez Merleau-Ponty (1994) tem razão: *Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo.* (p.114)

B - Onze sujeitos (4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 15, 16, 17 e 21) colocam que o corpo pode ser vivenciado em diferentes espaços, simbólicos, antropológicos, instrumentais, esportivos, multidisciplinares e transdisciplinares. Já oito sujeitos (4, 5, 8, 10, 12, 15, 16, 17 e 21) apresentam uma visão holística de corpo. Este dado confirma a amplitude do conceito de corpo, estando

presente em várias situações. A constatação deste fato pode alterar os objetivos da Educação Física, passando-se a dar prioridade à participação, à ludicidade e ao prazer.

C - Dez sujeitos (1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 12, 16 e 19) admitem que há relações entre o seu dia a dia e sua ação profissional. Este dado alicerça a percepção de que o indivíduo é um todo, não podendo ser separado em função de momentos diferentes que assume no decorrer de sua existência. O Sujeito 8 ratifica isto quando diz: *Se nós temos essa compreensão de corpo como um todo, durante a ação profissional não tem como separar muito.*

D - Aparece, nesta indagação, a mesma convergência da primeira pergunta, respondida por nove sujeitos (3, 4, 5, 9, 10, 11, 17, 19 e 20), os quais colocam que o corpo é um sistema de relações com o meio e com os outros. Este dado amplia a visão do corpo reducionista, confirmando a assertiva de que o homem não vive sozinho porque é carente, tendo necessidade de relacionar-se consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Permitir estas relações tem embutida a construção de projetos, a satisfação de desejos, a realização de sonhos, significa *dar lugar ao ser humano que é corpo, necessita relacionar-se com outros seres humanos e que tem, ao longo de sua existência, uma história de vida que lhe é própria e deve ser respeitada.* (Simões, 1995, p.116)

E - Refletindo a gênese deste trabalho, sobre a visão dos filósofos contemporâneos, existe a predominância de encarar o corpo como um conjunto que não se esgota na objetividade da percepção biológica e fisiológica. Associando este dado com a resposta de nove sujeitos (3, 4, 7, 8, 10, 12, 15, 16 e 17), aparece um outro ponto de convergência, pois eles reconhecem que trabalhar corpo na formação profissional em Educação Física significa transcender os aspectos meramente físicos. Neste sentido, corpo é mais do que a soma das partes sobrepostas em uma conjuntura estrutural, é claramente assumir uma visão mais holística, considerando entre outras coisas o humano do homem.. Embarcando nesta concepção, Moreira (1992) revela que: *...o homem é um ser uno. e não apenas um ser racional. O homem é um ser vivo e a vida é um todo orgânico. (...) o homem é um ser-no-mundo. (...)o homem é um ser que se move. e seu movimento ultrapassa os limites das simples atividades mecânicas. O movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos padronizados, ritmados ou a gesticulações produtivas. pois a visão mecanicista reduz os movimentos do homem a simples atividades motoras. desprovidas de sentido humano.* (p.171)

F- Dos participantes da pesquisa, apenas sete (2, 7, 8, 11, 12, 13 e 17) admitem que a ação profissional em Educação Física deve ter novas atitudes frente ao corpo. Porém, distinguem-se, nas entrelinhas das respostas de alguns sujeitos, momentos de aproximação.

G - Os sujeitos (2, 7, 10, 15, 17 e 18) também salientam que o corpo, na ação profissional, deve ser respeitado e valorizado. O Sujeito 11 explicita este dado ao dizer: *Mas para mim o corpo seria, na ação, seria uma maneira mesmo de o sentir, tentar resgatar para a sociedade um homem com os valores. valores do próprio corpo, seria valores de manutenção, de aptidão e manutenção da saúde, tentar conscientizá-lo da função do próprio corpo, enquanto maneira de ajudar as pessoas. Porque é tanto descaso que tem em cima do corpo, no Brasil e no mundo.*

H - Alguns dos sujeitos, que na resposta à primeira pergunta, reconheceram o corpo como biológico, ou mesmo como um instrumento de utilidade, confirmam este aspecto na resposta a esta segunda pergunta. Quatro sujeitos (6, 13, 14 e 21) enfatizam que dão prioridade à importância do corpo físico para poder participar das atividades propostas no cotidiano das aulas. O Sujeito 13 apresenta este dado quando diz: *Na ação profissional, eu vejo que a Educação Física como o próprio nome já diz, contempla a participação corporal em todas as dimensões.*

I - Os professores que ministram disciplinas que têm como característica discutir prioritariamente o aspecto teórico (3 e 9) reconhecem que, quando este conteúdo é vivenciado na prática, é apreendido de modo melhor. Isto significa dizer que a aprendizagem é corporal, diferindo da maioria das teorias educacionais que querem a educação do corpo silencioso. *Olhar sensivelmente os corpos e nos corpos que passam pela aula de educação motora é ir buscar não mais a disciplina, mas a consciência corporal, mesmo porque o ato de conhecer não é mental: ele é, antes de tudo, corpóreo.* (Moreira, 1995, p.22). Também é importante lembrar que o homem é um ser da práxis, age para viver, sendo a necessidade de se movimentar inerente à vida.

J - Ainda que haja uma coerência entre a maioria dos sujeitos entrevistados, salientando a importância do corpo como fenômeno participante das ações humanas, vale relatar que seis sujeitos (2, 6, 11, 12, 14 e 21) colocam o corpo na ação profissional como algo distante, como se fosse utópico falar dele. Outros três sujeitos (6, 13 e 18) já o tratam de forma impessoal,

reafirmando a distância em relação ao corpo, o que, na verdade, não é real, pois minimamente ele está presente, quer seja na figura do professor, quer seja na do aluno. *O estar vivo neste planeta consiste, essencialmente, na interação ativa de corpos, internamente em si mesmos e com seu mundo-ambiente.* (Assmann, 1994, p.67)

Cinco destes sujeitos (2, 11, 13, 14 e 21) apresentam um outro fato. Eles afirmam que corpo é importante na perspectiva da utilidade.

K - Existe uma certa incoerência por parte de um sujeito, revelando, inclusive, a complexidade que é falar de corpo. Embora reconheça o corpo como total, explicitando este dado na resposta à primeira pergunta, na ação profissional não o faz, como pode ser constatado: *Então eu acho que o corpo está nesse contexto aí, eu acho que as pessoas passaram, criaram hábitos saudáveis, continuam preservando esses valores até hoje, quer dizer, são poucos que passaram por mim que hoje não têm uma atividade de manutenção do lado biológico, por esse lado mais fisiológico, funcional, é uma visão, uma tendência da minha visão, mas em contrapartida, eu acho que outros valores estão embutidos.* (Sujeito 21)

L - Aqui, uma questão contraditória. Cinco sujeitos (11, 13, 18, 20 e 21), sendo a maioria deles os que admitem corpo de forma distante e impessoal, afirmam que a Educação Física discute melhor as questões relativas ao corpo. Este dado ratifica que o instrumento de trabalho da Educação Física é o corpo, corpo que se movimenta.

O movimento corporal é a maior prova de que o homem tem vida, pois a vida subsiste em função do corpo que se movimenta. Na analogia entre corpo e movimento, a premissa é de que um não existe sem o outro; a unidade corpórea, a corporeidade é o mote para significar o homem como ser total, enfatizando a sua condição de presença, de participação e de significação no mundo.

TEMPO DE CONCLUIR: A GÊNESE DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE CORPO

Olhar a corporeidade humana através do tempo mostra as tatuagens existentes no corpo esculpidas pela cultura e pela história.

Quando o foco do olhar é filosófico, vejo a dança da interpretação do fenômeno corpo em dois ritmos diametralmente opostos; de um lado, o corpo dicotômico, maniqueísta, dividido e, do outro lado, a presença de um corpo unitário, complexo e sujeito de si e da história.

Já quando procuro ver através da ótica antropológica, esse corpo presente é tratado de forma preconceituosa, onde tabus imperam, em especial, aqueles concernentes ao corpo mulher e ao corpo sexuado. Só no século XX há a possibilidade de mudanças deste trajeto.

Com a proximidade do século XXI, percebo que a psicologia procurou abandonar a exclusividade de analisar as questões mentais, presentes no processo de construção de suas escolas, e tentou olhar o homem como um todo.

Já a biologia, que explica cientificamente a constituição corpórea a partir do funcionamento fisiológico, testado em outros seres vivos, se distancia dos aspectos que rodeiam as diferenças entre os seres humanos. Neste sentido, o corpo fica desprovido das dimensões que o envolvem.

Este panorama demonstra distintas abordagens do corpo, explicitadas na concepção histórica construída desde a Antiguidade até os nossos dias.

Ainda que este olhar expusesse as diversas etapas vivenciadas pelo corpo, ele não poderia se esgotar no referencial teórico, requerendo a ampliação do cenário, propondo uma reflexão mais abrangente deste fenômeno.

Como opção de aumentar este foco, busquei na minha área de formação profissional, a Educação Física, como o corpo vem sendo discutido. Como não seria possível debater esta questão com todos os professores de Educação Física, escolhi vinte e um sujeitos que, além de fazer em parte do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, também hoje são os responsáveis pela formação acadêmica desta área no país.

A partir das entrevistas com estes sujeitos, percebi que falar de corpo tem limites, em função da complexidade que o rodeia. Percebi ainda que estes profissionais estão em fase de transição, independente de sua matriz teórica, buscando novas concepções sobre o corpo, motivados, em especial, pelos recentes estudos dentro do Programa de Pós-Graduação.

Constatei, então, que teoria e prática podem coexistir nas contradições, nas incertezas, numa relação dialógica, onde é possível abandonar o princípio maniqueísta de certo ou errado, de coisa adequada ou inadequada. Essa complexidade revela a importância de uma lógica não linear no processo educativo, sem a preocupação única de causalidades.

Como exemplo, verifico que o processo de transição, exposto pelos sujeitos, também esteve presente em mim, alinhavando minha própria história, denunciando a abrangência do corpo como forma de existencialidade, desmoronando, inclusive, a partir dos estudos desenvolvidos, convenções, princípios e atitudes, há anos instalada.

É diante deste quadro que minha percepção permite anunciar possibilidades, oriundas do meu olhar sobre o fenômeno desvelado, permitido na pesquisa desenvolvida sob a ótica qualitativa. Desta experiência vivida, julgo pertinente chamar a atenção, em especial, dos docentes que militam na formação profissional em Educação Física para algumas considerações, tanto para si como para a ação profissional:

1 - Discutir o corpo é registrar a transcendência dos aspectos meramente físicos. É produzir uma nova concepção de corpo que ultrapassa a perspectiva do impessoal, distante de si mesmo; do biológico que explica mas não justifica a vivência do ser humano; do rendimento, que sonega possibilidades àqueles que não constituem o universo da quantidade, do perfeito, presentes nos padrões impostos por uma sociedade que exacerba estereótipos restritos a um número pequeno de pessoas ou mesmo do utilitário, presente no jogo do poder. É progredir do corpo objeto para o corpo sujeito.

2 - Ser corpo é constatar a necessidade de estabelecer relações consigo mesmo, com o outro e com o meio, presentes na convivência dentro da sociedade. Esta compreensão sustenta a afirmação de que o homem, para viver, precisa dos outros, pois é dependente desde o nascimento, refletindo a sua carência. O corpo é fisicamente solitário, mas existencialmente, solidário.

3 - A coerência destas considerações revela que corpo é um todo, corpo é tudo. Ele é uma forma de existencialidade, é uma forma de vida, recheada de razão e sensibilidade. Isso significa dizer que, através do corpo, o monopólio de sua própria identidade enquanto ser humano está criado. Deter o olhar no corpo é também constatar que sua individualidade deve ser respeitada.

4 - Cabe acentuar que, navegar no fenômeno corpo, possibilita a certeza de que a presença do movimento existe; movimento, inclusive, como sinônimo de vida. O movimento está vinculado ao fenômeno corpo, como um todo que age, impulsionado por todas as dimensões por ele articuladas.

5 - Como última consideração, é imprescindível, quando se aborda o fenômeno corpo, expulsar antigas concepções que o fragmentam, transpondo barreiras no sentido de conceber, tanto para si como na ação profissional, novas atitudes frente a esse fenômeno, quer em função de debates, estudos ou reflexões, quer no dia a dia de nossa prática profissional.

Entendo que as considerações aqui tecidas devem suscitar outras acerca do fenômeno corpo. Este estudo é mais um momento de produção de conhecimento acerca deste fenômeno, quer seja na perspectiva histórica, quer seja no discurso dos profissionais da área da Educação Física. A continuidade desta reflexão, por certo, apontará a necessidade de avançar na descoberta, na compreensão e na interpretação deste complexo fenômeno, impresso em cada um de nós, denominado corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, S. *As confissões*, São Paulo: Edameris, 1964.
- ARANHA, M.L. *Filosofando: introdução à filosofia*, São Paulo: Moderna, 1986.
- ARIES, P. *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ASSMANN, H. *Paradigmas educacionais e corporeidade*, Piracicaba: Unimep, 1994.
- BARTHÉLEMY, D. Parentesco In DUBY, G (org.) *Historia da vida privada 2: Da Europa feudal à renascença*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ et. alli. Problemas In DUBY, G.(org.) *História da vida privada 2: Da Europa feudal à renascença*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOEHNER, P. & GILSON, E. *História da filosofia cristã*, Petrópolis: Vozes, 1970.
- BOGEN, H.J. *O ser humano e a matéria*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- BOSI, A. Fenomenologia do olhar In NOVAES, A.(org.) *O olhar*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BRANDÃO, C.R. A antropologia social In MARCELLINO, N.C. (org.) *Introdução às ciências sociais*, Campinas: Papyrus, 1991.
- BROWN, P. *Corpo e sociedade*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- _____ Antigüidade Tardia In VEYNE, P. (org.) *História da vida privada 1: Do império romano ao ano mil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BRUHNS, H.(org.) *Conversando sobre o corpo*, Campinas: Papyrus, 1989.
- _____ *O corpo parceiro e o corpo adversário*, Campinas: Papyrus, 1993.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*, São Paulo: Cultrix, 1982.
- CAROSI, P. *Curso de filosofia - somatologia, psicologia e ética*, São Paulo: Edições Paulinas, 1963.

- CASTAN, N. O público e o particular, IN CHARTIER, R e ARIÉS, P.(org.) *História da vida Privada 3: Da Europa Feudal à Renascença. ao Século das Luzes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CHARTIER, R. e ARIÉS, P. (org.) *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CHAUI, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*, São Paulo: Brasiliense, vol 1, 1994.
- _____ *Primeira filosofia: lições introdutórias*, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CORBIN, A. O segredo do indivíduo In PERROT, M.(org.) *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ A relação íntima ou os prazeres da troca In PERROT, M. (org.) *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CUNHA, M.G. e CRIVELLARI, H. *Caminhando com a psicoterapia integrativa*, Belo Horizonte: Cultura, 1996.
- DA MATTA, R. *Relativizando. uma introdução à antropologia social*, Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____ *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
- _____ O corpo brasileiro in STROZENBERG, I et all, (org.) *De corpo e alma*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986 e 1987.
- DANTAS, E.H.M.(org.) *Pensando o corpo e o movimento*, Rio de Janeiro: Shape, 1994.
- DAÓLIO, J. *Da cultura do corpo*, Campinas: Papyrus, 1995.
- DAVIDOFF, L.L. *Introdução à Psicologia*, São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- DESCARTES, R. *Discurso do método: as paixões da alma; meditações. objeções e respostas*, São Paulo: Nova Cultural, vol 1 e 2 - Coleção Os Pensadores, 1987.
- DONZELOT, J. *A polícia das famílias*, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.
- DUBY, G.(org.) *História da vida privada 2: Da Europa feudal à renascença*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ A solidão nos séculos XI-XIII In DUBY, G.(org.) *História da vida privada 2: Da Europa feudal à renascença*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- _____ Convívio In DUBY, G. (org.) *História da vida privada 2: Da Europa feudal à renascença*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- FOISIL, M. A escritura do foro privado In CHARTIER, R. e ARIES, P. (org.) *História da vida privada. 3 :da renascença ao século das luzes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- FONTANELLA, F. C. *O corpo no limiar da subjetividade*, Piracicaba: Unimep, 1995.
- FREIRE, J. B. *De corpo e alma: o discurso da motricidade*, São Paulo: Summus, 1991.
- FUTUYMA, D. J. *Biologia evolutiva*, Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, CNPq, 1992.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GÉLIS, J. A individualização da criança. In CHARTIER, R. e ARIES, P.(org.) *História da vida privada. 3: da renascença ao século das luzes*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*, São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GIORGI, A. *A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica*, Belo Horizonte: Interlivros, 1978.
- GONÇALVES, M.A.S. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*, Campinas: Papyrus, 1994.
- GOULEMOT, J.M. As práticas literárias ou a publicidade do privado In CHARTIER, R. e ARIÉS, P. (org.) *História da vida privada 3: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GOULD, S.J. *O polegar do panda: reflexões sobre história natural*, São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____ *A falsa medida do homem*, São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____ *O sorriso do flamingo: reflexões sobre história natural*, São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- GRANT, T. *Ser mulher*, Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- GUEDES, C. M. *Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar*, Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, dissertação de mestrado, 1995.
- HALL, C. Sweet Home In PERROT, M.(org.) *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HANNAH, A. *A condição humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

- HEGEL, G. W. F. *Estética: a idéia e o ideal: estética: o belo artístico ou o ideal*, São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1988.
- HUNT, L. Revolução francesa e vida privada In PERROT, M. (org.) *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- JACOB, F. *A lógica da vida*, Lisboa: Dom Quixote, 1985.
- JACQUARD, A. *A herança da liberdade: da animalidade à humanidade*, Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- _____ *Elogio da diferença*, São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- KEESING, F. *Antropologia cultural*, Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.
- KELLER, F. *A definição da psicologia: uma introdução aos sistemas psicológicos*, São Paulo: EPU, 1974.
- KLEIN, M. et alli *Os progressos da psicanálise*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- _____ *Temas de psicanálise aplicada*, Rio de Janeiro: Zanhari Editores, 1969.
- _____ *Novas tendências na psicanálise*, Rio de Janeiro: Zanhari Editores, 1969.
- KOFES, S. , E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala, In BRUHNS, H. (org.) *Conversando sobre o corpo*, Campinas: Papyrus, 1989.
- LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*, São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LEAKEY, R. *A origem da espécie humana*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEPARGNEUR, H. *Consciência. corpo e mente: psicologia e parapsicologia*, Campinas: Papyrus, 1994.
- LÓPEZ, R.E. *Introdução à psicologia evolutiva de Jean Piaget*, São Paulo: Cultrix, s/d.
- LURIA, S. E. *Vida. experiência inacabada*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- MAISONNEUVE, J. & SHWEITZER, M. B. *Modelos del cuerpo y psicologia estética*, Buenos Aires: Paidós, 1984.
- MALDONADO, M.T. *Psicologia da gravidez*, Petrópolis: Vozes, 1991.
- MARCELLINO, N.C.(org.) *Introdução às ciências sociais*, Campinas: Papyrus, 1991.
- MARCONDES FILHO, C. *Quem manipula quem?*, Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.. A .V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes/Ed. PUCC-SP, 1989.

- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss*, São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1974.
- MEDINA, J.P. *O brasileiro e seu corpo*, Campinas: Papirus, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M. *Textos selecionados*, São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1989.
- _____ *Fenomenologia da percepção*, São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOREIRA, W.W.(org.) *Corpo Presente*, Campinas: Papirus, 1995.
- _____ *Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica*, Campinas: Unicamp, 1992.
- _____ (org.) *Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI*, Campinas: Papirus, 1992.
- _____ O Fenômeno da corporeidade: Corpo pensado e corpo vivido In DANTAS, E.H.M. (org.) *Pensando o corpo e o movimento*, Rio de Janeiro: Shape, 1994.
- MURARO, R.M. *A mulher no terceiro milênio*, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- NOVAES, A. (et.al.) *O olhar*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PENHA, J. *Periodos filosóficos*, São Paulo: Ática, 1991.
- PERROT, M. (org.) *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ Funções da família In PERROT, M.(org.) *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ Figuras e papéis In PERROT, M. (org.) *História da vida privada 4: Da revolução francesa à primeira guerra mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ Dramas e Conflitos Familiares In PERROT, M. (org.) *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ Maneiras de Morar In PERROT, M. (org.) *História da Vida Privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PIAGET, J. e CHOMSKY, N. *Teorias da linguagem*, Lisboa: Edições 70, 1987.

- PLATÃO, *Diálogos*, São Paulo: Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.
- PROST, A. e VINCENT, G. (org.) *História da vida privada 5: Da primeira guerra mundial aos nossos dias*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PROST, A. Fronteiras e espaços do privado In PROST, A. e VINCENT, G.(org.) *História da vida privada 5: Da primeira guerra mundial aos nossos dias*, São Paulo, Companhia das Letras: 1992.
- RANUM, O. Os refúgios da intimidade, In CHARTIER, R. e ARIÉS, P.(org.) *História da vida privada, 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RÉGNIER-BOHLER, D. Ficções In CHARTIER, R. e ÁRIES, P. (org.) *História da vida privada 2: Da Europa feudal à renascença*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- REVEL, J. Os usos da civilidade, In CHARTIER,R. e ARIÉS, P. (org.) *História da vida privada, 3: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RODRIGUES, J.C. O corpo liberado? in STROZENBERG, I. et all, *De corpo e alma*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986 e 1987.
- ROSALDO, M.Z. E LAMPHERE, L. (coord.) *A mulher, a cultura e a sociedade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ROUCHE, M. Alta Idade Média Ocidental In VEYNE, P. (org.) *História da vida privada 1: Do império romano ao ano mil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SAMARA, E. M. *As mulheres, o poder e a família*, São Paulo: Marco Zero, 1989.
- SANTIN, S. ,Caminhos de restauração do humano In *Valores humanos. corpo e prevenção: a procura de novos paradigmas para a Educação Física*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física, 1989.
- _____ *Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade*, Ijuí/RS: Livraria Unijui, 1987.
- _____ *Educação Física: outros Caminhos*, Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1990.
- SCHULTZ, D. *História da Psicologia Moderna*, São Paulo: Cultrix, 1975.
- SIMÕES, R. Ciência e Consciência: Tatuagens no Corpo Idoso, In MOREIRA, W.W. (org.) *Corpo Presente*, Campinas: Papirus, 1995
- SODRÉ, M. *A máquina de narciso*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

- SORMAN, G. *Os verdadeiros pensadores de nosso tempo*, Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- STROZENBERG, I et all (org.) *De corpo e alma*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986 e 1987.
- TOMÁS DE AQUINO, S. *Vida e obra*, São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1985.
- VEYNE, P. O império romano In VEYNE, P.(org.) *História da vida privada 1: Do império romano ao ano mil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____ (org.) *História da vida privada 1: Do império romano ao ano mil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VILARTA, R. *Conteúdos específicos para o ensino de bases biológicas da atividade física*, Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Tese (livre-docência), 1996.
- VINCENT, G. Uma história do segredo? In PROST, A. e VINCENT, G.(org.) *História da vida privada 5: Da primeira guerra mundial aos nossos dias*, São Paulo, Companhia das Letras: 1992.
- WERNECK, C.L.G. *O uso do corpo pelo jogo de poder na Educação Física*, Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de mestrado, 1995.
- WERTHEIMER, M. *Pequena história da Psicologia*, São Paulo: Editora Nacional, 1991.